

Leonardo da Silva Martinelli

Em tempos de Gay Power

Representações da homossexualidade
masculina na revista Veja (1968-1983)



A presente obra busca analisar as representações da homossexualidade masculina na revista *Veja* (1968-1983). Para tanto é preciso considerar a historicidade das vivências homossexuais e sua construção como abjeção. O autoritarismo do período civil-militar brasileiro direcionou esforços no intento de preservar a chamada “moral e os bons costumes” reprimindo os sujeitos dissidentes desse padrão e censurando a imprensa para que não publicasse temas tidos como subversivos. Nesse cenário, várias representações a respeito dos homossexuais entravam em contato em razão das transformações internacionais, nacionais, e o surgimento dos movimentos identitários politizados. A revista *Veja* introduzida no mercado como uma proposta inovadora de segmentação, em seu intento de informar, contribuiu com a construção e/ou divulgação de distintas representações. Estas são analisadas nos diferentes espaços em que tais sujeitos foram mencionados nessa revista, desde a sua criação, em 1968, até a primeira reportagem sobre a aids na *Veja*, em 1983. Valendo-nos da categoria gênero e de suas possibilidades de articulação aos estudos queer foram analisados alguns elementos que envolveram as homossexualidades e as relações de poder estabelecidas nos grupos sociais mediadas e potencializadas pela ação da imprensa. Trata-se de uma pesquisa por amostragem metodologicamente amparada em pressupostos da análise de conteúdo numa abordagem quantitativa e qualitativa. O teor das publicações permitiu agrupar as reportagens em categorias temáticas que revelam o imbricativo e, muitas vezes, a sobreposição de entendimentos que unidos integraram as representações coletivas sobre os homossexuais, na época. A pesquisa visa demonstrar as distintas situações que envolveram os gays, em especial, e as representações na revista *Veja* decorrentes dessas publicações que estiveram inseridas num contexto conturbado, mas de notórias transformações que marcam a história dos(as) homossexuais no Brasil; período que assinala o apreço proselitista do discurso da moralidade por grande parte dos sujeitos e representantes institucionais, reforçando as representações dominantes e estigmatizantes para com esses sujeitos, mas que também evidenciou olhares múltiplos que ganhariam força e contribuiriam com novas representações.



EM TEMPOS DE GAY POWER



História, Cultura & Identidades

DIRETORES DA SÉRIE

Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves
Departamento de História, UEPG

Profa Dra. Valeria Floriano Machado
Departamento de Teoria e Fundamentos da
Educação-UFPR

COMITÊ EDITORIAL CIENTÍFICO

Prof. Dr. Cezar Karpinski
Departamento de Ciência da Informação/UFSC

Prof. Dr. Charles Monteiro
Departamento de História, PUC-RS

Prof. Dr. Cláudio DeNipoti
Departamento de História, UEL

Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

Profa. Dra. Daniela Casoni Moscato
SEED PR

Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat
Departamento de História, UEPG

Prof. Dr. Fabio Nigra
Departamento de História, Universidad de Buenos Aires

Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez
Departamento de História, UEPG

Prof. Dr. José Damião Rodrigues
Centro de História, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Méri Frotscher Kramer
Departamento de História, UNIOESTE

Profa. Dra. Patrícia Camera Varella
Departamentos de Artes, UEPG.

Prof. Dr. Robson Laverdi
Departamento de História, UEPG

Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian
Departamento de História, UEPG

EM TEMPOS DE GAY POWER

REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA
NA REVISTA VEJA (1968-1983)

Leonardo da Silva Martinelli



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MARTINELLI, Leonardo da Silva

Em tempos de Gay Power: representações da homossexualidade masculina na revista Veja (1968-1983) [recurso eletrônico] / Leonardo da Silva Martinelli -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

258 p.

ISBN: 978-65-5917-504-8

DOI: 10.22350/9786559175048

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Revista Veja; 2. Homossexualidade; 3. Gay Power; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Dedico este livro a todas as pessoas que lutaram, lutam e lutarão para viver sua sexualidade livre de preconceitos e discriminações. Que o conhecimento e a ação possam transformar o mundo!

Ombro amigo (1977)

Compositora: Lecy Brandão

Intérprete: Lecy Brandão

Você vive se escondendo
Sempre respondendo
Com certo temor
Eu sei que as pessoas lhe agriem
E até mesmo proibem
Sua forma de amor
E você tem que ir pra boate
Pra bater um papo
Ou desabafar
E quando a saudade lhe bate
Surge um ombro amigo
Pra você chorar
La, laia, laia
Laia, ralaiê iê
La, lalaiaia, laralalaia, laralalaia
Num dia sem tal covardia
Você poderá com seu amor sair
Agora ainda não é hora
De você, amigo, poder assumir
Por isso tem que vir pra boate
Pra bater um papo
Ou desabafar
E quando a saudade lhe bate
Surge um ombro amigo
Pra você chorar
La, laia, laia
Laia, ralaiê iê
La, lalaiaia, laralalaia, laralalaia

AGRADECIMENTOS

Esta obra é antes de tudo a realização de um sonho e a finalização de uma etapa de minha trajetória de pesquisador que está só começando. O desejo, ingresso e permanência na pós-graduação foram momentos permeados de inquietações e dúvidas. Indagação se estaria no caminho certo, fazendo as escolhas mais acertadas para a minha vida e se teria condições de concluir o curso. Agora, olhando pelo retrovisor, a felicidade transborda diante da decisão acertada tomada naquele momento. Adentrar nesse universo científico e com a temática escolhida trouxeram à tona uma das paixões que a partir daí tornou-se a minha companheira de jornada: a escrita da história. Não apenas estudar, pesquisar e ensinar a história, mas também produzir conhecimento histórico.

Este livro é resultado de minha pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo/RS, entre 2017 e 2019. Resultou numa dissertação, sendo que partes dessa pesquisa já foram apresentadas em comunicações e tiveram algumas publicações, como em anais de eventos, artigos científicos e capítulos de livro. O desejo de vê-la publicada no formato livro não foi descartado, pois seguindo orientações de alguns pesquisadores e pesquisadoras próximos, é preciso difundir o conhecimento que é produzido e não deixá-lo “engavetado”. Concordando com essas pessoas e visando ir além dos muros da academia, o texto original foi revisto e ajustado numa linguagem que se espera que seja menos

academicista. Isto para que qualquer pessoa interessada possa lê-lo e entender as reflexões realizadas. Segue, por outro lado, as normas de cientificidade da História, logo, leitores e leitoras poderão consultar as referências nas notas indicadas.

Esse percurso não foi possível de ser concretizado sozinho, pois a ajuda de algumas pessoas tornou essa trajetória mais suave. Não é possível lembrar todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a realização da pesquisa, mas de imediato, estende-se o agradecimento a todas elas. Registro o reconhecimento à professora Marlise Regina Meyrer que orientou os momentos iniciais desta pesquisa e foi uma grande incentivadora; ao professor João Carlos Tedesco que posteriormente assumiu a orientação devido ao desligamento da professora da Instituição e, de maneira generosa e afetiva, compartilhou seus ensinamentos e acreditou na seriedade da pesquisa; ao corpo docente, discente, coordenação do programa e demais servidores pela atenção e conhecimento proporcionado. Aos laços de amizade que foram construídos, parcerias e momentos de sociabilidade que uniram a produção do conhecimento a uma rede de afetos e lazer nos meandros dessa trajetória.

Da mesma forma agradeço as pessoas que compuseram a banca avaliadora da dissertação, por suas observações e comentários: Dr. James Naylor Green (Brown University – USA), Dra. Joana Maria Pedro (UFSC) e Dra. Gizele Zanotto (UPF). Suas contribuições melhoraram a pesquisa e proporcionaram maior aprendizado e incentivo. Muito obrigado!

À minha família, pelo apoio e estímulo para continuar estudando. À Joyce que auxiliou no processo de digitalização da fonte na Biblioteca Central da PUCRS; ao professor Hercílio pelo suporte na revisão do texto da dissertação.

Tudo foi possível graças à bolsa da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que custeou as mensalidades, sem a qual a pesquisa não teria se concretizado. Presta-se, portanto, agradecimento especial!

Não posso deixar de citar as mudanças na maneira de ver o mundo a partir dos novos aprendizados após a finalização da etapa do mestrado até o presente momento, no doutorado. Agradeço as professoras e professores que tive até o momento, colegas, amigos e amigas pelas trocas. Ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC) do qual faço parte pelas discussões e conhecimento proporcionado. Em especial, à querida mestra Joana Maria Pedro, grande inspiradora.

*De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas
a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto
quanto possível, o descaminho daquele que conhece?*

Michel Foucault

SUMÁRIO

PRÓLOGO	19
<i>João Carlos Tedesco</i>	
PREFÁCIO	21
<i>James N. Green</i>	
INTRODUÇÃO	28
1	51
HOMOSSEXUALIDADES E IMPRENSA NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
A CRUZADA MORALISTA E A DISSIDÊNCIA HOMOSSEXUAL	52
O SURGIMENTO DA REVISTA <i>VEJA</i>	60
OS HOMOSSEXUAIS NA REVISTA <i>VEJA</i>	67
2	94
VOZES SOBRE OS GAYS	
A REPRESENTATIVIDADE DO USO DA PALAVRA.....	94
“SR. DIRETOR”: A VOZ DE LEITORES SOBRE AS REPORTAGENS PUBLICADAS	101
UM PÚBLICO QUE DEFENDE: CARTAS A FAVOR DA HOMOSSEXUALIDADE	109
UM CASO POLÊMICO: AS OPERAÇÕES DE “LIMPEZA” OU “RONDÃO” EM SÃO PAULO	116
APONTAMENTOS PRELIMINARES	125
OS SENTIDOS DE UM DIZER	127
3	140
O CAMPO RELIGIOSO E O HUMOR NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DOS GAYS	
O CAMPO RELIGIOSO CRISTÃO E SEU OLHAR FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE NA REVISTA <i>VEJA</i>	140
IDIOSINCRASIAS RELIGIOSAS PRÓ-HOMOSSEXUALIDADE: A IGREJA DE TROY PERRY E OS CASAMENTOS HOMOSSEXUAIS.....	141
CRENÇAS RELIGIOSAS NA REPRESENTAÇÃO NEGATIVA DOS GAYS	156
O HUMOR NA REPRESENTAÇÃO DOS GAYS	166
A ANDROGINIA NOS PALCOS E NAS RUAS	177

A CRIMINALIDADE E A ÁREA DA SAÚDE FABRICANDO REPRESENTAÇÕES

HOMOSSEXUAIS DE DESTAQUE E OS EPISÓDIOS QUE OS ASSOCIARAM AO CRIME.....	197
A MORTE DE HARVEY MILK	198
DA CELA AOS PALCOS: REPRESENTAÇÕES DE MADAME SATÃ.....	201
OUTRAS REPORTAGENS ATRELADAS À CRIMINALIDADE	207
A HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DA ÁREA DA SAÚDE NA REVISTA VEJA	213
ENTRAVES AOS HOMOSSEXUAIS NOS ESTADOS UNIDOS	226
UMA DOENÇA QUE SE APROXIMAVA.....	230

CONSIDERAÇÕES FINAIS**233****REFERÊNCIAS****241****APÊNDICE A****250****RECORTES DE ALGUMAS DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NA REVISTA VEJA****APÊNDICE B****257****TABELA DE EDIÇÕES DA REVISTA VEJA UTILIZADAS COMO FONTE****SOBRE O AUTOR****257**

PRÓLOGO

*João Carlos Tedesco*¹

O livro *Em tempos de Gay Power...* aborda um período histórico de 15 anos (1968-1983), mas que, pelo contexto brasileiro (período de ditadura civil-militar) e mundial, é expressivo de grandes transformações políticas, sociais e culturais. Centraliza o tema da sexualidade, ou mais especificamente, da homossexualidade masculina, presente em matérias da revista *Veja*. O pano de fundo são as representações construídas e sedimentadas por esse canal de imprensa em torno do referido tema.

O autor faz uma análise acurada de conceitos e noções que envolvem a sexualidade, suas múltiplas dimensões, com os olhos de hoje voltados para um passado de meio século. O tema é sensível, reserva um amplo horizonte de complexidade, polêmicas, preconceitos, estigmatizações e muita desumanização. É uma temática atual, do tempo presente, ou melhor, do passado que não passa; tende à permanência, renovando-se em muitas de suas negativas, incompreensões, desqualificações e politizações não obstante os imensos avanços, conquistas, direitos, empoderamentos e movimentos sociais de homossexuais na atualidade.

Com autoridade de quem pesquisou bastante sobre o tema, o autor adentra para os processos que envolvem as construções e significados de seus imaginários e representações coletivas; produziu uma excelente interface entre história e imprensa com os cuidados devidos que o uso

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História; Universidade de Passo Fundo, Brasil

da fonte exige; leu as dinâmicas sociais presentes no período analisado; produziu interface temática com outros países, em particular, com os EUA; selecionou grandes eixos de análise; concluiu demonstrando a mediação da referida revista na produção e solidificação de representações coletivas.

Enfim, é uma reflexão que vem se somar a muitas outras já existentes na atualidade, com grande profundidade analítica, especificamente enfatizando a mediação de um veículo de comunicação escrita na produção de consciências coletivas, ainda que sob o manto da participação do público-leitor (através de cartas que, após selecionadas, eram publicadas). Alguns artigos veiculados demonstravam ser positivos, enquanto outros eram profundamente negativizados sobre as homossexualidades, correlacionando-as a patologias sociais, criminalidade, anomias, doenças, em última instância, à “praga gay”, essa desqualificação, infelizmente, tão presente na sociedade brasileira atual.

PREFÁCIO

*James N. Green*¹

Quando comecei a fazer a pesquisa para a minha tese de doutorado no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1994, que viria a ser o livro *Além do Carnaval*, enfrentei um grande desafio. Queria contar a história social de homens que tiveram relações sexuais e/ou românticas com outros homens ao longo do século XX, senão antes. Mas como?

As fontes eram escassas para o final do século XIX. Felizmente e com muita sorte consegui encontrar material suficiente para documentar que a Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, havia sido um lugar onde homens procuravam outros homens para prazer sexual nos anos 70 do século XIX, logo após as elites da cidade erigirem um estatuto em homenagem a Dom Pedro I, montado em um cavalo que enfeitava o centro do parque. A praça era um lugar perfeito para sentar em um banco do parque e esperar até que um olhar, uma gravata vermelha ou um gesto discreto sinalizasse interesse sexual. Alguns dos bordéis e pensões da zona permitiam que dois homens passassem uma hora ou mais curtindo a companhia um do outro.

Uma de minhas fontes especiais que documentava este espaço urbano conquistado por “pederastas” foi um desenho de um “fresco”, vestido com roupas masculinas, mas exageradamente feminizadas, junto com um poema sugerindo que ele andava pelo parque procurando por sexo. Saiu na popular revista *O Malho*, lida pelas classes média e alta

¹ Professor de História Moderna da América Latina; Universidade de Brown, Estados Unidos.

alfabetizadas da capital do país. Sem dúvida causou risos entre os leitores desta publicação voltada para os cariocas, que se consideravam sofisticados na época. Era também uma bela indicação de que o público conhecia o mundo dos frescos, ainda que a imagem criada na revista comunicasse os estereótipos que circulavam no começo da República.

Infelizmente os documentos não eram digitalizados e fazer a pesquisa em qualquer revista ou jornal exigia folhear lentamente cada edição durante horas intermináveis procurando referências ocasionais a pederastas, frescos ou sodomitas. A alternativa era arruinar os olhos tentando ler cópias de publicações microfilmadas nas máquinas antigas na Biblioteca Nacional. Ainda com paciência e persistência, aos poucos fui descobrindo diferentes referências à homossexualidade nas seguintes décadas.

Fazer pesquisa nos anos 50 e 60 era uma questão diferente. A bela revista colorida *Manchete* e o jornal *Última Hora* fizeram uma cobertura detalhada dos Bailes dos Enxutos e das Bonecas durante o Carnaval, e até consegui acessar os arquivos fotográficos dessas imagens que não foram publicadas em matérias. Elas ofereciam uma visão íntima de bichas e veados pulando Carnaval ou sendo presos no centro do Rio por qualquer motivo que o delegado inventasse para justificar a prisão de homens efeminados por dois ou três dias.

Para o período da ditadura militar a minha estratégia para encontrar matérias publicadas sobre homossexualidade na grande imprensa era bastante simples e eficiente. Eu ia à *Folha de São Paulo*, ao *Jornal do Brasil* e à Editora Abril e solicitava os recortes de artigos publicados ou de material de pesquisa sobre homossexualidade guardados nos seus arquivos. Encontrei uma riqueza de fontes, mas foi um levantamento casual do conteúdo de jornais e revistas, pois não tive tempo nem um

grupo de pesquisadores que me permitisse percorrer sistematicamente cada número de cinco ou seis grandes periódicos e revistas para encontrar os artigos sobre o tema que eu estava pesquisando. Foi um trabalho definitivamente incompleto.

Anos depois vieram os arquivos digitais e a pesquisa usando palavras-chave. As possibilidades mudaram totalmente e o jovem historiador Leonardo Martinelli soube aproveitar esta nova maneira de trabalhar as fontes para produzir esta obra magnífica: *Em tempos de Gay Power: Representações da homossexualidade masculina na revista Veja (1968-1983)*. Ao estudar esta revista clássica, que chegou aos lares em todo o país a partir de 1968, ele conseguiu documentar as formas como esse veículo de notícias hegemônico para as classes médias brasileiras retratava a homossexualidade. Ao encontrar todas as referências dos termos “sodomia”, “gay” e “homossexual” durante os primeiros 25 anos da publicação, o autor faz uma análise minuciosa das diferentes formas como gênero e sexualidade são retratados por jornalistas, editores e leitores. Esse tipo de análise minuciosa e cuidadosa de uma das publicações mais importantes também é uma contribuição valiosa para nossa compreensão de como a mídia impressa funcionou durante o regime militar ao difundir ideias e ideologias para as classes médias que inicialmente apoiaram o regime e depois afastaram-se dele. Simplesmente é um trabalho maravilhoso.

Notável é como a mídia brasileira adotou o termo *Gay Power* como forma de se referir tanto ao movimento emergente nos Estados Unidos, que obteve considerável visibilidade após a Rebelião de Stonewall de 1969, quanto aos homossexuais brasileiros no início dos anos 1970 durante o auge da repressão da ditadura militar brasileira. Com as medidas draconianas da Lei Institucional nº 5, decretada logo após as primeiras

edições de *Veja* aparecerem nas bancas, e uma intensificação da censura à imprensa, era praticamente impossível imaginar que um movimento semelhante ao dos Estados Unidos pudesse surgir no Brasil naquele momento.

Contudo, as condições sociais estavam presentes. Homens que desejavam outros homens haviam criado redes alternativas que lhes ofereciam apoio psicológico e material para lidar com a hostilidade de uma sociedade heteronormativa. As práticas sexuais entre as classes médias heterossexuais mudaram significativamente a partir de meados da década de 1960 e as mulheres jovens de boas famílias não precisavam mais guardar sua virgindade, como acontecia até alguns anos antes. Além disso, o movimento musical e cultural Tropicália começou a mudar hábitos, comportamentos e gostos. Uma revolução sexual estava ocorrendo, e isso teve impactos em gays e lésbicas também.

Mas ao mesmo tempo havia repressão e controle do estado autoritário e um clima político que tornava impossível imaginar a possibilidade de um movimento LGBT brasileiro em 1969 ou 1971. Mesmo assim, a expansão econômica durante o governo do General Garrastazu Médici (1969-74) produziu efeitos colaterais que beneficiaram indiretamente as sexualidades marginalizadas. Alguns tinham mais dinheiro para gastar em bares e boates, e esses novos espaços ofereciam oportunidades adicionais para gays, lésbicas e travestis socializarem, encontrarem amigos e parceiros, e construírem identidades fortes que poderiam protegê-los de uma sociedade hostil.

Os editores e jornalistas da *Veja* entendiam estas transformações internacional e nacional e buscavam "educar" seus leitores sobre as novas tendências, ideias e movimentos políticos, tanto no exterior quanto no Brasil. Como este estudo mostra, as vozes reais de homossexuais

masculinos, que aceitavam sua sexualidade e suas vidas, eram muito mais abafadas nas páginas da revista do que as de jornalistas e "especialistas" que buscavam analisar e explicar a sexualidade e as performances de gênero não normativas.

Ironicamente, o termo *Gay Power*, que era tão vagamente usado para se referir a essa nova visibilidade e ousadia dos homossexuais masculinos de centros brasileiros antes de um movimento politizado, foi um termo que quase todos os primeiros grupos politizados rejeitaram. "Gay" era uma expressão dos EUA, de uma cultura distinta. A palavra não se encaixava com as práticas culturais brasileiras. Por isso o primeiro grupo no Brasil, *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*, rejeitou o termo. Para as pessoas menos hostis ao termo, como Aguinaldo Silva, o editor chefe do *Lampião da Esquina*, a palavra tinha que ser escrita guei. Por isso, o nome do Movimento Homossexual Brasileiro tem este tom nacionalista, e os militantes somente começaram a usar amplamente o termo "gay" uma década depois. Em parte, houve uma adoção "tardia" porque, como uma palavra estrangeira inicialmente desconhecida para a maioria dos brasileiros, não tinha o ar pejorativo de veado ou bicha. Era muito mais moderno e chique do que a palavra homossexual, com os seus antecedentes médico-legais.

Como Leonardo Martinelli mostra em seu estudo de 276 números da *Veja*, a revista oferecia múltiplas visões da homossexualidade. Algumas apenas reforçam os estereótipos tradicionais que associam os gays ao crime e à marginalidade. Outros artigos os retratam de uma forma bastante positiva. Pode-se imaginar alguns editores e jornalistas que se consideravam esclarecidos e atualizados se orgulhando de apresentar imagens progressivas para informar aos seus leitores sobre os modernos entendimentos científicos da homossexualidade. Outros artigos

têm tons de masculinidade tóxica, que não podem imaginar o prazer se não estiver confinado às práticas heterossexuais tradicionais.

Também nos perguntamos, e infelizmente o autor não tem como saber, quantos homens gays que trabalhavam para *Veja* na época, talvez não abertos sobre a sua sexualidade, discretamente pressionaram por ter determinados artigos ou mudaram o tom de uma ou outra reportagem. Ou, pode ter sido o caso de outros jornalistas enrustidos, que sentiram a necessidade de projetar uma hipermasculinidade para proteger-se contra a discriminação no trabalho. Conheci pelo menos dois jornalistas desse período que se enquadravam nessa segunda categoria.

Embora, no geral, a representação padrão da homossexualidade prevalecesse na maioria dos artigos, os editores garantiram vozes alternativas, especialmente nas cartas dos leitores, selecionadas entre muitas epístolas que a revista deve ter recebido semanalmente. Das 20 referências encontradas, 16 trataram a homossexualidade com tolerância, compreensão ou com uma afirmação direta de sua legitimidade como forma alternativa de sexualidade. Dadas as formas como a ditadura militar construiu o apoio público da classe média nos anos 60 e 70 e usou a ideia conservadora da "tradicional família brasileira" como tropo contra a suposta ameaça de subversão comunista, é surpreendente que não tenha havido mais cartas hostis a homossexualidade que chegaram à revista. Talvez houvesse e a pessoa que tomava a decisão editorial optou por ignorá-las e enfatizar o aspecto positivo. Mais uma vez, infelizmente, nunca saberemos.

Tendo participado e acompanhado o movimento LGBTQIA+, como agora é chamado, desde seus momentos de fundação, o prazer adicional de ler essa importante contribuição para a história da homossexualidade no Brasil é perceber que as coisas mudaram muito nos últimos 40

anos. Apesar das avaliações mistas sobre a homossexualidade nas páginas da *Veja* em suas duas primeiras décadas e meia, e apesar das forças políticas recentes que tentam voltar no tempo em relação ao tratamento social daqueles que desafiam as normas sexuais, a sociedade brasileira mudou profundamente. Veem-se os primeiros indícios disso no notável aumento dos artigos sobre homossexualidade em 1979, justamente no auge do primeiro movimento politizado de gays e lésbicas.

Se a *Veja* e outras mídias usavam a expressão *Gay Power* como uma estranha apropriação de um termo estrangeiro aplicado a um contexto muito diferente no Brasil, um poderoso movimento de fato nasceu em 1978 e 1979. Teve algumas de suas raízes culturais no início dos anos 70, mas acabaria explodindo no cenário político nacional à medida que o país entrava no século XXI. E apesar das forças religiosas e reacionárias que ainda pensam em termos do século XIX, não há como voltar atrás.

INTRODUÇÃO

O amor é que é essencial.

O sexo é só um acidente.

Pode ser igual

Ou diferente. [...]

Fernando Pessoa.¹

As práticas homoeróticas entre sujeitos que são tidos socialmente como homens por terem nascido em carnes sexuadas que eram entendidas como masculinas, um devir adulto masculino, tendo determinados componentes masculinizados, dentre os quais: a corporeidade, o gênero, a sexualidade, mas também as práticas sociais, são vestígios históricos que abalaram e abalam o regime da cisheteronormatividade. Alguns nem eram vistos totalmente como homens por manterem práticas e/ou vivências homoeróticas que os direcionavam para um grupo dissonante aos dos homens “de verdade”, ou por ter um comportamento identificado como feminino. Todavia, nem todas essas pessoas foram capturadas pelas imposições normativas e pela demanda por sua reprodução. Houve pessoas que transgrediram os limites entre aquilo que convencionalmente era tido como o certo, o normal para um homem. Outras se ajustaram ao “*cistema*”, sem abandonar, contudo, suas formas de prazer afetivo-sexual.

Diferentes terminologias foram usadas para identificar essas pessoas, diferenciá-las das demais, mas também para marcá-las visando

¹ PESSOA, Fernando. O amor é que é essencial. In: PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas (1930-1935)**. Lisboa: Ática, 1955. p. 192. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/361>. Acesso em: 16 dez. 2017.

inferiorizá-las e empurrá-las à margem da sociedade mediante sua desumanização. Representações sobre essas pessoas, sobre esses homens, sobre esses gays foram fabricadas e compartilhadas socialmente. Apanhadas por um traço histórico e cultural dominante de repressão, sintonizadas à política de repressão sexual engendrada no período da ditadura civil-militar brasileira², e estando também conectadas à conjuntura global de transformações nos costumes e moralidade, diferentes representações sobre esses sujeitos e vivências passaram a se tornar públicas.

Com o intento de compreender esse momento histórico, buscou-se³ analisar as representações dos gays na grande imprensa brasileira⁴. A opção pela imprensa escrita enquanto fonte deve-se não somente ao papel de divulgar notícias e informações ao público leitor, mas também da maneira como foram reportadas. Contribuiu para a construção de *representações* que poderiam ser apropriadas e/ou reapropriadas pelos consumidores. O periódico escolhido foi a revista *Veja* e deve-se, inicialmente, a leitura da obra de Green e Polito⁵ em que os autores destacaram um fragmento de uma reportagem desse periódico da

² QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

³ Esta pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo/RS, resultando numa dissertação que foi defendida no ano de 2019. Na ocasião, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Destaca-se que esta versão foi revista e adequada tanto no formato quanto na linguagem para esta publicação, contendo partes inéditas.

⁴ “De forma genérica [o termo grande imprensa brasileira] designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012. [E-book sem paginação].

⁵ GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 177.

década de 1970 sobre os homossexuais, e a posterior constatação a partir de uma sondagem inicial na revista de um considerável número de publicações que os mencionaram.

Deve-se destacar que boa parte dos estudos sobre as homossexualidades que usam a imprensa como fonte ou objeto costumaram utilizar a imprensa alternativa ou imprensa gay para realizar suas análises, ao passo que investigações sobre o mesmo tema na imprensa de maior circulação e tiragem ainda carece de maiores pesquisas. *Veja* surgiu no mercado brasileiro com uma proposta de segmentação diferenciada, pois era uma semanal de informação voltada à classe média urbana, editada pelo Grupo Abril que já estava atuando neste ramo de publicações há décadas. Após entraves iniciais a revista foi se adaptando ao mercado brasileiro, moldando e se moldando junto aos leitores e leitoras, passando a integrar a chamada grande imprensa nacional, com tiragens elevadas e difundindo o nome da revista.

Entende-se que suas ações como formadora de opinião e concepções de mundo irão projetar-se – mediante adesão – para o público a que se destina, os quais compartilharão entre si essa visão (re)elaborada pela revista. Não significa que assumiam passivamente as representações veiculadas, mas tinham a opção de adquirir ou não esse produto de consumo e assimilar ou reelaborar tais notícias. Seu formato potencializa a construção de representações ao dispor de recursos gráficos mais flexíveis em comparação a outros impressos. Essa dinamicidade é essencial para compreender suas reportagens aliadas às próprias características do seu tipo de veículo de imprensa.

A escolha da homossexualidade masculina nesta pesquisa se deve a maior visibilidade desses sujeitos – gays⁶ – na sociedade e a visibilidade na revista *Veja* desta fração de grupo incluída nas homossexualidades⁷. Isso se soma a maneira como esta forma de obter prazer homoerótico foi tratada historicamente cuja situação tem reflexo inclusive nas pesquisas que acabam enfrentando dificuldades em razão das fontes. As que tratam da homossexualidade masculina antes de 1870 são raras, como assinalam James Green e Ronald Polito.⁸ Além disso, esta investigação soma-se ao intento de pensar as representações e masculinidades gays a partir de uma pesquisa histórica visando contribuir com a produção de saberes e conhecimentos sobre esse tema no período analisado, mas também possibilitar reflexões que ajudem a compreender a construção dessas representações, bem como rejeitar e combater preconceitos e discriminações.

⁶ Reitera-se que a relação homossexual masculina é a dos sujeitos identificados como gays, sodomitas, homossexuais ou outros termos utilizados na revista. Num outro espectro, havia outros sujeitos reconhecidos socialmente como “homens/masculinos” que escondiam sua homossexualidade ou a mesma não era visível; ou ainda, praticantes de atos homoeróticos, mas que não queriam ser identificados – e/ou não se reconheciam – como gays, termo que por opção será utilizado para referir-se a estes sujeitos de sexualidade visível e/ou identificada nas reportagens no periódico. Sobre a distinção entre prática e desejo ver WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Retratos da escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

⁷ Segundo James N. Green e Renan H. Quinalha esta expressão mais ampla é utilizada em razão dos distintos sujeitos que integravam o grupo homossexual na época, não havendo uma divisão em torno de suas identidades e especificidades naquele momento; Cf. GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 11. Esta mesma expressão, “homossexualidades”, é utilizada por João Silvério Trevisan ao referir-se à diversidade de variações desta vivência sexual que não se limita e não é contemplada somente pela denominação homossexual; como exemplo pode-se citar os sujeitos que mantêm práticas homoeróticas, mas que não se identificam como homossexuais. Cf. TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Record, 2000. p. 40. No texto aparecerão menções às homossexualidades compreendidas, portanto, conforme o exposto.

⁸ GREEN; POLITO, 2006. p. 17.

O problema de pesquisa está centrado nas seguintes indagações: quais as representações dos gays na revista *Veja* entre 1968 e 1983? Que imagens destes sujeitos foi divulgada? Os recortes temporais devem-se ao ano do surgimento desse periódico, em 1968, até o ano de 1983⁹, em que reportagens sobre a *aids*¹⁰ passaram a ser veiculadas já com este nome na revista. Portanto, abarca especialmente as representações no período que antecedeu essa doença.

O título **Em tempos de Gay Power: representações da homossexualidade masculina na revista *Veja* (1968-1983)** apresenta, de início, um termo identitário para referir-se a estes sujeitos, adotado na época pelo movimento politizado homossexual estadunidense e posteriormente difundido mundialmente. Naquele período alguns grupos homossexuais rejeitaram tal terminologia ao passo que outros a incorporaram. Neste trabalho, utiliza-se o termo *gay* para se referir aos homossexuais masculinos, sem proselitismo ao movimento ocorrido nos Estados Unidos, mas percebendo sua importância e os significados que o termo adquiriu na época e *a posteriori*.

Propõe-se a observar essa realidade a partir das lentes fornecidas pela História Cultural cujo postulado de Roger Chartier é extremamente válido: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.¹¹

⁹ Mais especificamente até a edição 771 do ano de 1983; ocasião em que a doença que já estava sendo divulgada pela imprensa é chamada de *aids* e reportada com iniciais maiúsculas ampliando a dimensão de pânico social.

¹⁰ Sigla que significa *Acquired immunodeficiency syndrome* ou, traduzida ao português, *Síndrome da imunodeficiência adquirida*, também identificada por “*sida*”. Neste trabalho será utilizada a sigla em inglês “*aids*” por ser convencionalmente mais difundida, reconhecida, e por tratar-se de uma doença, como outras, será escrita com grafia minúscula.

¹¹ CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 17.

Essas construções pela cultura são analisadas tendo em vista que as mesmas organizam a sociedade e cujas relações sociais partem destes elementos.

A cultura é entendida, neste trabalho, como uma construção que organiza a realidade e elabora significados e entendimentos sobre ela. No entanto, não de uma forma única, mas sujeita às distintas formas de apropriações, interpretações e compartilhamentos, resultado das tensões e conflitos engendrados no interior dessas relações, como assinala Chartier.

Segundo o historiador Carlos Fico, “a história do Brasil entre 1964 e 1985 não se restringe à história da ditadura militar”.¹² Também foi um período em que os valores tradicionais da sociedade foram questionados influenciados pelos movimentos da contracultura e por uma libertação (entre as quais a sexual) que estimulou muitos grupos ligados por uma identidade em comum a lutar por seus ideais. Desta forma, as homossexualidades foram notícia no período, no exterior e no Brasil, ganhando espaço também nas páginas da emergente *Veja*. O estudo mostrará parte da visibilidade que os homossexuais tiveram a partir dessa mídia impressa e as representações construídas.

De acordo com Michel Foucault:

sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos

¹² FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017. p. 38.

controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.¹³

Os prazeres sexuais ao longo do tempo foram regidos por códigos e normas sociais que legitimaram determinadas práticas e abominaram outras. Como os sujeitos deveriam se portar, se vestir, comportar, quem poderiam amar, que atividades exercer? Tudo isso é representativo de um cenário inventado, mas que integra a mentalidade dos sujeitos. Por outro lado, uma vez que os limites são estabelecidos, sabe-se também da região de fronteira e de como avançá-la. Nesse sentido, muitos insistiram em ultrapassar esses limites e viver sua vida de acordo com seus desejos e paixões. Uns foram duramente punidos, outros mortos, mas houve aqueles que lutaram para viver de uma forma diferente reivindicando seus direitos e liberdade. Entende-se este universo como um espaço de disputas em que alguns jamais aceitarão a forma como os outros são e vivem, ao passo que haverá aqueles que lutarão insistentemente para serem reconhecidos, compreendidos e respeitados.

As homossexualidades passaram a ser reprimidas devido a sua dissidência da política sexual tornada dominante, que construiu e difundiu o modelo de sociedade cisheteronormativa de forma proselitista e respaldada por elementos que lhe dão sustentação. Sua construção como um problema social advém desse passado forjado e da reprodução acrítica desse entendimento. No período da ditadura civil-militar, no Brasil, ocorreu a construção de um Estado que se apresentou como protetor dos pilares culturais centrais que giravam em torno da manutenção do

¹³ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 100.

sistema político-econômico burguês e dos valores morais, em detrimento das ideias que se opunham aquele governo.

Parte dessa oposição era chamada de comunista, – entendidos, de maneira geral, como aqueles que se opunham ao sistema vigente e defendiam um governo e sociedade distinta daquela construída sob a égide do capitalismo, – embora nem todos o fossem; contudo, ao nomear os sujeitos desta forma estavam direcionando uma terminologia significada e inferida de forma pejorativa; logo, ao ampliá-la sobre outros sujeitos estavam expressando-a em sentido ofensivo e maximizando no entendimento acrítico popular a necessidade de um controle contra esses “inimigos”. Nesse sentido, além dos inimigos políticos e opositores culturais, as homossexualidades receberam atenção especial por parte desses governantes.

Esse momento da história brasileira foi estudado por considerável número de pesquisadores e pesquisadoras que destacaram, especialmente, as questões políticas do período. No entanto, entende-se que as compreensões das homossexualidades necessitam de um olhar mais atento, pois no bojo deste cenário havia uma representação dominante e estigmatizante do homossexual, mas que não era única, e o cenário em constantes transformações, no mundo e no Brasil, nos possibilita perceber os olhares distintos que alguns sujeitos sociais lançavam à questão.

Num período de censura, resta analisar como a imprensa reportou a seus leitores e leitoras as representações dos homossexuais. Estas precisam ser compreendidas considerando a censura, a “moral e os bons costumes” e, ainda, a influência aversiva às sexualidades dissidentes do modelo cisheteronormativo dominante.

A *priori*, parte-se da ideia de que a censura impedia que temas desse tipo e positivados chegassem ao público leitor. Contudo, esse entendimento suscita curiosidade em saber como as homossexualidades foram representadas naquele momento: as situações em que esses sujeitos apareceram; a associação a temas cotidianos que permitiram sua visibilidade; as representações fragmentadas que, no conjunto, nos dão indícios de como os sujeitos eram vistos e como foram representados na revista *Veja*; além dos próprios argumentos e vozes que foram acionadas para referir-se aos homossexuais. Uma ressalva: este estudo não tem como objetivo desvendar as lacunas deixadas pela censura, mas compreender as representações dos gays na *Veja* no universo em que era aplicada.¹⁴ Por isso, torna-se necessário lançar o olhar sobre essas representações a partir de um quadro teórico diversificado capaz de contribuir no esforço de compreensão desse período e das homossexualidades, bem como da visibilidade dos sujeitos reportada e, por conseguinte, numa escrita crítica da história que considere a própria cisheteronormatividade como construção e não como algo dado.

Por abranger uma década e meia de pesquisa, de 1968 até 1983, e a revista ter publicação semanal realizou-se um recorte sistemático na fonte a partir de um mecanismo digital. É preciso esclarecer que o acesso à fonte foi realizado de diferentes maneiras. Inicialmente pelo recurso *on-line*¹⁵ no acervo do Grupo Abril, proprietário da revista, onde

¹⁴ Atenta-se que a análise se dá a partir das reportagens publicadas; as que por ventura foram censuradas e/ou prospectadas para publicação, mas impedidas por quaisquer razões, não puderam ser analisadas em conjunto com as fontes. Em decorrência deste entrave, deixa-se em aberto a possibilidade futura de inserção.

¹⁵ ACERVO *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>. Alerta-se de que as datas dos diferentes acessos à revista nas fontes coletadas não serão citadas ao longo do texto em razão da retomada constante para a realização das análises, tendo sido acessados durante todo o período da pesquisa. Por opção alguns nomes de sujeitos envolvidos nas narrativas jornalísticas serão mencionados somente pelo prenome e iniciais do sobrenome para não causar-lhes contrangimentos pelos posicionamentos

o material estava disponível permitindo o acesso. No site foi utilizado o mecanismo de busca pelas palavras: “sodomia”, “homossexual” e “gay”. A partir desta seleção, verificaram-se quais edições trouxeram o tema em evidência.¹⁶ No início haviam sido delimitadas algumas seções específicas, mas como os homossexuais foram reportados em distintos espaços foi descartada esta possibilidade por não corresponder ao intento da pesquisa e ao tempo estipulado para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a partir de uma seleção explícita (por palavras) foi coletada a fonte, embora não limitada ao conteúdo manifesto; analisa-se, também, o implícito juntamente aos recursos imagéticos e narrativos que construíram as reportagens e as representações.

Mesmo sendo um considerável número de reportagens, as fontes não são todas as menções que a revista *Veja* trouxe no recorte aqui estabelecido. Sabe-se das fragilidades da seleção; da possibilidade da busca não ter selecionado todas as palavras na revista; de outras formas de dizer que não foram contempladas; ou ainda, dos jogos de palavras e sentidos nas entrelinhas sem uma menção explícita. Considerando esta questão é necessário destacá-la para que os leitores e leitoras saibam das dimensões da pesquisa, do que contempla e o que pode ter ficado de fora. No entanto, estas limitações nos parecem ser reduzidas diante do número e diversidade de publicações utilizadas que assinalam as muitas

(seus ou devido à menção pela autoria das reportagens) publicados na revista na época. A intenção desta pesquisa é analisar o conteúdo dessas matérias para pensar as representações no período, e não julgar posturas e/ou entendimentos alheios que, mesmo marcas de uma temporalidade, (e já publicados, portanto, trata-se de informações públicas) podem ou não corresponder à compreensão atual dos envolvidos vivos quanto às homossexualidades. Em decorrência disso, esta omissão valerá para alguns sujeitos em razão dos posicionamentos negativos, atentando que sua identificação completa, quando há, poderá ser verificada na fonte. Autores e autoras das reportagens e cartas publicadas na revista *Veja* serão identificados normalmente independente do posicionamento.

¹⁶ Ver Apêndice B.

situações e representações dos gays, e nos permitem verificar as formas e conteúdos pelos quais são representados.

Cabe destacar que o recurso digital de acesso à fonte oscilou no decorrer da pesquisa de modo que outras formas de contato tiveram que ser acionadas. Para tanto, algumas edições foram fotografadas no Arquivo Histórico Regional (AHR) de Passo Fundo/RS, enquanto a grande maioria foi digitalizada no acervo da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (BC/PUCRS).¹⁷ Posteriormente, algumas fontes foram acessadas, também, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (BU/UFSC), de modo que são referenciados os seus respectivos acervos.

Em decorrência disso algumas fragilidades colocaram-se no caminho e parte delas devem ser citadas para que o público leitor melhor entenda o processo de produção deste trabalho, bem como da temática investigada. Dada a instabilidade do acesso digital, a coleta da fonte nos arquivos permitiu a constatação de que algumas edições não estavam completas e algumas seções (ou espaços) na revista não continham aquilo que estava sendo buscado. Ou seja, algumas páginas – justamente as que tratavam o tema – haviam sido arrancadas, faltavam, de modo que a constituição dos acervos permite pensar também nos tipos de censura sofridos por estes materiais até chegarem aos acervos, ou ainda, de eventuais danos mesmo nesses espaços de preservação.

¹⁷ A citação das edições será seguida do local em que a mesma foi acessada. Destaca-se que algumas terão a data, mês e ano da publicação enquanto outras somente o mês e ano em razão da coleta da fonte (fotografada e/ou digitalizada) cuja informação da data de publicação acabou não sendo registrada na totalidade das fontes. Contudo, não compromete a pesquisa e para não realizar uma retrospectiva aproximada das datas das edições e não dispondo da fonte completa, mas dos fragmentos a ser analisados optou-se por registrar somente mês e ano para ser mais preciso. Salienta-se, ainda, que a ortografia da fonte citada foi atualizada.

Isso sugere a reiteração da rejeição às homossexualidades e a tentativa de silenciar, ocultar tais reportagens, já que parece não se tratar de mera casualidade. Este entrave pode ser estendido a outros temas, mas sobre as homossexualidades, em especial, pode estar relacionado a entendimentos contrários a estas sexualidades, formas de prazer que “afrontam” a moralidade dominante, sendo por essa razão omitida, como se fosse algo que não pudesse aparecer, algo a ser destruído dos vestígios do passado. Elementos representativos que, sem dúvida, auxiliam na compreensão da temática em suas interfaces com outros dispositivos.

Para analisar as representações sobre os gays optou-se pela seleção digital por apresentar um panorama diverso e profícuo de reportagens. Tarefa que teria sido mais laborosa se fossem lidas todas as edições e mais limitada em relação ao recorte selecionado. Nesse aspecto, aproximamo-nos das pesquisas de Chartier ao direcionar nossa atenção às formas e *representações* a partir dos impressos buscando suas possíveis significações e não necessariamente aos entendimentos de cada leitor, tarefa que não corresponde aos intentos desta investigação. Se a pesquisa fosse direcionada somente a algumas seções as representações seriam nestas o que impossibilitaria verificar um posicionamento mais efetivo divulgado por *Veja* como um todo.

Percebe-se, também, que a *representação* prospectada para a análise é um misto que integra outras representações fragmentadas, menores, variantes entre si e de acordo com os contextos em que foi apresentada. Nesse sentido, analisar em conjunto as distintas formas de publicação permitirá evidenciar a visibilidade na revista das vivências homossexuais no período em estudo. Para tanto, conta-se com 276

edições divididas por anos e destacadas nos espaços internos (seções) onde tais temas foram abordados.

Metodologicamente utilizaram-se alguns pressupostos da análise de conteúdo¹⁸ para seleção, organização das fontes e sistematização de dados. Entende-se que, assim como o discurso que a revista cria/di-vulga, os *ditos* e *não-ditos* também incidiam na apreensão da mensagem reportada na revista *Veja*. Portanto, a análise das fontes considerou tanto o conteúdo manifesto quanto o implícito, compreendido dentro do universo narrativo de *Veja*, igualmente analisado a partir de elementos de uma abordagem quantitativa e qualitativa. As reportagens são entendidas como convenientemente aceitas pelo grupo dirigente da revista que, como tal, autorizou sua publicação.

As representações dos homossexuais inserem-se nesse modo de conceber a realidade juntamente ao imaginário dos indivíduos. É uma capacidade de abstração que permite associar palavras ou imagens a um universo que traz presente, por meio do imaginário, elementos que nos possibilitam compreender por meio de sua significação. É uma habilidade que é construída desde nossa infância e que se complexifica. Entretanto, mais do que algo singular, as representações são partilhadas pelos grupos sociais e constantemente reforçadas por meio de ritos, símbolos e imagens, produzindo sentidos e sendo interpretadas a partir de determinada visão de mundo. Assim como são produzidas, necessitam ser reforçadas constantemente, pois podem adquirir outros

¹⁸ Sobre isso ver: BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luis Antonio Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. **Educação**, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999. Parte da metodologia utilizada decorre da desenvolvida por ROCHA, Douglas Satirio da. **"Tensão continua no Oeste": história e representações da disputa de terra em Sede Trentin/Toldo Chimbangue nas páginas de *O Estado* (1982-1985)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, 2016. A mesma encontra-se melhor explicitada no desenvolvimento da narrativa.

sentidos, sendo que diante da vasta gama de possíveis representações umas se impõem sobre as demais resultando em tensões e conflitos, especialmente sobre as homossexualidades por ser um campo de disputas morais.

Para Roger Chartier as *representações coletivas* são estreitamente vinculadas ao mundo social, ao mesmo tempo em que partem dele, agem transformando-o, por isso o autor considera “estas representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”.¹⁹ Uma relação estabelecida entre realidade e imaginário que dialogam numa relação de significância e não de afastamentos. Sandra Pesavento salienta que o “imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”.²⁰

Desta forma, as representações são criadas na realidade dos sujeitos e projetam-se para o “mundo social”, ou seja, para esta mesma realidade transformando-a a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos, como assinala Chartier. As representações não são desvinculadas do real, ao contrário: são nele criadas e ao mesmo tempo direcionadas. Situá-las em seu contexto significa compreender e desvendar as relações sociais e sua teia de significados.

Sandra Jovchelovitch em *Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil* faz uma separação entre as “representações sociais na esfera pública” que seriam produzidas pelos sujeitos, mas que não se limitam a atividade individual, e sim

¹⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991. p. 183.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995. p. 15.

coletiva na dimensão da esfera pública.²¹ Ao passo que há as “representações sociais da esfera pública” construídas pelos meios de comunicação – que segundo a autora “informam e formam a esfera pública” – aproximando os leitores e leitoras a uma mesma discussão substituindo o encontro pessoal.²²

Logo, há representações do sujeito homossexual que circulam no âmbito social e, ainda, outras construídas e difundidas pela/na imprensa que não necessariamente devem coincidir, mas que, no entanto, circulam e podem transformar ou reforçar a representação dominante estigmatizadora. Compreendem-se as representações como coletivas, pois são construídas nesse meio, e na medida em que seus entendimentos são compartilhados transformam as relações sociais, embora a apreensão não se limite a uma dada interpretação, podendo o sujeito ou público leitor dessa realidade elaborar novos sentidos a partir deste universo de múltiplas possibilidades, neste caso, ampliado pela ação da imprensa.

O olhar sobre a questão homossexual parte da categoria *estabelecidos* e *outsiders* proposta por Norbert Elias e John Scotson²³, pois compreende-se que as vivências homossexuais são tidas como *outsiders* na medida em que contrariam os valores daqueles (heterossexuais) cuja sexualidade é naturalizada e dominante. Não se trata apenas de enxergar os homossexuais como o *outro*, mas de compreender a historicidade de sua construção como um problema social e os elementos que forneceram os alicerces para esse entendimento.

²¹ JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública:** A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 81.

²² Ibidem, p. 86.

²³ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Outra categoria de análise utilizada é *gênero*²⁴. Parte desse entendimento decorre das contribuições de Margareth Mead²⁵, Simone de Beauvoir²⁶ que com suas pesquisas possibilitaram diferentes problematizações. Em 1986 Joan W. Scott publicou um trabalho que contribuiu no entendimento de *gênero*, e que teve sua primeira tradução brasileira em 1990. A autora definiu-o em duas partes: “*gênero* é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “*gênero* é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.²⁷

De acordo com a teoria da performatividade de *gênero*, de Judith Butler, no final da década de 1980, o *gênero* é construído culturalmente e no instante em que interpela discursivamente os sujeitos cria aquilo que nomeia. No entanto, não há um fazedor consciente por trás desse

²⁴ João Bôsco Hora Góis destacou a “quase ausência” de trabalhos que analisavam as homossexualidades a partir da categoria *gênero* antes dos anos 2000, igualmente sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros em dois periódicos cujas publicações voltava-se a estas temáticas como a revista *Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*. Cf. GÓIS, João Bôsco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de *gênero* no Brasil. *Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2003. p. 9.

²⁵ Na década de 1930 dedicou-se a investigar os sujeitos de ambos os sexos em três grupos sociais na Nova Guiné e os comportamentos de cada um nos distintos grupos. As diferenças de cada sujeito, de ambos os sexos, devem-se a diversidade cultural construtora desses significados que para uns é característica esperada na fêmea e para outros no macho. Não havia, na época, a divisão *sexo/gênero*; logo, tarefas ditas femininas e/ou masculinas direcionavam-se a um dos sexos. Cf. MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

²⁶ Em 1949 publicou a obra *O Segundo Sexo* na qual apresentou uma discussão que possibilita pensar e questionar a construção dos sujeitos em homens e/ou mulheres, que não ocorre por determinismo biológico em razão de ter ou não um determinado sexo (genitália), mas é moldada no contexto cultural. Tratava-se de tornar-se mulher, ou se poderia ampliar e dizer que se trata também do tornar-se homem, tornar-se gay. Cf. BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1; BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

²⁷ SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução de Guacira Lopes Louro; Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 86.

processo de construção.²⁸ Assim como não é um determinismo biológico, também não é cultural, pois as expressões performativas de gênero podem atravessar as fronteiras daquilo que costuma ser imposto ao nascer, mas são produzidas a partir daquilo que está disponível em termos de gênero, que é do conhecimento.

Para Butler:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

Vale ressaltar que a partir das contribuições de Butler o entendimento de gênero rompeu com a ideia de um binarismo, e por se tratar de construções discursivas e não de algo dado *a priori*, libertou as carnes sexuadas das pessoas das imposições sociais de gênero que recaíam sobre elas. Tecendo críticas ao sujeito essencialista tomado pelas políticas de identidade, abre-se a possibilidade de observar diferentes expressões performativas de gênero – independente da corporalidade – e as resistências frente às imposições normativas na sociedade onde algumas identidades e existências são creditadas, e outras, negadas.

Outra definição de gênero que complementa, em parte, a proposta por Butler foi apontada por Paul B. Preciado²⁹:

El género no es simplemente performativo (es decir, un efecto de las prácticas culturales lingüístico-discursivas) como habría querido Judith Butler.

²⁸ BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites materiais e discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo edições, 2019.

²⁹ Este autor passou por um processo de transformações e incorporou o nome “Paul” ao anterior – Beatriz Preciado. Seus trabalhos citados nesta dissertação farão menção a ele a partir de sua identificação atual, mesmo em produções anteriores para dar reconhecimento a sua nova nomeação.

El género es ante todo protético, es decir, no se da sino en la materialidad de los cuerpos. Es puramente construido y al mismo tiempo enteramente orgánico.³⁰

A partir destas contribuições o gênero é entendido como uma construção/criação discursiva que se dá no meio cultural de forma performativa e não determinista sobre um sujeito sexuado, como destacou Butler³¹, mas que não pertence somente ao campo da abstração, é inteiramente orgânico e materializado nesses corpos, como pontuou Preciado³². Butler retomou sua teorização atentando a materialidade pouco explicitada ou mal compreendida em sua obra anterior.³³ Sua significação acarreta diferentes formas de tratamento na sociedade em decorrência das relações de poder primárias extensivas do gênero, como salienta Scott³⁴; estas, engendradas em meio ao entendimento dominante vigente.

Deve-se compreender que a identidade dos sujeitos não é dada *a priori*. Ela é construída a partir dos contatos com a alteridade, conhecimentos, vivências, experiências que agregam um *capital cultural* – usando uma expressão de Bourdieu³⁵ – e valorativo capaz de proporcionar transformações. O teórico Stuart Hall ao tratar da *identidade* dos sujeitos pontua a possibilidade de mudanças abalando uma identidade

³⁰ PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002. p. 25.

³¹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

³² PRECIADO, 2002.

³³ BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

³⁴ SCOTT, 1995.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

que se pressupunha fixa. Ou seja, a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”.³⁶

Nos anos 1960 a identidade foi o elo que agregou diversos sujeitos que se sentiam pertencentes a um grupo, dentre os quais o homossexual, que passaram a rebelar-se contra o sistema opressor a que estavam submetidos. Tais movimentos e ideais disseminaram-se para outras regiões mobilizando adeptos. Em meio a este cenário busca-se, a partir da categoria gênero, compreender as representações dos homossexuais masculinos articulando, na medida do possível, às contribuições dos estudos *queer*³⁷ ao refletir sobre os perigos de reforçar normas – vê-la e/ou querer enquadrar-se nela – bem como a identidade que foi o motor que impulsionou o surgimento da militância no período estudado.

Por isso, analisar as representações a partir de um veículo de imprensa como a revista *Veja* nos permite discutir as relações que são estabelecidas entre História e imprensa e as contradições que este tipo de fonte apresenta dentro de uma análise histórica. A revista tem sido utilizada como fonte e objeto de estudo de diversos trabalhos, em diferentes áreas do conhecimento. Destacam-se algumas dessas obras

³⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 38 – grifo do autor.

³⁷ A teoria *Queer* surgiu nos Estados Unidos na década de 1980 para opor-se a normatividade heterossexista. A denominação indicava uma ofensa no discurso corrente sendo por esta razão ressignificada e adotada em comparação aos estudos de gênero, cuja ênfase deixa de focar especificamente no sujeito (a partir de uma nomeação identitária) em favor da estrutura ou sistema normativo que classifica os sujeitos. Destaca também as distintas vivências que não se prendem a modelos enquadrantes e nomináveis no discurso dominante. Cf. MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009; PRECIADO, Paul B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. Tradução de Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011; MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2017.

desenvolvidas especialmente por pesquisadores a partir de um olhar histórico:

Em *Veja sob censura (1968-1976)*³⁸, Maria Fernanda Lopes Almeida destaca a história desse periódico no contexto de censura da ditadura civil-militar. Para entender o aparato censor direcionado à imprensa utiliza-se a obra de Paolo Marconi³⁹ que destaca a forma como a censura agiu entre 1968-1978 trazendo depoimentos de jornalistas, além de publicar o conteúdo de determinadas proibições, bem como documentos específicos da revista *Veja*. As reportagens analisadas precisam, portanto, ser compreendidas no interior de um sistema repressivo que impedia que certos temas e/ou comentários pudessem chegar ao público consumidor.

Carla Luciana Souza da Silva em *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*⁴⁰ realizou uma investigação sobre a revista trabalhando com a hipótese de que *Veja* contribuiu para a construção do neoliberalismo no Brasil. Um estudo aprofundado realizado em sua tese de doutoramento. A bibliografia citada auxilia no entendimento da criação da revista e sua atuação no decorrer do tempo.

Alguns trabalhos que se aproximam da pesquisa empreendida são: a dissertação de Cintia Lima Crescêncio *Veja o feminismo em páginas (re)viradas (1968-1989)*⁴¹, estudo sobre o feminismo direcionado especialmente as “Capas”, “Entrevistas” e coluna de humor “Millôr”; além da

³⁸ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura: 1968-1976**. São Paulo: Jaboticaba, 2009.

³⁹ MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)**. São Paulo: Global Editora, 1980.

⁴⁰ SILVA, Carla Luciana Souza da. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel: Edunioeste, 2009.

⁴¹ CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Veja o feminismo em páginas (re)viradas (1968-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

tese de Renan Honório Quinalha *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*⁴², estudo no qual defende a ideia de que houve um aparato censor direcionado às questões morais no período com o propósito de regular e normatizar as sexualidades desviantes do modelo dominante preconizado e intensamente defendido por meio de uma política sexual. As demais publicações contatadas encontram-se citadas ao longo do texto e/ou nas referências, bem como as que trabalham com a homossexualidade sob as lentes de outras áreas do conhecimento.⁴³

A respeito das sexualidades, de modo geral, destaca-se a *História da Sexualidade*⁴⁴ de Peter N. Stearns que a contextualiza em sua historicidade, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Especificamente sobre o tema cita-se *Born to be gay: História da homossexualidade*⁴⁵, de William Naphy, que analisa a homossexualidade em diferentes povos, enfatizando, sobretudo, por que determinadas culturas que no passado eram favoráveis, com o passar do tempo tornaram-se repressivas com os homossexuais.

Sobre as homossexualidades no período destaca-se o clássico de James Naylor Green, *Além do Carnaval*⁴⁶, obra em que realiza uma análise desde o século XIX a partir das inter-relações entre os demais sujeitos e os homossexuais nos carnavais e, posteriores bailes e concursos; ainda,

⁴² QUINALHA, 2017.

⁴³ Para saber mais a respeito das publicações sobre a homossexualidade no Brasil ver ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James N. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 316-349.

⁴⁴ STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴⁵ NAPHY, William. **Born to be gay: História da homossexualidade**. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

⁴⁶ GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Ed. UNESP, 2000a.

neste mesmo período, discute as pesquisas que contribuíram com representações que oscilaram do espectro criminal ao patológico atribuído aos homossexuais. Sua análise centra-se, em especial, na homossexualidade masculina em São Paulo e Rio de Janeiro no século XX abrangendo o recorte temporal desta investigação. O livro *Ditaduras e Homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*, organizado por James Green e Renan Quinalha⁴⁷ aborda distintas temáticas, sujeitos, identidades e suas relações com o período civil-militar.

Nos meandros da pesquisa foram estabelecidos três objetivos gerais que a direcionaram. O primeiro deles foi compreender a atuação da imprensa, especialmente da revista *Veja*, na construção de representações sobre os gays no período da ditadura civil-militar brasileira, entre 1968 até 1983. O segundo foi analisar a visibilidade das matérias sobre os gays, os espaços internos da revista em que foram veiculadas, bem como as vozes e terminologias acionadas para compor essas publicações. Por fim, buscou-se verificar e analisar temáticas que auxiliaram na construção de representações dos gays na revista *Veja*.

Para melhor apresentar as ideias e considerações em torno da pesquisa o livro foi dividido em quatro capítulos. O primeiro deles, **Homossexualidades e imprensa na ditadura civil-militar brasileira** analisa esse período atentando para o tratamento dado as homossexualidades na época, as diferentes modalidades de censura, sobretudo aquela direcionada à imprensa. Aborda o surgimento da revista *Veja*, as notícias sobre as homossexualidades veiculadas nesse periódico, sobretudo dos gays, apresentando as fontes e parte da análise.

⁴⁷ GREEN; QUINALHA 2015.

No segundo capítulo, intitulado **Vozes sobre os gays** é realizada a análise das vozes que direta ou indiretamente mencionaram esses sujeitos nas matérias publicadas na revista *Veja*. São problematizados os usos da palavra, as terminologias que nomearam os sujeitos e indicaram suas práticas afetivo-sexuais, bem como uma análise mais detida da seção “Cartas”, utilizando todas as fontes usadas que integraram esta divisão interna na revista.

Em **O campo religioso e o humor na construção de representações dos gays** são analisadas as representações que estiveram associadas a temática do humor e do campo religioso numa abordagem qualitativa, que traz fragmentos das matérias da revista para discussão, bem como a análise imagética de parcela das fotografias inseridas na composição dessas representações.

O último capítulo: **A criminalidade e a área da saúde fabricando representações** apresenta a análise de outras duas temáticas que estiveram atreladas a composição de parte das representações veiculadas, como a criminalidade e a área da saúde. Assim como o capítulo anterior, este traz fragmentos das publicações analisados conjuntamente com as imagens, quando incorporadas na matéria. Os capítulos foram organizados desta maneira pensando nos leitores e leitoras, de modo a facilitar a compreensão das ideias e análises realizadas. Espera-se que este intento tenha sido produtivo.

1

HOMOSSEXUALIDADES E IMPRENSA NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Perceber o desejo e a atração física por outras pessoas pode parecer algo comum, no entanto, para algumas isto tende a ser interdito por estarem supostamente transgredindo as normas criadas e impostas na sociedade e/ou grupo social onde vivem. Desejar pessoas de mesma genitália e/ou de mesmo gênero é encarado por outrem, de forma predominante, como algo errado, não natural, embasado na ideia de uma essencialização biológica ou até mesmo divina do ser. Discursos potencialmente dissonantes que são convergidos para reforçar este embasamento. As pessoas tidas como anormais costumam ser interpeladas a mudarem, passando por diferentes situações: ridicularizadas, agredidas fisicamente ou psicologicamente, dentre outras formas, prospectando com isso corrigi-las conforme o modelo cisheteronormativo.

Este padrão social impositivo parte do entendimento de que a presença de um órgão sexual ao nascer define a vida da pessoa, a performatividade de gênero, seus interesses, tipo de pessoa por quem sentirá atração, bem como os papéis sociais e sexuais alegadamente fixos que desempenhará. Apesar de enfraquecido, este modelo permanece vigente e no período da ditadura civil-militar brasileira foi intensificado por um aparato de repressão tornado legal e diferente de períodos anteriores.

Este capítulo trata do tema das homossexualidades na ditadura civil-militar brasileira, a incidência deste governo autoritário para as pessoas que realizavam práticas e/ou vivências homoeróticas naquela época, os discursos e aparatos opressivos que as desumanizaram, configurando uma política governamental que tinha adesão de parcela da sociedade por meio de violências, da censura às tentativas de positivar tais formas de obter prazer, às pessoas em si, tudo isto em nome da suposta “moral e os bons costumes”.

A CRUZADA MORALISTA E A DISSIDÊNCIA HOMOSSEXUAL

O grupo das homossexualidades era composto por pessoas que não seguiam aquilo que lhes era imposto ao nascer, ou seja, a cisheteronormatividade, tornando-se, desejando e performatizando possibilidades outras de ser e fazer parte do mundo. Incluía homossexuais, lésbicas, travestis, bissexuais, pessoas que transitavam entre as fronteiras do gênero e que borravam as fronteiras entre masculinidades e feminilidades. No que concordam James Green e Renan Quinalha acerca desta categoria ampla usada na época.¹ A divisão conforme as especificidades das identidades internas, apesar de já presentes, tornar-se-iam mais explícitas socialmente na década de 1980 e começo dos anos 1990. As terminologias identitárias citadas acima são usadas de forma explicativa, posto que variações subjetivas, regionais e nomeações dadas por outrem podem ampliar as autoidentificações e nomeações externas dessas pessoas. Tratava-se, então, de um grupo diverso e plural, mas que era tido como parte de uma homogeneidade desviante daquilo que

¹ GREEN, QUINALHA, 2015, p. 11.

era prezado: a “moral e os bons costumes”, e alocado no território dissidente – o homossexual.

Esta palavra criada no século XIX para se referir a pessoas que nasciam supostamente diferentes das demais, assim passaram a ser pensadas, por desejarem pessoas semelhantes a elas, com a mesma genitália e/ou com mesmo gênero, seria parte de uma nova espécie, como dissera Foucault.² Criou-se uma forma distinta de interpretar aquelas expressões. Afastando-as das punições legalizadas em diversos países que puniam quem realizava práticas homoeróticas eventuais e/ou exclusivas, assim como as vivências que se tornavam públicas, a ideia de uma condição sexual iniciou uma história das pessoas que compartilhavam tais formas de obterem este tipo de prazer.

A área da saúde investiu e insistiu em pesquisar tais comportamentos, estudando essas pessoas, realizando diferentes tipos de registros e revalidando o entendimento dominante partilhado no Ocidente de inferiorização e reprovação das agora chamadas homossexualidades, antes assignado pelas religiões abraâmicas, sobretudo as de matriz judaico-cristã. No Brasil também ressoavam tais compreensões, que a viam como uma patologia, logo, as pessoas assim diagnosticadas eram tidas como doentes.³ A labilidade em torno das bases de cientificidade do período estavam possivelmente alicerçadas na ideia de reprodução da espécie, nos mitos de origem, na incidência do pensamento cristão na formação da elite intelectual, bem como dos

² FOUCAULT, 1988, p. 44.

³ LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Saúde Pública*, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-345, 1984; RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A despatologização da homossexualidade no Brasil. In: CAETANO, Márcio; RODRIGUES, Alexsandro; NASCIMENTO, Claudio; GOULART, Treyce Ellen (Orgs.). *Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018)*. Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p. 48-53.

profissionais da medicina. A sociedade como um todo compartilhava esses elementos.

Conforme indica a pesquisa de Renan Quinalha, no período da ditadura foi empreendida uma política sexual de repressão às homossexualidades, transgeneridades e demais práticas tidas como “perversão” ou “desvio”.⁴ A defesa ufanista em torno da moralidade cristã, pudica, heterossexual e cisgênero no período, somada às políticas sexuais repressoras podem ter sido o motivo que retardou, conforme acredita James Green, que o movimento homossexual fosse organizado no Brasil naquele período de ditadura civil-militar,⁵ diferente de outros países como Estados Unidos e Argentina, em que já havia sido criado.

O cenário global no qual o Brasil estava inserido era de Guerra Fria, numa oposição envolvendo capitalistas e socialistas. Período em que regimes autoritários e ditatoriais foram implantados em diferentes países da América, bem como nos seus vizinhos continentais a fim de impedir que o comunismo tomasse o poder, hipótese que já foi descartada pela historiografia, mas que sob esse suposto inimigo justificaram-se as arbitrariedades, autoritarismo, repressões e cerceamento dos direitos humanos de algumas pessoas, tidas como inimigas políticas e/ou culturais naquela época.

Grupos capitalistas no Brasil enxergavam as homossexualidades associadas à revolução proposta pelos socialistas cujas repercussões não somente nas questões econômicas, mas também morais entrariam em conflito com a moralidade cristã, burguesa, defendida; ao mesmo

⁴ QUINALHA, 2017, p. 314.

⁵ GREEN, 2000, p. 454. GREEN, James N. “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”: uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da abertura. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 53-82, jan./jul. 2014. p. 79.

tempo, socialistas percebiam as pessoas homossexuais como uma manifestação da “decadência da burguesia”, “vício pequeno burguês”.⁶ Representações que acionaram distintas razões para demonstrarem sua aversão às homossexualidades, entretanto, com o passar do tempo houve mudanças na forma como grupos de direita e esquerda se posicionaram frente às homossexualidades.

Não havia uma lei específica que pudesse punir as pessoas por suas práticas e vivências homoeróticas, no Brasil, contudo, o estigma difundido permitia que margens interpretativas do Código Penal fossem acionadas para repreender parte dessas pessoas como: as contravenções penais de vadiagem, atentado ao pudor, nomes falsos, utilização de roupas tidas como do sexo oposto.⁷ Essas manobras não atingiam todas as pessoas, mas voltava-se para os grupos mais marginalizados socialmente, desempregados, pessoas que atuavam num trabalho informal, na prostituição, em atividades noturnas ou determinados espaços da cidade estigmatizados. Pessoas pertencentes às camadas mais altas da sociedade gozavam de um status de relativo privilégio perante essas outras, mesmo integrando o grupo das homossexualidades.

Grupos paramilitares também passaram a perseguir, intimidar e até mesmo executar pessoas homossexuais na época, demonstrando

⁶ QUINALHA, 2017, p. 243. Essa questão pode ser vista também na trajetória de Herbert Eustáquio de Carvalho (1946-1992), conhecido também por Herbert Daniel, militante de esquerda envolvido em organizações que lutaram contra a ditadura civil-militar no Brasil. Abriu mão de sua homossexualidade para ocultar isso de seus camaradas em razão dos preconceitos da esquerda na época, revelando seus desejos afetivos e sexuais por volta de 1975, embora as suspeitas desta sexualidade e aproximações com seu posterior companheiro já tivessem sido cogitadas por algumas pessoas próximas. Cf. GREEN, James N. **Revolucionário e Gay**: a vida extraordinária de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Tradução de Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

⁷ GREEN, 2000, p. 55-58; OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 149-175. p. 155.

que os obstáculos para a manutenção dessas vivências e práticas afetivo-sexuais, sobretudo quando eram percebidas no espaço público, maximizavam as violências e opressões sobre este grupo. Exemplos disso foram as cartas intimidatórias enviadas ao Grupo Somos⁸ pela “Cruzada Homossexualista”⁹, bem como as notícias na imprensa que relatavam o cenário perigoso que as pessoas homossexuais tiveram que enfrentar.¹⁰

Para além desses aparatos lançados sobre as pessoas homossexuais, havia outras modalidades de repressão, enfraquecimento e tentativa de dissuadir a opinião pública evitando que houvesse uma positividade das homossexualidades por parte da sociedade, cuja inspiração podia ter se tornado maior devido as transformações da contracultura do final dos anos 1960, bem como da emergência politizada, publicizada e posteriormente institucionalizada do movimento homossexual. Para frear essas possibilidades e, posteriormente, o processo global dessas transformações e entrelaçamentos que se tornava conhecido e podia ter seus próprios desdobramentos a partir dessas conexões, foi utilizado um recurso conhecido no país e já usado em outros períodos: a censura à imprensa.

A censura é pensada no plural como um mecanismo de controle direcionado a tentativa de coibir determinados temas na imprensa, focalizando nesta pesquisa as questões morais, bem como os sujeitos homossexuais (e demais dissidentes da cisheteronormatividade) nos espaços sociais. Para além da ênfase dada, a utilização deste recurso

⁸ *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual* foi criado em São Paulo em 1978, tendo recebido este nome no ano seguinte. É tido como o primeiro movimento homossexual organizado e oficializado no Brasil.

⁹ GREEN, 2000, p. 288.

¹⁰ A ÚLTIMA denúncia. **Veja**, São Paulo, n. 84, 15 abr. 1970, p. 27-28. Acervo BC/PUCRS. TEMPO de caça: homossexuais recifenses enfrentam o crime. **Veja**, São Paulo, n. 624, 20 ago. 1980, p. 74. Acervo AHR.

impedia a ideia oposta que contradissesse um posicionamento tido por coeso, limitava as vozes e ações contrárias da oposição, omitia e silenciava tais contradições na tentativa de evidenciar que uma dada realidade fosse lida de forma semelhante a que estava sendo proposta por meio desta relação de poder. Tal mecanismo de censura podia ser aplicado por quaisquer pessoas, instituições, órgãos privados, governamentais, sobre a mais ampla diversidade de situações e possibilidades (não só à imprensa). A mesma podia ser explícita ou implícita, embora seu silenciamento fizesse parte dessa estratégia de manipulação/retaliação.

Uma das diferenças das censuras já exercidas em períodos anteriores se dá com a organização de um aparato censor específico no período da ditadura civil-militar que agia concomitantemente. O historiador Carlos Fico destacou para esse período dois tipos de censuras: a política e moral. Ambas agiam de formas distintas com seus métodos e objetivos próprios, mas não desalinhadas como pode ser observado pelo relato a seguir:

prevalecia no caso da imprensa a censura de temas políticos, tanto quanto os temas mais censurados no caso das diversões públicas eram de natureza comportamental ou moral. Isso explica o porquê de a expressão “censura política” estar associada principalmente a censura à imprensa.¹¹

Fico disserta que havia uma articulação de modo que temas que visassem à publicação e afrontassem a moralidade podiam ser alvos também dos censores políticos na imprensa que impediriam tais reportagens. No mesmo trabalho o autor realiza uma análise a respeito da

¹¹ FICO, Carlos. Prezada censura: cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, jul. - dez. 2002. p. 258.

censura moral a partir de cartas enviadas à Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP)¹² que questionava a atuação e permissividade da censura diante de algumas questões apontadas. Nota-se o apreço para que tais questões morais não fossem violadas por parte de alguns sujeitos, como atestam seus posicionamentos nas cartas e, ao mesmo tempo, a leve visibilidade crescente com que tais temas aparecem a partir da segunda metade da década de 1970.

Pode-se dividir a censura à imprensa de duas maneiras: a autocensura e a censura prévia. Para a historiadora Maria Aparecida de Aquino: “autocensura representa uma capitulação, uma vez que o papel censório é transferido do Estado para a direção do órgão de divulgação, que assume a função de comunicar a seus repórteres o que podem ou não escrever”.¹³ Trata-se de uma maneira distorcida de fazer censura sem que a mesma se torne visível, especialmente do local de onde partiu, ou seja, o governo. Isto podia ser feito através de bilhetinhos e/ou telefonemas que davam o alerta. Esta não pode ser confundida com o projeto político e editorial defendido pela equipe de proprietários, redação e editoria dos periódicos, pois as escolhas pautadas não equivalem ao mesmo tipo censura.

Já a censura prévia diz respeito ao processo no qual os impressos eram checados no momento em que estavam sendo produzidos. Este trabalho era feito por um censor enviado à redação ou o material

¹² O Serviço de Censura de Diversões Públicas existia desde a década de 1940, no Brasil, mas no período da ditadura civil-militar mudou o nome para Divisão de Censura de Diversões Públicas, que era uma censura voltada ao controle das questões morais no teatro, cinema, espetáculos, televisão, músicas, etc. Era uma modalidade distinta da censura à imprensa, com carreira estruturada, concursos públicos e uma legislação que embasava essa atividade. Cf. QUINALHA, Renan. Censura moral na ditadura brasileira: entre o direito e a política. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, p. 1-29, 2019.

¹³ AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência: *O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 222.

precisava ser enviado até o órgão da censura em que seria avaliado se podia ou não ser publicado. Estas modalidades variavam dependendo dos periódicos. Alguns não foram censurados, outros parcialmente ou totalmente, sendo que alguns foram proibidos de circular.¹⁴

É preciso ter em mente que a partir do início do governo autoritário de 1964 o aparato censor foi ganhando contornos cada vez mais precisos.¹⁵ Em 1967 o general Humberto de Alencar Castelo Branco baixou uma lei conhecida como Lei da Imprensa:

Por meio dela, “o ministro da Justiça, através do artigo 63, podia determinar a apreensão, independentemente de mandato judicial, de impresso que continha”, segundo o artigo 61, inciso I e II, “propaganda de guerra ou de preconceitos de raça ou de classe, bem como os que promovessem incitamento à subversão da ordem política e social ou ofendesse a moral pública e os bons costumes”.¹⁶

A medida assinala o autoritarismo a que os impressos estavam submetidos, cujo respaldo recaía também sobre os jornalistas¹⁷ responsáveis pelas publicações com punições e inclusive prisão. Com a posterior promulgação do AI-5, em dezembro de 1968, e a mudança do comando do grupo militar para o “linha dura”, a censura foi intensificada ainda mais. A relação dos censores com os diversos tipos de

¹⁴ Para aprofundar estas questões ver MARCONI, 1980; SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Tradução de Waldívia M. Portinho. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

¹⁵ As determinações direcionadas à imprensa foram referendadas pelo Ato Institucional nº 2 de 27/10/1965; Lei nº 5.250 conhecida como Lei da Imprensa, de 09/02/1967; Ato Institucional nº 5 de 13/12/1968; Decreto-lei nº 898 conhecida como Lei de Segurança Nacional, de 29/09/1969; além do decreto-lei nº 1.077 de 26/01/1970, conforme salienta ALMEIDA, 2009, p. 84-88.

¹⁶ ALMEIDA, 2009, p. 85 – grifo da autora.

¹⁷ Com base no decreto-lei 898 de 29/09/1969, conforme afirma MARCONI, 1980, p. 33-34.

periódicos se deu de maneiras distintas que, por sua vez, resultaram em diferentes formas de censura desses impressos.

Maria Fernanda Almeida apresenta uma história curiosa contada por Mino Carta¹⁸ a respeito dos comunicados de que não deveriam publicar: “Eu soube de muita coisa por meio desses comunicados. Soube que havia um ensaio de guerrilha no Araguaia, porque um comunicado dizia: ‘Não falar dos incidentes no Araguaia’. Eu não sabia disso. Então esses bilhetes tinham a sua vantagem”¹⁹, pontuou o diretor de redação da revista *Veja*. Muitos acontecimentos nem eram de conhecimento dos jornalistas, no entanto, os censores davam o alerta da proibição.

O SURGIMENTO DA REVISTA *VEJA*

Em 1968 foi criada uma revista no Brasil que tinha uma segmentação inédita, pois era a primeira semanal de informação. Tratava-se da revista *Veja* que era editada pela Abril, fundada por Victor Civita²⁰ na década de 1950, em São Paulo. Até aquele momento outras publicações já faziam parte desta editora, mas o perfil do periódico emergente inspirava-se em modelos de revistas de sucesso internacionais, mas que

¹⁸ Em entrevista ao apresentador Jô Soares, em 1988, Mino Carta esclarece que era chamado pelo avô que era da região da Sardenha, Itália, de Mitino, como era chamado o diminutivo do nome Demétrio. Mino diz não gostar de seu nome, pois dava a impressão de ser grande, o que não condizia com sua estatura baixa. Seus familiares passaram a chamá-lo de Mitino, como preferia, mas na adolescência, por perceber que as responsabilidades tinham aumentado decidiu retirar o “ti” e ser só Mino. Nesta pesquisa, portanto, se fará menção à forma como ficou conhecido – Mino Carta. Estas informações são decorrentes da entrevista que está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eXvi3WbY8K0>. Acesso em: 14 jun. 2020.

¹⁹ Apud ALMEIDA, 2009, p. 107 – grifo da autora.

²⁰ Victor Civita (1907-1990), de ascendência italiana, nasceu em Nova York nos Estados Unidos e mudou-se para o Brasil em 1949. Fundou em São Paulo uma editora de revistas (Editora Abril), em 1950, da qual *Veja* é integrante. Destacou-se, também, pela criação de outras empresas de diferentes ramos. Posteriormente seu empreendimento inicial cresceu passando a chamar-se Grupo Abril e realizando distintas atividades no setor de comunicações. Ver KRAUSE, Maggi. **A liderança:** De Victor Civita a Victor Civita Neto, conheça aqui a história dos líderes da Fundação Victor Civita desde a sua constituição. Disponível em: <https://fvc.org.br/especiais/a-lideranca/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

até então não havia sido integrado ao mercado de consumo e à realidade brasileira. A ideia de sua criação é atribuída a Roberto Civita²¹, jornalista e filho do empresário.

A revista chegou às bancas no dia 11 de setembro de 1968. Naquela edição foi chamada de *Veja e leia*, mas acabou adotando somente o nome pelo qual é conhecida atualmente, *Veja*, pois permanece em circulação. No editorial “Carta do editor” da primeira edição, Victor Civita dirigiu-se ao público leitor apresentando uma breve história da Editora Abril e da preparação para o lançamento da revista. Em parte de sua fala destacou:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA.²²

A ênfase de Civita revela o elemento que diziam nortear o objetivo da revista, ou seja, informar. Para o autor, avançar no conhecimento significava informar-se dos acontecimentos de uma forma “objetiva”. A revista *Veja* é apresentada como portadora dessa objetividade, acionando um discurso de neutralidade que buscava legitimar socialmente.

²¹ Roberto Civita (1936-2013) nasceu na Itália e era filho de Victor Civita, tido como o idealizador para a criação da revista *Veja*. Para saber mais sobre a história da sua família ver a biografia escrita por MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita – o dono da banca**: a vida e as ideias do editor da *Veja* e da *Abril*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

²² CIVITA, Victor. Carta do editor. **Veja**, São Paulo, n. 1, 11 set. 1968, p. 21. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>. Acesso em: 2017.

Para contratar profissionais para trabalhar na nova revista o grupo da Editora Abril realizou um curso de jornalismo selecionando interessados que passaram por uma triagem e que foram para São Paulo realizá-lo. Parte destes candidatos compôs o grupo integrante da revista *Veja*.²³

Para o cargo de diretor de redação da revista foi contratado Mino Carta, jornalista que já havia trabalhado em outras revistas para o mesmo grupo e era próximo da família Civita. A primeira edição da revista *Veja* trouxe em sua capa uma matéria sobre “O grande duelo no mundo comunista”, juntamente com uma imagem de um martelo e uma foice. Em plena disputa bipolar mundial envolvendo representantes do capitalismo e socialismo, a menção a um tema tabu naquele contexto de Guerra Fria e ditadura civil-militar levantava um tema para discussão que era indesejado, especialmente pelos líderes políticos do governo, uma vez que os comunistas foram abertamente considerados inimigos do regime.

O Brasil inseria-se num cenário amplo que partilhava com seus vizinhos continentais governos autoritários ditatoriais como Argentina (1976-1983), Uruguai (1973-1984), Paraguai (1954-1989), Bolívia (1964-1980), Chile (1973-1989). Fatores que nos ajudam a entender a dimensão da aversão pelos setores dirigentes dos países aos ideais defendidos pelos comunistas valendo-se de inúmeros recursos para intimidar, censurar e impedir sua chegada ao poder e/ou interferência nas questões sociais, políticas, econômicas e culturais, sendo que tais elementos nos auxiliam no entendimento da recepção do tema de capa publicado no semanário.

²³ CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. pp. 207-232. p. 219.

Com 132 laudas e num formato de aproximadamente 27 x 21 cm, *Veja* custou aos compradores 1 cruzeiro e, como nos informa a capa, esta edição foi acompanhada por um “Mapa gigante do Brasil”, possivelmente uma estratégia diferencial para ampliar as vendas. Com páginas coloridas e outras em preto e branco, trazendo também anúncios publicitários, a revista possuía diversas seções citadas no índice de acordo com a ordem apresentada abaixo, embora não fossem dispostas de maneira alfabética no periódico. Eram elas: “Internacional”, “Artes Plásticas”, “Brasil”, “Ciência”, “Cinema”, “Educação”, “Esporte”, “Literatura”, “Medicina”, “Música”, “Negócios”, “Religião”, “Teatro”, “Televisão”, “Vida Moderna”. Ainda, acompanhavam indicações que foram divididas em: “Calendário”, “Cinema”, “Discos”, “Galerias”, “Gente”, “Livros”, “Música” e “Teatro”. É preciso destacar que nem todas as edições eram compostas por estas seções/espacos, havendo a introdução de outras e/ou substituições ao longo do período analisado.

As primeiras vendas da revista não obtiveram o resultado almejado. A insistência em mantê-la apesar dos entraves que se colocaram acabou corroborando com uma visão idealizada da revista, como pode ser observado no comentário de Corrêa: “foi do maior fracasso de vendas que a Abril teve em toda sua história que nasceu a maior revista brasileira, quarta do mundo na sua categoria: *Veja*”.²⁴ Posto isso, há que se considerar o lugar de onde fala o autor, tendo trabalhado nesta e em outras revistas do mesmo grupo. O fato é que em seus primeiros meses havia a necessidade de adaptação do novo formato de revista no cenário nacional. Público e revista precisavam adaptar-se um ao outro. Se esse formato era bem recebido pelo público europeu ou norte-americano,

²⁴ CORRÊA, 2012, p. 218.

aqui devia encontrar o seu espaço, conquistado no decorrer do tempo, haja vista as familiaridades dos leitores e leitoras com os outros periódicos que circulavam no país, especialmente as revistas ilustradas e com fotorreportagens.

Uma saída seria apostar em outros diferenciais:

A fim de tornar a revista mais desejada, um fascículo com a história da ida do homem à Lua foi encartado. Era “A conquista da Lua – de Galileu até hoje” lançado em 1969. Mais dois se seguiram, um, sobre “Anos 60, a década que mudou tudo”, também em 1969, e outro, sobre “História do século XX”, em 1974.²⁵

Percebe-se que, de um lado, *Veja* foi sendo adequada às características do mercado consumidor brasileiro e, de outro, acabava moldando seu público para recebê-la; o que contribuiu para a ampliação de vendas e posterior difusão publicitária do nome da revista. O possível apreço por esse gênero de publicação resultou no surgimento de outras revistas no mesmo segmento como *Isto É* (1976) e outras posteriormente. Marca, talvez, de uma nova fase na história da imprensa brasileira.

Veja surgiu num período histórico marcado pelo autoritarismo que se exprimia de diversas formas. Para entender as mensagens que esse veículo de informação reportou aos leitores e leitoras é preciso compreender alguns elementos característicos do governo, bem como da censura aplicada aos diversos setores dos meios de comunicação. As diversas formas de expressão que contrariavam o regime eram duramente reprimidas. Através de Atos Institucionais, decretos e leis os governantes promulgaram medidas que limitaram a liberdade individual e ampliaram seus poderes. A imprensa não passou despercebida.

²⁵ CORRÊA, 2012, p. 220 – grifo do autor.

O controle sobre as publicações na história do Brasil demonstra a diversidade de ideias e maneiras de pensar na sociedade. Por meio da censura pretendia-se impedir que determinados escritos, temas e notícias se difundissem e abalassem os alicerces de um sistema que estava sob intensa vigilância. No período colonial no Brasil, tal prática foi iniciada mesmo antes de se ter instalado a tipografia. Nos períodos autoritários no país como o Estado Novo e a ditadura civil-militar, a censura imposta aos veículos de informação anunciava quais assuntos não podiam ser reportados, pois do contrário, perturbariam a ordem unilateral imposta, a ideia de um governo estável, e evitaria a “agitação social”.

A revista *Veja* foi criada num contexto em que a censura à imprensa já era vigente. Maria Fernanda Lopes Almeida conta que na edição número 15 cuja capa seria sobre o Ato Institucional número 5 (AI-5) a revista recebeu um censor da Polícia Federal à redação. Entretanto, a edição acabou sendo apreendida em diversos estados gerando transtornos e houve a exposição por parte do público leitor que não a havia encontrado nas bancas.²⁶ Pessoas descontentes com alguma publicação poderiam acionar suas redes de poder e buscar a apreensão dos impressos com base em alguma interpretação legal. Isso não era algo que qualquer pessoa podia fazer ou conseguir, especialmente se não estivesse ocupando posições de comando em órgãos do governo.

A partir daquele momento a censura no periódico seria realizada de diferentes formas, tanto na modalidade de censura prévia quanto pela autocensura, entre idas e vindas que oscilaram ao longo dos anos. Essas interdições acabavam causando prejuízos para as empresas, pois

²⁶ ALMEIDA, 2009, p. 99-105.

precisavam substituir partes do que seria publicado na edição e às vezes não havia algo pronto para essa troca. Na revista *Veja* uma das formas encontradas foi substituir o espaço por uma imagem da árvore, símbolo da editora.²⁷

Os últimos momentos da censura em *Veja* ocorreram no mesmo ano em que houve um conflito que resultou na saída de Mino Carta da revista, em 1976. Tal fato tem sido atribuído como um marco de mudança de que passou a revista após esse momento. Entretanto, faz-se necessário situar esse processo. Segundo Almeida o “primeiro impasse entre Mino Carta e os Civita – Victor e Roberto – foi quanto à autonomia editorial. Para o jornalista genovês, o convite para dirigir a nova revista só poderia ser aceito se ele tivesse autonomia absoluta”.²⁸

Apesar desse fato pode ser questionada a liberdade que Carta tinha perante o processo editorial, haja vista as próprias condições de funcionamento da revista, o que impunha limites ao seu trabalho, havendo decisões que somente seriam tomadas pelos proprietários. Se houve divergências, estas se davam dentro das relações de poder estabelecidas de acordo com o *lugar* ocupado por cada um na produção da revista.

Devido ao seu talento profissional, Carta fora requisitado para trabalhar na emergente revista. A confiança em seu trabalho já havia sido comprovada, pois o mesmo atuou em outras revistas da mesma Editora. O conflito se deu a partir dos projetos divergentes para a revista que, de um lado, era o do diretor de redação, e de outro dos donos de *Veja*. David A. Zanoni destaca:

²⁷ Para aprofundar as questões referentes à censura na *Veja* ver o trabalho de ALMEIDA, 2009.

²⁸ ALMEIDA, 2009, p. 25.

Com grande experiência na imprensa europeia e brasileira, Carta não abria mão de sua independência profissional. Via a família Civita como proprietária da empresa, não como jornalista, apesar de Roberto ter formação na área. Esse elemento entre Mino Carta e a família Civita é de vital importância para entendermos o perfil ideológico da própria revista *Veja*. De um lado, temos um jornalista preocupado com a qualidade do conteúdo da futura revista. De outro, empresários querendo apresar um material que lhes trouxesse lucratividade [...].²⁹

Entretanto, as razões de sua partida são discordantes.³⁰ Conforme Almeida, em 1976 com a saída de Mino Carta a censura durou mais alguns meses na revista *Veja*, sendo que para outros periódicos continuou por mais alguns anos.³¹ Atenta-se de que esta censura era a verticalmente imposta aos periódicos, não se tratava de um projeto político e editorial que poderia se aproximar de determinadas temáticas e se afastar de outras conforme subjetivos interesses mercadológicos. Neste sentido, o tema das homossexualidades é um elemento a considerar, pois poderia ser censurado por diferentes razões devido ao lastro social de discriminação a estas formas de obter prazer; tanto de modo vertical (governo-revista) quanto horizontal (revista-publicação).

OS HOMOSSEXUAIS NA REVISTA *VEJA*

No mesmo ano em que a revista *Veja* foi criada, 1968, o mundo passava por grandes transformações sociais e culturais que atingiram

²⁹ ZANONI, David Anderson. **As representações do Irã através da Revista *Veja* (1979-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015. p. 31-32.

³⁰ Parte destes contrapontos nas memórias é destacado por ALMEIDA, 2009, p. 140-156. Além disso, pode-se conferir o aprofundamento de algumas destas questões em CARTA, Mino. **O castelo de âmbar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000; e MARANHÃO, 2016.

³¹ ALMEIDA, 2009, p. 154.

também outras esferas: econômicas e políticas, por exemplo. Aqui se deve atentar ao contexto internacional de transformações especialmente no aspecto político de reivindicação como a contracultura e os eventos de Maio de 68 em Paris e em outras partes. No final dessa década, houve uma mudança marcante no pensamento que se voltou contra os costumes da sociedade ocidental. Levados ao público por parcela da juventude, especialmente, revelaram o descaso diante um sistema conservador do qual abriam mão em busca de novos horizontes e vivências, sendo uma ruptura que assinalou o desejo de liberdade. Foi o momento que propiciou a alguns sujeitos o protagonismo de suas histórias e investidas contra as expectativas e imposições sociais sobre suas vivências.

No bojo deste cenário emergiram movimentos sociais politizados em defesa dos seus direitos. Um deles foi o movimento homossexual internacional, que passou a tornar este tema mais explícito socialmente e defendido publicamente. Outras modalidades de ativismo anteriores também existiram. Não foi nesse momento que tudo começou, mas foi nesse período que a visibilidade, o engajamento e a politização do grupo mediante sua oficialização sinalizam uma fase específica.

Essas notícias circularam na época para além dos seus países. Pessoas homossexuais no Brasil e/ou adeptas das práticas homoeróticas consumiam cultura, podiam entrar em contato com notícias do exterior ou mesmo do país através da imprensa. O contato com tais informações podia acarretar transformações sociais, tanto no entendimento das pessoas que desfrutavam de tais formas de obter prazer, como na sociedade como um todo. Essas mudanças ocorreram a nível internacional num momento em que a política de repressão sexual imposta no governo civil-militar já estava em vigência. As representações e discursos

estigmatizantes em voga até então seriam atingidos por ideias dissonantes e positadoras das homossexualidades.

O estigma é entendido como o fator que ocasiona uma determinada relação social entre sujeitos tidos por “normais” e aqueles que não correspondem e/ou não se reconheçam nesta categoria. Conforme Erving Goffman, os estigmas podem ser distintos e centram-se na desqualificação e inferiorização pautadas por elementos que coloquem a pessoa na condição de “desacreditada” pelos outros, ou “desacreditável” para si. Ainda segundo o autor, os estigmas podem classificar os sujeitos num determinado momento e/ou reclassificá-los em outro, – o que demonstra sua maleabilidade podendo agrupar-se (diferentes estigmas) num mesmo sujeito, – e em decorrência de tudo isso, ambos podem ter dificuldades de estabelecer uma relação “entre iguais”.³²

Nesse cenário tenso em que ser homossexual e/ou ter práticas homoeróticas acarretava intensa discriminação social, tal tema teria ou não sido mencionado na revista *Veja*? Esta foi a primeira pergunta feita. Havia censuras, repressões, um período histórico autoritário, vários elementos que sugerem a sua não inclusão na pauta de notícias. Algo que podia existir à parte, tido como anormal, doença, na época, pois a normalidade dita pelos “especialistas” estava alinhada à cisheteronormatividade. Entretanto, o contato com a revista mostrou que o tema e esses sujeitos foram mencionados na revista. Diante disso, outras perguntas vêm à mente: como foram representados? Que temas mobilizaram sua inclusão tornando-os notícia? Questões que serão analisadas neste livro.

³² GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

Após uma sondagem exploratória na revista *Veja* para verificar se houve matérias que abordaram o tema das homossexualidades e, diante dessa constatação, realizou-se uma seleção interna no periódico para coletar as publicações que auxiliariam a compreender a problemática proposta em torno das representações. Em meio à diversidade de possibilidades delimitou-se a análise sobre os sujeitos que mantinham práticas homoeróticas que, para facilitar a compreensão, serão nomeados como gays, sabendo que subjetivamente podem ter sido identificados por outra terminologia ou autodeclaravam-se através de distintas expressões. Além disso, compreende-se que o processo de constituição do sujeito gay no Brasil se estendeu por mais algumas décadas, fabricando-se em diálogo como o mercado e a chamada “saída do armário” pós-epidemia de aids. A escolha se deve ao fato de melhor informar o objeto que se analisa a partir deste referente nominal.

A metodologia que orientou esta pesquisa foi a Análise de Conteúdo, conforme exposto na introdução. A partir das possibilidades de análise indicadas³³ desenvolveu-se a pesquisa, orientada por alguns dos passos sinalizados. Diante da impossibilidade de ler todas as edições da revista *Veja* no período compreendido entre o seu surgimento, em 1968, até o ano de 1983, quando começa a ser noticiada na revista a doença que se tornaria uma epidemia – a partir daí chamada de aids, realizou-se uma seleção por amostragem. Como o acesso inicial deu-se no acervo digital da revista *Veja* disponível em seu site utilizou-se uma ferramenta de busca por palavras para localizar as matérias em que houve tais menções. As palavras escolhidas foram: sodomia, gay e homossexual. É preciso destacar que outras palavras poderiam ter sido utilizadas

³³ BARDIN, 2011.

concomitantemente e dar-nos uma visão ainda maior destas ocorrências, no entanto, dadas as proporções desta investigação, optou-se por manter esta seleção. O resultado desta amostragem pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição das fontes com base no total de edições analisadas da revista *Veja* (1968-1983)

Edições	Quantidade de reportagens na edição	Total de edições	Porcentagem (%) aproximada
Com menção	-	276	35,80
	1	222	-
	2	46	-
	3	7	-
	4	1	-
Sem menção	-	495	64,20
Total	-	771	100

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

A tabela apresenta os dados e informações da seleção que conta com um total de 276 edições. É necessário salientar que o tema das homossexualidades em *Veja* não costumou ser reportado em seções ou espaços internos específicos na revista, mas dispersos em decorrência dos próprios temas e situações apresentados. Além disso, em algumas edições o tema apareceu em mais de uma reportagem que contabiliza: 222 edições em que os homossexuais foram citados em uma publicação; 46 edições em duas; 7 edições em três; e 1 edição com quatro matérias.

Desta maneira, no total de edições expostas são analisadas 339 publicações.

O total de fontes sinaliza que a temática vista a partir das palavras-chave utilizadas apareceram em aproximadamente 35,80% de edições no período, percentual expressivo para analisar as representações dos homossexuais divulgadas na revista. As 495 edições que aparecem sem menção são aquelas que a seleção não apontou, ou seja, que não teriam mencionado os homossexuais. Estas juntamente com as 276 edições que compõem o *corpus* da pesquisa totalizam as 771 edições da revista *Veja* publicadas no período do recorte temporal desta investigação, 1968-1983.

A seleção trouxe, também, edições em que as palavras de busca gerais como “homossexual” e “sodomia” estiveram relacionadas a outros segmentos incluídos, à época, no grupo das homossexualidades, ou a prática de sodomia entre heterossexuais. Nestes casos, de número reduzido, essas reportagens foram mantidas por nos permitir comparar o uso das terminologias e percebê-los em seus diferentes usos no período e no contexto. Da mesma forma, estas categorias identitárias mencionadas nas fontes são analisadas junto aos gays, entendidas a partir de suas relações e *performatividade de gênero*.

As indagações que mobilizaram e direcionaram o olhar lançado à análise das representações foram: Onde os gays apareceram noticiados na revista *Veja*? Em um espaço ou seção específicos? De que forma essa escolha está associada a representação divulgada? Em quais anos houve maior concentração de reportagens? Quais vozes usaram a palavra? De que áreas do saber partiram? Os homossexuais tiveram voz ou falaram

deles? Quais as temáticas que mobilizaram a menção aos gays na revista?³⁴ Estas questões serão apresentadas e discutidas ao longo do livro.

O total de edições publicadas na revista *Veja* naquele período (1968-1983) sugere que os homossexuais (gays) foram mencionados e não totalmente silenciados. Deve-se atentar, contudo, que as reportagens estão inseridas num contexto em que a visibilidade dos homossexuais se ampliou pelas transformações sociais e culturais da época, bem como a emergência da militância de movimentos homossexuais. Em outro espectro, mesmo que tenha havido menções em percentuais consideráveis isso não significa que não houvesse estratégias de silenciamento na sociedade ou mesmo nas publicações da revista. Ser citado é apenas um aspecto que revela a presença/ausência; o contexto da associação e os sentidos e significados no qual tal nomeação foi inserida é outro elemento necessário a considerar.

Estas questões nos ajudam no entendimento do aparato censor e dos cortes realizados pelos censores. *A priori* pode-se pensar que tais sujeitos não foram censurados na imprensa, pois foram mencionados, entretanto, a representação divulgada na revista ajuda a compreender estes elementos. Benjamin Cowan pontua que o perigo de divulgar positivamente questões referentes às homossexualidades, para determinados grupos, era de que isso a estimulasse e, sendo algo contrário aos valores dominantes vigentes, associava-se a ideia de “subversão” comunista.³⁵

³⁴ Parte destas perguntas foram utilizadas e reelaboradas a partir da leitura de ROCHA, 2016, especialmente as páginas 124-125; 130; 141, que apontam as perguntas que mobilizaram a construção de sua metodologia, que alia a abordagem quantitativa e qualitativa, adaptadas conforme os objetivos desta investigação.

³⁵ COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 27-52.

Neste período de ditadura civil-militar, o contexto histórico foi aglutinador de elementos que se uniram contra as homossexualidades reforçando a ideia de que era anormal, patológica e perigosa à sociedade. Qualificativos que se aproximaram do discurso dominante judaico-cristão fundamentado na *Bíblia* e que, à luz de interpretações acríticas e desconectadas, permearam as representações aversivas com punições e desprezo a estes sujeitos dissidentes da “normalidade”. As menções positivas das homossexualidades deviam ser atentadas pelos censores o que, de imediato, aponta para o fato de que se falasse de forma depreciativa dos homossexuais essas representações tinham grandes chances de serem publicadas, dado seu caráter “inofensivo” no entendimento destacado por Cowan. As representações positivas tinham mais obstáculos para serem publicadas, porém, embora sob censura, algumas foram reportadas o qual se fará menção ao analisá-las à frente.

Se de um lado houve movimentos que desejavam transformações sociais e defesa da humanização das pessoas homossexuais, de outro, representações negativas foram construídas e reforçadas a fim de ampliar a projeção das homossexualidades como um mal. Atenta-se que a associação de elementos negativos em referência aos sujeitos desviantes dessa moral reforça tais representações. Este estigma agiu (e ainda age) silenciando e reprimindo esta sexualidade/pessoas/prazeres.

Importante reforçar que essas formas de obter prazer homoerótico jamais foram eliminadas da sociedade, mas de uma história (e História) em que por muito tempo sua existência foi omitida, e é resultado de uma política sexual que a tornou um problema. A reflexão de Scott ajuda a entender a defesa de noções binárias e, por conseguinte, a relutância em aceitar sujeitos fora desse padrão que, em parte, evidencia a rejeição das

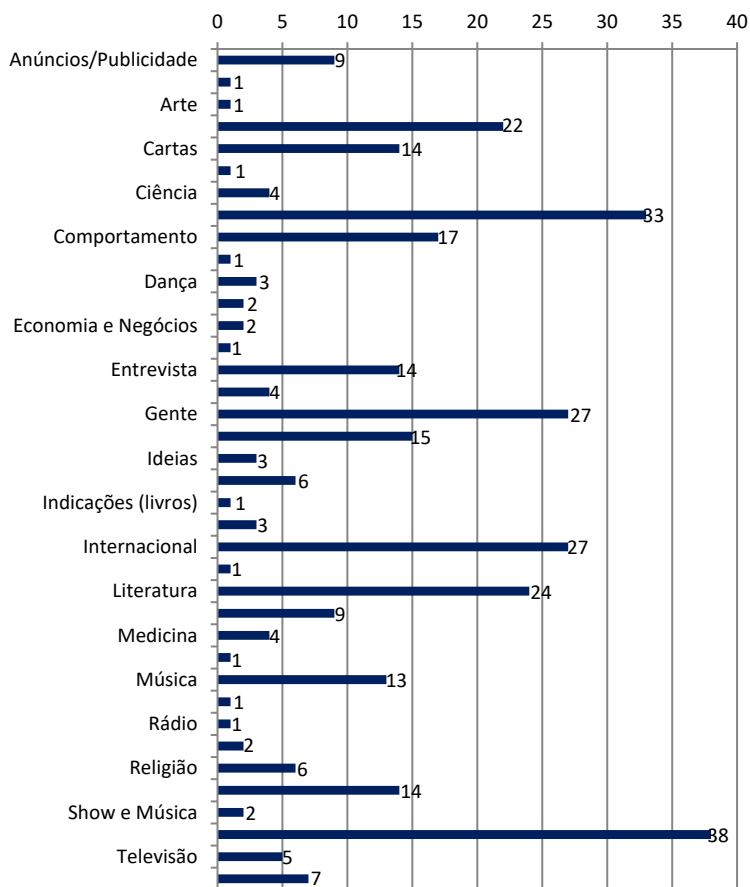
homossexualidades e a dificuldade de positivá-las e analisá-las de maneira crítica:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro.³⁶

Em meio a este cenário, reportagens sobre os homossexuais foram publicadas como temáticas específicas, outras como personagens citados em outros acontecimentos. Cada vinculação a determinada matéria assinalava uma representação específica que poderia ressaltar um padrão geral expresso na revista ou modificações. O gráfico a seguir apresenta a distribuição nos espaços internos da revista *Veja* a partir da seleção realizada:

³⁶ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro; Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 92.

Gráfico 1 - Distribuição das publicações por seções (espaços) na revista *Veja* (1968-1983)



Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

A compilação dos dados demonstra que os gays apareceram em distintos espaços na revista e foram citados a partir dos acontecimentos que os inseriram nas reportagens. Essas notícias podem fazer parte dos critérios de noticiabilidade que pautam a seleção das informações, a construção das notícias, disposição e demais elementos que compõem a

publicação. Isso nos ajuda a entender porque determinadas menções estão atreladas a situações polêmicas, impactantes, dentre outras modalidades que contribuem para o entendimento das representações na revista.

Estudiosos ao longo do tempo dedicaram-se a análise das notícias e apontaram critérios de noticiabilidade: alguns semelhantes, outros inovadores e/ou complementares.³⁷ Gislene Silva cita uma proposta de tabela que auxilia na orientação à compreensão das notícias nos veículos de imprensa oriunda das contribuições de autores anteriores. As categorias (que contam também com subcategorias) apontadas são: “impacto”, “proeminência”, “conflito”, “entretenimento/curiosidade”, “polêmica”, “conhecimento/cultura”, “raridade”, “proximidade”, “surpresa”, “governo”, “tragédia/drama” e “justiça”.³⁸

Além dos critérios de noticiabilidade parte-se da ideia de que nem todos os leitores e leitoras interessavam-se por todos os temas abordados. Provavelmente havia seções específicas que os atraíam, bem como públicos específicos direcionados ao elaborar a seção. Nesse sentido, a associação dos homossexuais em seções diferentes aproximava-se de públicos leitores distintos; logo, a forma de falar sobre esses sujeitos podia variar em razão das características do próprio espaço na revista e equipe responsável pela seção. Certamente não se tratava de um projeto editorial para que o tema fosse fragmentado na revista com a intenção de alcançar diferentes consumidores, mas sim pelo teor do conteúdo e vinculação. O que não exclui a possibilidade de um público mais afeito a

³⁷ Ver tabela publicada por SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. p. 102-103.

³⁸ Em nota é explicitada que a tabela foi aplicada por Érica Franzon em sua monografia (2004) resultante de um curso de especialização *latu sensu* orientado pela autora do artigo. Para conferir a tabela e todas as subcategorias ver SILVA, 2005, p. 104-105.

determinados temas que, por sua vez, entrava em contato com determinadas representações decorrentes dos acontecimentos em si e/ou personagens específicos vinculados à construção da reportagem jornalística.

Possivelmente alguns estavam mais interessados nas questões políticas tratadas na seção “Brasil” ou “Internacional”, ao passo que outros poderiam estar atraídos pelas seções “Comportamento”, “Vida Moderna” ou “Gente” que traziam discussões da atualidade da época, temas modernos, ou quiçá, interessados nas indicações de livros, filmes e peças teatrais divulgadas. Cada espaço podia difundir uma determinada representação alinhada a um posicionamento geral ou diluída nas entrelinhas do dizer, quando não explícito. A seguir são pontuadas algumas características das seções em que o tema apareceu com mais frequência, bem como exemplificadas algumas representações reportadas para apresentar esta diversidade de cenários e situações que envolveram os gays e demais homossexuais.

As principais concentrações de publicações encontram-se nas seções “Teatro” e “Cinema”. Nestas, especialmente, os homossexuais aparecem como sujeitos caricatos que levam ao riso; representações visíveis pelo teor do conteúdo e recursos imagéticos que acompanharam as reportagens. Esta é uma das representações explícitas, e pelo que sugere, não somente no Brasil; a revista mencionou em 1970: “Em Nova York, o ‘hit’ é a comédia de homossexuais em cena [...]”.³⁹ As razões desta visibilidade, neste espaço, parece evidente. Ao buscar um sujeito estigmatizado da sociedade e trazê-lo para o palco, centro das atenções, usando e abusando de trejeitos que confundiam o entendimento de

³⁹ COQUETEL do êxito. **Veja**, São Paulo, n. 98, jul. 1970, p. 69. Acervo BC/PUCRS.

masculinidades e feminilidades, era uma forma engraçada para contentar um público que buscava diversão. Porém, ao mesmo tempo, demarcava um espaço social: era lá que os homossexuais poderiam aparecer; ser representados. Nos demais lugares sociais, com algumas exceções, eram vistos como incômodos. Conviver com a diferença, portanto, era algo segregado. Na maioria das vezes faziam destes sujeitos representados objeto de gozação e deboche, tanto no teatro quanto no cinema quando usavam este recurso para alcançar sucesso comercial.

Jogos de palavras também foram utilizados para desqualificação como na frase de uma personagem da peça de teatro *Liberdade para as Borboletas*, apresentada em São Paulo, em 1972, que diz: “Os homossexuais são gente igual a nós, Ricardinho”. Frase empregada sequencialmente à introdução feita na reportagem que destaca: “os militantes do Gay Power ganham dela uma frase para bordar em seus estandartes [...]”;⁴⁰ tom sugestivamente irônico direcionado aos homossexuais. Esta mesma fala assinala um dizer bastante comum trazido na revista que era falar dos sujeitos do *Gay Power* numa alusão ao movimento norte-americano. O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) surgiu somente no final dessa década.

Outra representação bastante utilizada foi associar a imagem do homossexual a escândalos criminais ou a grupos marginalizados, imagem difundida em distintas seções, assim como a representação caricata. Exemplo disso foi a publicação na seção “Brasil” de 1975 sobre uma onda de protestos informada na revista. O foco da mesma foi o sequestro de duas crianças e a mobilização da polícia para encontrá-las, sem, contudo, obter resultados satisfatórios no relato da notícia. A

⁴⁰ PENIDO, José Márcio. Três na fossa. **Veja**, São Paulo, n. 210, set. 1972, p. 98. Acervo BC/PUCRS.

menção aos gays é feita no interior dessas informações, desconectadas do todo. Eis o comunicado:

O pintor de 22 anos, Domingos [...] desempregado, tentou extorquir 50 000 cruzeiros de seu pai, barbeiro na mal frequentada Galeria Alaska, em Copacabana, simulando sequestro, quando na verdade fugira na companhia de um homossexual.⁴¹

O excerto da publicação destaca o episódio que envolveu o filho do barbeiro que, para fugir na “companhia de um homossexual”, simulou um sequestro para conseguir dinheiro. O fato possibilita pensar na difícil aceitação dos pais para com os filhos gays, ao que a mensagem sugestivamente induz pensar a respeito desse sujeito que participa do ato, pensado ou não por ele. Há, também, uma ênfase pejorativa ao local de trabalho do pai do rapaz. A Galeria Alaska era um local frequentado por homossexuais no Rio de Janeiro. Com espaços de sociabilidade e possibilidades de interação para esse público, esse gueto reunia homossexuais já que publicamente não haviam espaços que os permitissem fazê-lo livre de maiores repressões e perseguições policiais. Apenas com o aumento gradativo dos espaços comerciais direcionados ao público homossexual que esses locais de sociabilidade se ampliaram. Contudo, o estigma recaiu também sobre estes locais como ao mencionar a “mal frequentada” Galeria citada na notícia.

Muitas foram as formas de *dizer* utilizadas na revista *Veja* para referir-se aos homossexuais. Para Bourdieu: “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as

⁴¹ A FÉ perdida. **Veja**, São Paulo, n. 364, 27 ago. 1975, p. 25. Acervo BC/PUCRS.

pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”.⁴² O reconhecimento e valoração atribuído à revista é extensivo da mescla entre a adesão pelas empresas que divulgam seus produtos através da publicidade e contribuem com a promoção e valorização do nome e imagem do periódico, da receptividade que o público leitor confere dando-lhe credibilidade e da proposta política e editorial da revista. Logo, o *status* alcançado e constantemente reforçado através de mecanismos estratégicos, intensificadamente ampliados sobre o grupo social a que se destina, difunde essa representação “objetiva” de seu fazer jornalístico.

Outra seção com grande quantidade de publicações sobre os homossexuais foi “Gente”, com 27 edições. Esta seção trazia informações diversas. As matérias eram em torno de um parágrafo podendo ou não conter imagem. Tratava-se de notícias curtas. Em 1976 foi mencionado Celso Curi, escritor da “Coluna do Meio”, no jornal *Última Hora* de São Paulo que, segundo a reportagem, foi a “primeira e única seção *gay* da imprensa brasileira” até aquele momento. Em comemoração ao seu 26º aniversário, Curi festejou e divertiu-se ao lado de pessoas convidadas. “Na festa em sua homenagem, a boate Medieval, templo máximo do *gay power* paulistano, recebeu 400 alegres convidados que aplaudiram deliciados o show de travestis da casa. Radiante, sentado ao lado do pai, Celso ganhou corbeilles e presentes”.⁴³ Ilustrando o evento uma fotografia foi publicada na revista *Veja*:

⁴² BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 15.

⁴³ GENTE. **Veja**, São Paulo, n. 406, 16 jun. 1976, p. 77 – grifo da revista. Acervo BC/PUCRS. A seção “Gente” não tinha títulos específicos que introduziam as notícias reportadas, por essa razão, ao mencioná-las serão nomeadas nas referências com o título da seção.

Figura 1 – Celso Curi comemorando aniversário



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 406, 16 jun. 1976, p. 77. Acervo BC/PUCRS.

Celso Curi ocupa o centro da imagem ao lado das travestis que realizaram um show na festa. Aparecem de forma natural e descontraída. Talvez pelo próprio posicionamento favorável trazido pelo escritor às homossexualidades na seção que assinava, é apresentado ao lado destas personagens. Uma representação diferente das demais que atuavam em outras atividades ou nas ruas da cidade e eram mais estigmatizadas. Não raro, alguns ainda costumavam vê-las como “homens que se vestiam de mulher”, e não como profissionais ou dotadas de uma identidade de gênero particular.⁴⁴

⁴⁴ Para ampliar a discussão consultar a tese de Elias Ferreira Veras em que analisa a emergência do sujeito travesti na mídia em Fortaleza (CE) a partir de duas temporalidades: o “tempo das perucas” e o “tempo dos hormônios” ou “farmacopornográfico”, que marcam a transição entre um ato de travestir-se e a posterior possibilidade de modificações para transformar ou readequar o corpo que sinalizam novos entendimentos e ressignificações. Cf. VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel: a emergência do**

A sexualidade do escritor não foi mencionada na reportagem, mas um detalhe divulgado pode ser representativo de uma intencionalidade que podia sugerir certo entendimento. Ao iniciar o parágrafo na seção que, como já destacado, estavam desvinculadas entre si, não necessariamente articuladas ao todo, destaca: “Brinquinho dourado na orelha esquerda” e prossegue a descrição da informação. Esse detalhe que parece ter sido propositalmente citado assinalava uma representação a respeito da orientação sexual dos sujeitos. Havia um entendimento partilhado de que se o sujeito usasse brinco na orelha esquerda era homossexual; na direita, era heterossexual. Um modismo que se adaptou ao imaginário social e a segregação sexual vigente.

No ano seguinte, 1977, uma reportagem na seção “Vida Moderna” que costumava trazer discussões da modernidade trouxe uma reflexão a respeito do título sugestivo de “Brinco de homem”. Nela leitores e leitoras eram informados sobre esse processo de incorporação de adornos e objetos que foram sendo apropriados pelos homens – de um universo tido como feminino e culturalmente majoritário em usar –, “com adeptos na Europa já há dois anos” segundo a matéria, chamam a atenção para esta escolha que não parece ser livre. Talvez, instrução para os futuros adeptos terem um direcionamento de onde utilizar ou para não serem mal interpretados, tendo em vista o significado que a ação de portar um brinco em determinada orelha assinalava e significava uma determinada sexualidade.

A reportagem na revista destacou: “Segundo os iniciados é preciso atarrachar o brinco em apenas uma das orelhas – escolha que definirá

sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

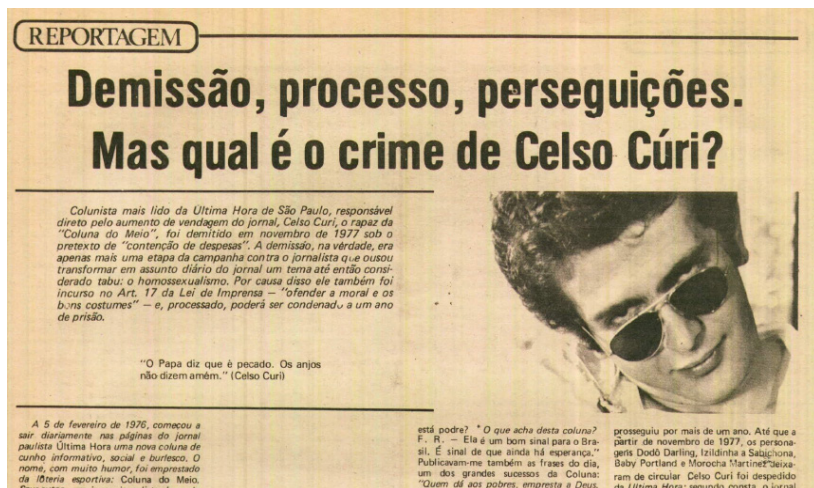
certas preferências do possuidor. No lado direito identificará um heterossexual. No esquerdo um seguidor do Gay-Power”.⁴⁵ Celso Curi, portanto, estava em sintonia com um comportamento moderno utilizando brinco, e sinalizando sua simpatia ao universo homossexual. Em entrevista ao jornalista Adriano Sod, em 2015, dentre muitas questões abordadas, Curi destacou que já teve relacionamento com mulher, mas que se considerava “absolutamente gay”.⁴⁶

Em razão das publicações explicitamente direcionadas aos homossexuais, Celso Curi teve que enfrentar um processo judicial acusado de “ofender” a “moral e os bons costumes” da Lei da Imprensa. O jornal *Lampião* destinado ao público homossexual e representante da imprensa alternativa publicou uma reportagem que refletiu acerca deste episódio envolvendo o jornalista, em 1978.⁴⁷ O fragmento a seguir ilustra a dimensão do acontecimento e da necessidade de divulgação, especialmente aos homossexuais, já que Curi contribuía de modo favorável com a visibilidade destes sujeitos permitindo, desta forma, a interação social e o contato, neste caso narrativo, a representações não discriminatórias. A “Coluna do Meio” publicada no jornal paulista *Última Hora* permaneceu durante pouco mais de um ano, entre 1976 a 1977, infelizmente, um espaço destinado aos homossexuais nesse veículo de imprensa que teve vida curta.

⁴⁵ BRINCO de homem. **Veja**, São Paulo, n. 477, 26 out. 1977, p. 64. Acervo BC/PUCRS.

⁴⁶ SOD, Adriano. **O jogo deu coluna do meio**. Entrevista com Celso Curi. Disponível em: <https://tseles.wordpress.com/2017/09/25/celso-curi-entrevista/>. Acesso em: 3 out. 2021.

⁴⁷ TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi? **Lampião**, Rio de Janeiro: *Lampião*, n. 0, abr. 1978, p. 6. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso: 12 dez. 2017.

Figura 2 – Fragmento de reportagem sobre Celso Curi no jornal *Lampião*

Fonte: *Lampião*, n. 0, abr. 1978, p. 6. Disponível em:

<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>.

Acesso: 12 dez. 2017.

Além das reportagens que mencionaram os homossexuais de forma negativa tendo em vista as arguições e o contexto no qual foram inseridos, sob outro espectro é possível observar também um sutil destaque ao investimento cultural positivo destes sujeitos. Esses elementos podem ser vistos em algumas reportagens ou mesmo nas entrelinhas que permitem analisar o destaque de alguns homossexuais vinculados às artes, como a visibilidade das travestis que aparecem ao lado de Celso Curi na ilustração mostrada anteriormente, mas também em outras; a profissão de cabeleireiro ligada à estética; homossexuais nos teatros e cinema, como satirizou Millôr Fernandes, em 1969: "Depois de quatro anos de teatro ainda não era homossexual. Mas já tinha um certo sotaque".⁴⁸ De forma irônica/reflexiva associou a orientação sexual dos

⁴⁸ FERNANDES, Millôr. Livre pensar é só pensar. *Veja*, São Paulo, n. 39, 4 jun. 1969, p. 8. Acervo BC/PUCRS.

sujeitos a atividade profissional. Para além da comparação, deve-se destacar que gays (e demais homossexuais) também são produtores e consumidores de cultura.

Paralelo a estas associações deve-se pontuar uma diferença entre homossexuais famosos e desconhecidos. A análise das fontes permitiu verificar um destaque por parte de alguns homossexuais e/ou sujeitos relacionados a este universo que apareceram citados e vinculados ao campo artístico como: a travesti Rogéria, Madame Satã, Celso Curi, Ney Matogrosso, Clodovil Hernandez, que parecem estar associados a sua atividade profissional. Fala-se do sujeito com destaque aos bem sucedidos, por isso ganharam ênfase e pode ser observada certa positividade somada ao espaço ocupado na revista, embora não exclua a possibilidade de posicionamentos críticos aos mesmos nestas reportagens ou a outros famosos de forma negativa.

Em contraponto, homossexuais não famosos tiveram menção que oscilou em razão da reportagem podendo ser positiva, negativa, ou ambas na mesma publicação. Gozando de anonimato em relação aos conhecidos, podiam ter parte de sua fala publicada a partir das informações que eram noticiadas. Se o acontecimento os envolvesse podiam ter mais menções, embora a maior possibilidade fosse decorrente de situações negativas dada a repercussão e necessidade de ampliar as relações com o ocorrido, caso de Paulo – ou como preferia que lhe chamassem, “Nariguda” – que teve considerável participação a partir de uma reportagem sobre a prostituição.⁴⁹

Assim como a seção “Gente” referida, a “Internacional” da revista *Veja*, teve, igualmente, 27 edições analisadas. Junto à seção “Brasil”

⁴⁹ A VIDA continua. *Veja*, São Paulo, n. 116, 25 nov. 1970, p. 32. Acervo BC/PUCRS.

discutiam temas de viés político. Eram as que tinham maior número de páginas, logo, lhes era concedido considerável espaço na revista *Veja*. Sendo uma revista semanal, vários assuntos tornavam-se propícios para publicar. John Thompson ressalta que a comunicação mediada é parte integrante da contextualização social e “é sempre implantada em contextos que se estruturam de diversas maneiras e que, por sua vez, produzem impactos na comunicação que ocorre”.⁵⁰

Uma das reportagens internacionais associadas aos gays é emblemática e traz à tona alguns elementos que precisam ser pontuados, além da repercussão do acontecimento. O título desta publicação – que faz parte de outras que compõem a seção – é “Um herói americano”. Tratava-se de Oliver W. S., citado como ex-combatente da Guerra do Vietnã que residia em San Francisco, nos Estados Unidos e, em razão da visita do presidente Gerald Ford à cidade, segundo a reportagem, reuniu-se junto a um grupo de cidadãos aglomerados no local por onde passava, casualmente. Na ocasião, uma mulher que estava ao seu lado tentou assassinar o presidente, mas foi impedida por Oliver que desviou a arma apontada. O ato promoveu a imagem do sujeito divulgada pela mídia, embora, não da forma esperada. De acordo com a reportagem:

todo o país pode se surpreender, assim, com a revelação de que ele é um homossexual. Agora, depois de ter sido amplamente explorado pela comunidade homossexual americana “como um símbolo de coragem”, [...] diz que vai processar a imprensa, pedindo uma indenização de quase 130 milhões de cruzeiros.⁵¹

⁵⁰ THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 19.

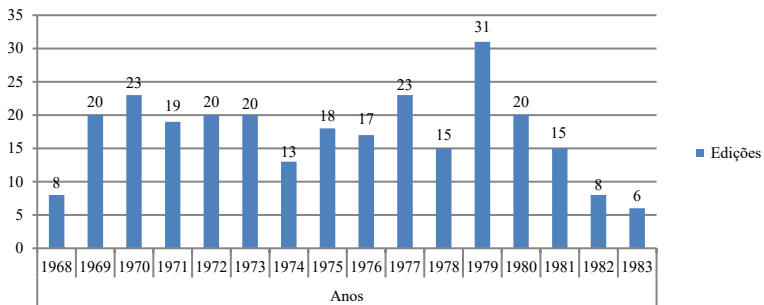
⁵¹ UM HERÓI americano. **Veja**, São Paulo, n. 370, 8 out. 1975, p. 46 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

Nota-se que essa projeção associada à homossexualidade, na época, a partir da reportagem da revista *Veja*, não foi bem aceita pelo “herói”. Talvez prezasse pela discrição e sua ação o tornou alvo de destaque, tendo sua vida privada pesquisada e publicizada, especialmente explorando a questão sexual, ou quiçá, as inúmeras maneiras de falar sobre sua vida nos veículos de imprensa tenham, de fato, divulgado uma representação negativa a sua imagem. Contudo, outra questão foi igualmente condenada pelo sujeito: o presidente Ford teria agradecido somente três dias após o ocorrido, e registrando também a fala do sujeito, a reportagem diz que o mesmo considerou “uma forma de discriminação”.

De maneiras diversas é possível verificar as distintas situações que envolveram homossexuais, seja em temas de ênfase política, comportamental, dentre outros. Seja de forma jocosa ou atrelada a criminalidade; vinculada ao erotismo e liberação sexual ou as religiosidades e saberes médico-legais. Representações foram construídas sobre os acontecimentos e mobilizaram distintas interconexões de temáticas que, em seu conjunto, buscaram autenticar as informações publicadas e divulgar um determinado entendimento.

A revista *Veja* publicou em torno de 52 edições anuais. A este total podia ser acrescentada uma ou duas edições, mas limitando-se a esta proporção. A quantidade de edições utilizadas na pesquisa em seus respectivos anos pode ser observada no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Distribuição das edições com menção à “gay”, “homossexual” e “sodomia” na revista *Veja* (1968-1983)



Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

Os dados acima nos permitem visualizar a distribuição das edições além da concentração e oscilações ao longo do tempo. No ano em que é criada a revista *Veja*, em comparação ao total de edições, foi o período em que houve uma das maiores quantidades de publicações. Das 16 edições de 1968, 8 delas mencionaram os homossexuais. Essa proporção não se manteve nos anos seguintes e somente foi superada no final da década de 1970. Entre os anos 1969 e 1973 manteve-se um número aproximado de edições com uma considerável queda no ano seguinte. Os anos que se sucederam apresentaram um leve acréscimo, embora seja visível uma queda no número de publicações em comparação aos anos anteriores, ou seja, os homossexuais tiveram sua sexualidade e menções diminuídas nas fontes coletadas. Contudo, isso não significou que as representações destes sujeitos tenham sido enfraquecidas ou menos visíveis socialmente, mas nota-se a diminuição de menções na revista. Seria preciso comparar com outros periódicos da mesma época para verificar se foi exclusivo em *Veja* ou uma característica geral. No entanto, essa questão não corresponde aos intentos desta análise.

Em 1977, 23 edições reportaram situações que envolveram os gays demonstrando uma leve ampliação numérica. No ano seguinte, queda de 8 edições. É interessante pontuar que o surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)⁵² ocorre neste ano, 1978, assim como o jornal que viria a ser o mais conhecido periódico alternativo direcionado ao público homossexual – *Lampião*, criado no mês de abril. Na medida em que se aproximava desta criação do grupo militante é provável que indícios e acontecimentos fossem de conhecimento da população, especialmente em São Paulo, local em que isso ocorre. Entretanto, notam-se poucas menções referentes a esses eventos no total das fontes analisadas em detrimento da visibilidade de publicações sobre os homossexuais estrangeiros.

No ano de 1979, 31 edições foram publicadas sobre os homossexuais, sendo a maior quantidade na delimitação temporal desta pesquisa. Estaria associada às transformações em curso: revogação do AI-5, fim do bipartidarismo, volta dos exilados políticos, desenvolvimento do movimento homossexual? Sem dúvida, esses desdobramentos foram marcantes e visíveis num cenário que apresentava ambiguidades. A ditadura evidenciava seu desgaste e a impossibilidade de manter o mesmo discurso “revolucionário” que buscou legitimar. Enfraquecida, mas ainda resistindo as mudanças que apontavam estar próximas, seguiu executando seu aparato controlador e vigilante.

A maior quantidade de publicações neste ano é entendida como uma ampliação da possibilidade de discutir e/ou falar a respeito da sexualidade como um todo e, por conseguinte, dos homossexuais. As

⁵² Para analisar as transformações no decorrer deste processo confira: SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

fontes⁵³ apresentam possibilidades de aquisição de livros sobre esses temas através dos espaços de publicidade; publicação de dicionário sexual de palavrões; preocupações com o corpo e defesa da homossexualidade; menções em seções de abordagem política; em seções de música, em especial, suscitadas pelo que a reportagem chama de mudanças de algumas personalidades como Ney Matogrosso, e outros sujeitos não vinculados ao campo musical; torcida gay de futebol; ampliação de relações conjugais por meio da procura de outros parceiros ou parceiras nas relações heterossexuais a três ou quatro. Nota-se que até mesmo sujeitos heterossexuais não estavam em conformidade com a moralidade do discurso dominante, o que novamente nos faz pensar, de fato, quantos plenamente estavam em sintonia com esse discurso dadas as idiossincrasias plurais.

Nos anos seguintes houve queda na quantidade de edições na revista *Veja* que falaram dos homossexuais. Em 1980, 20 edições; 1981, 15 edições; 1982, 8 edições e, em 1983, 6 edições até o recorte estabelecido, ou seja, a edição número 771 de 15 de junho de 1983. Encaminhando-se ao fim do regime, as publicações diminuíram no total de fontes analisadas.

⁵³ Foram citados alguns elementos abordados em apenas algumas reportagens do ano de 1979 sendo que seus títulos, *a priori*, já assinalam a ampliação das transformações já destacadas como: DOS SANTOS, Joaquim Ferreira. Abaixo do Equador: Mais exatamente no Rio, numa galeria, todos de mãos dadas ao som de Ney Matogrosso. **Veja**, São Paulo, n. 540, 10 jan. 1979, p. 76-77. Acervo BC/PUCRS; SEXO no ar: uma sexóloga falando de tudo pelo rádio. **Veja**, São Paulo, n. 556, 2 maio 1979, p. 50. Acervo BC/PUCRS; É CULTURA, pô! Liberado o dicionário de palavrões. **Veja**, São Paulo, n. 561, 6 jun. 1979, p. 65-66. Acervo BC/PUCRS; ECHEVERRIA, Regina. Anti-rebolado: agora que se pode tudo, Ney não quer mais. **Veja**, São Paulo, n. 582, 31 out. 1979, p. 79. Acervo BC/PUCRS; QUESTÃO de honra: Deputados negam a dom Paulo o que deram a Médiçi. **Veja**, São Paulo, n. 587, 5 dez. 1979, p. 34. Acervo BC/PUCRS; A CAÇA aos prazeres: Dos motéis aos cinemas, das telenovelas às livrarias, o sexo se aproveita do abrandamento da Censura e faz do Brasil um país frenético. **Veja**, São Paulo, n. 587, 5 dez. 1979, p. 136-140. Acervo BC/PUCRS; A ORGIA dos invisíveis: Anônima, mas cada vez mais ativa, a comunidade do swing cria normas e transforma a troca de casais em jogo organizado. **Veja**, São Paulo, n. 588, 12 dez. 1979, p. 108-110, 112. Acervo BC/PUCRS; A DEFESA do eu. **Veja**, São Paulo, n. 590, 26 dez. 1979, p. 73. Acervo BC/PUCRS.

Os dados apresentados são oriundos da seleção realizada nesta investigação e revelaram a distribuição e concentração das edições em seus respectivos períodos. Perceber as oscilações possibilita pensar os porquês de tais escolhas e menções. Contudo, reitera-se um alerta: falar e trazer os gays e demais homossexuais em pauta nas reportagens não significa que se está sendo conivente com as transformações em curso ou que estas foram divulgadas e, ainda, de maneira positiva. Poderiam ocorrer inúmeros fatos referentes a este universo e não serem mencionados na imprensa, ou seja, a cobertura dada pode ter se distanciado totalmente desses acontecimentos, mencionando-os em diferentes contextos e/ou silenciando-os em outros. Neste sentido, devem-se tomar os dados como representativos de uma dada visibilidade, mas se ela foi positiva, negativa ou correspondente a determinadas representações esses índices não podem nos dizer. Somente a análise específica das edições poderá confirmar ou refutar, questões que serão analisadas posteriormente.

Convém sinalizar que a diversidade de menções aos gays publicadas na revista contribuiu para associá-los a diferentes contextos que, por sua vez, agregavam elementos às suas representações. É necessário frisar que as *representações coletivas* eram partilhadas, ou seja, gays, lésbicas, travestis, transexuais e demais sujeitos dissidentes da cisheteronormatividade e incluídos na época à denominação homossexual estavam atrelados. Evidentemente havia variações em decorrência de componentes interseccionais como gênero, classe, geração, origem étnico-racial, escolaridade, dentre outros, capazes de ampliar ou não as formas de discriminação que recaíam a estas pessoas que realizavam práticas afetivo-sexuais homoeróticas. No entanto, alguns sofriam mais do que outros, especialmente os que rejeitaram de forma mais explícita

o sistema de gênero estabelecido, confundindo e afrontando os entendimentos e saberes compartilhados pela maioria das pessoas. A agência dessas pessoas homossexuais deve ser pensada no interior da miríade de possibilidades que envolviam a negociação dos seus desejos afetivos-sexuais e o arsenal de interdições vigente.

2

VOZES SOBRE OS GAYS

Este capítulo discute as vozes que foram publicadas nas reportagens da revista *Veja* que, de maneira direta ou indireta, falaram sobre os gays. Observar este componente ajuda a entender a representatividade da fala, quem emitiu um dizer sobre estes sujeitos e se eles tiveram ou não espaço nas matérias para usarem a palavra. Da mesma forma, será atentado ao editorial “Cartas”, em que leitores e leitoras consumidores desse periódico enviaram à redação cartas opinando em torno de matérias publicadas que tocaram nessa temática das homossexualidades.

A REPRESENTATIVIDADE DO USO DA PALAVRA

As publicações na revista *Veja* permitem verificar distintas vozes emitidas por sujeitos e em nome de órgãos e/ou instituições que usaram a palavra para falar sobre os homossexuais. Essas vozes são de diferentes arguidores que de sua área ou campo do saber emitiram suas considerações, entendimentos, e este *dizer* é explícito no periódico. Na elaboração das publicações estes sujeitos têm voz e apoiam, legitimam ou contradizem ideias e entendimentos sobre os homossexuais. No conjunto reforçam e/ou ajudam a construir as *representações*.

Realizou-se a análise sistemática de todas as 339 publicações presentes nas 276 edições e foram mapeadas as vozes. Deve-se atentar para a seleção do mapeamento: quando há uma fala em nome de outros,

sejam sujeitos ou instituições de forma indireta, considera-se um dizer na revista tomado em nome dos redatores/autores das reportagens; as vozes são aquelas que têm visibilidade explícita, citadas de forma direta e apresentadas como de seus respectivos autores. Mesmo sendo algo que podia ser controlado/definido pela autoria/editoria do que entraria ou não na matéria, pensa-se que seja uma forma mais produtiva de verificar no conjunto a quantidade de presenças e as áreas do saber da qual partiram, bem como a frequência de espaço concedido na totalidade das reportagens.

Parte-se de questionamentos como: “quais são as vozes publicadas? Quais personagens entraram em cena e ganharam espaço nas páginas d[a] [revista]? A quem a imprensa concede o poder de ter sua voz impressa?”¹.

A cobertura das edições e seções dependeu de um trabalho intensivo de análise para verificar as vozes e suas participações. O objetivo, nesta fase da pesquisa, referia-se a possibilidade de articular as vozes, lugares de onde parte este dizer, e quantidade de participações nas representações divulgadas no semanário. As vozes foram reunidas em torno de eixos comuns para facilitar seu agrupamento. A diversidade observada e a quantidade de vezes com que aparecem em sintonia com outras vozes nos permitem realizar interconexões, possíveis a partir desta compilação. Além da visibilidade dos sujeitos e/ou instituições/órgãos que ganharam destaque na revista, sua frequência nos permite mensurar sua atuação na construção das representações juntamente à *Veja*.

¹ Estas indagações foram usadas por ROCHA, 2016, p. 142-143 em um dos anos da pesquisa que realizou. Demonstraram ser profícuas no entendimento das representações, por isso foram usadas na análise dos gays na revista *Veja*, adequadas aos objetivos específicos desta investigação.

A contagem deu-se no total de publicações sendo que em cada uma poderia haver uma ou mais vozes acionadas, logo não irá corresponder ao total de fontes. Mesmo nestas há a participação de distintos sujeitos, por vezes, da mesma área com posturas díspares. Por exemplo, se numa reportagem havia dois ou três padres falando de maneira explícita sobre a temática, contabilizou-se apenas padres: 1 ocorrência naquela seção somada as demais vozes, caso houvesse. A finalidade não foi quantificar estas menções, mas a quantidade por publicação no todo. Se este fosse o objetivo, haveria a necessidade, também, de registrar as participações reportadas, mas pronunciadas através da voz indireta de autores e autoras, bem como de redatores e redadoras, identificados ou não nas reportagens, o que não ocorreu.

Desta forma, verificou-se a presença das seguintes vozes:

Tabela 2 – Vozes explícitas mencionadas nas reportagens na revista *Veja* (1968-1983)

Vozes	Quantidade
Artistas	18
Autores das cartas e sujeitos anônimos	20
Escritores (cinema, teatro, etc.)	6
Homossexuais autodeclarados (gays, lésbicas, travestis, transexuais)	38
Humoristas	17
Jornalistas/editores e autores das reportagens	294
Outros	4
Profissionais da educação	4
Profissionais da saúde	20
Profissionais liberais	16
Sujeitos envolvidos em relacionamentos “não-convencionais” – <i>swingers</i>	2
Religiosos	12
Total	451

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

Os dados acima revelam a diversidade de vozes que usaram a palavra para referir-se aos homossexuais. Diferentes sujeitos, órgãos, receberam espaço para falar a partir do contexto em que foram

inseridos no acontecimento e/ou informação reportada. Agruparam-se os resultados que mais apareceram em grupos: o primeiro trata-se dos “jornalistas/editores e autores das reportagens” e da quantidade de vezes que falaram, seja em referência a alguma outra voz ou na articulação das reportagens; seguida pelos “homossexuais autodeclarados” (ou assim nomeados), incluídos neste grupo as vozes de gays, lésbicas, transexuais, travestis e do líder de uma associação homossexual; o terceiro grupo trata dos “profissionais da saúde” com participação de endocrinologista, ginecologista, médicos, psicólogos, psicoterapeuta, psiquiatras, sexólogos e de um diretor de clínica psiquiátrica; registrando a mesma quantidade de vozes estão os “autores das cartas enviadas e anônimos” mencionados nas reportagens, neste caso foram classificados nos grupos os autores das cartas com profissão em destaque, os demais integram esse grupo; o quarto grupo é composto pelos “artistas”, sujeitos ligados às artes sejam cantores, atores, ou grupos ligados a este campo que se manifestaram sobre os homossexuais; logo abaixo desta há a categoria dos “humoristas”, unindo as vozes de Millôr Fernandes, que era colunista de *Veja* e tinha um espaço específico na revista, além de outros humoristas que expressaram suas considerações sobre a temática em estudo; o sétimo grupo dos “profissionais liberais” registra vozes de banqueiro, juiz, advogado, investigador, empresários, políticos, enfim, sujeitos cujas vozes aparecem citadas apenas uma ou duas vezes com exceção dos políticos, que contam com 5 menções. Outro grupo é composto pelos “religiosos” nas falas de padres, reverendo(s), papa, pastor(es), arcebispo, bispos e Cúria metropolitana. As demais categorias pontuaram valores menores.

Como já apontado, houve situações em que mais de uma voz foi verificada nas seções o que nos dá uma ampla quantidade que supera o total de publicações analisadas. Neste sentido, constatou-se a participação de 451 vozes e nos permite verificar os grupos de maior destaque neste contingente, acima citados.

A partir destes dados chama-se a atenção para os redatores e/ou autores das reportagens que em seus nomes, ou mencionando posicionamentos de outros sujeitos, falaram sobre os homossexuais. Isso demonstra o espaço e quantidade de fala utilizada. Em comparação a voz dos homossexuais autodeclarados (ou nomeados) que obteve aproximadamente 8,42% de menções, nota-se sua escassa participação. Significa que 91,58% das menções partiram de outros sujeitos sobre eles. Ou seja, fala-se dos homossexuais numa dimensão muito acima da oportunidade que lhes foi dada de pronunciar a palavra. Atenta-se também à seleção realizada de quais homossexuais e falas apareceriam nas publicações, questões que também ajudam a compreender as representações.

No entanto, esse percentual baixo de menções explícitas por parte dos homossexuais não pode ser pensado apenas como uma estratégia de jornalistas e/ou editores em limitar sua fala nas publicações. Há que se considerar a dificuldade dos homossexuais em aceitarem sua sexualidade, desejos homoeróticos, formas de obter prazer, tendo em vista sua construção dominante como algo errado, patológico na época, e, por conseguinte, sentir-se confortável para falar abertamente sobre ela e/ou divulgar a mesma identificando-se como tal. Essas questões ao mesmo tempo em que nos ajudam a pensar sobre essa reduzida voz na revista, nos levam a refletir sobre as próprias falas atribuídas aos homossexuais.

A análise das fontes aponta o destaque para as categorias do “humor”, “área da saúde”, “crenças religiosas” e “criminalidade”; observadas pelo teor das publicações que foram centrais nas reportagens e no reforço de representações. Isso nos faz atentar, de maneira especial, às vozes emitidas que teriam sido ampliadas se fossem contabilizadas as menções de sujeitos vinculados a este meio, mas citadas de forma indireta pelos autores/redatores/editores. Menções do grupo dos “artistas”, “autores das cartas e anônimos” e “profissionais liberais” aparecem mais citados, embora sejam dispersas e ganhem tal dimensão pela união de outros profissionais que, separados, não demonstram tanta articulação. Em razão disso, as categorias acima citadas parecem sobressair-se e serão analisadas de maneira mais aprofundada à frente.

Reitera-se que cada reportagem associava os sujeitos a uma dada representação que podia ou não coincidir com as *representações coletivas* da sociedade. Os elementos acionados para descrevê-los e conectados a totalidade da temática apresentada auxiliaram no reforço de representações articuladas às vozes diante do conteúdo publicado. A partir da emissão destas vozes pelos sujeitos ou em nome de alguma instituição/entidade tem-se o panorama do espaço de fala manifesto nas reportagens.

Entretanto, deve-se ponderar a distinção entre as vozes que partiram de opiniões singulares daquelas que se poderia chamar “vozes autorizadas”. Ambas as vozes podem ter trazido reflexões e problematizado em torno dessa questão, embora o reconhecimento e autoridade reconhecida para falar sobre seja algo distinto de uma opinião ou fala de algum sujeito. Diz respeito à área na qual está inserido e o conhecimento, experiência e/ou “autoridade” que tem para

manifestar-se que, por outro lado, receberá ou não o reconhecimento por sua arguição.

Entende-se que os sujeitos que desfrutavam de maior legitimidade nesses grupos citados para falar sobre o tema integravam a área da saúde, campo que possui respaldo científico que lhe confere credibilidade ao posicionar-se, embora mantivesse códigos que posteriormente foram revistos mediante a militância homossexual e o apoio de parcela da sociedade, como a atribuição patológica sobre as homossexualidades; além dos próprios homossexuais que falaram de suas vivências. A credibilidade conferida às distintas vozes deve ser ponderada de acordo com estes e outros elementos que incidem no dizer expresso na revista. Mesmo ambos tendo partido de um determinado *lugar e sujeito*, a possibilidade de se tratar de uma “voz autorizada” – reconhecida e legítima – são questões distintas, resguardada a pretensão objetiva vinculada a esta produção informativa.

Atenta-se que estas vozes foram inseridas de forma a organizar um *dizer* na reportagem que sinalizava para uma representação dos gays. Por isso, havia vozes favoráveis e contra as homossexualidades organizadas no interior do discurso manifesto que assinalavam um determinado entendimento prospectado pela leitura destas narrativas jornalísticas. No entanto, as decodificações são múltiplas e não se limitam a um tipo de leitura somente. Da mesma forma, a representação analisada não se pauta apenas pelas vozes, pois seus posicionamentos poderiam ser distintos e a representação final conduzir ou induzir a uma determinada compreensão. Mesmo assim, são elementos que nos permitem analisar os pilares que sustentaram e compuseram a elaboração das representações.

“SR. DIRETOR”: A VOZ DE LEITORES SOBRE AS REPORTAGENS PUBLICADAS

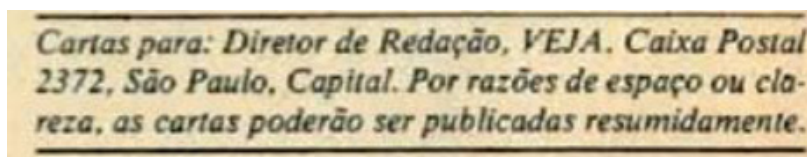
A voz de alguns leitores e leitoras foi expressa na revista a partir das cartas enviadas ao editor e nos possibilitam um entendimento das tessituras deste processo.² Se favoráveis ou contra, esta seção apresentou o posicionamento de parte dos leitores que enviaram cartas que foram selecionadas pela editoria e publicadas, revelando e divulgado seus posicionamentos. Eis o que passará a ser analisado.

Esta parte da investigação conta com 14 seções “Cartas” as quais mencionaram homossexuais. A seção localizava-se nas páginas iniciais da revista *Veja*; nas edições utilizadas foi encontrada entre a sexta e a décima primeira página. A disposição era seguida de um título geral ou da reportagem abordada na edição anterior e expostas as considerações, de modo geral, num parágrafo. Algumas eram mais breves, outras, um pouco mais extensas. A maioria destas fontes contou com uma participação, mas podia haver mais que uma menção na mesma seção, ou seja, mais que um leitor ou leitora falando da mesma reportagem. Alguns nomes aparecem na íntegra, mas há situações em que aparece só o prenome. Era seguido da cidade e da abreviação do estado.

Para onde enviar as cartas? Eram publicadas na íntegra? Estas perguntas foram respondidas em algumas edições como na nota ao fim da seção “Cartas” no ano de 1979. O fragmento a seguir esclarece estas indagações:

² Esta escolha deve-se as próprias características da seção e da relação estabelecida entre as reportagens e o público leitor expressando um *feedback*, resguardadas as peculiaridades inerentes ao processo de publicação, permite uma análise conjunta das representações das homossexualidades e sua dimensão de circulação através da revista *Veja*. Um trabalho que auxiliou-nos a atentar a estas questões foi: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a Aids no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

Figura 3 – Nota na seção “Cartas”

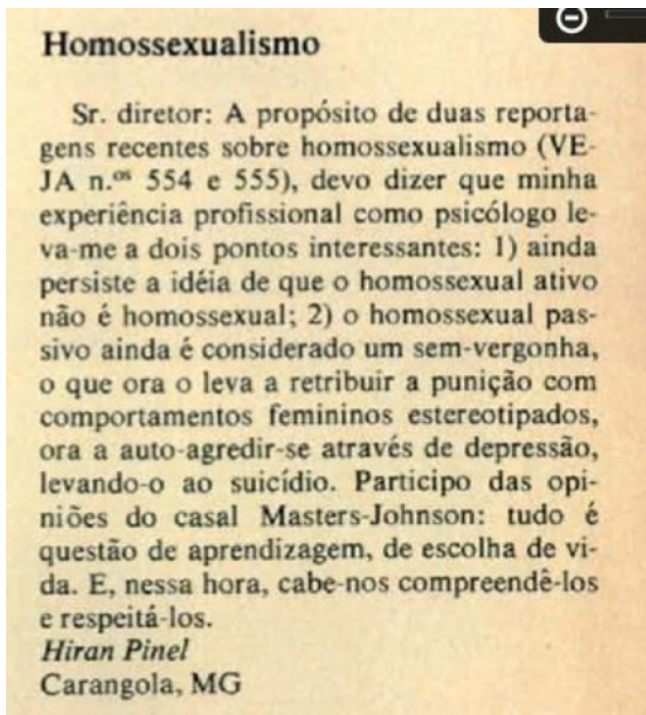


Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 557, 9 maio 1979, p. 10. Acervo digital da *Veja*.

A partir do exposto constata-se que as cartas do público leitor não necessariamente eram publicadas na íntegra, mas efetivavam-se recortes ou resumos, de modo que se adequasse ao espaço disponível. Este fato questiona a originalidade das menções e até que ponto a carta publicada coincide com aquilo que os leitores e leitoras encaminharam. Contudo, nos interessa saber: o que foi reportado? Que argumentos foram utilizados? Pensa-se que o cerne da argumentação tenha sido mantido, já que em algumas situações, após a carta, podia haver alguma observação respondendo a argumentação caso o grupo se sentisse prejudicado. Ou seja, havia desaprovações por parte do público consumidor quanto às reportagens e representações divulgadas. O que não exclui, por outro lado, a possibilidade dos editores/redatores de terem publicado uma carta de oposição consentida, mais branda, já que as críticas ferrenhas podiam ser omitidas ou resumidas, dando a entender estarem sendo imparciais. Hipóteses que se deve ter em mente ao interpretar as epístolas.

Uma carta do ano de 1979 tratou do tema “Homossexualismo [sic]” e fez referência a duas edições anteriores que discutiram o assunto na seção “Ciência”. O aprofundamento da reportagem será realizado na discussão temática nos capítulos seguintes. Para o momento, interessa o dizer reportado. Hiran Pinel, de Carangola, Minas Gerais, apresentou seus argumentos:

Figura 4 – Carta sobre o tema “Homossexualismo [sic]”



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 557, 9 maio 1979, p. 10. Acervo digital da *Veja*.

O leitor/autor torna visível sua profissão e a área do saber da qual emite sua argumentação: a psicologia. Sua atuação o leva a apresentar dois pontos a respeito de publicações anteriores. O primeiro elemento refere-se à ideia de que a homossexualidade está associada à passividade. Ou seja, neste entendimento, o sujeito masculino “ativo” não seria gay. Ainda, é possível perceber que esta representação de “ativo” está vinculada também ao órgão genital – pênis. Se o sujeito tem o órgão, mas é penetrado nas relações sexuais, no imaginário dominante construído e difundido culturalmente, está rejeitando a sua posição “natural”, para estar no grupo oposto, dentro da clássica dicotomia binária pautada no sexo biológico do nascimento:

pênis/vagina – homem/mulher. O “ativo”, por sua vez, não estaria distante de seu papel “natural” por penetrar, por isso, sofreria menos discriminação. É possível pensar, ainda, que estas representações tenham sua gênese no comportamento masculino em associação aos papéis de “ativo” e no feminino ao “passivo”. Analogia que limita as relações sexuais e libidinosas e não corresponde a diversidade de possibilidades de vivências sexuais.

Este discurso dominante que estigmatiza o passivo sexual é analisado por Michel Misse a partir de uma pesquisa em que entrevistou sujeitos fazendo-lhes perguntas subjetivas de modo que reportassem seus entendimentos acerca destas questões. A partir das considerações resultantes, destaca:

o homossexual masculino chamado de “ativo” não é tão estigmatizado quanto o chamado “passivo”. A identificação de “viado” é de “quem dá pra outro homem”. O que “come” não é necessariamente identificado como “viado”, não é homossexual, não entra diretamente na classificação, não “traí” tanto assim seu papel sexual original, sua “condição natural” determinada. Pode até, em certas situações, ser motivo de relativo “prestígio” contar que “comeu um viado”, o que pode significar, neste contexto, que o rebaixou, que o estigmatizou, que o “fodeu”.³

Notam-se as relações de poder e de gênero dentro do próprio discurso dominante. *Representações coletivas* partilhadas que faziam (e fazem) parte do entendimento das pessoas e associavam determinados elementos significados conferindo-lhes sentido. Como saber o que cada um fazia na relação sexual? Ora, em detrimento da relação heterossexual, construíram-se as respostas, mesmo que falaciosas e

³ MISSE, op. cit. p. 76-77 – grifo do autor.

imprevisíveis. O segundo argumento pronunciado pelo autor da carta foi de que “o homossexual passivo ainda é considerado um sem-vergonha, o que ora o leva a retribuir a punição com comportamentos femininos estereotipados, ora a auto-agredir-se através de depressão levando-o ao suicídio”.⁴ Ideia de um comportamento feminino imitado pelo gay, não involuntário, mas uma resposta ao preconceito, à discriminação, logo, seria forçado, o que não corresponde à totalidade de situações. Butler lembra que o gênero feminino também é uma imitação.⁵ Masculinidades e feminilidades foram historicamente construídas. A compreensão de que dado comportamento é masculino ou feminino também é uma invenção. Pautado neste saber tratado geralmente como ahistórico e acrítico, o estigma social fez do homossexual um sujeito preso a correntes que o sistema heteronormativo forjou e da qual muitos sucumbem sem conseguir libertar-se. Uma terrível violência de gênero.

Reiterando a representação dominante de “ativo” e “passivo” é preciso salientar que estes entendimentos podem ampliar de dimensões e possibilidades de percepção a partir do olhar do sujeito. Os *papéis sexuais* destacados por Peter Fry e Edward MacRae exemplificam possibilidades que não se limitam a este discurso dominante, dadas às inúmeras vivências sexuais e formas de obter prazer. As relações sexuais citadas apresentam formas de associação que não são inteligíveis dentro desse discurso. “Assim, um homem pode se relacionar sexualmente com uma bicha, enquanto o primeiro é ‘ativo’ e

⁴ PINEL, Hiran. Carta. **Veja**, São Paulo, n. 557, 9 maio 1979, p. 10. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>. Por opção se está nomeando o título das cartas enviadas nas referências com o nome da seção em que se encontram, já que os agrupamentos e intitulação eram dados pelos editores.

⁵ BUTLER, 2017.

o segundo ‘passivo’. Nesse sentido, o que causa escândalo é quando bicha se relaciona com bicha”.⁶ O que causava estranheza era quando um sujeito com características nominadas femininas e identificado como “bicha” relacionava-se com outro sujeito assim categorizado. Se fosse “homem” com “bicha” estaria dentro deste discurso dominante, mas não estando, questionava e colocava abaixo esse saber. Muitos devem ter se indagado: como isso era possível? A resposta estaria na rejeição do saber binário em que um elemento como a “masculinidade” necessita do outro, ou seja, a “feminilidade” para fazer sentido numa relação sexual ou conjugal, embora devam ser pensados também de forma plural. Deve-se abandonar o pretenso visionismo que tenta “descobrir” ou atribuir papéis fixos aos sujeitos.

Outro exemplo que os autores trazem e que parece ilustrativo é referente aos michês, palavra que significava o sujeito profissional do sexo: o prostituto. “Assim, por exemplo, o michê garante a sua ‘masculinidade’, alegando que faz o que faz não por *prazer* (qualquer prazer na ‘passividade’ o colocaria na categoria de bicha), mas sim por necessidade econômica”.⁷ O motivo financeiro acionado como razão para o ato homossexual com os michês não poderia estar configurado nesta mesma aceção, já que se distanciava da finalidade do prazer. Uma válvula de escape que explicaria a não homossexualidade do sujeito, mesmo realizando o ato, pois o michê era representado pela masculinidade, logo a comparação seria sobre sua posição “passiva” numa relação homossexual. Uma afronta a “regra”.

⁶ FRY; MACRAE, 1985, p. 45 – grifo do autor.

⁷ FRY; MACRAE, 1985, p. 46 – grifo do autor.

Não era difundida a compreensão de identidades/gênero/vivências múltiplas no período em estudo, mesma temporalidade a que se referem os autores supracitados. Ou seja, corpos distintos, identidades, comportamentos, sexualidades e expressões *performativas de gênero* eram questões que não estavam imbricadas integrando o saber daquela época, embora no decorrer do tempo parte das inter-relações entre alguns desses elementos foram se tornando mais evidentes. É importante lembrar que parte das terminologias e estudos foram criados/consolidados posteriormente. Havia diferenças no interior das homossexualidades na época, mas os homossexuais eram o *outro*, o diferente no seio da cisheteronormatividade consolidada, os rejeitados pela política sexual dominante, e as analogias partiam geralmente das bases binárias do saber e da possibilidade de nomeação, também, em sentido uníssono.

Na totalidade verifica-se que a carta de Hiran Pinel assinala um posicionamento favorável aos homossexuais, cuja área de atuação profissional – a psicologia – possivelmente lhe aproximava de um determinado campo de produção do conhecimento e de aproximação com situações específicas em seu trabalho. O autor apresentou elementos do período que evidenciaram parte da ambiguidade em torno das compreensões acerca das homossexualidades, permitindo conhecê-las e problematizá-las, e disse concordar com o ginecologista William Howell Masters (1915-2001) e a psicóloga Virginia Eshelman Johnson (1925-2013). Na época estes profissionais desfrutavam de prestígio por suas contribuições e pesquisas sobre a sexualidade adentrando num universo inédito, ou pouco explorado, acerca da sexualidade, funções fisiológicas e disfunções que limitavam o espaço conjugal. Suas pesquisas permitiram analisar essas questões e propor atividades

terapêuticas para o melhoramento das relações, bem como abriram portas para estudos e empreendimentos posteriores a partir da visibilidade destas questões (e preocupações) e sua importância para os sujeitos sociais.

Destacou Hiran: “Participo das opiniões do casal Masters-Johnson: tudo é questão de aprendizagem, de escolha de vida. E, nessa hora, cabe-nos compreendê-los e respeitá-los”.⁸ Uma reportagem anterior à carta publicada destacou os pesquisadores na qual analisaram a homossexualidade e o seu posicionamento de que não se tratava de doença, mas de uma questão de aprendizagem. Sem dúvida, era um respaldo que se somava ao de outros profissionais que já se manifestavam no mesmo sentido, porém, o reconhecimento de Masters e Johnson corrobora com essa visão menos discriminatória.

Usa-se esta expressão “menos discriminatória” porque suas contribuições embora assinalassem uma positivação para as vivências homossexuais, não se pode deixar de problematizar a ideia de “aprendizagem” suscitada. Se as homossexualidades tratar-se-iam do resultado dessa questão, nesta lógica, seria possível, também, desaprender. E ainda, poderia reforçar a ideia dos que não desejavam ver os homossexuais na vida social ou imprensa, pois outros poderiam “aprender”. Contraria o entendimento desta sexualidade e formas de obter prazer como uma orientação sexual e apresenta a dimensão cultural como pedagogia definidora. Todavia, isso não diminui o papel e/ou reconhecimento desses pesquisadores cujas contribuições foram de grande importância para a época e *a posteriori*.

⁸ PINEL, Hiran. Carta. **Veja**, São Paulo, n. 557, 9 maio 1979, p. 10. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>.

UM PÚBLICO QUE DEFENDE: CARTAS A FAVOR DA HOMOSSEXUALIDADE

Lindolpho Pereira, de João Pessoa, no estado da Paraíba, em 1971 publicou uma carta cujos argumentos precisam ser pontuados. Sob o título de “Homossexualismo [sic]”, o conteúdo da mensagem pode ser observado a seguir:

Figura 5 – “Homossexualismo [sic]” – carta do leitor

Homossexualismo

Sr. diretor: Sou constante leitor de VEJA e tenho lido nessa revista vários artigos sobre homossexualismo, inclusive a corajosa entrevista com o ator Walmor Chagas. Aliás, a imprensa nacional, ultimamente, tem dado ênfase crescente ao tema. O curioso em todos êsses artigos é que se tem dado prioridade absoluta ao homossexualismo masculino, ficando de parte, como inexistente, o outro lado, o feminino, não menos comum e não menos encontradiço, atualmente. Fala-se em minoria trágica, “gay power”, “student homophili league”, mas sempre ressaltando o homossexualismo masculino como se a coisa fôsse patrimônio dos homens. O próprio livro de MARTIN HOFFMAN, citado em VEJA, trata, também, do problema como peculiar do sexo forte. Onde ficam, porém, as discípulas de Sapho, a grã-sacerdotisa de Lesbos? Elas, também, merecem prelibar as benesses da publicidade.

Lindolpho Pereira
João Pessoa, PB

Não se trata de publicidade e sim de informação.

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 129, fev. 1971, p. 6. Acervo BC/PUCRS

A menção positiva à homossexualidade, manifestada pelo autor, assíduo leitor de *Veja*, criticou a ampliação da visibilidade dos gays em detrimento das lésbicas. As mesmas também deveriam obter esta divulgação, assim como os homossexuais masculinos, já que, segundo Pereira, não era algo inexistente. Demonstrando conhecimento sobre o tema cita Safo, a poetisa de Lesbos, da qual origina-se o nome lésbicas. Diz-se que a homossexualidade feminina era praticada nesta cidade, no que corrobora a esta ideia os poemas líricos escritos em referência às mulheres e de sua valorização.⁹ O posicionamento do autor adverte para que houvesse visibilidade lésbica também na revista *Veja*, – e trata-se de uma reivindicação de um leitor que disse ser assíduo – no sentido de ganharem visibilidade e publicidade. No entanto, a editoria respondeu a esta carta dizendo: “Não se trata de publicidade e sim de informação”.¹⁰

Este universo nos possibilita analisar a dimensão que é dada as pessoas homossexuais e o silenciamento a respeito das lésbicas em detrimento dos gays.¹¹ Sem dúvida, estes são os mais visados nas representações, pois como já destacado, rejeitariam sua condição “natural” de “dominador” e assumem o papel de “dominado”; contudo, há múltiplas relações e perfis de sujeitos dentro desta própria denominação de gay o que contraria estereótipos generalistas. Frente a isso, os gays tiveram seu nome divulgado, mas lembra-se que figurar

⁹ Sobre isso ver TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tribades Galantes, Fanchonos Militantes**: homossexuais que fizeram história. São Paulo: Summus, 2000. Especialmente as páginas 37-47.

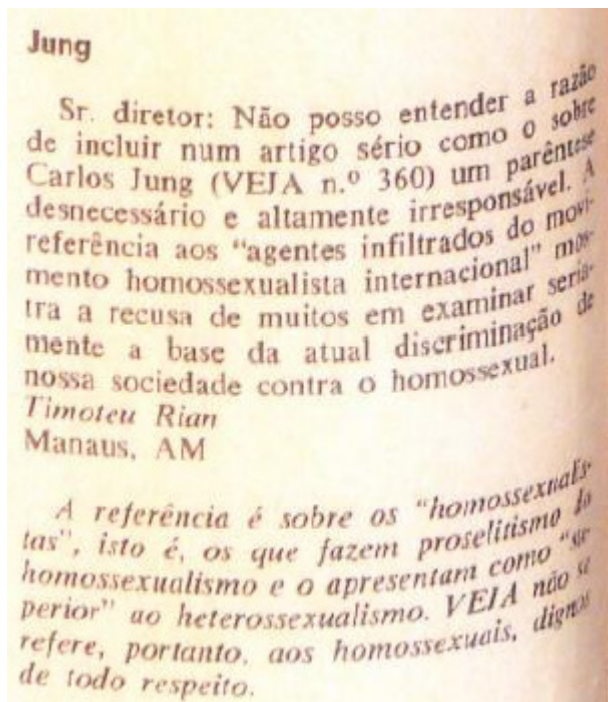
¹⁰ PEREIRA, Lindolpho. Carta. **Veja**, São Paulo, n. 129, fev. 1971, p. 6. Acervo BC/PUCRS.

¹¹ Para uma análise a respeito das lésbicas na ditadura ver FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 125-148.

nas publicações não significa que a representação fosse positiva. Não há muito que orgulhar-se quando não o é, mas mesmo assim, eram identificados socialmente de forma mais acentuada que as lésbicas, questão que já era observada na época como atesta o comentário de Pereira.

Em 1975 uma carta fez com que a editoria se manifestasse quase na mesma proporção que a mensagem divulgada em nome de Timoteu Rian, de Manaus, estado do Amazonas. O fragmento é destacado na sequência:

Figura 6 – Polêmica sobre a homossexualidade



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 362, 13 ago. 1975, p. 10. Acervo BC/PUCRS.

A polêmica revela a ambiguidade de representações que envolviam os homossexuais. A queixa do leitor de *Veja* assinala a interpretação da frase citada na edição anterior como algo ruim à imagem dos homossexuais por referir-se aos mesmos como integrantes “do movimento homossexualista internacional”, dando-lhe um sentido negativo, subversivo. Este entendimento não vê o grupo como militante para reivindicar direitos e espaços na sociedade contra a discriminação, sendo que o autor explicita esta compreensão. O argumento defendido pela editoria apontou tratar-se de uma questão terminológica referindo-se aos que apresentavam a homossexualidade de forma exaltada, e não aos homossexuais que diz serem “dignos de todo respeito”. Nota-se que o posicionamento expresso aos homossexuais não foi discriminatório salientando sua dignidade. Em contraponto, podem-se questionar os limites tênues entre homossexuais e “homossexualistas” cujas considerações pejorativas podiam oscilar na sociedade e/ou nos posicionamentos direcionando a um destes grupos.

Havia homossexuais que defendiam com mais afinco sua sexualidade vistas por alguns como um proselitismo, inferiorizando a heterossexualidade – argumento que parece ser justamente o oposto. Talvez o fato de alguns sujeitos exaltarem a homossexualidade fizesse parte de um contra-discurso dominante, demonstrando descontentamento e o que o discurso heterossexual faz ao apresentar-se unicamente como “natural”, “melhor”. Os homossexuais e demais sujeitos dissidentes da sexualidade normativa são vistos, geralmente, como o *outro*. O diferente. Assim, existiam os sujeitos homossexuais e dentro deste grupo (nunca coeso) aqueles que se empoderaram de sua orientação sexual defendendo-na. Estes poderiam ser vistos de maneira

contraditória como sujeitos que exaltavam os prazeres homoeróticos, quando o estavam apenas defendendo.

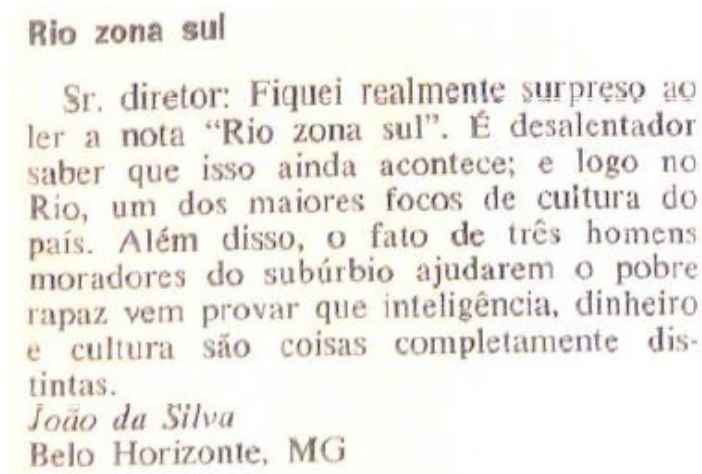
Ainda neste mesmo ano, 1975, outras cartas enviadas posicionaram-se diante da homossexualidade ou fatos que a ela reportavam-se. O acontecimento que ocasionou a publicação foi o apedrejamento de um jovem na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. “Esguio, louro, vestindo uma tanga preta sumária e imensos óculos escuros”, o rapaz passeava só quando foi abordado. Identificado como homossexual, seu passeio foi interrompido “sob um coro de gritos, ofensas e uma chuva de latas de cerveja e copos de plástico cheios de areia”. A razão de tal ataque não ficou explícita, mas a reportagem discorre construindo um dado entendimento: “por que teriam decidido linchar um homossexual silencioso e só pela areia?” e prossegue apontando uma resposta: “O fato é que isso ocorreu às 2 horas da tarde, com a praia apinhada, em plena zona sul do Rio de Janeiro”. A frase seguida ao questionamento assinala a construção de uma resposta ao ocorrido, apontando como razão o fato do horário em que estava passeando ser um momento de praia movimentada, cheia.

Ou seja, o sujeito foi ridicularizado, exposto, discriminado por ser identificado como homossexual e passear livremente – e sozinho – na praia. Este fato assinala a discriminação e é representativo de uma das situações, dentre outras tantas, em que esses sujeitos eram estigmatizados. Tudo pelo simples fato de ser gay. Contudo, o mesmo foi ajudado. “E só três pessoas intercederam para salvar Ronnie V[...] do castigo. Três negros, vindos do subúrbio de Bangu”.¹²

¹² RIO zona sul. **Veja**, São Paulo, n. 380, 17 dez. 1975, p. 20. Acervo BC/PUCRS.

Diante deste fato, o público leitor de *Veja* mandou cartas à revista das quais duas foram publicadas, ambas de sujeitos do estado de Minas Gerais, demonstrando a repercussão das informações:

Figura 7 – Carta sobre a reportagem “Rio zona sul” (1)



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 382, 31 dez. 1975, p. 9. Acervo BC/PUCRS.

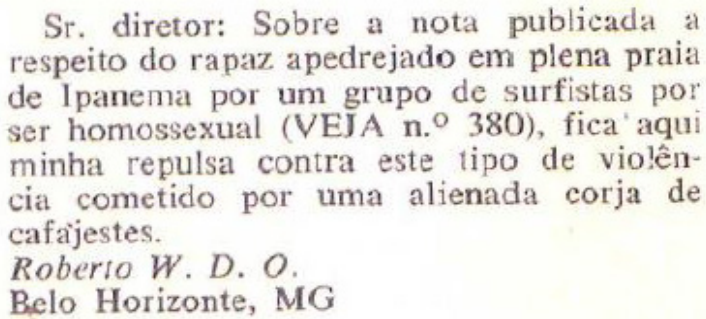
João da Silva, de Belo Horizonte, além de consternado com o ocorrido, lamenta o fato de ter acontecido no Rio de Janeiro, cidade que representava “um dos maiores focos de cultura do país”, de acordo com o mineiro. Cidade em que ao mesmo tempo em que foram divulgadas transformações sociais, culturais, sendo um centro de cultura, práticas deste tipo ainda eram vistas assinalando a disparidade de entendimentos e níveis culturais dos habitantes. Com razão destacou: “o fato de três homens moradores do subúrbio ajudarem o pobre rapaz vem a provar que inteligência, dinheiro e cultura são coisas completamente distintas”.¹³ É possível que os que ajudaram a vítima

¹³ SILVA, João da. Carta. *Veja*, São Paulo, n. 382, 31 dez. 1975, p. 9. Acervo BC/PUCRS.

colocaram-se no lugar daquele sujeito que sofreu discriminação e estigma, do qual, talvez, também estivessem vitimados por meio de discriminações semelhantes ou distintas, razão para compadecerem-se diante daquela opressão.

Outra carta referiu-se ao mesmo episódio:

Figura 8 – Carta sobre a reportagem “Rio zona sul” (2)



Sr. diretor: Sobre a nota publicada a respeito do rapaz apedrejado em plena praia de Ipanema por um grupo de surfistas por ser homossexual (VEJA n.º 380), fica aqui minha repulsa contra este tipo de violência cometido por uma alienada corja de cafajestes.
Roberto W. D. O.
Belo Horizonte, MG

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 382, 31 dez. 1975, p. 9. Acervo BC/PUCRS.

A mensagem acima reportada por Roberto W. D. O.¹⁴, também de Belo Horizonte, reitera a rejeição ao comportamento manifestado ao rapaz homossexual em razão da agressão, conforme informou a carta, atitude que parte do público consumidor da revista não concordou e posicionou-se. Ao mesmo tempo, havia grande número de pessoas que estavam na praia, assistiram aquilo e não fizeram nada, o que assinala a naturalidade da discriminação, falta de empatia e posição conivente aos agressores. Acontecimento que virou notícia e retratava uma situação discriminatória que era tendencialmente recorrente para

¹⁴ O nome completo do autor não foi citado o que demonstra que alguns leitores não queriam ser identificados através da carta, mas mesmo assim quiseram posicionar-se diante dos acontecimentos e reportagens.

peessoas homossexuais, embora nem sempre havia sujeitos dispostos a ajudá-las.

É mister destacar que a violência desferida contra os homossexuais não ocorria somente em espaços de sociabilidade cotidianos e frequentados por amplo público, mas também com perseguições específicas a determinados grupos. Se na vida citadina diária os homossexuais enfrentavam estes tratamentos, lhes restava apenas os guetos da sociedade, espaços frequentados por pessoas “entendidas” com as quais podiam compartilhar sentimentos e desabafos; alegrias e infortúnios.

UM CASO POLÊMICO: AS OPERAÇÕES DE “LIMPEZA” OU “RONDÃO” EM SÃO PAULO

Um dos grupos influenciados pela atrativa imagem das grandes cidades foi o dos homossexuais que tinham maiores possibilidades de viver sua sexualidade longe dos estigmas e repressões que em cidades menores podem ser ampliados, pois em cidades pequenas as pessoas costumam conhecer-se e acabam intimidando e policiando a vida alheia, levando-as a buscar o anonimato e privacidade da cidade grande. Não foram os únicos compartilhando deste ideal. Essas cidades ampliavam o número de seus habitantes, embora nem todos alcançassem suas utopias. Parte da população teve de enfrentar a difícil tarefa de firmar-se no novo ambiente, sem contar as oscilações de trabalho que podiam enfrentar mesmo habitantes já estabelecidos. Houve, desta forma, um contingente que realizava diferentes atividades remuneradas para sobreviver como a prostituição (como profissão ou necessidade), além de sujeitos desempregados que circulavam pela cidade. Aos poucos, parte destes sujeitos foram pivôs de representações negativas que

outras pessoas criaram sobre eles, de forma generalizada e aplicada a todas essas pessoas, – muitas das quais sem ligação a esses componentes – vendo-as como incômodas e direcionadas ao controle policial.

O aumento populacional tornava a vida citadina mais movimentada e casos específicos de assaltos, mortes, alarmavam ainda mais os ânimos dos habitantes. O perigo da noite nas *representações coletivas* sempre permeou o imaginário das pessoas, ligado ao desconhecido; ao que não se pode ver claramente; às trevas ou aquilo que é tenebroso. Tornava presente este sentimento de medo atrelado ao espaço de permissividade que a noite apresentava em detrimento do dia, da luz. Os homossexuais sofriam aversão e mesmo nas cidades maiores tinham dificuldades de integrar-se. Os que afrontavam de forma mais intensiva o padrão de gênero binário esperado para seu sexo biológico (genitais) eram discriminados e tinham maiores dificuldades de conseguir um emprego. Por vezes sem apoio, não compreendidos por uma maioria que sempre os rejeitou. A noite apresentava-se como possibilidade para tornar-se visível, conseguir trabalho ou realizar atividades remuneradas para sobreviver. Neste cenário muitas histórias foram construídas, transformadas ou arruinadas.

A prostituição tendeu a relacionar-se com a vida noturna. Em espaços específicos como cassinos, boates ou então, no chamado *trottoir* introduzido nas calçadas da cidade. Esta atividade era exercida por michês, meretrizes, travestis, ou outros sujeitos que a realizavam identificando-se ou não com estas terminologias. No entanto, alçados à esfera policial, passaram a ser controlados através de operações intensivas.

Nos anos de 1980 um dos responsáveis por estas operações na cidade de São Paulo foi José Wilson Richetti, delegado da Seccional Centro.¹⁵ Far-se-á menção a este período, pois conforme exposto por Rafael Freitas Ocanha:

As operações de combate ao *trottoir* comandadas por Richetti foram as que mais despertaram a atenção da imprensa e dos movimentos sociais, fomentando diversas opiniões sobre a política e o *trottoir*. Diferente das outras operações policiais que o *trottoir* sofreu, as do ano de 1980 foram as que mais deixaram vestígios para a análise do historiador, com fontes da imprensa, dos movimentos sociais, do Conselho Parlamentar de Direitos da Pessoa Humana e decisões da justiça que condenaram o *trottoir*.¹⁶

Como destacado, as ações, apreensões, forma como foram conduzidas e os alvos causaram muita polêmica e repercussão na imprensa em torno dessas operações. A revista *Veja*, em sua edição 615, divulgou ao público leitor tais acontecimentos. Com o título: “Cacique da noite” e subtítulo: “Delegado promete limpar o centro da cidade”, a seção “Brasil” trouxe à discussão suas ações. A reportagem iniciou da seguinte maneira:

Em quinze dias o delegado José Wilson Richetti, responsável pelo policiamento civil do centro de São Paulo, colocou na cadeia, para triagem, quase 4 000 pessoas – sobretudo prostitutas, homossexuais, travestis e desocupados – numa operação que agitou a noite paulistana.¹⁷

¹⁵ Para uma análise específica de sua ação ver OCANHA, Rafael Freitas. “**Amor, feijão, abaixo camburão**” – imprensa, violência e *trottoir* em São Paulo (1979-1983). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Especialmente capítulo 3.

¹⁶ OCANHA, 2014, p. 98 – grifo do autor.

¹⁷ CACIQUE da noite: Delegado promete limpar o centro da cidade. *Veja*, São Paulo, n. 615, 18 jun. 1980, p. 29. Acervo BC/PUCRS.

O fragmento esclarece quais sujeitos foram vítimas destas operações e a totalidade apreendida para triagem. Nota-se a referência explícita aos sujeitos homossexuais e travestis que também fizeram parte dessas operações. O termo “limpeza” usado na reportagem e na época evidencia o entendimento e olhar lançado a estes sujeitos, uma vez que limpar pressupõe tirar a sujeira de um determinado espaço para deixá-lo limpo, logo estes sujeitos eram vistos como tal.

A postura autoritária do delegado foi destacada na reportagem: “Richetti, que não costuma respeitar certas exigências legais, já rasgou mais de um *habeas-corpus* concedido por juízes a prostitutas. ‘A lei aqui sou eu’, disse ele à prostituta Elisabeth [...] durante uma batida”¹⁸, razões que o levaram a ser denunciado por suas atitudes. No entanto, algumas menções das situações vividas como espancamentos e perseguições foram relatadas na revista. “Mostraram ferimentos no corpo e fotografias de prostitutas sendo atiradas em camburões – e informaram que sempre ficam de dois a três dias em sujas e minúsculas celas de delegacias, sem comida”. Deve-se destacar que a imagem que ganha amplo espaço na reportagem no topo da lauda é exatamente de uma apreensão, embora não evidenciando se se tratava de uma travesti ou prostituta, definitivamente atirada no camburão. Notam-se, ainda, os semblantes risonhos dos que empreenderam tal ato demonstrando satisfação em realizá-lo. A imagem que acompanhou a reportagem ilustra tal cena:

¹⁸ CACIQUE, 1980, p. 29 – grifo autor.

Figura 9 – Registro de uma apreensão durante “Operação Rondão”



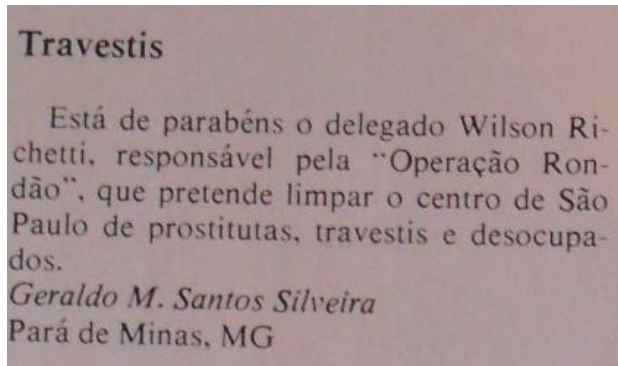
Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 615, 18 ju. 1980, p. 29. Acervo BC/PUCRS.

De acordo com a reportagem: “Esse excessivo cuidado com a segurança dos cidadãos e o aspecto da cidade tem induzido Richetti a perpetrar sucessivas arbitrariedades. Várias pessoas detidas portavam documentos, têm residência fixa e não registram passagens pela polícia”. Ainda, foi destacada a aplicação de leis de vadiagem e a morte de uma prostituta.¹⁹

A reportagem discutida teve repercussão dos leitores que enviaram cartas manifestando-se diante da publicação. Uns colocaram-se ao lado da defesa de determinados sujeitos vitimados, outros, ao contrário, parabenizaram as autoridades pelas “limpezas” realizadas em São Paulo. Os fragmentos abaixo esclarecem este cenário:

¹⁹ CACIQUE da noite: Delegado promete limpar o centro da cidade. *Veja*, São Paulo, n. 615, 18 jun. 1980, p. 29. Acervo BC/PUCRS.

Figura 10 – Carta do leitor sobre o tema “Travestis” (1)



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 617, 2 jul. 1980, p. 8. Acervo AHR.

Geraldo M. Santos Silveira, de Pará de Minas, Minas Gerais, parabenizou o delegado José Wilson Richetti pelas operações realizadas pela polícia que, nas palavras do autor da carta, atuava na “limpeza” do “centro de São Paulo de prostitutas, travestis e desocupados”.²⁰ Esta ação tratava da retirada forçada dos citados destes espaços da cidade, revelando a intolerância em relação aos sujeitos mencionados e ao estigma. Representações depreciativas que tinham respaldo na sociedade. A associação à marginalidade é evidente: sujeitos que foram submetidos ao domínio policial. Constantemente alimentavam-se estas representações e quando o sujeito homossexual era visto, provavelmente associava-se a estas imagens. Durante o dia os homossexuais – especialmente os que apresentavam um gênero distinto do esperado – enfrentavam violência tendo que buscar atividades noturnas e encontrando na noite parte de uma liberdade que lhes era tirada durante o dia. Aos poucos, esta representação com a noite impregnou-se às *representações coletivas*. Vê-se, também, que a

²⁰ SILVEIRA, Geraldo M. Santos. Carta. *Veja*, São Paulo, n. 617, 2 jul. 1980, p. 8. Acervo AHR.

reportagem na revista citou os homossexuais sendo que o autor da carta os omitiu direcionando a punição especialmente as pessoas que transgrediam as normas de gênero de forma mais explícita – as travestis.

Outro leitor e leitora manifestaram-se sobre a mesma reportagem. Suas cartas podem ser analisadas a seguir:

Figura 11 - Carta do leitor sobre o tema "Travestis" (2)

Buscando marginais, o delegado Richetti prendeu 4 000 pessoas para triagem, causando até a morte de uma prostituta. Desrespeitando o direito dos outros e ignorando como manter a ordem, o delegado usa de um meio indigno: a violência.
Leonice Silva
Belém, PA

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 617, 2 jul. 1980, p. 8. Acervo AHR.

Figura 12 - Carta do leitor sobre o tema "Travestis" (3)

Incorreta a inclusão de homossexuais entre os marginais presos no centro de São Paulo, como se eles fossem naturalmente suspeitos. Ser homossexual não é crime ou doença: apenas indica uma preferência sexual.
Roberto Lopes
São Paulo, SP

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 617, 2 jul. 1980, p. 8. Acervo AHR.

As cartas destacam uma crítica à forma como a operação foi realizada, ou seja, através da violência, além de pontuar que a

sexualidade homossexual dos sujeitos não é pré-requisito para a marginalidade. Esta aparenta ser entendida pelos autores enquanto associação a um sujeito perigoso que necessita de controle policial. Logo, o fato de ser homossexual não poderia ser tomado como alvo natural de prisão. Verifica-se nos argumentos trazidos à discussão o enfoque à homossexualidade, para não ser incluída, os demais não são mencionados nas últimas duas cartas apresentadas. Da mesma forma, a ênfase em separar os homossexuais das travestis assinala os diferentes estigmas, tratamentos e representações na época que oscilavam dependendo das características do grupo e/ou de pessoas específicas incluídas nas homossexualidades.

É possível supor que houvesse leitores e leitoras homossexuais e/ou adeptos de práticas e vivências homoeróticas – assumidos ou não – e consumidores de *Veja* que não concordavam com esses acontecimentos ou a forma como a reportagem era apresentada. E como pontuado, havia muitas representações que acionavam distintos elementos para lhes dar sustentação. Roberto Lopes da cidade de São Paulo, autor da última carta, destacou que a homossexualidade não era doença ou crime, elementos que no período estavam muito ligados. Legado longo de uma discriminação que foi direcionada aos grupos que afrontavam a moralidade da época. E ainda, se está falando de um grande centro, referência no país. A repercussão dos acontecimentos da cidade de São Paulo acarretou posicionamentos de sujeitos de outros estados, próximos ou distantes, publicizando sua posição diante dos fatos.

Reitera-se que as cartas eram publicadas com o nome completo (ou abreviado) de seus autores (ou só o nome, um caso apenas no total das fontes utilizadas), seguido da cidade e respectivo estado. O ato de fazer

ver sua posição na revista *Veja* podia ser representativo aos leitores de um status ou valoração a partir da menção e exposição pública de seu posicionamento frente às reportagens publicadas. Evidentemente tratava-se de um processo de seleção de quais cartas seriam ou não publicadas, sendo que tais conteúdos não podem ser lidos como verdade absoluta, pois não é possível saber se foram mantidos exatamente como sua autoria escreveu, se houve alguma edição, e até mesmo se as pessoas citadas de fato enviaram a carta ou são nomes fictícios. Ou seja, é preciso considerar as possíveis contradições, no entanto, focaliza-se a análise sobre o que foi publicado e o que isso teria representado na época.

A imprensa alternativa não deixou de comentar sobre tais acontecimentos. Uma reportagem no jornal *Lampião da Esquina* assinada por João Silvério Trevisan indicava pelo título: “São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti”. A matéria situou os leitores e leitoras acerca do que estava acontecendo e das arbitrariedades cometidas e relatadas pelas vítimas. Conforme o autor: “Precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas’, é o que declar[ou] Richetti, dizendo-se revoltado porque certa noite topou com dois homens beijando-se em público. ‘Eles não respeitaram nem minha mulher’ reclamou o delegado”.²¹ Além desta, outras menções foram destacadas o que aponta a valorização extrema de um determinado modelo de comportamento e de moralidade por parcela dos sujeitos sociais, e sua externalização sinalizando a incapacidade de conviver com as diferenças.

²¹ TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro: Esquina, n. 26, jul. 1980, p. 18 – grifo do autor. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

APONTAMENTOS PRELIMINARES

Ao todo 20 cartas foram analisadas nas 14 seções selecionadas. Seus autores: 16 leitores, 2 leitoras, 1 assinada por um grupo e 1 não foi possível identificar se se tratava de leitor ou leitora pelo nome citado. Destaca-se que a intenção não é atribuir gênero aos nomes, mas dadas as necessidades de reparo histórico, ampliar a análise em torno do gênero dessas pessoas. Os estados de onde partiram estas cartas foram respectivamente: Minas Gerais: 4 cartas, Rio de Janeiro: 4, São Paulo: 2, Pernambuco: 3, Rio Grande do Sul: 1, Bahia: 1, Amazonas: 1, Rio Grande do Norte: 1, Pará: 1, Paraíba: 1, e Mato Grosso: 1. Os dados assinalam que a maioria das cartas foi enviada da região sudeste, metade do total coletado. A cidade de São Paulo, onde a revista era editada, teve duas cartas publicadas, no que concerne à temática e seleção de fontes, aqui realizada. A região nordeste ocupou o segundo lugar com 6 cartas seguida pela região norte com 2. As demais regiões: Sul e Centro-Oeste tiveram apenas 1 carta contabilizada.

Estas informações podem indicar a circularidade da revista *Veja* no país e a participação dos diferentes leitores e leitoras em tornar público seu posicionamento acerca do conteúdo reportado. Não estavam falando sobre qualquer tema, mas diretamente de temáticas das homossexualidades. Trata-se de vozes que emitiram um dizer e ao mesmo tempo evidenciaram os locais de onde partiram, mesmo não sendo consenso, mas uma ideia particular, que podia ressoar sobre as cidades e estados difundindo seus entendimentos aos demais.

A análise conjunta permite destacar o posicionamento do público leitor da revista e autor dessas cartas. Neste sentido, pauta-se pelas seguintes indagações: a mensagem na carta apoia a reportagem sobre a

homossexualidade? A publicação do tema? Apesar dos distintos argumentos, demonstra ser favorável? Com base nestas perguntas foram divididas as 20 cartas analisadas. Isso permitiu constatar que 16 delas apresentaram-se como positivas ou favoráveis em detrimento de 4 cartas, cujos indícios fazem crer que são desfavoráveis à homossexualidade. É preciso destacar, ainda, que oito cartas fizeram crítica às reportagens na *Veja*. Umas levemente, outras de forma mais explícita. As demais não se reportaram diretamente à revista, mas aos acontecimentos em si.

Verifica-se, desta forma, que representações favoráveis à homossexualidade nas cartas da revista *Veja* analisadas superaram as identificadas como contra. Os argumentos que deram suporte a elas podem ser questionados, pois o sentido poderia ser prejudicial como dizer que a homossexualidade era uma tendência sexual ou uma escolha, embora no todo fizessem parte de uma representação positiva. Eram compreensões que se distinguiam dos aspectos patológicos, criminais ou pejorativos atribuídos aos homossexuais, utilizando reflexões que explicitavam um sentido mais positivador das práticas homoeróticas. A circularidade de representações expressas nas mensagens tornou visíveis os distintos entendimentos dos leitores e leitoras de diversas partes do país, além dos conflitos a uma representação dominante. Contradições que assinalavam as fragilidades de um sistema cisheteronormativo que se apresentava como coeso, universal e eterno.

Convém atentar que a seção “Cartas” era um espaço na revista concedido a publicações de pessoas externas, o que evidenciava um posicionamento alheio e não em nome do periódico em si. Apesar da seleção editorial, os dados não podem ser tomados como um

posicionamento do grupo que estava a frente da revista, devendo ser analisados em sua totalidade e contradições. Elementos que mostram a necessidade de olhares diferenciados para os espaços internos da revista *Veja* e dos demais periódicos, bem como a labilidade e o cuidado para não tomar a parte pelo todo.

OS SENTIDOS DE UM DIZER

As palavras são poderosos meios de construir representações. Ao usá-las, se expressa mais do que uma forma de comunicação, mas uma relação de poder. Isso porque as palavras são significadas, ressignificadas e capazes de transformar as relações sociais a partir de sua utilização. Podem ferir, magoar, condenar; ou ainda, acalentar, alegrar, apaziguar. Suas oscilações dependem da forma com que seus autores as utilizam. Num mesmo grupo cultural, os sentidos das palavras tendem a ser compartilhados de maneira mais generalista, embora isso não esconda as distintas interpretações e mudanças de sentidos no interior deste universo. Com o decorrer do tempo os significados das expressões podem permanecer ou mudar, mas também entrar em conflitos já que as compreensões não são universais.

Em sintonia com a metodologia utilizada que pauta-se nas contribuições da análise de conteúdo e que não se limita a um modelo estático, buscou-se verificar as palavras acionadas para referir-se aos homossexuais, especialmente aos gays. Ao analisar as publicações foram coletadas as expressões mais recorrentes e diversas para analisar os sentidos e pensá-los na construção das mensagens e representações na revista *Veja*.

Como afirma Roque Moraes:

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.²²

Os diferentes métodos aplicados às fontes, desconectados contribuem para responder as indagações propostas pela investigação, e, no conjunto, possibilitam um entendimento capaz de responder de modo inteligível o problema de pesquisa levantado. Logo, o mapeamento das palavras mencionadas referindo-se aos gays e suas inter-relações, é parte necessária para a compreensão do todo.

Cabe destacar que somente foram coletadas as expressões e não a quantidade de vezes com que foram reportadas. Diferente das vozes, a preocupação central, aqui, foi atentar às distintas palavras utilizadas para analisar os diferentes sentidos que seu uso poderia ou não acarretar no período proposto. Da mesma forma, tornar visíveis quais eram estas, de modo a analisar os vocabulários utilizados. Os mesmos constam nas fontes analisadas e não foram utilizados somente pela voz dos redatores, mas estando nas reportagens incidem nas representações. O quadro a seguir apresenta os resultados:

Quadro 2 – Expressões utilizadas na menção às homossexualidades na revista *Veja* (1968-1983)

Andróginos	Homófilo	Pansexual
Assumido	Homossexuais	Pederasta(s)
Babalu	Homossexuais femininos	Pederastia
Bicha(s)	Homossexuais masculinos	Pessoa
Bissexual	Homossexual	Pititinga
Boneca(s)	Homossexualismo	Sapatões

²² MORAES, 1999, p. 9.

Bofe	Intervenção no sexo	Semi-homossexual
Boy	Lesbianismo	Senhor
Elo	Lésbica(s)	Terceiro sexo
Enrustido	Liberação gay	Tia
Entendido(s)	Lixo	Transexual
Gay	Machinhos	Transexualismo
Gay people	Maricona	Transformistas
Gay power	Massagista	Travesti(s)
Gayfia	Michê	Travestismo
Gayfiosos	Mudança de sexo	Transviados

Fonte: Revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

Os dados coletados nos permitem verificar que as expressões utilizadas transitaram em distintos polos, desde palavras visivelmente depreciativas até as que se referiam de uma forma coerente em relação a esta sexualidade. E não apenas isso, outros sujeitos que à época estavam integrando o grupo amplo das homossexualidades também aparecem citados. Grupos que foram nomeados naquele período reconhecendo-se como distintos daqueles chamados de gays, embora unidos nesta mesma categoria. Tratava-se dos sujeitos e terminologias nomeadas na revista como: “lésbica(s)”, “lesbianismo [sic]”, “transexual(ismo) [sic]”, “transformistas”, “travestis”, “travestismo [sic]”, e ainda, “transviados”. Expressões que assinalam diferentes grupos de sujeitos, dissidentes da cisheteronormatividade e que dividem espaço nas reportagens com os gays.

A maioria das palavras em sentido depreciativo parece estar ligada especialmente aos gays. Era resultado de múltiplas representações e entendimentos que, com poucas exceções, viam com maus olhos as homossexualidades. Palavras como: “pederasta”, “pederastia”, “bicha(s)”, “boneca(s)”, “gayfia”, “gayfiosos” “semi-homossexual” e “homófilo” foram empregadas para referir-se aos sujeitos. “Homossexualismo [sic]”, por sua vez, estava atrelado ao campo da medicina que conferia o *status* de doença a esta sexualidade, mesmo

condizente com este saber dominante na época, era uma associação pejorativa, sendo que havia profissionais que entendiam de forma diferente, assim como sujeitos sociais.

Pederastia e pederasta eram palavras utilizadas pelos gregos antigos para referir-se a relação entre pessoas de mesmo sexo (adulto-adolescente) e acionadas para fazer menção aos gays. Além da rejeição a este entendimento da sexualidade no discurso dominante, sua semelhança a palavra pedofilia ampliava e confundia esse saber. E se está falando apenas dos sentidos das palavras. Há, ainda, o contexto em que foram inseridas que no conjunto construíram e/ou reforçaram as representações.

Terminologias não discriminatórias também foram reportadas no semanário. “Homossexual” e “homossexuais” foram algumas expressões que não segregaram de imediato os gays, ao contrário, apresentaram-se de maneira mais coerente.

É preciso destacar, também, que os homossexuais utilizaram – e utilizam – um vocabulário específico de palavras cujos sentidos são compartilhados pelos membros e referem-se a sujeitos, práticas, partes do corpo, comportamentos, dentre outros, acionados nas conversas sociais e/ou em espaços de sociabilidade. Estas palavras não são gerais, possuindo suas variações regionais. Parte destas palavras foram reportadas na revista informando sobre esta característica dos homossexuais e foram citadas no quadro acima mencionado.

Antes de ingressar no dialeto homossexual é preciso pontuar uma terminologia utilizada na década de 1960 que dividia os gays segundo os papéis sociais e sexuais. É salientada no jornal *O Snob* (1963-1969) e

analisada por Rogério da Silva Martins da Costa em sua dissertação.²³ Verificava-se a utilização de duas terminologias identitárias à época que era “bicha” e “bofe”. De acordo com o autor, reproduzindo o entendimento binário heterossexual, significaram estas palavras de modo que a “bicha” era vista como o homossexual “passivo” – “a mulher da relação” – em detrimento do “bofe”, “ativo” – “o homem”. Ainda, para manterem visível esta divisão, as “bichas” batizavam-se com nomes femininos, pois só “assim, entretanto, com um ser no feminino, poderiam consumir suas aspirações românticas e sexuais sem colocar os ‘bofes’ sob suspeita de ‘ser um igual’”.²⁴

Nota-se o significado construído para assimilar-se a relação heterossexual. Esta aproximação, contudo, pode ser representativa de uma tentativa de normatizar a relação homossexual. Tratava-se de sujeitos que não se encaixavam no discurso dominante e cisheteronormativo de homens e mulheres. Logo, criaram para si terminologias para definirem-se. Segundo Costa:

nomações no feminino têm a ver com a crença, tanto popular quanto de pesquisadores da área médico-científica, acerca da existência do “terceiro sexo”, ao qual a maioria dos participantes de nosso estudo acreditava pertencer. Não se sentindo nem homens nem mulheres, esses indivíduos eram outra “coisa”, “um homem com alma de mulher” ou “invertido”.²⁵

As fontes também mencionaram o “terceiro sexo” nas expressões que foram mapeadas. Tratava-se de um sexo distinto ao “primeiro sexo”

²³ COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: relatos do jornal *O Snob*. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2010.

²⁴ COSTA, 2010, p. 57 – grifo do autor.

²⁵ COSTA, 2010, p. 57 – grifo do autor.

atribuído aos homens ou ao “segundo sexo” atribuído às mulheres. No entanto, estas identificações demonstraram suas fragilidades na medida em que surgiram sujeitos que não se identificavam ou não queriam se identificar as terminologias “bicha” e “bofe”. Essa diáde é o modelo hierárquico apontado por Peter Fry e observado nas classes baixas e no interior da sociedade brasileira na década de 1970.²⁶ Elementos também presentes nos vestígios deixados pelo jornal artesanal *O Snob* da década anterior. Contudo, essa classificação não pode ser tomada como padrão geral para essa realidade, pois possivelmente havia uma pluralidade invisibilizada nessas representações sociais predominantes, o que não elimina essa forma de compreensão das práticas homoeróticas. Ao mesmo tempo em que esse entendimento estava sendo reproduzido, o modelo que Fry chama de igualitário foi percebido nas camadas médias citadinas do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que outra lógica de funcionamento era acionada.

O modelo igualitário foi percebido entre sujeitos “entendidos”. De acordo com James Green essa palavra tem origem na década de 1940, ou talvez até antes, embora seu uso e significado tenha sido alterado nos anos 1960.²⁷ Os “entendidos”²⁸ eram os sujeitos difíceis de decifrar, ou seja, não se identificava de forma explícita seu papel sexual, se “ativo” ou “passivo”, ou seja, eram homossexuais mais resguardados, ideia desenvolvida por Edward MacRae e destacada por Green.²⁹ Para Costa:

²⁶ FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-113.

²⁷ GREEN, 2000a, p. 308.

²⁸ Para saber mais a respeito dos entendidos ver a pesquisa de GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

²⁹ MACRAE, 1990, p. 52, apud GREEN, 2000a, p. 308.

Esses “novos atores” procuram outros “iguais” em oposição às “bichas”, que procuram o “diferente”. São homens que não se conformam em ter que se adequar aos modos e maneiras femininas das “bichas”, gerando uma crise de significação identitária na “comunidade”, que tem dificuldades em assimilá-los.³⁰

De acordo com Fry e MacRae na “mesma época em que surgem os ‘entendidos’, dá-se também uma notável proliferação de empreendimentos comerciais orientados para o mercado homossexual, principalmente bares, discotecas, saunas e revistas eróticas”.³¹ Um olhar empreendedor que se volta a um público crescente nos quais empresários identificam possibilidades de ganho ao mercadejar com os homossexuais. Em contrapartida, uma ampliação de espaços de sociabilidade vai tornando-se cada vez mais visível.

Frente a estas transformações, observa-se a visibilidade que era prezada por alguns homossexuais em fazer ver o papel sexual que desempenharia na relação, enquanto outros não queriam fazer-se ver desta maneira. Os papéis tidos por estáticos confrontaram-se com a dubiedade dos “entendidos” tendo dificuldades em compreender esses sujeitos. Merece destaque, também, o fato desse novo elemento apresentar a ideia de uma versatilidade que se escondia em meio ao binarismo “ativo/passivo”. Pensar que as relações homossexuais eram pautadas somente pelos papéis fixos nos parece falacioso. Tampouco dizer que a “flexibilidade” ou “troca-troca” tenha iniciado com os “entendidos”. No entanto, parece representativo de novas subjetividades dos sujeitos e compreensões que foram construídas para novas relações com significações distintas e com fronteiras móveis,

³⁰ COSTA, 2010, p. 64 – grifo do autor.

³¹ FRY; MACRAE, op. cit. p. 26 – grifo do autor.

tanto nas relações sexuais quanto no entendimento geral que passou a ser difundido.

A *performatividade de gênero*, sem dúvida, era um dos elementos que gerava essas incompreensões em torno desses novos sujeitos que ganhavam visibilidade. A partir das ideias de Butler³² é possível analisar tal modificação por meio da incorporação da expressão performativa do gênero binário presente no discurso dominante, que permitia ao sujeito não somente estar mais próximo daquilo que era esperado para ele, como também ser mais discreto quanto a sua sexualidade e, por conseguinte, “passar por” (ou tentar passar por) hétero. Esse fato também poderia contribuir para a redução da discriminação. Esse modelo homossexual de ser que não permaneceu limitado a terminologia “entendido” difundiu-se com o passar do tempo e foi fabricado como um dos “objetos de desejo” mais visados: tanto no sentido pessoal de tornar-se assim, quanto no perfil esperado do outro.

Contudo, isso não limitou outras vivências e expressões de gênero. A respeito dos interesses dos homossexuais no decorrer do tempo, Louro destaca parte do universo de possibilidades:

alguns grupos homossexuais permanecem lutando por reconhecimento e legitimação, buscando sua inclusão, em termos igualitários, ao conjunto da sociedade; outros estão preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira.³³

³² BUTLER, 2017.

³³ LOURO, op. cit. p. 545-546.

Atenta-se que o uso das palavras por diferentes sujeitos e culturas também assinala sentidos distintos. A palavra inglesa *gay*³⁴ é uma formação linguística que se difunde de forma mais acentuada a partir da Revolta de Stonewall, em 1969, nos Estados Unidos, tida como marco internacional do movimento homossexual. “Jornalistas brasileiros nos anos 60 e 70, que eram familiarizados com o termo *gay*, traduziram-no como alegre e usavam-no para significar homossexual”, conforme destaca Green.³⁵ Mesmo a palavra tendo outros significados, foi apropriada pelos sujeitos e atualmente é internacionalmente conhecida em referência aos sujeitos homossexuais, embora, de maneira geral, foi apropriada (ou direcionada), especialmente, para os homossexuais masculinos.

Algumas reportagens na revista *Veja* também mencionaram esta vinculação como em 1971, na seção “Religião”, houve a menção de que *gay* era: “literalmente, ‘alegre’ em gíria, um equivalente chulo de pederasta [...]”.³⁶ Ou ainda, em 1973, uma reportagem na seção “Internacional” que discutia o retorno de ex-combatentes estadunidenses na Guerra do Vietnã, pontuou que estes seriam informados das atualidades e posteriormente cruzariam o Oceano Pacífico. Dentre as informações citadas mencionava “que ‘gay’, além de

³⁴ Green indicando a leitura de Chauncey (1994), destaca que o termo *gay* já existia nos Estados Unidos desde os anos de 1920 em referência aos homens homossexuais. Cf. GREEN, 2000a, p. 324. Por outro lado, para John Boswell o termo *gai* já era usado desde o século XIII e XIV em algumas regiões da Europa, como no sul da França, em referência a pessoas que tinham relações homoeróticas, sendo que o autor aventa a possibilidade de sua variante *gay* ter sido difundida a partir da língua inglesa, apesar de que salienta que a mudança de grafia não tenha alterado o significado e seu referente. Cf. BOSWELL, John. **Cristianismo, Tolerancia Social y Homosexualidad:** Los Gays en Europa occidental desde el comienzo de la Era Cristiana hasta el siglo XIV. Barcelona: Muchnik Editores, 1998. p. 59.

³⁵ GREEN, 2000a, p. 324.

³⁶ A ALEGRE Fraternidade. *Veja*, São Paulo, n. 136, 14 maio 1971, p. 49 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

significar alegre, agora também quer dizer homossexual”.³⁷ Já em 1978, na seção “Gente”, o significado da palavra gay foi polemizado por meio da personagem citada como “Zorro gay” cujo termo nomeado adquiria (e reivindicava) seu significado como adjetivo alegre e não homossexual, fazendo uma crítica a este.³⁸ Contudo, mesmo o termo gay possuindo outras significações, sua associação à nomeação de homossexual se sobressaiu e ganhou força com o passar do tempo.

Além desta terminologia identitária para fazer referência aos homossexuais, deve-se atentar que os próprios homossexuais criaram um vocabulário específico conhecido pelos seus congêneres para comunicar-se nos espaços de sociabilidade frequentados pelo grupo, como o dialeto pajubá. Numa edição dedicada à homossexualidade, em 1977, algumas palavras desse vocabulário foram citadas num *box* que pode ser observado a seguir:

³⁷ OS ÚLTIMOS reféns. **Veja**, São Paulo, n. 232, 14 fev. 1973, p. 37 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

³⁸ GENTE. **Veja**, São Paulo, n. 571, 15 ago. 1979, p. 17. Acervo BC/PUCRS.

Figura 13 – Vocabulário homossexual

**"Bofe," "tia":
um dialeto
para entendidos**

Em conversas entre si — ou nas colunas e publicações especializadas —, os homossexuais utilizam palavras e expressões que, para os não iniciados, soam como um dialeto fechado. A seguir, uma relação das mais empregadas atualmente no Brasil — inclusive algumas já de uso quase corrente:

Arrematar um modelito — Travar relações com um garoto.
Assumido — Que não faz segredo de sua sexualidade.
Assumir — Postura psicológica e social de quem é "assumido".
Babalu (RJ) — Rapaz que se relaciona sexualmente com homossexual por dinheiro.
Bofe (SP) — O mesmo que babalu.
Boy — Garoto que mantém relações com homossexuais.
Clube — Boate ou bar freqüentados por homossexuais; ponto de encontro gay.

Dar bandeira — Deixar claro (por atitudes ou palavras) que é homossexual.
Elo (SP) — Pronome (variação de "ele" e "ela") para designar travesti.
Enrustido — Aquele que esconde ou oculta sua condição de homossexual; o contrário de "assumido".
Entendido — Homossexual.
Fazer uma calçada — Fazer trotoar.
Fazer uma criança — Manter relações sexuais com um boy ou modelito.
Fazer um cinema — Procurar bofes ou babalus no interior de cinemas do tipo Iris (RJ) ou República (SP).
Lixo — Machão.
Mala — Órgão sexual masculino.
Maricona — Homossexual de idade avançada — ou que aparenta ter.
Michê — Prostituto.
Modelito — Garoto; boy.
Pititinga (RJ) — Homossexual pobre.
Senhor — Lésbica.
Tia — O mesmo que maricona.
Vapores — Sauna para homossexuais.
Viajar — Manter relações sexuais.

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 468, 24 ago. 1977, p. 70. Acervo BC/PUCRS.

O fragmento da reportagem da seção "Comportamento" apresentou essa questão com a sugestiva menção de "dialeto para entendidos". Além das expressões verificadas associadas aos homossexuais, há também esses termos que se referem ao universo destes sujeitos. Entretanto, em diferentes estados havia palavras distintas para referir-se a um mesmo significado. Exemplo disso são as palavras "Babalu" no Rio de Janeiro e "Bofe" em São Paulo, ambas apontadas com significado de: "Rapaz que se relaciona sexualmente com homossexual por dinheiro". No entanto, esses termos podiam se ampliar a outras significações.

Posto isto, qual a finalidade de divulgá-lo na revista *Veja*? Pensa-se que a razão tenha sido informar aos leitores e leitoras das características presentes nos grupos homossexuais que ganhava cada vez mais visibilidade nos grandes centros urbanos. A reportagem em si evidencia e apresenta o crescimento desse grupo. Logo, estar ciente desses dizeres e sentidos era uma forma de compreender a teia de relações mantidas e reforçadas por esses sujeitos na sociedade.

Contudo, *Veja* destaca uma frase que é atribuída a Celso Curi e assinala a percepção na época: “No Brasil gay não participa de movimento, mas sim de movimentação”.³⁹ A comparação era em relação ao movimento norte-americano e europeu. No entanto, da movimentação surgiu o movimento e mal sabiam eles que estava mais próximo do que nunca, surgindo no ano seguinte, 1978. A questão aventada recentemente em torno dessa divisão diz respeito a maneira como os ativismos anteriores são entendidos. Questão não consensual, inclusive nas significações terminológicas, contudo, é mister destacar que há diferenças entre os momentos históricos e demandam maiores reflexões. É preciso ter em mente que a história das pessoas que tinham práticas e vivências homoeróticas e/ou que enfrentaram o sistema cisheteronormativo não começou ali. Escolhas políticas também incidem sobre os fatos e momentos que ganham maior ou menor notoriedade na história das homossexualidades no Brasil.

Neste capítulo foram discutidas as vozes acionadas nas publicações da revista *Veja* usadas na pesquisa que, sobretudo, mencionaram os gays. Partindo de áreas diversas e respaldadas por sujeitos e/ou órgãos, estas vozes usadas na elaboração das narrativas jornalísticas assinalam

³⁹ UM GAY power à brasileira. *Veja*, São Paulo, n. 468, 24 ago. 1977, p. 70. Acervo BC/PUCRS.

quem teve a oportunidade de falar. Ao mesmo tempo, revelou que foi concedida aproximadamente 8% de participação explícita (voz) para os homossexuais, percentual pouco significativo, uma vez que não tinham a possibilidade de argumentar na mesma proporção dos que falaram deles. Dado que, como apontado, precisa ser pensado juntamente com a dificuldade dos homossexuais em revelar publicamente a sua sexualidade em razão dos entraves que os condicionavam a reprimir seus desejos e não torná-los públicos.

Mesmo assim, não havia só representações negativas dos gays. A maior parte dos leitores e leitoras que enviaram suas cartas referindo-se a edições anteriores expressou-se de forma conivente e positiva revelando olhares múltiplos. Acompanhando as transformações mundiais era preciso aprimorar as lentes para enxergar aquela realidade. No entanto, é necessário tomar o cuidado para não cair na armadilha de ampliar a dimensão positiva observada nesta seção as restantes ou a sociedade como um todo. Isso porque a grande maioria das pessoas era contra as homossexualidades. Isso reforça o fato de que havia um discurso dominante desqualificador das homossexualidades e imerso nele havia sujeitos a quem era importante fazer-se ver e saber de que eram contra tal entendimento. Mesmo em tempos sombrios e perigosos como o da ditadura civil-militar.

3

O CAMPO RELIGIOSO E O HUMOR NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DOS GAYS

Neste capítulo são analisadas as representações dos gays a partir do campo religioso cristão e o humor. Isto porque pelo teor das reportagens esses aspectos foram ressaltados e chamavam a atenção em parte das matérias publicadas na revista *Veja*. Por essa razão foram selecionados para compreendê-los juntamente às representações coletivas partilhadas na sociedade que estavam alicerçadas sobre discursos religiosos e humorísticos, em sua maioria, mas não somente, usados de forma estigmatizadora e ridicularizada para inferiorizar as pessoas homossexuais. Nesse sentido, a partir de uma abordagem qualitativa, parte das matérias inseridas nessas temáticas são problematizadas a fim de melhor entender as representações construídas e difundidas na imprensa escrita, nesse caso em especial, a partir da revista *Veja* entre 1968 a 1983.

O CAMPO RELIGIOSO CRISTÃO E SEU OLHAR FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE NA REVISTA *VEJA*

O campo religioso é composto por distintas crenças que fornecem uma explicação sobre a gênese do mundo, bem como os valores, comportamentos, práticas e formas de crer. Apresentam determinados entendimentos como as condutas morais que, dentre outras questões, tenta regular os comportamentos sexuais dos sujeitos por meio de um discurso capaz de ampliar-se em decorrência das relações de poder

engendradas. No entanto, mesmo as crenças religiosas oferecendo uma dada leitura do mundo aos seus adeptos, elas não se limitam a estas compreensões. Ressignificações subjetivas, particulares ou coletivas, possibilitam reavaliar essa postura e, por conseguinte, introduzir novas interpretações.

No capítulo dois foi observado que algumas vezes que tiveram seu registro nas reportagens da revista *Veja* partiram de bases religiosas. Tendo em vista sua participação na construção dos conhecimentos científicos de cada época, a argumentação religiosa permeia o imaginário das pessoas e mesmo quando não acionada, age como uma base que influencia a tomada de posições. Representantes da fé tomaram a palavra e expuseram seus entendimentos sobre os gays. Estiveram presentes em diferentes seções/espços no periódico assinalando representações negativas e positivas, estas especialmente, oriundas de idiossincrasias no interior destes grupos. Na sequência são analisadas algumas edições que suscitam as principais discussões em torno do tema.

IDIOSSINCRASIAS RELIGIOSAS PRÓ-HOMOSSEXUALIDADE: A IGREJA DE TROY PERRY E OS CASAMENTOS HOMOSSEXUAIS

*Two, four, six, eight! Gay is just as good as straight!*¹

Algumas reportagens na revista *Veja* partiram de alguns grupos religiosos e demonstraram sua adesão à homossexualidade. Tratava-se de acontecimentos exteriores ao Brasil, divulgados ao público leitor

¹ Um dos slogans das manifestações homossexuais nos Estados Unidos cuja tradução foi explicitada na reportagem: “Dois, quatro, seis, oito! O homossexual é tão bom quanto os outros!”. OS ALEGRES revoltosos. *Veja*, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 61. Acervo BC/PUCRS.

através deste semanário, noticiando as transformações e eventos que ocorreram em alguns países. Contudo, pelo teor das publicações pode-se dizer que não foram isentas de críticas e entraves por parte de sujeitos conservadores.

Em 1971 a seção “Religião” trouxe à discussão o tema da homossexualidade na alçada religiosa com o título: “A alegre Fraternidade”. Tratava-se da iniciativa do reverendo Troy Perry que criou uma igreja destinada especialmente aos homossexuais. Parte do início da matéria na *Veja* conduz a uma dada apreensão: “Segundo a Bíblia, o homossexualismo[sic] é abominável. Mas nos últimos anos, na onda de um movimento intenso de reivindicações, homossexuais americanos apresentaram uma exigência de ordem religiosa: o direito de serem também cidadãos do reino de Deus”.² A ênfase dada na publicação refere-se ao fato de uma releitura bíblica que não exclui os homossexuais; ao contrário, reforça o desejo de integrarem-se como filhos de Deus igualmente aos heterossexuais. Mais do que uma prospecção pelo além, a passagem citada está inserida na iniciativa desenvolvida pela igreja de acolher os homossexuais e desenvolver diferentes assistências: médica, jurídica, psicológica, além de outras atividades sociais.

A Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) em Los Angeles cresceu e permitiu a criação de uma federação: Fraternidade Universal de Igrejas da Comunidade Metropolitana. Com um número de adeptos que se ampliava, expandiu-se para outras cidades realizando suas atividades. Conforme a reportagem:

² A ALEGRE fraternidade. *Veja*, São Paulo, n. 136, 14 maio 1971, p. 49. Acervo BC/PUCRS.

Arrebanhando para seu campo ovelhas que outras igrejas não querem ou não podem aceitar, Perry tem conseguido para a sua resultados surpreendentes. Perto de 40% dos seus paroquianos em Los Angeles foram batizados na Igreja Católica e 40% são evangélicos. Uns 20% não são homossexuais, mas apenas simpatizantes do movimento. O próprio Perry já foi casado, e teve dois filhos, antes de descobrir sua verdadeira “preferência sexual”. Acha que Cristo não foi um anti-homossexual e morreu pelos pecados de “todos” os homens.³

A passagem apresentada da reportagem destacou a proporções de fiéis que migraram de outros grupos como católicos e evangélicos para a igreja de Perry. Ao mesmo tempo, um expressivo número de sujeitos que não se identificava como homossexuais também integrou o grupo: simpatizantes ou talvez não assumidos. As informações sobre a vida do religioso assinalam as transformações pelas quais passou e, sem dúvida, são fatos que marcaram sua iniciativa de criação da igreja e demais atividades desenvolvidas para os homossexuais.

Um breve relato biográfico de Troy Perry foi citado por Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho:

Perry, filho de mãe batista e pai pentecostal, foi casado com a filha de seu pastor como forma de libertar-se de seus desejos já latentes por pessoas do mesmo sexo, e em 1962, casado, aceitou e assumiu sua orientação sexual, sendo excomungado da comunidade pentecostal que pertencia. Após cinco anos de casamento, divorciou-se, e sentindo-se traído e rejeitado por Deus, tentou o suicídio. No ano seguinte, entendeu ser possível convivência entre os discursos sobre o cristianismo e a homossexualidade, o que o impulsionou a fundar a ICM em Los Angeles, com 12 congregados. Perry, casado com Philip Ray DeBliek há mais de 20 anos, escreveu obras como “O senhor é meu pastor e Ele sabe que eu sou gay” e “Não tenho mais medo”, e

³ A ALEGRE fraternidade. **Veja**, São Paulo, n. 136, 14 maio 1971, p. 49 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

discutiu os direitos da população LGBT com presidentes como Jimmy Carter, em 1977, e Luis Inácio Lula da Silva, em 2003 (debatendo o Programa Nacional por um Brasil Sem Homofobia).⁴

Uma das questões que acarretou distinção nesta igreja era a realização de casamentos homossexuais. O fragmento a seguir esclarece essa assertiva:

Os trabalhos religiosos na igreja de Troy Perry são iguais aos de qualquer outra igreja protestante. Mas há um ritual que a distingue das demais e geralmente choca os visitantes curiosos: o casamento. Troy já abençoou a união de dezenas de pares homossexuais dos dois sexos, seguindo todo o rito do matrimônio, mas substituindo as palavras “marido” e “mulher” por “esposos”.⁵

Nota-se, nesta notícia, uma representação positiva para com os homossexuais, mas deve-se atentar ao fato de ser algo exterior ao Brasil. Se a intenção do fundador da revista *Veja* era a de levar informação aos leitores e leitoras, o semanário o faz destacando as transformações sociais que ocorriam em outros países e os olhares lançados às homossexualidades em detrimento do que ocorria no Brasil. Mesmo destacando um aspecto sugestivamente positivo, havia muitas outras representações e tratamentos dados naquele país.

Verifica-se, ainda, a tentativa de adequar os homossexuais a cisheteronormatividade na medida em que se inserem de uma forma

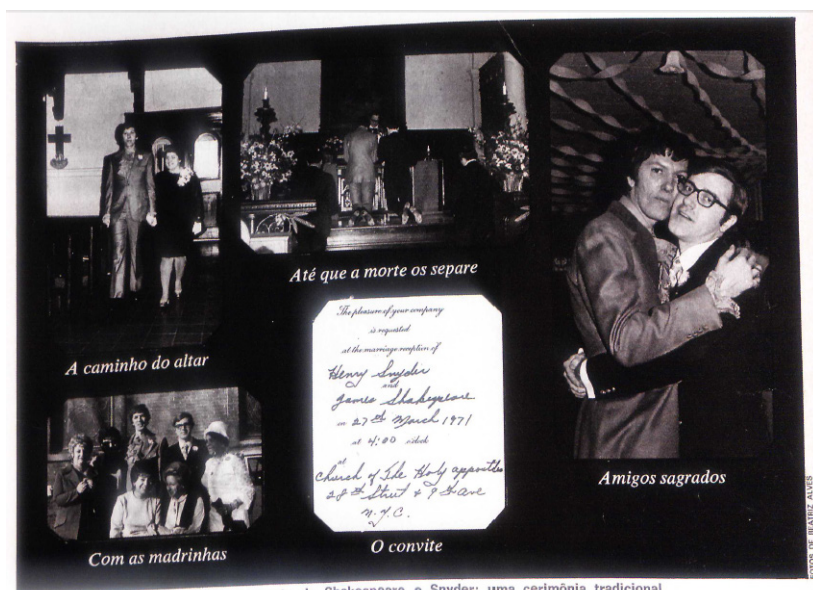
⁴ Essas considerações foram pontuadas fazendo menção a uma publicação anterior que contou com o amparo de uma entrevista de Cristiano Valério, fundador da ICM em São Paulo – (MARANHÃO FILHO, 2011) e pode ser conferida na publicação citada: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Jesus me ama no *dark room* e quando faço programa”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana), *Polis e Psique*, v. 1, p. 166-194, 2011. p. 168 – grifo do autor.

⁵ A ALEGRE fraternidade. *Veja*, São Paulo, n. 136, 14 maio 1971, p. 49 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

que reforça o sistema estabelecido como “normal”. A necessidade de dizer não sou pecador, sou também filho de Deus, digno do Paraíso, inserindo-se num grupo religioso; buscar um tipo de relação familiar com a benção de “Deus”, em seu aspecto religioso, assinala uma dada configuração que queriam ajustar-se. Não se está dizendo que esses sujeitos não podiam alcançar tais objetivos se assim o desejassem, embora sua inserção no campo religioso corrobore com determinada lógica interpretativa e partilhada de princípio e fim, onde podiam integrar-se mediante a customização da fé. Era preciso rever as bases fundantes desta crença religiosa, pois, do contrário, não seria possível fazer parte; ou talvez, lhes fazer frente em outro grupo, como o discutido nesta reportagem.

No mesmo ano, 1971, outra reportagem destacou, com mais ênfase, o universo homossexual dos Estados Unidos na seção “Comportamento”. O aspecto que ganhou maior respaldo foi o casamento de dois gays na Igreja Episcopal com os mesmos ritos de casamento costumeiros. Segundo a publicação, o pastor Robert Weeks ao invés de declará-los “marido” e “mulher” substituiu tal expressão por “amigos sagrados”. Os nubentes eram Henry Snyder e James Shakespeare, como mostra a imagem a seguir registrando diferentes momentos da cerimônia:

Figura 14 – Casamento homossexual nos Estados Unidos



O grande momento de Shakespeare e Snyder: uma cerimônia tradicional

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 61. Acervo BC/PUCRS.

Nota-se a reprodução do ritual religioso do matrimônio heterossexual visível na entrada da igreja, sob a presença do sacerdote, o convite, o registro dos casados e com suas madrinhas. Somente houve a adaptação da frase final que uniu o casal, conforme destacado. Os nubentes aparentam estar vestidos de acordo com a roupa culturalmente esperada para seu sexo, com alguns adornos. Percebe-se que a expressão de gênero dos gays visível no registro fotográfico, de modo geral, adequava-se ao “gênero confortável” masculino, mantendo a postura de noivos em comparação ao estereótipo binário. Ao que parece, não confundiram ou afrontaram de forma explícita as fronteiras do gênero: por serem características suas ou para não abalar ainda mais o sistema estabelecido no qual queriam firmar-se.

Este casamento não foi o único. Muitos outros foram realizados como informado na reportagem anteriormente analisada. Em decorrência deste enlace matrimonial alguns números situaram os leitores e leitoras: “somente nos últimos dois anos pelo menos trezentos homossexuais realizaram seus casamentos”.⁶ A partir da informação destacada na revista, observa-se o interesse de casais em contrair o matrimônio religioso e entrar em conformidade com o padrão heterossexual constituindo uma família de acordo com as normas sociais naturalizadas. O que pensariam os leitores e leitoras da *Veja* ao lerem esta matéria no começo dos anos 1970? Dentre as muitas interpretações, é possível aventar que esses eventos acenavam positivamente frente às relações homoeróticas, sinal de que essas novas possibilidades poderiam vir a ser possíveis também em outros países. Certamente havia uma parcela do público leitor da *Veja* que era homossexual, quem sabe até mesmo funcionários da revista. Contudo, outra parcela podia interpretar estas mudanças como algo negativo, contrário a “moral e os bons costumes”, algo a ser combatido, reforçando o estigma e impedir que tais transformações pudessem ocorrer no país. Não se trata apenas de ter conhecimento das notícias, mas saber que elas impactam os leitores e leitoras, podem abalar emocionalmente e desencadear diferentes formas de agência por parte dos sujeitos.

Para Ivo S. Canabarro:

As imagens contribuem para a ampliação da visão dos historiadores, pois colocam em cena questões totalmente inéditas que as demais fontes não

⁶ OS ALEGRES revoltosos. *Veja*, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 61. Acervo BC/PUCRS.

proporcionam, mostrando algo plausível de interpretações múltiplas que dependem do olhar apurado do historiador.⁷

Ao serem publicadas nas reportagens as imagens somam-se ao conteúdo narrativo que compõe a notícia e ampliam as possibilidades de seu entendimento. O impacto que suscitam é diferente: ler que dois homossexuais casaram-se e ver uma imagem de meia lauda ilustrando esse acontecimento atrai ainda mais a curiosidade do público leitor para saber do que se trata.

Mesmo com este cenário de transformações culturais, havia inúmeras razões para os homossexuais questionarem sua sexualidade e os dispositivos institucionais, morais, religiosos e familiares que colocavam obstáculos físicos e psicológicos para assumir-se homossexual, viver de acordo com seus desejos e paixões ou empoderar-se socialmente. A fala do pastor Tom Maurer publicada na revista assinala esta dificuldade: “Não é fácil que alguém se considere boa pessoa quando o Estado o chama de criminoso, os médicos o consideram doente e a Igreja o acusa de pecador irrecuperável”.⁸ Entendimentos que levavam os sujeitos a uma batalha interna e externa da qual era necessário superá-la para ampliar seus horizontes e enxergar o que os que falavam em nome das instituições acima citadas tinham dificuldades em considerar e alterar.

A matéria noticiada ampliou-se para além do casamento trazendo também problemáticas que envolviam os homossexuais norte-americanos e precisam ser mencionadas. Lembrando sobre a Revolta de Stonewall, informou que no segundo ano, em sua comemoração, foi

⁷ CANABARRO, Ivo Santos. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. **Visualidades**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 98-125, jan.-jun. 2015. p. 108.

⁸ OS ALEGRES revoltosos. **Veja**, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 62. Acervo BC/PUCRS.

organizada a “Semana do Orgulho Homossexual”, contando com cerca de 5.000 militantes. Contudo, não deixou de pontuar as divergências internas entre os homossexuais diante do ativismo, especialmente entre homossexuais mais velhos e jovens. Nesse cenário, mencionou o jovem Jack Baker, estudante que se elegeu representante da associação estudantil de Minnesota, ilustrando com um cartaz de campanha em que estava sentado usando salto alto. A partir desse caso informou sobre a relação com a família e agressão; posteriormente complementada pela história de uma lésbica ao revelar à família sua condição sexual.⁹ Elementos que compuseram histórias singulares que estavam sendo agenciadas por essas pessoas com desejos homoeróticos, negociando seus desejos e uso dos prazeres num cenário predominantemente preconceituoso.

Para tanto, deve-se compreender estas notícias no contexto em que foram divulgadas, no Brasil. O período assinala a convivência com a vigilância dos censores nas publicações e, ao mesmo tempo, permite questionar-nos: como tais conteúdos foram possíveis de ser publicados dado o contexto que impedia posicionamentos tendencialmente positivadores dos homossexuais? Sobre isso são apresentadas algumas hipóteses que nos permitem compreendê-las e analisá-las.¹⁰

Veja é apresentada como veículo de informação, como já frisado, mas as homossexualidades permanecem temas tabus por contrariarem dispositivos legais de censura à imprensa e à moral. Tais publicações podiam estar associadas a manobras dos redatores e editores que

⁹ Considerações com base nas informações divulgadas na revista *Veja*. Cf. OS ALEGRES revoltosos. *Veja*, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 62. Acervo BC/PUCRS.

¹⁰ Estas hipóteses também foram discutidas numa análise específica. Cf. MARTINELLI, Leonardo da Silva. Uma idiosincrasia cristã: a igreja que casou homossexuais nos Estados Unidos e suas representações na revista *Veja* (1971). *Semina*, Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 257-279, 2018.

permitiam brechas na interpretação das reportagens pelos censores e, por conseguinte, sua adesão à edição. Dada à ênfase que contou com imagens que ampliavam a dimensão do tema e chamava a atenção dos leitores e leitoras, não podiam passar despercebidas. O fato de tratar de situações nos Estados Unidos possivelmente somou-se a esta leitura, pois as relações com o Brasil mantinham-se estreitas em razão do apoio a legitimidade do governo civil-militar, a influência através da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), além do idealismo que fazia parte da mentalidade de parcela da população que via aquele país como o modelo a ser copiado e seguido.

Uma das manobras que pode ter sido utilizada foi finalizar a reportagem com argumentos desfavoráveis que colocavam em pauta a credibilidade das positivações anteriores. Na reportagem sobre os nubentes casados há a menção de dois profissionais da área da medicina que se manifestam sobre a temática. Um desses sujeitos foi o psiquiatra Martin Hoffman que teria destacado: “Pouco sabemos da homossexualidade e ainda não podemos considerá-la como um meio normal de vida”. A psicóloga Evelyn Hooker, citada como especialista no assunto, teria pontuado: “A homossexualidade não é apenas uma outra forma de comportamento sexual, mas uma atitude que em geral afeta todo o sistema de vida das pessoas”. Após essas menções há uma reflexão sobre a dificuldade de aceitação dos homossexuais e uma analogia que o sucesso desta empreitada é semelhante ao convencimento dos pais “de que um casamento como o de Shakespeare e Snyder pode ser o melhor e mais conveniente para seus filhos”.¹¹

¹¹ OS ALEGRES revoltosos. **Veja**, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 62. Acervo BC/PUCRS.

Os fragmentos atribuídos ao psiquiatra e a psicóloga são utilizados como referenciais para ponderar a positivação anterior, especialmente o primeiro ao dizer não ser “um meio normal de vida”. A fala desses “especialistas” da área da saúde possui um reconhecimento maior por seu campo de atuação, adquirindo um sentido de “voz autorizada” para arguir sobre os homossexuais. Considerando esses aspectos, parece significativo o uso de estratégias para equilibrar a dubiedade das leituras e permitir sua publicação.

Na mesma década, mais especificamente em 1976, uma reportagem na revista *Veja* destacou o *Gay Christian Movement* ocorrido na Inglaterra. Tratava-se de um movimento liderado por Peter Elers, reverendo anglicano, que pretendia lutar contra a discriminação dos homossexuais dentro das igrejas cristãs. Numa entrevista concedida a um correspondente da revista em Londres, Jader de Oliveira, respondeu a alguns questionamentos entre os quais se tal atuação não contrariava as Escrituras bíblicas. Elers argumentou:

Admito que há certas referências contrárias à homossexualidade em diferentes partes da Bíblia. Mas acho mais importante entendermos o objetivo e o pano de fundo da Bíblia. A Bíblia é uma coleção de livros e relatos de fontes diferentes que nos dão a história do povo judeu, a revelação de Deus e, consequentemente, do mundo inteiro através de Jesus Cristo. Mas as pessoas que escreveram a Bíblia eram humanas e estavam limitadas pelo conhecimento, pela cultura da época. Tanto isso é verdade que, no Velho Testamento, encontramos vários hábitos que eram mantidos pelos judeus da época, mas não por nós. Eles estavam proibidos de comer carne de porco e de trabalhar no sábado, por exemplo. Bem, uma das coisas importantes do Velho Testamento era que a raça judaica, então muito

pequena, devia crescer e procriar. Daí a razão de ser malvista toda a união homossexual.¹²

A fala do reverendo apresenta, em parte, uma interpretação histórica dos textos bíblicos considerando-os como produção humana num determinado tempo. Esta historicidade permite compreender as passagens inseridas no contexto dos sujeitos que a elaboraram. O fato de tratar-se de um pequeno grupo que foi várias vezes subjugado e preso por outros povos assinalava a importância da reprodução para ampliar e fortificar esse grupo. Tendo em vista que a procriação somente acontece numa relação heterossexual, desde que os sujeitos apresentem as condições biológicas que permitam fazê-la, as outras possibilidades de uniões eram desencorajadas, pois não contribuiriam com essa norma para o grupo. Logo, tais associações eram punidas e rejeitadas. O fato de haver mensagens explícitas que se referem à sodomia evidencia que a relação entre pessoas de mesmo sexo era praticada e, por conseguinte, devia ser penalizada.

A análise do líder do Movimento Cristão Gay destaca uma leitura dos textos que permite outra compreensão, distinta daquela cristã predominante, e um olhar que torna mais receptiva a homossexualidade. Estas idiossincrasias que rompem com um modelo hegemônico proposto pelos grupos religiosos tornam-se evidentes. A tentativa promovida era justamente tornar mais flexíveis estas fronteiras para acolher os homossexuais, não excluí-los.

Nota-se que estas reportagens favoráveis publicadas na revista se tratavam de acontecimentos do exterior, portanto distantes. Não houve a divulgação de nenhuma iniciativa semelhante por grupos religiosos

¹² ALEGRES cristãos. **Veja**, São Paulo, n. 420, 22 set. 1976, p. 55. Acervo BC/PUCRS.

no Brasil nas fontes analisadas. Atenta-se que acolher os homossexuais não significava vê-los como semelhantes, humanizados, se sua sexualidade, práticas e/ou vivências eram abominadas; se não eram aceitos em sua plenitude. Contudo, havia adaptações destes discursos religiosos, além dos direcionados especificamente aos homossexuais, o que podia acarretar distintas *representações* num todo que sempre se apresentou como coeso. Isso inclui os adeptos das crenças religiosas que não concordavam com tudo que era tomado em nome do grupo/instituição, mas que continuavam pertencendo aquele coletivo.

Outra matéria que vincula a questão religiosa aos homossexuais, embora ambígua no que concerne ao posicionamento, teve como título “Luta homossexual”, publicada em parte da seção “Religião” do ano de 1976, novamente a respeito dos Estados Unidos. Em tom encorajador a reportagem iniciou destacando o apoio do bispo católico Francis M. que via os homossexuais como semelhantes na questão de direitos, embora mantivesse posições que contrariavam estes ideais, conforme nos informa a notícia veiculada. Após uma positivação dada na reportagem, numa das falas mencionadas destacou: “Se eles [homossexuais no magistério] defendem o homossexualismo[sic] como forma válida de viver, eu não os desejaria no sistema escolar”.¹³

Nítida contradição de posicionamento ao temer que o exercício da atividade pedagógica em sala de aula pudesse estimular ou induzir os estudantes a serem homossexuais. Da mesma forma, pontua a oscilação entre os posicionamentos a respeito das homossexualidades, que em um aspecto defendia a igualdade e noutro contradizia-se. Essa ambiguidade não é surpresa, pois trata-se de um tema polêmico que, enquanto

¹³ LUTA homossexual. *Veja*, São Paulo, n. 392, 10 mar. 1976, p. 49. Acervo BC/PUCRS.

representante da fé católica, e talvez desejando permanecer como membro, assumir determinadas posturas podia ocasionar um efeito cascata nas bases de sustentação dessa religião, o que em última instância poderia ocasionar sua ex-comunhão.

A sequência da publicação também discutiu outras questões referentes à religião católica. Mesmo diante dos argumentos bíblicos referentes às cidades de Sodoma e Gomorra, bem como as punições e restrições expressas em outras passagens, um grupo católico decidiu organizar um movimento. A passagem a seguir esclarece ainda mais esta questão:

A pressão não cessa, porém – e parte principalmente da organização nacional Dignity, fundada em Los Angeles, há oito anos, por homossexuais católicos. Possuindo 4 000 filiados, divididos em 45 seções, e com a participação de 700 padres e freiras simpatizantes, Dignity já obteve algumas vitórias.¹⁴

Verifica-se o destaque neste espaço da revista às mobilizações voltadas aos homossexuais por grupos religiosos cuja atuação “há oito anos”, conforme destacado, teria iniciado juntamente com a militância política destes sujeitos. Missas também eram realizadas: “San Francisco, Chicago e Boston, por exemplo, são cidades onde missas especiais são rezadas para homossexuais”.¹⁵ Essas transformações indicam que mesmo o posicionamento tomado pelos representantes da Igreja ser visivelmente contra as sexualidades dissidentes à cisheteronormatividade, havia um espaço de reflexão dos postulados desta crença, talvez reduzido em detrimento do potencial de sua

¹⁴ Ibidem, p. 50.

¹⁵ Ibidem, p. 50.

necessidade, porém, mesmo não contrariando as ditas bases, acenava de forma não ortodoxa às transformações que estavam em curso. Exemplos da dinâmica social e pluralidade de entendimentos, posicionamentos e representações que dividiam espaço naquela conjuntura.

Alguns representantes religiosos desenvolveram atividades voltadas aos homossexuais, não os excluindo ou buscando “readequá-los” à heterossexualidade, sendo exemplos de dissidentes do discurso cristão dominante. Igualmente, tem-se a criação de organizações específicas como as igrejas inclusivas criadas com a finalidade de voltar sua atuação especificamente aos homossexuais.¹⁶

Nesse processo de transformações podem-se lançar hipóteses sobre a posição dos sujeitos em meio a este cenário: parte destes podem ter se integrado a estas igrejas inclusivas em seus respectivos países; alguns podem ter se afastado das crenças religiosas; outros possivelmente mantiveram-se em suas crenças sofrendo ao ouvir a defesa e justificação de uma heterossexualidade “original”, “divina”; e quiçá, há de se considerar aqueles que eventualmente buscavam uma salvação ou um milagre que os tornasse heterossexuais. Histórias subjetivas agenciadas em torno das infelicidades e/ou utopias dos homossexuais quanto a suas práticas e desejos homoeróticos no amálgama com suas crenças religiosas.

¹⁶ Para uma análise que envolve a ambiguidade entre entendimentos contrários à homossexualidade por evangélicos e a criação de igrejas inclusivas por grupos minoritários oriundos desse mesmo segmento religioso ver NATIVIDADE, Marcelo Navares. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CRENÇAS RELIGIOSAS NA REPRESENTAÇÃO NEGATIVA DOS GAYS

Um dos casos que assinala a relação negativa entre cristianismo e homossexualidades foi expresso em “Blasfêmia gay”, título de um dos temas discutidos na seção “Religião” de 1977. Tratava-se de um processo judicial decorrente de uma suposta ofensa a Jesus Cristo por um homossexual na Inglaterra. Acionando leis antigas, Denis L. foi julgado e condenado. De acordo com a reportagem:

o réu, 32 anos, homossexual confesso, editor da revista *Gay News*, uma das muitas do gênero que circulam no país, foi condenado na semana passada a nove meses de prisão e a pagar multa equivalente de 15 000 cruzeiros, pelo crime pouco comum de blasfemar – ofender a Deus ou ao que é sagrado. No caso, por haver publicado o poema intitulado “O Amor que ousa Dizer Seu Nome”, no qual o professor inglês James K[...], atualmente residente nos Estados Unidos, descreve Jesus Cristo como “um autêntico homossexual”.¹⁷

Sua fala foi considerada ofensiva por tocar num elemento “inquestionável” a respeito do messias cristão, possivelmente maximizada por sua atividade profissional e sexualidade. Somado a isso está o fato do teor do poema citado, além do título que adapta uma frase que foi atribuída a Oscar Wilde – preso em sua época acusado por práticas de sodomia na Inglaterra¹⁸ – outras vezes tida como de autoria de um de seus companheiros. A notícia informou que os grupos religiosos da Inglaterra preferiram não se manifestar a respeito da blasfêmia ou se envolver na alçada jurídica deixando, a sua parte, ao julgamento divino. Conforme citado, esta lei já havia sido aplicada a outro sujeito, em 1921, “condenado a nove meses de trabalho forçado

¹⁷ BLASFÊMIA gay. **Veja**, São Paulo, n. 463, 20 jul. 1977, p. 50 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

¹⁸ Para saber mais ver NAPHY, op. cit. p. 216-219.

por chamar Jesus Cristo, num panfleto de sua autoria, de ‘personagem parecido a um palhaço de circo’”.¹⁹

As distintas interpretações e posicionamentos tomados sobre esse personagem acarretavam – e acarretam – descontentamento, em especial, quando as menções não correspondem aos ideais defendidos pelos cristãos. Deve-se atentar que diferentes entendimentos são possíveis, e isso não pode ser limitado, haja vista a liberdade de pensar ser uma das questões fundamentais e necessárias para o convívio social; o que, por outro lado, não deve ser tomado como motivo para desrespeitar as crenças religiosas. Crer nelas ou não é uma opção disponível a todas as pessoas, e ideias discordantes devem ser igualmente aceitas e analisadas em seu próprio contexto. A questão central parece localizar-se na divergência dos entendimentos e em suas decodificações por parte das outras pessoas, imbricando dois temas polêmicos e de difícil consenso social: a religião cristã e a sexualidade humana. Frases de impacto certamente alimentam a dimensão das contradições, e dada à moralidade dominante, houve a possibilidade de enquadrar tais sujeitos em uma lei específica, julgando-os e condenando-os.

Tal ênfase nesse tipo de matéria pode estar relacionada aos critérios de noticiabilidade da imprensa que indicam temas e categorias chamativas para as publicações; este caso, em especial, pode fazer parte de acontecimentos inusitados que adquirem dimensão maior pela associação com outros elementos, como o fato do sujeito envolvido nesse processo ser um homossexual e editor de revista gay. Esse fato se soma ao hiato entre as aplicações deste dispositivo informadas na

¹⁹ BLASFÊMIA gay. **Veja**, São Paulo, n. 463, 20 jul. 1977, p. 50 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

matéria, e a própria surpresa ao recorrer a tal artigo. Tal razão nos parece singular para compreender o intervalo entre as duas situações condenatórias que, pela menção na revista, distanciavam-se em 56 anos de sua aplicação legal.

Sem dúvida, muitos outros sujeitos contrariaram, criticaram e propuseram outras interpretações às bases que dão sentido ao discurso cristão, de modo que a aplicação legal de uma punição a este fator, por si só, torna o ocorrido jocoso. A questão central, como se pode observar, foi a moralidade abalada. Em contraponto, a discriminação e estigmatização concreta que os homossexuais passaram, não eram dignas de punição aos agressores; ou não assumia a mesma importância. Atenta-se que se fala de um país onde imperou a chamada moralidade vitoriana que impôs normas de comportamentos e costumes sexuais a serem seguidos.²⁰ Nota-se, pelo ocorrido, como afirmou a publicação, “que a velha moral cristã e britânica, que muitos consideravam moribunda, continua[va] bem viva, pelo menos nas aparências da lei da blasfêmia”.²¹

Outra reportagem do campo religioso apareceu na seção “Comportamento” de 1979. O título evidencia o tema em questão: “Padre gay, não” em letras com destaque no topo da página, seguida por um subtítulo também esclarecedor: “Só heterossexual pode ser sacerdote”. A polêmica girou em torno de uma votação a respeito da ordenação de

²⁰ O vitorianismo foi a denominação dada em referência à rainha Vitória, da Inglaterra, visando regular as sexualidades por meio de um conjunto de elementos que definiam uma dada moralidade a ser seguida, período a que alguns autores como Peter Stearns chama de primeira revolução sexual, entre 1750 a 1950. Como reação a tais transformações desenvolveu-se esta moralidade sexual expandindo-se para outros territórios, modificando-se, mas mantendo a vigilância a tais imperativos. Mesmo com relutâncias ou adaptações, tal sistema permaneceu atuante e é possível observar a permanência de tais valores e sua reprodução. Cf. STEARNS, op. cit. p. 137-180.

²¹ BLASFÊMIA gay. **Veja**, São Paulo, n. 463, 20 jul. 1977, p. 50. Acervo BC/PUCRS.

sacerdotes pela Casa dos Bispos da Igreja Episcopal nos Estados Unidos, sendo que ela resultou no impedimento de homossexuais ao ofício num número superior a metade dos votos. De acordo com o noticiado, a igreja foi uma das primeiras que aceitou a ordenação de mulheres; no entanto, no mesmo dia da votação uma mulher moveu uma ação contra a Igreja Episcopal, pois “teria negado sua ordenação sob a alegação de que ela [era] ‘lésbica militante’ e ‘envolvida em magia negra’”.²²

Esses exemplos indicam que ao mesmo tempo em que houve grupos religiosos favoráveis à homossexualidade, criando igrejas inclusivas, realizando casamentos e outras atividades sociais, o oposto também ocorreu no reforço à manutenção dos valores morais cristãos prezando por tais postulados. Tratava-se de um campo de disputas frágil que opunha (e continua opondo) sujeitos com tendências mais liberais, tolerantes, dos mais conservadores.

Verifica-se que as reportagens tornaram públicas informações referentes ao exterior, especialmente, mas não dão igual ênfase aos acontecimentos sobre os homossexuais no Brasil, ao menos não nas fontes analisadas. Tal questão pode estar associada à ideia de que se não fossem divulgadas tais situações envolvendo o país, numa pretensão para o olhar dos leitores e leitoras, haveria um silenciamento sobre a temática. Isso pode ser comprovado pelo conteúdo dos bilhetes e comunicações que impediam determinados temas e informações de serem publicados na imprensa, como pode ser analisado nos exemplos trazidos por Marconi. E ainda havia o alerta de que a censura não podia ser criticada. O conteúdo de uma proibição da Polícia Federal de 4 de junho de 1973, citado pelo autor, informa:

²² PADRE gay, não: Só heterossexual pode ser sacerdote. **Veja**, São Paulo, n. 577, 26 set. 1979, p. 88 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

De ordem superior, fica terminantemente proibida a publicação de críticas ao sistema de censura, seu fundamento e sua legitimidade, bem como de qualquer notícia, crítica, referência escrita, falada e televisada, direta ou indiretamente formulada contra órgãos de censura, censores e legislação censória.²³

A matéria citada é do ano de 1979, período em que a revista *Veja* não estava sendo censurada, conforme Almeida²⁴, porém o lastro dessa influência permanecia. Embora o período no Brasil fosse mais permissivo quanto às questões sexuais em relação ao período anterior, representações negativas sobre os homossexuais e demais vivências não alinhadas à moralidade dominante continuavam a reproduzir-se. O aval do aparato censor atuante na imprensa e para além dela, juntamente à ressonância e receptividade de tais representações por parcela da população contribuíram com a preservação dominante de tais entendimentos.

O cenário de transformações era de predisposição para que setores tomassem posição diante dessas mudanças e setores religiosos passaram a manifestar-se, de distintas maneiras: uns mais liberais como citado anteriormente, outros mais conservadores como apontou a notícia sobre a recusa de padres gays na Igreja Episcopal nos Estados Unidos. Assim, ao mesmo tempo em que houve reportagens positivadoras partindo daquele país, outras reforçavam a inferiorização dos homossexuais.

A seção “Datas”, por sua vez, pontuou um caso envolvendo um sacerdote e a homossexualidade ganhando destaque numa reportagem de 1978. Na Espanha, um sacerdote foi impedido de realizar

²³ MARCONI, op. cit, p. 37.

²⁴ ALMEIDA, op. cit. p. 154.

sacramentos e foi afastado de suas atividades por ter publicado um livro contando sobre sua homossexualidade.²⁵ O fato destaca as tensões dentro do próprio campo religioso que tiveram que lidar com situações imprevisíveis. Ao mesmo tempo em que pregavam e reforçavam uma determinada representação, alguns de seus integrantes abalaram o sistema e afrontaram esses princípios. Nota-se que as vivências homossexuais começam a aparecer com mais frequência em razão da visibilidade pública que estas adquirem. Se antes os sujeitos abdicavam de seus desejos e afetos ou os praticavam escondidos, nessa conjuntura foram estimulados a torná-los públicos pelos emergentes movimentos homossexuais.

Informar sobre tal ocorrido ao público leitor aponta a ocorrência da homossexualidade entre os membros religiosos e sinaliza a ênfase dada ao fato. Não se tratou apenas de um sacerdote homossexual, mas de sua história e sexualidade tornadas públicas por meio do livro, sendo que a polêmica fragilizava ainda mais a estrutura eclesiástica que já apontava seus abalos. Portanto, a publicação contribuiu no reforço de *representações* que puderam ser decodificadas de acordo com a leitura subjetiva de seus leitores. Tanto negativa ao associar o homossexual ao escândalo religioso, ou positiva ao destacar um clérigo que mesmo inserido em seu meio, conservador no que diz respeito às questões sexuais, assumiu sua orientação sexual publicamente sabendo das reações que essa iniciativa implicaria. Não era algo que estava presente apenas em algumas camadas sociais, as homossexualidades podiam ser encontradas em todos os espaços.

²⁵ DATAS. **Veja**, São Paulo, n. 487, 4 jan. 1978, p. 16. Acervo BC/PUCRS.

No conjunto, verifica-se a ênfase a respeito das questões religiosas que envolveram países do exterior, ao passo que as nacionais foram limitadas nas reportagens que compuseram as fontes analisadas. Algumas evidenciaram justamente a representação negativa sobre a homossexualidade e sua relação com lideranças religiosas, como numa seção “Brasil” de 1979. Como já pontuado, esta seção discutia especialmente assuntos com uma abordagem política e, nesta edição, mencionou a concessão negada do título de cidadão mineiro ao cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. A razão disso foi explicitada na fala de um deputado, cujo fragmento pode ser conferido a seguir:

De fato, alguns deputados mineiros recorreram a argumentos que comprometem tanto o decoro parlamentar quanto a inteligência de seus autores. “Com aquele jeito gay, ele não faz meu gênero, não”, justificou-se o deputado Sylo C[...], eleito pela Arena, conhecido por sua falta de equilíbrio nas temporadas de caça aos comunistas e, agora, por uma inédita falta de compostura no trato de uma questão parlamentar que envolve um cardeal.²⁶

O argumento que levou o deputado a votar contra, segundo a matéria, foi a associação do clérigo à homossexualidade. Mais do que analisar a sexualidade e castidade alheia do arcebispo, deve-se refletir sobre o estigma que tal nomeação e associação podiam acarretar. A acusação e ofensa moral expressa tinha o propósito de desqualificá-lo como apto a receber o título de cidadão mineiro. Vê-se, ainda, que sua aversão aos comunistas podia estar relacionada a este posicionamento, pois, como já salientado, a homossexualidade foi uma forma de abalar a

²⁶ QUESTÃO de honra: Deputados negam a dom Paulo o que deram a Medici[sic]. **Veja**, São Paulo, n. 587, 5 dez. 1979, p. 34 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

imagem tanto da direita quanto da esquerda da época que tendeu de modo geral, – com algumas exceções e mudanças nos grupos políticos ao longo do tempo –, a rejeitar as práticas homoeróticas, e, por extensão, as pessoas homossexuais que a demonstrassem.²⁷ Mesmo um representante da fé católica, defensor da moralidade e dos valores preconizados no período, não foi poupado de polêmicas que envolveram sua imagem. Tratou-se, pois – como destacou o título desta reportagem – de uma “Questão de honra”.

O cardeal era conhecido pelas atividades sociais que desenvolvia em defesa dos direitos humanos²⁸, coordenando entre 1979 e 1985, juntamente com o pastor Jaime Wright, o projeto sigiloso *Brasil Nunca Mais* registrando processos de tortura e repressões no Brasil.²⁹ Essas vinculações também podem ter corroborado para a recusa em receber o título e a emissão do posicionamento que gerou tal polêmica, pois se tratava de um opositor ao regime; contudo, o termo expresso poderia visar a desqualificação desse religioso.

O jornalista Pedro Del Picchia escreveu uma matéria no jornal *Folha de São Paulo* em decorrência da morte de Dom Paulo Evaristo Arns, em 14 de dezembro de 2016, destacando parte de sua história. Além de mencionar a sua atuação pontuou brevemente questões polêmicas: “No período sofreu ameaças e calúnias – como denúncias anônimas

²⁷ QUINALHA, op. cit. p. 243.

²⁸ Para saber mais a respeito desta personalidade e atuação ver: PROGRAMA Roda Viva. Diretor: Marco Nascimento. Produção: Márcia Maria Ribeiro. Entrevista com D. Paulo Evaristo Arns. Mediação de Matinas Suzuki Jr. São Paulo: TV Cultura, 25 dez. 1995. 91,55 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tGnkkwyuT7I>. Acesso em: 12 jan. 2019.

²⁹ DOM Paulo Evaristo Arns. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-paulo-evaristo-arns/index.html>. Acesso em: 05 jan. 2019. Para saber mais a respeito desse projeto ver a obra cujo prefácio foi escrito pelo cardeal: CIA. **Brasil: nunca mais**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

tachando-o de homossexual. Sobre isso jamais se pronunciou, demonstrando absoluto desprezo por seus detratores”.³⁰

Observa-se a crítica na reportagem na revista *Veja* sobre o posicionamento do parlamentar que atribuiu tal nomeação ao clérigo, citando inclusive nomes de outras personalidades como o ex-presidente Emílio G. Médici que obteve o título. Atenta-se, contudo, que a proposta havia sido implementada por um deputado do MDB “que pretendia homenagear o arcebispo de São Paulo por suas atividades de defesa dos direitos humanos”.³¹ Logo, tratava-se, também, de uma contrariedade partidária com o deputado arenista.

Outros casos polêmicos tiveram clérigos católicos envolvidos em crimes como o noticiado no ano de 1969, em Minas Gerais. A reportagem trouxe a pauta um crime ocorrido na cidade de Mutum. Iniciando com uma descrição depreciativa da cidade a publicação destacou aos leitores e leitoras o fato: “Assim é Mutum, abalada desde o mês passado pelo homicídio mais chocante que já conheceu: o sacristão morto a mando do padre, por questões de homossexualismo,[sic] infidelidade conjugal e ambição”.³²

O caso ocorreu envolvendo quatro sujeitos: o sacristão Adenaldo M. da C., sua esposa Glaura M., o padre Carlos G. e outros dois sujeitos, Adenis G. e Sebastião M. de O. A reportagem informou que o sacristão havia sido criado pelo padre sobre o qual havia suspeita de que fosse homossexual:

³⁰ DEL PICCHIA, Pedro. Morre dom Paulo Evaristo Arns, ícone progressista da igreja no Brasil. **Folha de São Paulo**, 14 dez. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1840882-dom-paulo-evaristo-arns-icone-progressista-da-igreja.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2019.

³¹ QUESTÃO de honra: Deputados negam a dom Paulo o que deram a Medici [sic]. **Veja**, São Paulo, n. 587, 5 dez. 1979, p. 34. Acervo BC/PUCRS.

³² O VALE onde a lei é matar. **Veja**, São Paulo, n. 54, 1969, p. 34. Acervo *Veja*. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>.

Alberico de Souza Cruz, chefe da sucursal de VEJA em Minas, entrevistou várias pessoas da cidade – e nenhuma negou a ‘fraqueza’ do padre Carlos G[...], 65 anos, por rapazinhos. Todos reconhecem o padre como trabalhador e tolerante; e por isso perdoavam sua fraqueza – até então um assunto discretamente ignorado.³³

Suspeitas à parte, a reportagem chamou atenção ao salário que o sacristão recebia, valor alto para o local e atividade, sendo que recaíam, também, desconfianças de relações sexuais entre ambos; Adenaldo havia sido criado pelo padre desde os seis anos. O jovem de 27 anos continuou no trabalho, embora casado. Nesse período os outros dois rapazes citados começaram a frequentar a casa do padre: um de 20 anos e o outro 23. A motivação dessa aproximação, citada na notícia, devia-se ao desejo de Adenis de tornar-se sacristão e o interesse de Sebastião pela esposa de Adenaldo, Glaura. Esses fatores os ligavam e, motivados por desentendimentos, foram o pivô para o assassinato do sacristão. Pouco tempo depois, segundo a matéria, as investigações levantaram os suspeitos que confessaram a participação indicando o padre Carlos como mandante. O trecho a seguir esclarece esse envolvimento: “O padre Carlos, também ouvido, negou que fosse o mandante. Mas o inquérito policial, já concluído, apontou o padre como mandante”.³⁴

Este fato assinala a vinculação de membros religiosos envolvidos em suspeitas de homossexualidade e crimes, mas que pode ser acrescido de outros que se tem notícia no período da ditadura civil-militar. Ao serem publicizados contribuem tanto para fragilizar a estrutura eclesiástica, quanto os homossexuais. O elemento em evidência que permite ser analisado de forma explícita e implícita é o desejo

³³ Ibidem, p. 34.

³⁴ Ibidem, p. 34.

homoerótico que aparece como eixo central no qual se desenrola a tragédia. Somada ao local, enfatizado e descrito como perigoso, amplia a dimensão marginal do ocorrido.

Em síntese, cabe destacar que no conjunto a categoria “crenças religiosas” apresentou representações favoráveis à homossexualidade no exterior, mas também negativas, obtendo visibilidade pelo número de reportagens que se referiram ao cenário internacional. Os exemplos mostram que se havia uma melhora no trato das questões homossexuais a mesma estava distante, vinha de fora. Reforçava, no imaginário dos sujeitos, a ideia de que alguns países eram referência em detrimento de outros, embora houvesse também obstáculos às vivências homossexuais. Nesse sentido, mesmo religiosos estiveram presos às correntes normativas que o discurso de sua crença ajudou a construir, bem como de representações negativas sobre os homossexuais divulgadas na esfera pública através da revista *Veja*.

O HUMOR NA REPRESENTAÇÃO DOS GAYS

Uma das situações em que homossexuais ganhavam maior atenção da sociedade como um todo era quando eram acionados para levar diversão por meio dessa representação em peças de teatro, cinema ou até mesmo na televisão. Usar e abusar de trejeitos e estereótipos contrários ao gênero esperado para determinado sujeito era uma das principais estratégias para conseguir tal intento. Os veículos de imprensa publicaram reportagens que nos permitem constatar essa realidade. No entanto, a intenção é analisar o conteúdo divulgado e perceber, a partir dele, as representações, não aprofundando tais

acontecimentos ou eventos tendo em vista que o foco deste trabalho é a forma como os homossexuais foram reportados na revista *Veja*.

Em 1970 a seção “Teatro” já indicava o apreço por estas modalidades de apresentação com personagens homossexuais. Um fragmento de uma das reportagens divulgadas intitulada “Coquetel de êxito” destacou: “Em Nova York, o ‘hit’ é a comédia com homossexuais em cena (‘The Boys in the Band’), venham lá então pitadas de homossexualismo[sic] sem carregar na dose”.³⁵ A ênfase em “hit” chama atenção para a crescente quantidade de peças que tinham homossexuais como integrantes. Da mesma forma, a matéria dá visibilidade à cidade do exterior e a uma peça que exemplifica tal menção. Isso não significa que essas personagens passem a fazer parte somente nesse período, mas amplia-se crescentemente como forma de entretenimento.

No entanto, como frisa a reportagem, nada de exageros. Isso demonstra haverem (ou melhor, serem esperadas) ações controladas, talvez para não apresentar esta sexualidade e vivência como positiva, ou para não conceder o protagonismo a estes sujeitos, mas como coadjuvantes; contudo, houve peças em que as homossexualidades assumiram a temática central e ganharam destaque em algumas reportagens na revista *Veja*. Muitas peças de teatro e cinema foram censuradas, o que assinala a vigilância a determinados temas entre os quais os que afrontavam a “moral e os bons costumes”.³⁶ No ano de 1970 uma entrevista com John Schlesinger, cuja ênfase era o filme *Perdidos na noite*, destacou informações a respeito da censura brasileira à obra.

³⁵ COQUETEL de êxito. *Veja*, São Paulo, n. 98, 1970, p. 69 – grifo do autor. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>.

³⁶ Para uma análise diversificada da censura sobre a televisão, teatro, cinema, música, livros, dentre outros, consultar QUINALHA, 2017, em especial o capítulo 2.

A partir de um exemplo trazido pelo entrevistado uma nota explicitou a cena: “Um homossexual começa a beijar o cowboy primeiro no rosto, depois pescoço, depois no peito, mas a Censura brasileira cortou a cena neste ponto”.³⁷ Isso nos dá um indicativo do controle de determinadas situações que explicitassem um tipo de relação que afrontava os “costumes” defendidos.

Como visto, o cinema não se afastou do “hit” em ter homossexuais como personagens. Uma matéria de 1972 tratou do filme *Casa Assassina* com um título esclarecedor: “Nova decepção”, sendo que a publicação teceu comentários a respeito, destacando o fato de um personagem sobressair-se, o homossexual. Tratava-se de Timóteo, “ovelha negra da família, que viv[ia] trancado em seu quarto, vestido de mulher”. De acordo com a publicação “a única figura que sobressai, justamente por ser esquematicamente grotesca, é a do gordo e exageradamente maquiado homossexual”.³⁸ Percebe-se que aspectos cômicos e que geralmente são usadas para levar expectadores ao riso foram reunidos no personagem citado. Gordo, homossexual e travestido, Timóteo apresentava os elementos jocosos que tendencialmente são explorados para esse fim.

Tais menções seja nos teatros, cinemas ou publicações na imprensa, construíam representações depreciativas desses sujeitos ridicularizando a homossexualidade, usando e abusando de trejeitos classificados pela cultura dominante vigente como femininos. Elementos opostos daquilo que se esperava por parte dos “homens de

³⁷ FERRIERI, Giuliano. O Oscar é um peso: o autor de “Perdidos na noite” e os perigos da fama. **Veja**, São Paulo, n. 88, maio 1970, p. 4. Acervo BC/PUCRS.

³⁸ NOVA decepção. **Veja**, São Paulo, n. 183, 8 mar. 1972, p. 61. Acervo BC/PUCRS.

verdade”, sendo efeminados e tidos como “invertidos”, logo, não “homens”³⁹, mas sim, homossexuais.

Outras menções explicitamente evidentes que contribuíram com esta representação jocosa podem ser observadas na reportagem sobre a peça *O Donzelo* exibida no Rio de Janeiro, em 1972, que diz ter contado com grande público. O fragmento a seguir discute esta questão: “O segredo dessa afluência de público não é, certamente, o tema da peça – história de um pai homossexual que se transforma em ‘machão’ e acaba casando com a futura sogra de sua filha – mas a presença em cena de um de seus autores [...]”.⁴⁰ O exposto destaca o tema da peça, ou seja, um sujeito homossexual que por meio de seu comportamento se “transforma” em “machão”. E não só isso, além de ser identificado como gay, casa com uma mulher estreitando ainda mais os laços de sua família.

A trama expressa nessa descrição envolve a homossexualidade numa situação comum na sociedade. Casos de gays que casaram, tiveram filhos e enquadraram-se na cisheteronormatividade não são poucos. A violência de gênero manifestada sobre estes sujeitos os força a adequarem-se a este sistema. A ironia é reforçada pela sugestiva mudança de comportamento tornando-se “machão”, este compondo o tema central da peça, destacado na reportagem. Tais “alterações” possivelmente divertiram os espectadores por meio de seu comportamento. Contudo, a razão do apreço do público justificada na revista não foi o tema da peça. Mesmo que não o fosse – não é central

³⁹ Usa-se aspas porque não se estende o homem como um sujeito dado, mas construído e constituído ao longo do tempo. Por essa razão não pode ser tomado como um dado, mas como um constructo que se dá sobre as carnes sexuadas.

⁴⁰ O MISSIONÁRIO. **Veja**, São Paulo, n. 196, 7 jun. 1972, p. 81 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

saber se de fato o foi – as bases que construiriam a representação já estavam lançadas.

As reportagens citadas situam-se entre os anos de 1969 a 1972, e nem todas trouxeram menção de sua autoria. Parte das fontes analisadas apresentou esta lacuna o que nos faz pensar em seu contexto de produção e editoração. Robert Darnton que afirma já ter trabalhado como repórter apresenta algumas ideias de sua experiência que possibilitam refletir sobre a produção das publicações. Dentre estes elementos destaca a divisão de tarefas dos funcionários, contexto de socialização e ideal de ascensão que incidem na construção da reportagem. Além disso, chama atenção aos diferentes estágios por que passam as mensagens antes de ser publicadas, o que demonstra não ser apenas uma atividade singular de seu autor, mas resultado das relações internas.⁴¹ “O contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem forma sob a influência de técnicas herdadas de contar histórias”⁴², salienta Darnton. Esses apontamentos indicam a complexidade dessas produções e o esforço na elaboração dos textos que precisam ser considerados em conteúdo e *representações* divulgadas.

Outra representação de humor foi divulgada numa reportagem de 1980 que possivelmente causou estranheza aos ávidos leitores e leitoras da revista *Veja* que leram descrições de uma peça que superava a realidade biológica com uma boa dose de fantasia. Quiçá, mais que os espectadores da peça, exibida em São Paulo, e que ganhou destaque no semanário. Com o título “Papai e papai” complementado por “Homossexual grávido deixa todo mundo perplexo”, *Veja* divulgou uma

⁴¹ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 86.

⁴² Ibidem, p. 109.

representação caricata dos gays. Tratava-se da história de um casal que se relacionava há cinco anos e um deles passa a aumentar sua barriga comprovando na peça, posteriormente, estar grávido. De acordo com a matéria o desfecho desenrola-se com vários detalhes que a publicação criticou. Uma imagem mostrou a cena:

Figura 15 – Cena da peça *Supermen*



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 599, 27 fev. 1980, p. 93. Acervo BC/PUCRS.

Observa-se o casal demonstrando estar feliz em razão da notícia. O fundo escuro reforça o destaque central aos personagens. Ambos apresentam-se com vestimentas designadas culturalmente para seu sexo. A legenda não esconde a crítica à peça, mas não à proposta. Forçadamente direcionada a comédia, a peça constrói uma representação negativa dos homossexuais ao usar esse tipo de relação sexual como alvo de chacota, já que usa esse estereótipo para prospectar o humor.

A imagem sugere o entendimento de que o “papai grávido” assumiu o papel da fêmea geradora e papel sexual “passivo” na relação tomando como base o discurso binário heterossexual. Se a expressão de gênero foi utilizada ou não como extensiva desse olhar não foi mencionado, embora o inverso também é possível já que a intenção da peça assinala ser a comédia. A narrativa jornalística que é assinada por Jair Arco e Flexa⁴³, contudo, não se isentou de destacar o entrave que acarretaria aos homossexuais:

No que diz respeito aos homossexuais, embora seja encenada numa casa especializada em espetáculos para eles, “Supermen” é até algo conservadora, já que, ao usar a condição dos homossexuais principalmente como motivo de riso, apenas reforça os estereótipos sobre eles.⁴⁴

Nota-se que o humor usado como recurso para propiciar alegria, em contraponto fornecia determinados entendimentos e tornava visível representações e discriminações num momento que, *a priori*, seria de entretenimento e diversão. Encenar a expressão de gênero forçadamente, especialmente com comportamentos ditos femininos e maneirismos num sujeito de um sexo para o qual não era esperada era uma forma bastante visada de buscar o riso. Os gays, em especial, eram os personagens que mais apareciam retratados. Se o estigma se refletia inclusive nestes espaços, é possível pensar no tratamento dado às

⁴³ O autor escreveu na seção “Teatro” da revista e trata-se de um profissional vinculado às artes. Em 1968, na edição número 9 da revista *Veja* há a indicação da peça *O Clube da fossa* que seria exibida no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, e há a menção de que Jairo Arco e Flexa faria parte do elenco.

⁴⁴ FLEXA, Jairo Arco e. Papai e papai: Homossexual grávido deixa todo mundo perplexo. **Veja**, São Paulo, n. 599, 27 fev. 1980, p. 93. Acervo BC/PUCRS.

travestis, que socialmente tornavam ainda mais explícito este trânsito entre as fronteiras de gênero.⁴⁵

Tal era o apreço por este comportamento estereotipado que quando ele não aparecia caracterizado da forma esperada o público espectador criticava, insatisfeito. Foi o que ocorreu num show no teatro Copacabana no Rio de Janeiro em que dois personagens finais do espetáculo, um homossexual e um sambista, foram criticados. Conforme citado: “As duas últimas categorias pecam pela pobreza de gestos e trejeitos [...]”.⁴⁶ Isso nos faz pensar na representação do homossexual tida por grande parte das pessoas que ansiava por um sujeito com trejeitos femininos que levava ao riso e que fora utilizado como recurso para tal intento em diversas peças; sendo assim, era fundamental que no teatro expressassem tais gestos, dando “vida” aos personagens encenados. A não correspondência à expectativa proposta acarretou críticas nesse meio e revelou a noção dos apreciadores de que o homossexual precisava ter trejeitos característicos a partir do estereótipo construído em torno desses elementos para ser reconhecido, para ser homossexual. Se não expressasse tais trejeitos não agradava o público, não os divertia.

Mas como já foi pontuado, eram espaços em que tais sujeitos podiam ser representados e se fazer ver. Desvinculava-se, portanto, o apreço por estes personagens – nas peças, filmes e demais aparições

⁴⁵ Atente-se que durante o carnaval esta ambiguidade nos padrões de gênero é mais tolerada, mesmo no período da história brasileira em que as homossexualidades eram punidas, como aponta Green (2000a). A partir de então é possível constatar a permissividade da expressão *performativa de gênero* durante a festividade da qual participam também sujeitos não homossexuais. No entanto, essas performances vinculam-se ao entretenimento e humor em que é possível observar estereótipos caricaturais para além das possíveis manifestações, reflexões e mensagens expostas. Ao mesmo tempo em que é uma possibilidade de questionamento – atravessar fronteiras (ou permanecer nela), – ainda persiste um uso (um dos) ilustrativo e jocoso.

⁴⁶ DIAS, Maurício. Meia volta. **Veja**, São Paulo, n. 234, 1973, p. 74. Acervo BC/PUCRS.

tendencialmente burlescas – do cotidiano social. Na vida diária os olhares de julgamento e rejeição eram ampliados. Uma reportagem de 1973 contou parte das apresentações de um artista que fazia espetáculos no Rio de Janeiro e uma de suas personagens era Edith Cooper. Destacou o artista: “Edith Cooper é um personagem para o palco e não para a vida. Brasileiro aceita travesti em cena, mas não no ônibus”.⁴⁷ O fragmento de sua fala revelava uma realidade brasileira da época, sendo que tais estigmas ainda hoje são visíveis.

As travestis, por afrontarem os padrões de gênero também eram representadas em espetáculos através de personagens, mas nas demais atividades do espectro social encontravam entraves em socializar-se. Eram outras faces que compunham e se somavam ao estereótipo do gay feminino, travestido, que perdurou por muito tempo – e quiçá ainda perdure no entendimento de algumas pessoas –, sendo que a identidade acionada como grupo específico distinto de outras modalidades imersa nas homossexualidades era reconhecida por algumas pessoas e cresceu com o passar do tempo; para outras, permanecia o entendimento discriminatório de que eram homens homossexuais que se vestiam de mulher.

A respeito da *performatividade de gênero*, o exemplo trazido por Butler sobre as *drags* ajuda a entender essa questão na medida em que sua reflexão aponta três dimensões da corporeidade: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero. “Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da *performance*, então a *performance* sugere uma dissonância não só entre sexo e *performance*, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e

⁴⁷ DOCE limonada. **Veja**, São Paulo, n. 276, 19 dez. 1973, p. 97. Acervo BC/PUCRS.

performance".⁴⁸ Isso torna mais evidente a imbricação e distinção entre o entendimento de gênero como "imitação" e "original"; originalidade esta que a autora problematiza e discorda. Conforme Butler: "No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma *performance* que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada".⁴⁹

Na coluna de humor da revista *Veja* os homossexuais também apareceram citados. Millôr Fernandes⁵⁰, autor do espaço, construiu e/ou difundiu determinadas representações. Numa de suas falas no intitulado "Dicionário sexual" reportou: "Homossexual – rapaz que conheceu as moças erradas"; "Lésbica – moça que não conheceu os rapazes certos".⁵¹ Sarcástico, polemiza tal sexualidade e entendimentos comumente associados. Sua escrita utilizava expressões ambíguas que podiam acarretar distintas interpretações para além do sentido manifesto. Como era um espaço de humor suas menções questionavam e possibilitavam a reflexão; ao mesmo tempo podia revelar preconceitos em meio a este propósito. Também fez uso de imagens que ora inseriam-se numa proposta maior ou específica. As decodificações deste espaço possivelmente exigiram maior interpretação por parte dos leitores e leitoras para decifrar o sentido proposto pelo autor e, por conseguinte, os que iam além dele.

Cintia Lima Crescêncio ao analisar o feminismo na revista *Veja* percebeu que o tema também fez parte da coluna de humor de Millôr

⁴⁸ BUTLER, 2017, p. 237 – grifo da autora.

⁴⁹ Ibidem, p. 238 – grifo da autora.

⁵⁰ Para uma análise da coluna de Millôr a respeito dos feminismos ver CRESCÊNCIO, op. cit. especialmente o capítulo 3.

⁵¹ FERNANDES, Millôr. Dicionário sexual. *Veja*, São Paulo, n. 476, 19 out. 1977, p. 14. Acervo BC/PUCRS.

que, *a priori*, sugere uma discriminação, no entanto, a autora vai além desse primeiro olhar e chama a atenção para outros elementos a considerar:

primeiro, o conhecimento sobre os vínculos que o colunista estabeleceu com a esquerda, muito crítica às ideias feministas; segundo, ao potencial subversor do humor que com as ferramentas da análise do discurso tornam-se especialmente visíveis; terceiro, ao fato do jornalista estar cumprindo uma função a que se propôs, a de fazer rir.⁵²

Questões às quais se deve atentar. Outra passagem que cita os gays na revista *Veja* em 1977 pontuou: “E você sabe a do homossexual que se apaixonou por uma lésbica? Dizem que foi aquele vice-versa!”.⁵³ É possível observar, nesta passagem em especial, a sugestiva associação entre um gay, possivelmente entendido como um sujeito com comportamento e trejeitos femininos, “que se apaixonou” por uma lésbica que provavelmente expressava um gênero visto como masculino, numa compreensão binária. Ao que parece, “completar-se-iam” numa lógica cisheteronormativa. O tom de sua fala é aqui interpretado como jocoso divulgando uma representação negativa sobre os homossexuais; mesmo considerando as possibilidades hermenêuticas através do riso que podem envolver tanto o cômico quanto a reflexão social. Contudo, não parece ter sido essa a intenção.

Conforme Albertina Verena:

O riso e o cômico são literalmente indispensáveis para o conhecimento do mundo e para a apreensão da realidade plena. Sua positivação é clara: o nada

⁵² CRESCÊNCIO, op. cit. p. 174.

⁵³ FERNANDES, Millôr. Reflexões sem dor. *Veja*, São Paulo, n. 460, 29 jun. 1977, p. 17. Acervo BC/PUCRS.

ao qual o riso nos dá acesso encerra uma verdade infinita e profunda, em oposição ao mundo racional e finito da ordem estabelecida.⁵⁴

Há, portanto, a utilização de representações específicas em torno de situações reais ou fictícias que envolvem os homossexuais nas narrativas jornalísticas e que, neste caso, sintonizam-se às *representações coletivas* cômicas na sociedade. Mais do que uma necessidade de descontração para sair do espectro de racionalidade permanente, trata-se de pensar estas imagens e estereótipos caricatos para além do riso e da reflexão, mas um espaço destinado também a tornar públicas as ironias, discriminações e preconceitos que se “escondem” pelos meandros desses espetáculos e atrações.

A ANDROGINIA NOS PALCOS E NAS RUAS

A utilização da androginia como recurso humorístico na construção de peças de teatro e no cinema, em especial, auxiliou na construção das representações dos gays. Esse componente fez parte de muitos espetáculos, mas dois merecem destaque. Estes, não propriamente com a intenção de levar ao riso, mas ao contrário, criaram situações que possibilitavam reflexões. Um deles foi o grupo Dzi Croquettes. Mais do que realizar uma análise aprofundada a respeito do grupo, é necessário situá-lo naquele contexto dada sua visibilidade no questionamento do gênero, da sexualidade e da identidade, além de algumas fontes analisadas o mencionarem.

Tratava-se de um grupo formado na década de 1970 cujo traço característico era suas performances criativas e ousadas. Utilizavam

⁵⁴ VERENA, Alberti. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002. p. 12.

vestimentas tidas convencionalmente como contrárias para alguém de seu sexo biológico. Tais indumentárias, geralmente, apresentavam-se chamativas, maximizadas pelo uso de maquiagens fortes e muito brilho. Com coreografias que ressaltavam o gingado dos movimentos corporais, as luzes, as músicas e os diferentes centros de atenção na peça compunham um espetáculo intenso e questionador, sendo, ao mesmo tempo, instigante e contagiante.

Os integrantes não esconderam as características físicas e virilizadas de seus corpos, mas, sim, as tornaram visíveis com a introdução de roupas que ora escondiam e em outras revelavam seus traços. As inter-relações entre corpos cobertos e também quase totalmente despidos articulavam-se aos propósitos expressos pelo grupo nas peças encenadas. Rosemary Lobert, que realizou sua dissertação em antropologia e acompanhou os Dzi em seus shows e cotidianamente para realização de sua pesquisa, destaca:

A ambiguidade perpassava todos os níveis da elaboração da peça; por exemplo, no nível simbólico e social, os atores apresentavam-se tanto com características pessoais ou propostas da vida real, quanto na ficção de seus personagens, no momento seguinte; melhor ainda, havia vestes supostamente de mulher sobre corpos de homens, sem que os atores, no entanto, renunciassem à sua condição de homens.⁵⁵

Esses elementos não estiveram restritos unicamente ao grupo ou ao Brasil. Reitera-se que a influência para a formação do grupo Dzi Croquettes veio do exterior, de acordo com Trevisan, da Califórnia, Estados Unidos.⁵⁶ Tal fenômeno de ampliação de sujeitos andróginos foi

⁵⁵ LOBERT, Rosemary. **A palavra mágica:** a vida cotidiana do Dzi Croquettes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 46.

⁵⁶ TREVISAN, 2000, p. 287-288.

reportado na revista *Veja* em 1974. O título dado na seção “Comportamento” é ilustrativo da referência a um novo grupo: “O quarto sexo”. O mesmo fazia referência a entendimentos partilhados sobre grupos específicos: primeiro sexo – homens; segundo sexo – mulheres; terceiro sexo – homossexuais; e agora, quarto sexo – andróginos. Tal menção assinalava a necessidade de tentar nomear tais sujeitos em correspondência às compreensões do momento. Como referir-se a esses sujeitos? A que grupo pertenciam? Seriam dissidentes dos outros grupos? Nota-se a tentativa de diferenciá-los dos demais criando uma nova terminologia para designá-los. Esta não foi criada pela revista e/ou reportagem, mas o fato de utilizá-la num espaço em destaque e visibilidade enfatiza suas interconexões e normatizações.

A publicação apresentou distintos elementos para construir sua narrativa. Inicialmente pontuou o respaldo de personalidades do exterior no sentido de delegar-lhes o surgimento do fenômeno. A respeito desses novos sujeitos a reportagem assim os explicitou: “São os ‘andróginos’, cujo número, depois da moda ser decididamente chancelada no exterior, começa a se multiplicar nas grandes cidades brasileiras”.⁵⁷

As razões desse fenômeno, que se ampliou no Brasil, são atribuídas à influência do grupo Dzi Croquettes e Secos & Molhados. A reportagem, no entanto, não deixa de pontuar a ambiguidade de tal transformação: se modismo ou “fenômeno patológico”. O fragmento a seguir esclarece esse posicionamento:

Produtos da moda ou fenômeno patológico, o fato é que os primeiros andróginos brasileiros começaram a aparecer no ano passado, após dois

⁵⁷ O QUARTO sexo. *Veja*, São Paulo, n. 295, 1 maio 1974, p. 76 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

discutidos shows que o grupo Dzi Croquettes e o conjunto musical Secos & Molhados apresentaram sucessivamente em São Paulo e no Rio.⁵⁸

O paulista Mário, na época estudante de teatro, teve uma fala sua publicada nessa reportagem dizendo que a nova denominação, da qual disse ser integrante, era uma categoria que desvinculava os artistas de associações aos homossexuais. Em suas palavras, destacou: “Não é fácil carregar certos rótulos que nos aplicam. O de andrógino, pelo menos, não possui aquela incômoda conotação de submundos homossexuais do tipo da Cinelândia, no Rio, e da praça da República, em São Paulo”.⁵⁹ A nomeação “quarto sexo”, na interpretação da fala que diz ter sido do estudante, contribuiria para distanciar o rótulo homossexual e/ou suspeitas que recaíam nos profissionais do campo das artes, já que considerável parte desses sujeitos eram apreciadores desse tipo de cultura e vinculados a esse meio.

No entanto, um dos problemas levantados foi exatamente como enquadrar os sujeitos nessas categorias. Tomando exemplos de artistas andróginos, como saber se os mesmos se viam integrando esse grupo ou algum outro. A indefinição, nesse caso, é questionadora daquilo que os estudos *queer* defendem.⁶⁰ Afinal, é necessário enquadrar os sujeitos numa categoria? É preciso selecioná-los de acordo com critérios específicos? Diante da visível pluralidade de sujeitos, vivências e gênero, a tentativa de uní-los categoricamente a partir de elementos comuns evidencia inúmeras fragilidades e revela especialmente as diferenças entre as pessoas. Tal intento pretendia criar uma nova representação

⁵⁸ O QUARTO sexo. **Veja**, São Paulo, n. 295, 1 maio 1974, p.76. Acervo BC/PUCRS.

⁵⁹ Ibidem, p.76.

⁶⁰ Sobre isso ver MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2017.

desses sujeitos que sinalizaria sua distinção das demais e se integraria a padrões inteligíveis de identificação social; ou seja, enquadrá-los numa categoria reconhecida.

A reportagem mencionou naquele momento – ano de 1974 – os sujeitos em que a androginia era mais visível: “Por enquanto, a androginia se difunde com maior intensidade, no Brasil, entre aqueles que nasceram homens. Talvez por isso, os andróginos brasileiros ainda sejam vistos por muitos como pessoas que teriam adotado a homossexualidade”. A ampliação da dimensão desse gênero entre aqueles que a reportagem nomeou como nascidos “homens” é utilizada em associação a homossexualidade na medida em que estes manteriam o desejo por mulheres, mas experimentariam também relações homoeróticas. A publicação associa a ideia da androginia como o desejo por ambos os sexos tomados num sentido binário de duas sexualidades – bissexualidade. Conforme destacado: “Mesmo entre os homossexuais existem aqueles que duvidam da existência de alguma coisa como a bissexualidade”.

Nota-se que o entendimento das sexualidades permanecia (e para alguns ainda permanece) limitado ao binário – *homo* ou *hetero*. Além disso, ainda prospectavam verificar a orientação sexual e/ou as práticas sexuais dos sujeitos desvendando seus desejos com base na expressão performativa de gênero.

Outros argumentos foram expressos na reportagem, mas é necessário destacar como termina. Fazendo referência aos movimentos identitários norte-americanos destacou:

Sem dúvida, ao contrário de diversos andróginos dos Estados Unidos, que assumiram francamente seu bissexualismo [sic], a ponto de registrarem os filhos com nomes ambíguos (Orion, Taharah, Rumi, etc.), os do Brasil

tendem a formar um gueto social. Linha de pensamento com a qual concorda um travesti [sic] carioca, para quem o androginismo [sic] brasileiro ainda não merece ser levado a sério.⁶¹

O fragmento esclarece o olhar positivo aos acontecimentos norte-americanos, seja o *Gay-Power* ou a androginia discutida nesta seção da *Veja*. Em contraponto, os manifestados no Brasil são descreditados. A reportagem inclusive utiliza um argumento que diz ter sido de “um travesti” ampliando as considerações emitidas no semanário. Não houve menção de seu nome, tampouco citação direta. Argumento verídico ou não, o fato do mesmo ter sido publicado por uma integrante das homossexualidades cujas características andróginas possivelmente também a caracterizavam iam ao encontro da relutância à nova categoria do “quarto sexo”.

A reportagem nos permitiu verificar que a androginia também se difundiu aos diversos setores da sociedade. Os espetáculos realizados por artistas como os Dzi Croquettes tiveram sua parcela de contribuição nessas transformações que questionavam a normatividade da sociedade e avançavam as fronteiras simbólicas entre os convencionalismos binários de gênero. Parte do público Dzi aderiu a elementos desses intérpretes passando a compor os chamados *tietes*.⁶² Contudo, não tardou para a censura agir sobre o grupo, sendo que as proibições das suas peças acarretaram problemas levando-os a viajar para a Europa para prosseguir sua carreira, no ano de 1974.⁶³

⁶¹ O QUARTO sexo. **Veja**, São Paulo, n. 295, 1 maio 1974, p.77. Acervo BC/PUCRS.

⁶² Para uma análise dos diferentes significados do termo e sua relação com o grupo Dzi Croquettes ver LOBERT, op. cit. especialmente a parte 3 do livro.

⁶³ LOBERT, op. cit. p. 29-30.

Outro expoente de espetáculos andróginos foi o grupo musical Secos & Molhados. Em 1973 a revista *Veja* o mencionou, na seção “Show”. A reportagem destacou, inicialmente, o crescente sucesso que os integrantes estavam tendo enfatizando especialmente a canção “O Vira”, dizendo ser “imprópria para menores” após destacar o trecho “vira, vira, vira homem/ Vira lobisomem”. É possível perceber uma crítica que não parece ser decorrente do trecho ou, que iria “assustar” crianças pela associação homem/lobisomem, mas a outros fatores como as performances dos artistas, as próprias características dos shows e parte do público que partilhava seu apreço. Esta canção, em especial, diz ter tido grande sucesso entre os homossexuais. A passagem a seguir pontua essa questão:

Tomando-a ao pé da letra, o ‘Vira’ virou porta-estandarte de algumas correntes do Gay Power nacional, assim como o Secos & Molhados começa a ser visto como um conjunto situado na terra de ninguém que vai do infantil ao pretensioso, do teatral ao rebolado, da seriedade à curtição pura.⁶⁴

Nota-se, novamente, a utilização da designação referente ao movimento homossexual norte-americano *Gay Power*, na reportagem, referindo-se aos homossexuais do Brasil. Considerando o período em questão não havia um movimento politizado reunindo esses sujeitos, no entanto, verifica-se na revista o uso desta terminologia para referir-se aos homossexuais de maneira geral.

Imagens dos integrantes do grupo musical foram utilizadas nessa reportagem. Seus rostos cobertos de maquiagem e corpos com adornos

⁶⁴ MAYRINK, Geraldo. Fadas e bruxas. **Veja**, São Paulo, n. 275, 12 dez. 1973. p. 106-108 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

ostentavam a ambiguidade performática de seus movimentos, especialmente visíveis na figura de Ney Matogrosso. Entretanto, alguns expectadores viam aquilo como algo profissional e não como um estilo de vida que levava ao palco exatamente o que vivenciavam socialmente. Possivelmente numa tentativa de dissociar o palco da vida real, ou quiçá confortar Ney diante de possíveis discriminações na sociedade, uma espectadora manifestou sua opinião ao artista: “Não tenha medo. Você não é nada daquilo que está no palco”. O artista respondeu: “Mas, senhorita, é claro que eu sou aquilo!”.⁶⁵ Não se tratava de um modismo, mas de uma vivência que questionava os papéis de gênero e sexuais, e fazia parte da vida real de alguns sujeitos que naquele momento passou a ganhar visibilidade pública. Os adeptos desse comportamento faziam parte dos dissidentes da cisheteronormatividade e, como tal, eram vistos como afrontadores da enaltecida “moral e os bons costumes”.

Há, portanto, pelo menos dois vetores da androginia que merecem destaque: o primeiro na utilização de personagens homossexuais nas peças de teatro e nos cinemas, especialmente gays, usados para destacar o caráter jocoso de seus papéis; espaço em que podiam aparecer manifestando determinados comportamentos que deviam corresponder aos trejeitos e estereótipos esperados pelo público; e o segundo aspecto que é a androginia da *performatividade de gênero* desses sujeitos, fossem eles homossexuais ou não. Nesse caso as representações a respeito desses sujeitos também eram distintas, pois contrariavam a norma vigente sendo, portanto, estigmatizados por parte dos sujeitos que viam aquilo como algo que não podia fazer parte da realidade social.

⁶⁵ Ibidem, p. 108.

Os andróginos aproximavam-se desse comportamento e como não podiam estar desvinculados da norma, tentaram enquadrá-los numa outra categoria, a do “quarto sexo”. Em suma, os dissidentes não podiam permanecer na fronteira de gênero, sexual e simbólica. Insistentemente definiram-nos em categorias, espaços e representações. O intento foi padronizar, nominar e enquadrar os sujeitos não isentos de críticas. A revista *Veja*, como exposto, contribuiu com a divulgação e representações dessa temática.

4

A CRIMINALIDADE E A ÁREA DA SAÚDE FABRICANDO REPRESENTAÇÕES

Muitas representações sobre os homossexuais na sociedade os apresentavam ligados à criminalidade. Tal associação deve ser compreendida no contexto histórico em que estas práticas afetivo-sexuais e/ou sexualidade passaram a ser colocadas em evidência e analisadas. Inicialmente as homossexualidades estavam atreladas a esta categorização, pois os sujeitos realizavam práticas e expressavam um gênero que afrontava as normas e legislações vigentes, oriundas de uma moralidade construída e difundida que predominantemente tendeu a rejeitar estes tipos de vivências. Até meados do século XIX comportamentos homossexuais tenderam a ser vistos como um desejo próprio dos sujeitos, uma escolha. Evidentemente houve entendimentos discordantes, mas “modifica-se” essa representação quando a área da saúde passa a analisar os homossexuais investigando a razão que poderia ser responsável por sua suposta condição sexual.

João Silvério Trevisan assinala o papel dos especialistas de caráter higienista no Brasil que voltavam suas ações às famílias buscando intervir nas questões morais e sexuais dos lares. A passagem a seguir esclarece ainda mais essa ideia:

Se o padrão higiênico-burguês colaborou para extinguir os bestiais castigos do período colonial, também é verdade que cobrou seu preço, ajudando a criar um cidadão auto-reprimido, intolerante e bem-comportado, inteiramente disponível ao Estado e à Pátria. A nova ordem que a

normatização higiênica instaurou utilizava o cientificismo para exercer um *controle terapêutico* que substituísse o antigo *controle religioso*. Ao se distanciar progressivamente do universo da lei (secular ou religiosa), a ideologia higienista colocava seus referenciais no terreno da norma científica. Agora, os cidadãos deviam obediência menos a Deus do que ao médico.¹

O posicionamento tomado pela área da medicina, mencionada pelo autor, adquire um reconhecimento maior de credibilidade; no entanto, parece que as representações oriundas desses profissionais tenderam a corroborar com aquelas do pensamento cristão dominante. Se a voz dos representantes religiosos passou a ter sua importância diminuída, ouvi-la dos “especialistas” reforçava a representação e a colocava numa outra dimensão. Atenta-se que os próprios médico-legistas, e demais profissionais interessados no tema, buscaram as razões para o comportamento e desejo homossexual tentando verificar quais elementos eram responsáveis por aquela “inversão”. As compreensões dominantes partiam de uma base de normalidade que era a cisheteronormatividade, os desviantes disso eram vistos como anormais.

Deve-se destacar, ainda, que no período em estudo os homossexuais eram vistos como doentes pelo discurso científico oficial. As representações difundidas pelos periódicos como a revista *Veja* devem ser analisadas nesse contexto e, sobretudo, no imbricativo com as representações discordantes emitidas pelos sujeitos. É para esse universo de transformações, circulação de ideias e *representações coletivas* que é necessário atentar.

¹ TREVISAN, 2000, p. 175 – grifo do autor.

Um dos estereótipos homossexuais que auxiliava na construção de uma representação negativa das homossexualidades eram os episódios criminais que envolviam algum sujeito integrado nesse grupo. Nesses casos, sua sexualidade tendeu – e tende ainda – a ser divulgada como se a mesma de alguma forma pudesse ser culpabilizada pela inserção desses sujeitos nesses acontecimentos. É curioso quando algum sujeito homossexual, que obteve destaque por suas contribuições ao longo da história, tem sua sexualidade omitida, ao passo que se estivesse envolvido em algum tipo de escândalo a mesma tenderia a ser potencialmente mencionada. Essa mesma questão revela um padrão assumido pelo heterossexual como “normal”, pois nesses casos quando as notícias os envolvem elas não focalizam em sua sexualidade, o que assinala a naturalidade normativa com que estes são tratados, em detrimento dos demais.

A discriminação da sociedade com os homossexuais, como já destacado em capítulos anteriores, relegou esses sujeitos a espaços segregados na sociedade. As dificuldades de inserção profissional para os que visivelmente eram identificados como homossexuais tendeu a ser mais estigmatizadora. Os que não conseguiam espaço profissional tiveram que optar por outras formas de remuneração como a prostituição. Embora se tratasse de um universo de incertezas e possíveis perigos, havia um público que demandava tais serviços. Casos que os envolvessem, criminais ou não, podiam ser ampliados pela mídia construindo uma representação de repúdio aos que se situavam nesse meio. Não raro, tudo que envolvesse os homossexuais num sentido pejorativo era usado com destaque à sua orientação sexual.

Uma das reportagens veiculadas na revista *Veja*, em 1970, trouxe à tona uma discussão polêmica a respeito do assassinato do pianista Fred

Feld em seu apartamento na Galeria Alaska, em Copacabana, Rio de Janeiro. O fato decorreu, segundo noticiado, de um desentendimento com um rapaz “com que[m] manteve relações pouco convencionais”. O local do crime é destacado: “um conjunto caótico de 341 apartamentos pequenos, mais de 1000 moradores, dois cinemas, vários bares e ‘inferninhos’, conhecida sobretudo por ser um dos grandes focos de homossexualismo [sic] no Rio de Janeiro”.²

A descrição da Galeria Alaska informa o público leitor que não conhecia o local em que o pianista residia. Tal associação local-crime sinaliza a partilha da vítima com o universo homossexual da época e a construção de uma representação negativa tanto daquele espaço por ser associado aos homossexuais, quanto a sua vinculação com a criminalidade. Esses elementos reforçam o afastamento das pessoas diante do estigma reforçado e ampliado por meio dessas representações.

“A morte de Fred Feld reabriu a questão da prostituição masculina, que já se liga, no Rio, a uma extensa rede de crimes e violências”.³ Esse fragmento citado reforça a discriminação à prostituição e a vincula a um universo violento, incerto e perigoso. Néstor Perlonguer nos auxilia a entender esse cenário a partir da pesquisa que desenvolveu sobre a prostituição viril em São Paulo na década de 1980. Conforme destaca o autor os “michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma”.⁴

² O PROSTITUTO. **Veja**, São Paulo, n. 115, 18 nov. 1970, p. 30 – grifo do autor. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>.

³ *Ibidem*, p. 30.

⁴ PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 24.

Assim como a prostituição de meretrizes, michês e travestis também atuavam nessa atividade e os locais recebiam igualmente o estigma dessa discriminação. A respeito da relação entre o pianista e aquele espaço foi destacado: “Mesmo residindo na galeria Alaska, não costumava frequentar seus bares nem a boate L’Escale, ponto de encontro de homossexuais. As visitas recebidas no apartamento 324, apesar de frequentes, sempre foram discretas e silenciosas como seu anfitrião”.⁵ A utilização de tais serviços pela vítima, pelo relato da reportagem, assinala uma forma mais cautelosa de vida que não costumava expor sua sexualidade, embora enfatize que tais visitas eram “frequentes”, o que sinaliza o apreço por tais relações por parte do pianista. Uma forma mais discreta de experienciar os prazeres homoeróticos agenciando suas práticas em meio ao lastro de discriminação social.

Ao mesmo tempo, tais acontecimentos noticiados pela imprensa chamavam a atenção para os que usufruíam desses serviços, atentando aos perigos que tal exposição e adesão poderiam suscitar. Da mesma forma, associava esse tipo de relação ao universo homossexual vinculado à criminalidade, que somado ao estereótipo depreciativo oriundo da abjeção a estas sexualidades dissidentes da cisheteronormatividade, reforçava as representações estigmatizantes sobre os homossexuais.

A reportagem finaliza com o comentário que diz ter sido expresso por um homossexual conhecido de Feld – não identificado na narrativa jornalística – que sinalizou o universo no qual muitos homossexuais podiam estar inseridos:

⁵ O PROSTITUTO. **Veja**, São Paulo, n. 115, 18 nov. 1970, p. 30. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>.

Para um homem refinado como ele, [Fred Feld] a necessidade de procurar a companhia vulgar de Anival só pode ser explicada pelas palavras de um seu conhecido, também homossexual: “No fundo, no fundo, quase todos nós vivemos solitários. E procuramos amor porque temos muito amor para dar”.⁶

O fragmento possibilita pensar no drama da solidão de muitos homossexuais ao enfrentarem os entraves de sua vivência que era vista pela medicina e outras ciências da saúde, na época, como patológica. O pianista foi descrito na reportagem como “um homem refinado”, possivelmente sua sexualidade não era tornada pública em razão das retaliações discriminatórias da sociedade cujo peso pode ter sido decisivo para uma vivência menos explícita. Esses obstáculos sociais limitavam as possibilidades de relações na medida em que os próprios sujeitos sentiam-se reprimidos por ser quem eram; logo, se empoderar e constituir conjugalidades, ou mesmo frequentar o espaço público de forma mais liberal eram apostas arriscadas de se fazer naquele contexto. Muitos a fizeram visivelmente, outros na penumbra, e houve ainda os que abriram mão de tais relações. Situações complexas, múltiplas e circunscritas às possibilidades de que cada situação poderia oferecer.

Dado o acontecimento que vitimou o pianista, na edição seguinte da revista *Veja* uma reportagem adentrou nesse mesmo universo discutindo na seção “Brasil” parte dessas questões:

Esse crime foi mais uma das explosões de violência que periodicamente abalam o instável mundo dos “entendidos” (que se estende das calçadas da Cinelândia, no centro, às boates e inferninhos “especializados” de

⁶ Ibidem, p. 30 – grifo do autor.

Copacabana) e que provocam sempre, pelo menos enquanto repercute o ruído da explosão, uma sensível mudança nos hábitos cotidianos.⁷

Fatos desse tipo chamavam a atenção do público leitor e pessoas envolvidas nesse meio. Com o título: “A vida continua”, a narrativa inicia abordando o contexto de um homossexual chamado Paulo a quem as “amigas” costumavam chamar de “Nariguda”: “O meu nome é Paulo, mas pode me chamar de ‘Nariguda’, no feminino mesmo. É como as ‘amigas me chamam por causa deste meu nariz enorme, sabe?’”.⁸ Era comum no meio homossexual chamarem-se entre si por denominações femininas, as quais não indicavam que o sujeito pertencia a outra categoria no grupo como as travestis, embora estas fizessem questão de ser chamadas por nomes reconhecidos como pertencentes ao universo feminino. A ênfase dada à forma como Paulo era chamado pode sinalizar sua identificação mediante a publicação da reportagem, mas também à naturalidade com que via tal menção de modo que lhe era agradável e não pejorativa. Destaca-se que na época, como já atentado em outros capítulos, algumas pessoas entendiam as travestis como “homens que se vestiam de mulheres”, ou seja, com outra forma de expressão de gênero, mas igualmente homossexuais. Com o tempo a linha tênue que dividia ambos os grupos em torno de suas identidades, mas ainda imersa no rótulo das homossexualidades, passou a ser distinta, em especial, quando se desejava retirar o estigma sobre os gays, mas deixá-lo sobre outras pessoas.⁹

⁷ A VIDA continua. **Veja**, São Paulo, n. 116, 25 nov. 1970, p. 32 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

⁸ *Ibidem*, p. 32 – grifo do autor.

⁹ Ver especialmente as cartas dos leitores (no capítulo 3) em referência a reportagem sobre a “Operação Rondão” em São Paulo, em 1980, em que sugere a tirada dos homossexuais vinculados a essas apreensões. Nota-se o desejo de não vinculá-los a imagens e representações estigmatizantes que tais operações sinalizavam socialmente e na imprensa, embora não se manifeste quanto às travestis. Isso

“Nariguda”, personagem entrevistada do Rio de Janeiro, teve parte de suas informações pessoais descritas como seus aposentos e atividades laborais onde diz ser “calceiro” – referência às calças que disse fazer para uma fábrica. Ao responder algumas questões mencionou características que geralmente são associadas ao universo homossexual e não escondeu sua sexualidade, dizendo inclusive frequentar diversos locais comuns a homossexuais. Em parte de sua fala destacou sua trajetória:

Já andei por quase todos os lugares do Rio onde existam “entendidos”. Já participei de festinhas, bacanaís, embalas. Frequentei hospedarias sujas onde o proprietário aluga quartos por hora e finge não ver que a gente está subindo com um fuzileiro ou um soldadinho. Sei de tudo, conheço tudo, tenho medo, mas continuo. Que mais posso fazer?¹⁰

Além da citada atividade de “calceiro”, trabalhava, também, com atividades de prostituição, atividade que nem sempre apresentava segurança aos envolvidos de modo que incertezas e suspeitas sempre fizeram parte desses contatos. Possivelmente algumas travestis eram mais seletivas, mas não era uma regra seguida ou disponível a todas, dadas às distintas situações e necessidades de cada uma. A personagem disse saber no que estava envolvida, mas não via outra alternativa: “Que mais posso fazer?” Questionou-se. Pelo conteúdo noticiado verifica-se que atuava em duas atividades remuneradas as quais podiam ser necessárias para seu sustento. Se a atividade na fábrica (não se sabe se era formal ou informal) não propiciava condições de subsistência,

assinala os distintos entendimentos em torno destas sexualidades, identidades e expressões performativas de gênero.

¹⁰ A VIDA continua. **Veja**, São Paulo, n. 116, 25 nov. 1970, p. 32 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

conciliava-a com outras disponíveis, ou por desejo pessoal. Ser homossexual era – e em alguns casos ainda é – um fator que dificultava o acesso a empregos; logo atividades informais como a citada era uma das poucas alternativas a se recorrer, fossem elas viáveis ou perigosas.¹¹

O título dado à reportagem assinala o transcorrer das relações que não pararam em razão do ocorrido. No entanto, a discussão segue para uma análise que reforça certa calma nesses espaços, embora a fala que expressou esse aspecto indica uma entonação pejorativa por um investigador: “Estamos sossegados. O escândalo afastará as ‘bichas’ por uns tempos”.¹² Trata-se de um olhar depreciativo tanto pela expressão utilizada quanto ao fato de salientar a tranquilidade que iria haver dado ao ocorrido, que serviria de exemplo para conter essas atividades de prostituição, vistas como um mal, e assim manifestadas no espaço público; embora por debaixo dos panos, a posição pessoal dos sujeitos poderia ser outra.

Nesses casos que ganham visibilidade e respaldo na imprensa, além das representações negativas para com os sujeitos e espaços, direcionam-se repressões: “movida talvez pelo destaque que alguns jornais deram ao crime e ao problema da prostituição masculina no Rio, a polícia deu uma batida prendendo oitenta pessoas, entre desocupados, punquistas, prostitutas e pederastas, encaminhando alguns para o presídio de ilha Grande”.¹³

As operações empreendidas contrárias à prostituição em diferentes cidades assinala a dimensão de estigmatização para com

¹¹ Para saber mais a respeito desse processo vivenciado pelas travestis confira a pesquisa realizada em Salvador nos anos 1996 e 1997: KULIC, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

¹² A VIDA continua. **Veja**, São Paulo, n. 116, 25 nov. 1970, p. 32 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

¹³ A VIDA, 1970, p. 34. Acervo BC/PUCRS.

estas relações e indicam não tratar-se de acontecimentos localizados, mas difundidos pelas regiões, entendimento que é compartilhado socialmente.¹⁴ Nesta menção, em especial, os homossexuais aparecem nomeados pelo termo “pederasta”, uma das muitas terminologias que também dividia espaço com as expressões regionais.

Uma das participações de “Nariguda” numa festa revela parte da ambiguidade ao longo do constructo em relação aos papéis sociais dos homossexuais e as terminologias usadas: “Na casa do Décio o embalo era total. Bebida, maconha, pico, todo mundo nu. Aí é que a gente vê como os ‘machinhos’, os ‘bofes’, no fundo são uns recalcados. Numa bacanal dessas é que eles se revelam”.¹⁵ Ao citar o ambiente festivo e hedonista propiciado pelo ambiente descontraído, são pontuados elementos que faziam parte de alguns grupos homossexuais e que acabavam por ampliar as representações negativas, como a menção a “maconha” em sua fala. Além disso, os demais sujeitos participantes sinalizados na fala eram vinculados inicialmente a um gênero masculino, identificados pela menção aos “machinhos” e “bofes”, também podendo ser chamados na época de “entendidos” – e a própria reportagem menciona o termo –, mas que durante a festa “se revela[ra]m”. Esse revelar-se é entendido como a modificação da expressão de um gênero cujo comportamento e trejeitos contrariavam o gênero masculino identificado e apresentado inicialmente por esses sujeitos, alterados durante essa sociabilidade.

Outro elemento que ajuda a frisar o aspecto depreciativo dessas relações foi a própria introdução da publicação dada anteriormente a fala citada. O anfitrião identificado profissionalmente como diplomata

¹⁴ Sobre prostituição e travestilidade confira a obra já mencionada: OCANHA, 2014.

¹⁵ A VIDA, 1970, p. 34 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

e poeta também fora vítima de violência: “estrangulado em seu apartamento na Urca, em 1969, depois de um festim homossexual”.¹⁶ A memória de “Nariguda” referia-se a uma das festividades passadas comemoradas na casa desse mesmo sujeito. Tal exemplo agrega mais elementos negativos para a representação da temática desta reportagem: a criminalidade.

No conjunto a matéria permite analisar a associação entre homossexualidades e crime, vinculada aos espaços frequentados por esses sujeitos, e, especialmente, as atividades de prostituição. Este universo aparece geralmente nas *representações coletivas* como espaço propulsor de furtos e passível de situações criminais que ampliam a marginalização desse grupo. Acontecimentos específicos são usados como mobilizadores para ampliar a divulgação do ocorrido por meio de reportagens que, como observado, adentra nesses cenários maximizando as representações. Em outro aspecto, a divulgação desses ocorridos podia contribuir na apropriação de uma leitura que via o universo homossexual vinculado a tragédias, marginalidade, daí mais elementos para reforçar a defesa dos valores e costumes morais no período.

É preciso destacar que a reportagem não foi assinada e localiza-se numa seção que tratou geralmente de assuntos políticos e, por conseguinte, direcionada a leitoras e leitores mais afeitos a essas temáticas. O período em questão, 1970, era representativo de uma série de transformações vividas pelo país, dentre as quais se podem citar o recrudescimento do governo civil-militar pelo presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), em que censuras e repressões

¹⁶ Ibidem, p. 34.

ampliaram-se consideravelmente, mas eram silenciadas, dividindo espaço com um crescimento da economia pelo chamado “milagre econômico” (1968-1973); além disso, a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo daquele ano ampliava um horizonte de progresso expresso, inclusive, pelos slogans ufanistas, transformações que desfocavam os olhares da crueldade nos “porões da ditadura” e sobre alguns sujeitos na sociedade.

Como *outsiders* em decorrência de uma política sexual que tenta segregá-los à margem da sociedade, as pessoas homossexuais foram tratadas como o *outro* diante da heterossexualidade tida como *estabelecida*.¹⁷ Relações de poder desenvolveram-se entre os sujeitos a partir dessas sexualidades e gênero, mas nota-se que representações de criminalidade associadas a elementos negativos permaneciam latentes e visíveis na sociedade brasileira e na imprensa.

HOMOSSEXUAIS DE DESTAQUE E OS EPISÓDIOS QUE OS ASSOCIARAM AO CRIME

Além de reportagens que apresentavam os homossexuais em contextos que envolviam a criminalidade e/ou num cenário estigmatizador extensivo desta categoria, houve também episódios específicos que vincularam alguns sujeitos a essa temática. Far-se-á menção a dois casos específicos: o primeiro deles trata-se da morte de Harvey Milk, primeiro homossexual assumido a ocupar um cargo público em São Francisco, nos Estados Unidos; o segundo são reportagens que envolvem uma personagem chamada Madame Satã, homossexual que ganha visibilidade na revista *Veja*, mas ao mesmo

¹⁷ Relações entendidas conforme a explicitada por ELIAS; SCOTSON, 2000.

tempo tem seu passado vinculado a prisões e assassinato que assinalam a mudança na vida deste sujeito. A partir deles serão analisadas as publicações que reportam esses acontecimentos ao público leitor.

A MORTE DE HARVEY MILK

Na edição do dia 6 de dezembro de 1978 a revista *Veja* trouxe na seção “Brasil” a informação de dois assassinatos que tiveram grande repercussão nos Estados Unidos. Tratava-se da morte do prefeito de São Francisco, George Moscone, e do funcionário Harvey Milk. A razão da morte suscitou hipóteses diversas, mas a publicação trouxe informações que possivelmente auxiliaram os leitores e leitoras no entendimento do ocorrido.

O título e subtítulo da reportagem sobre os Estados Unidos na seção mencionada são ilustrativos da ênfase dada: “Tiros no prefeito” ocupando o centro da notícia com letras que chamavam a atenção para o fato, acompanhada abaixo de: “Depois da chacina de Jonestown, um duplo assassinio comove San Francisco”.

A reportagem pontuou:

Em seu escritório o prefeito democrata George Moscone, de 49 anos, estava morto, caído sobre uma poça de sangue. Alguns metros adiante, em outra sala, havia mais um cadáver: Harvey Milk, 48 anos, membro do Board of Supervisors da cidade – uma espécie de conselho municipal – e líder da vasta comunidade de homossexuais de San Francisco.¹⁸

Com certo suspense, comum às narrativas jornalísticas, os consumidores do periódico informaram-se sobre as vítimas. Além de

¹⁸ TIROS no prefeito: Depois da chacina de Jonestown, um duplo assassinio comove San Francisco. *Veja*, São Paulo, n. 535, 6 dez. 1978, p. 37. Acervo BC/PUCRS.

ser uma figura pública conhecida, após a divulgação do assassinato Milk recebeu homenagens do grupo a que pertencia e representava: “Rosas amarelas e crisântemos acumularam-se nas escadarias do prédio – uma homenagem dos cerca de 110 000 homossexuais de San Francisco a Harvey Milk, o primeiro *gay* declarado a ocupar um posto na administração da cidade”.¹⁹ Em luto pelas mortes, a população da cidade realizou marcha pelas ruas carregando velas acesas em suas memórias.

Por ser o primeiro *gay* assumido a ocupar cargo público possivelmente sua militância em nome do grupo homossexual que representava não era bem vista por todas as pessoas. À nove anos do episódio em que emergiu o movimento homossexual politizado nos Estados Unidos, havia – e sem dúvida ainda há – relutância na aceitação desses dissidentes da cisheteronormatividade na sociedade. Tal perda fragilizou os homossexuais cuja representatividade, além de ter sido abalada, sinalizava a aversão e o ódio direcionados a este grupo.

A relação entre as duas mortes pode ser analisada na narrativa que informa que o assassino se entregou à polícia e, inclusive, era um dos colegas de Milk. De caráter mais conservador, entrava em conflito com Milk quando tratavam de temáticas que envolviam as chamadas minorias, assim como com o prefeito que tinha uma postura mais liberal, segundo a reportagem. De acordo com as informações divulgadas, ele pediu demissão no mês de novembro, mas posteriormente pediu para voltar ao cargo, o que foi recusado.²⁰ Tais questões possivelmente articulam-se ao desfecho do ocorrido.

¹⁹ Ibidem, p. 37 – grifo do autor.

²⁰ As informações abordadas foram retiradas da revista *Veja* – TIROS no prefeito: Depois da chacina de Jonestown, um duplo assassinio comove San Francisco. **Veja**, São Paulo, n. 535, 6 dez. 1978, p. 37. Acervo BC/PUCRS.

A imprensa alternativa na época também fez menção ao fato. O jornal *Lampião da Esquina* chamou a atenção para esse episódio na capa e abordou-o na página seguinte. Essa matéria foi assinada por João Silvério Trevisan e a profissão de Harvey Milk foi citada como vereador. O motivo dos tiros desferidos a este político e ao prefeito foram pontuados:

As razões do crime parecem muito mais corriqueiras (ou sutis) do que se imagina. O prefeito Moscone, ultraliberal, entre outras coisas escandalosas deixava-se fotografar na passeata anual dos homossexuais, sendo um político sensível à situação dos grupos discriminados. O vereador Milk, por sua vez, tinha sido eleito pela comunidade guei da cidade, como seu representante: era confessadamente homossexual e proclamava com orgulho que se tornara o primeiro político americano a sustentar publicamente suas preferências sexuais não-convencionais.²¹

Nota-se que sua orientação sexual era de conhecimento público; ele não a escondia; ao contrário, a explicitava. Além disso, reivindicava direitos ao grupo homossexual sendo uma grande liderança no cenário político da época. Mas Trevisan não entende que as razões para a morte tenham decorrido somente das contradições que poderiam ter ocorrido em decorrência desses posicionamentos, uma vez que estava obtendo vitórias em torno dos projetos os quais defendia, em detrimento de seu colega, Dan W., conforme aponta a reportagem assinada por Trevisan. Parte da trajetória de vida do autor do crime foi pontuada:

Tinha sido policial, servira como paraquedista na Guerra do Vietnã, durante quatro anos, e recentemente trabalhara como bombeiro, chegando a

²¹ TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro: Esquina, n. 8, jan. 1979, p. 2. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

conquistar medalhas por bravura. Ele certamente sonhava com a ordem a qualquer custo – e foi isso que o levou a matar Harvey Milk.²²

Além das reportagens que constroem representações a respeito dos sujeitos e temas noticiados, destacam-se as distintas situações que podiam vincular os homossexuais às representações de criminalidade. Neste caso oriundas de assassinato, nas fontes discutidas anteriormente associadas à prostituição e aos perigos com que o universo homossexual era visto pelos demais sujeitos cujos próprios espaços eram estigmatizados.

DA CELA AOS PALCOS: REPRESENTAÇÕES DE MADAME SATÃ

Outro sujeito que ganha destaque na imprensa, em especial na revista *Veja*, foi Madame Satã, cuja aparição na mídia impressa reiterava seu passado criminoso. Tratava-se de João Francisco dos Santos, nascido no ano de 1900, em Pernambuco. De família pobre teve que realizar duros trabalhos até fugir para a Lapa, no Rio de Janeiro, em 1913. Numa época de modernização por que passou o Rio, o menino aprendeu a virar-se desde cedo, influenciado pelos veteranos fluminenses que faziam parte de seu círculo social. Cresceu valente e destemido com seus atributos reconhecidos. Foi introduzido no meio artístico até um episódio marcante em sua biografia: o assassinato de um policial após provocar-lhe chamando-o de “viado”. Considerando o insulto o jovem foi até sua residência, pegou uma arma e voltou ao estabelecimento. Novamente sendo ridicularizado pelo policial, revidou

²² TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro: Esquina, n. 8, jan. 1979, p. 2. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

as agressões e desferiu um tiro que resultou em sua morte. Este seria o primeiro de outros envolvimento com a polícia, presente em seu currículo, e que eram agravados por outros estigmas sociais, como o fato de ser negro e homossexual.²³

Segundo Durst, o nome pelo qual ficou conhecido foi dado quando foi levado à delegacia junto com outros homossexuais e seus nomes foram solicitados. As demais que o acompanharam disseram seus “nomes sociais”²⁴, mas João Francisco disse não ter nome. De acordo com o autor:

O delegado estranhou uma bicha não ter apelido e acabou por reconhecê-lo... como vencedor do concurso do Teatro República. O doutor Gonçalves não entendia nada de morcegos de Pernambuco, [a fantasia que João Francisco dos Santos vestia na ocasião] mas havia visto o filme americano *Madame Satã* (*Madam Satan*), de Cecil B. DeMile, que fez muito sucesso no Rio. Era a história de uma esposa insatisfeita que vai a um baile de máscaras, com a sensual fantasia de mulher demônio, para seduzir o próprio marido. O seu delegado achou que a fantasia era de Madame Satã, e que o dono deveria ter o mesmo nome.²⁵

Este sujeito, em especial, foi noticiado pela visibilidade que passou a ter em razão de sua vinculação ao campo artístico, embora memórias sobre suas prisões e relações com a polícia tenham sido constantemente lembradas aos leitores e leitoras. Contudo, tratava-se de uma

²³ As considerações apresentadas foram retiradas de DURST, Rogério. **Madame Satã: com o diabo no corpo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

²⁴ Expressão utilizada para se referir aos sujeitos a partir de seu gênero, não seu nome de nascimento. Na fala o delegado usa “apelido”. Também pode ser chamado de “nome de guerra”, entretanto, pode adquirir um sentido pejorativo quando parte de alguém que não integra o grupo homossexual. Essa nomeação pode ser usada somente em espaços artísticos, como nos shows de travestis, transformistas, participações em eventos ou reivindicadas atualmente como um nome social pelo qual as pessoas querem passar a ser chamadas no dia a dia, inclusive podendo atualizar seus documentos.

²⁵ DURST, op. cit. p. 29-30 – grifo do autor.

personagem já conhecida. Uma das reportagens que a menciona foi publicada em 1972 a partir da divulgação de um livro que contava a sua história.²⁶ De autoria de Sylvan Paezzo, *Memórias de Madame Satã* foi escrito a partir das entrevistas dessa personagem e estava disponível aos interessados. Inserida na seção “Literatura”, fragmentos de sua história pessoal são contados por Leo Gilson Ribeiro²⁷, o que auxilia também na publicidade da obra e visibilidade da personagem. Em trecho citado na revista *Veja* (possivelmente as citações de Satã tenham sido retiradas do livro) pode-se analisar ainda mais esta questão:

Malandro era quem frequentava os botequins e cabarés, e não corria de briga mesmo quando era contra a polícia. E não entregava o outro. E respeitava o outro. E cada um usava a sua navalha, cuja melhor era a sueca, que custava 1 500 réis. Apelido de navalha era pastorinha. E fiz amizade com Noel Rosa e Heitor dos Prazeres e Cartola e Néelson Cavaquinho e Chico Alves e Benedito Lacerda e mais Jararaca e Ratinho e ainda Aracy de Almeida que era uma grande jogadora de sinuca.²⁸

Nota-se, pelo exposto, que na época a honra era um requisito muito prezado nas relações sociais. Faltar com respeito era uma atitude muito grave para sujeitos que prezavam por uma determinada postura social. Esse mesmo ideal pode ser visto nos distintos grupos sendo um valor de integridade que perpassava as classes sociais. Tendo interesse pelas

²⁶ Deve-se destacar que há inclusive um filme brasileiro lançado em 2002, chamado *Madame Satã*, que conta parte da história desta personagem. Foi dirigido por Karin Ainouz e o papel de destaque foi interpretado pelo ator Lázaro Ramos.

²⁷ Informações numa reportagem de 1969 nos elucidam parte da formação do autor da reportagem que diz ser “formado em literatura comparada, teatro e pintura nas universidades de Nova York, San Francisco, Roma, Florença, Hamburgo e Heidelberg [...]”. Tratava-se, então, de um profissional estreitamente ligado ao campo das artes. Cf. A BALADA do crime e da apatia. **Veja**, São Paulo, n. 39, 4 jun. 1969, p. 58. Acervo *Veja*. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/>. Não foi possível verificar se houve autoria identificada na fonte utilizada devido a dificuldade de acessá-la novamente.

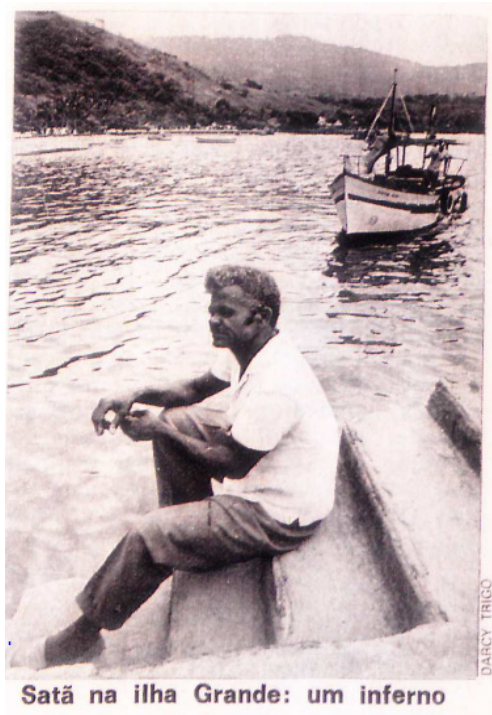
²⁸ RIBEIRO, Leo Gilson. A flor do lodo. **Veja**, São Paulo, n. 220, 22 nov. 1972, p. 114. Acervo BC/PUCRS.

questões artísticas, Satã conheceu várias personalidades de quem diz ter sido amigo. Para além dessas questões, atitudes discriminatórias eram vistas como deboche e no contexto mencionado ampliavam as possibilidades de enfrentamento. O campo artístico certamente contribuiu, pois era visado por homossexuais apreciadores de arte e deste tipo de cultura, e a travestilidade, mesmo nesse meio, também era estigmatizada por parte dos sujeitos, dados os distintos entendimentos a seu respeito e a “afronta” a padrões de masculinidade usados como elementos para inferiorizar esses homossexuais. Em um dos desfiles dos quais participou, acabou sendo levado para a delegacia e “batizado”; Satã se tornaria conhecido e lembrado nas memórias e histórias da cultura brasileira.

Um fato de maior impacto na vida desse sujeito foi o assassinato citado que mudou sua vida e foi lembrado na reportagem: “um vigilante noturno sádico, que o perseguia com zombarias quando ele saía do cabaré, levou-o a cometer o primeiro crime e ir [s]e formando em malandragem”.²⁹ Em decorrência desse episódio foi preso e na matéria foi publicada uma imagem alusiva a esse acontecimento:

²⁹ RIBEIRO, Leo Gilson. A flor do lodo. **Veja**, São Paulo, n. 220, 22 nov. 1972, p. 114 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

Figura 16 – Madame Satã

**Satã na ilha Grande: um inferno**

Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 220, 22 nov. 1972, p. 114. Acervo BC/PUCRS.

A imagem nos permite verificar a inserção da personagem no contexto de criminalidade em que esteve envolvida. A legenda apresentada sinaliza e amplia esse entendimento. O destaque às questões artísticas e/ou posteriores a esse momento de prisão foram muito diminuídas em razão desse enfoque. Não nos parece que a tentativa tenha sido de destacar os percalços de que tenha passado para chegar aos momentos mais recentes, na época, de mudança de vida e transformações decorrentes. Focaliza-se essa vinculação à criminalidade. A ausência de cores na imagem contribuem para um cenário visivelmente triste. Articula-se, ainda, parte do nome artístico do sujeito – Satã – a palavra “inferno” que no local em que estava traria

lembranças traumáticas. De toda a trajetória desta personagem essas escolhas não foram fortuitas e construíam uma determinada representação a partir dessa publicação.

Outra passagem citada por Madame Satã sinaliza seu olhar frente ao destaque que veio a ter através da imprensa:

os jornais davam muito mais destaque para as minhas façanhas exatamente pelo mesmo motivo de eu ser homossexual. Mas o que devia fazer? Tornar-me um covarde só para satisfazer as pessoas deles? Não, eu não podia me conformar com a situação vexatória que era aquela. E achava que ser bicha era uma coisa que não tinha nada demais. Eu era porque queria, mas não deixava de ser homem por causa disso.³⁰

A reflexão expressa assinala o entendimento de que a visibilidade obtida ao longo do período deveu-se, em especial, a homossexualidade de Madame Satã. No entanto, questiona as possibilidades que tinha naquele universo: consentir ou resistir. Como pontuado, a honra era um elemento fundamental no desenvolvimento das relações sociais no período; mesmo homossexual não podia conformar-se com as situações depreciativas sofridas. A última frase demanda atenção, pois disse que ser homossexual não era ser “anormal”, expressado pela menção ao termo “bicha”, possivelmente ligado ao entendimento de uma expressão de um gênero feminino. Destacou: “Eu era porque queria, mas não deixava de ser homem por causa disso”. Parece que sua reflexão paira sobre uma condição de ser homossexual, mas ao expressar-se de forma identificada como feminina ou travestir-se o faria “porque queria”. Talvez não estivesse dando-se conta de que tais expressões de gênero estariam vinculadas a sua própria construção subjetiva enquanto

³⁰ RIBEIRO, Leo Gilson. A flor do lodo. **Veja**, São Paulo, n. 220, 22 nov. 1972, p. 114. Acervo BC/PUCRS.

sujeito, manifestando um gênero que lhe era confortável, por isso não via nenhuma anormalidade, e nem deveria haver. Não parece que identificava a si mesmo como travesti nesta fala, embora o apreço pelas artes o fizera travestir-se várias vezes. Tinha ciência de sua sexualidade, mas pelo fato de continuar sendo “homem” – como frisou – não podia conformar-se, logo enfrentava os que dele caçoassem, impondo-se respeito.

Nestas menções chama a atenção a imbricação entre identidades que se entrelaçam, mesmo não sendo acionadas ou afirmadas pelo sujeito. Madame Satã era o nome artístico pelo qual o homossexual João Francisco dos Santos ficara conhecido e, como tal, era utilizado para informar aos leitores e leitoras de que sujeito se estava falando. Ao reportarem-se a ele as transformações em sua vida eram destacadas, especialmente o aspecto criminal ligado ao assassinato cometido que contribuía na construção e reforço de uma representação negativa ligada às homossexualidades. Nesta reportagem analisada esse viés se sobressai, visível pelos recursos narrativos e imagéticos utilizados. Além disso, o título é bastante elucidativo das apropriações desta personagem no cenário da época: “A flor do lodo”. A metáfora que parece estar subentendida tendeu a deixar a beleza da “flor” em segundo plano.

OUTRAS REPORTAGENS ATRELADAS À CRIMINALIDADE

Além das reportagens até aqui mencionadas houve outras que citaram os homossexuais, especialmente os gays, contextualizados num cenário associado à criminalidade e/ou marginalidade. Serão destacados alguns elementos que sinalizam essa vinculação, entretanto, não se objetiva apresentar ao público leitor todo conteúdo referente à

narrativa jornalística para entender as histórias e situações reportadas, mas apenas fragmentos que explicitam esse imbricativo no reforço de representações sobre essa categoria discutida.

Como pontuado quando tratado da categoria “crenças religiosas”, alguns clérigos estiveram vinculados à situações criminais as quais algumas foram oriundas de assassinatos num universo de destaque às vivências homossexuais, sendo que tais casos também foram noticiados na revista *Veja* em razão dos episódios que os envolveram.

As próprias perseguições a homossexuais podiam ganhar dimensão totalmente inesperada para os que direcionavam agressões e repreensões a esses sujeitos. Em 1970, uma reportagem tratou da notícia da perseguição a um cabeleireiro homossexual que, segundo informações na revista, foi sequestrado e a intenção possivelmente era sua morte; no entanto, mesmo baleado não morreu. Reconheceu no hospital a fotografia de um dos envolvidos identificando-o. Tratava-se de um investigador aposentado. O fragmento a seguir esclarece maiores detalhes:

Apontado como policial extremamente violento e responsável por várias mortes (conta-se que algumas de suas vítimas recebiam um tiro na perna para serem fuziladas no chão diante de uma vela acesa por ele), João C[...] disse que estava na casa de Jonas apenas para saber o endereço de um marginal, amigo do cabeleireiro e também homossexual, que havia jurado matar João C[...] por vingança.³¹

Os atos mencionados são de extrema repulsa independente dos sujeitos a que se referissem. A identificação pela vítima dos

³¹ A ÚLTIMA denúncia. *Veja*, São Paulo, n. 84, 15 abr. 1970, p. 27. Acervo BC/PUCRS.

responsáveis foi atribuída ao “Esquadrão da Morte”.³² Além de repressões justificadas (leia-se autorizadas por órgãos legais) direcionadas aos homossexuais – e da discriminação social –, havia outras que partiam de grupos independentes que, mesmo não sendo legalizados, atuavam a seu modo na tarefa de “limpar” as cidades de sujeitos vistos como inconvenientes. Vinculavam-se, assim, representações (sociais e na imprensa) destacando arbitrariedades ilegais empreendidas – e ao mesmo tempo omitindo aquelas que poderiam ser praticadas por funcionários do governo em determinadas situações –, mas voltadas a um grupo que permanecia abjeto.

Casos que envolveram relações homossexuais e criminalidade foram publicados na revista *Veja*, também, na seção “Livros”. Em 1969, *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha é divulgado aos leitores e leitoras da semanal contando um trágico relacionamento entre dois homossexuais que, após um período afastados, ao reencontrarem-se, um deles acaba assassinando o outro. A sinopse apresentada pode ser conferida a seguir:

Amaro, o Bom Crioulo, mata por amor seu companheiro Aleixo, neste romance franco, sensível e ousado que precede a literatura homossexual de

³² De acordo com Michel Misse, um policial criou oficialmente um grupo de diligências especiais voltadas ao controle criminal, acionando a denominação do anterior “Esquadrão Motorizado” da polícia cuja sigla era E. M. “Com suas ações (chamadas de ‘caçadas’ pela imprensa) eram acompanhadas sistematicamente da morte dos suspeitos de crime que ‘caçavam’, a imprensa e populares passaram a chamá-los de ‘Esquadrão da Morte’, por causa da sigla”. De acordo com o autor, a partir da morte do líder criam-se grupos para-policiais que passaram a praticar homicídios direcionados a determinados sujeitos na década de 1960 no Rio de Janeiro e em outros territórios. Cf. MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. *Civitas*, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, set.-dez. 2008. p. 377 – grifo do autor.

Gide, Genet e Baldwin de meio século, pela audácia do tema e o alto valor de seu estilo sóbrio e comovente.³³

Mesmo tratando de uma relação homossexual, o desfecho sinaliza uma história trágica envolvendo personagens cuja conjugalidade e relacionamento, na época, não eram bem vistas, assim como posteriormente. Mesmo dando um passo considerável ao falar de uma possibilidade de vivência que fugia ao padrão normativo, foram representados como algo que não deu certo, falho e igualmente imerso num cenário de criminalidade.

Em 1980 uma reportagem que enfatizou os crimes aos homossexuais foi veiculada na revista. Com o título: “Tempo de caça”, acompanhado de: “Homossexuais recifenses enfrentam o crime” foi apresentada a notícia. As primeiras argumentações assinalavam o contexto: “Assustado com o que considera ‘a abertura da temporada de caça aos homossexuais’ – três deles foram assassinados no Recife nos últimos cinco meses –, o movimento *gay* pernambucano resolveu cuidar da segurança de seus integrantes”.³⁴ O fragmento explicita o cenário de conflitos direcionado aos homossexuais e os extremismos que, além de discriminações para com os homossexuais, expressam agressões, inclusive assassinatos, demonstrando a rejeição a esses sujeitos e, ao mesmo tempo, o descaso por parte das instituições de segurança para com essas vítimas. Mais do que acontecimentos isolados, tais ações também podiam ser observadas em outros estados, como a reportagem

³³ RIBEIRO, Leo Gilson. Bom Crioulo/Adolfo Caminha. **Veja**, São Paulo, n. 63, 19 nov. 1969, p. 17. Acervo AHR.

³⁴ TEMPO de caça: Homossexuais recifenses enfrentam o crime. **Veja**, São Paulo, n. 624, 20 ago. 1980, p. 74 – grifo do autor. Acervo AHR.

reiterou. Lembra-se de que no mesmo ano houve as “Operações de Limpeza” na cidade de São Paulo as quais foram destacadas no capítulo dois.

Essa violência, em razão da orientação sexual dos sujeitos, além de impossibilitar-lhes condições dignas de vivência e existência os tornava alvo de ataques pessoais pelo fato de serem homossexuais. Nesse sentido, as *representações coletivas* adquirem um papel central na medida em que podem tanto colocar-se a favor ou contrariamente a estas sexualidades/pessoas e influenciar as ações e entendimentos alheios.

Expressões mais radicais vinculadas a representações que incluíam os homossexuais em situações de marginalização teve ápice na seção “Entrevistas”, no ano de 1981. A reportagem foi introduzida com o título em letras que ganharam destaque: “Ser heterossexual é bom”; acompanhada do subtítulo extenso: “A famosa atriz garante que, no verão de 1982, o amor entre o homem e a mulher estará na moda até mesmo nas areias de Ipanema”. Fazendo críticas às relações homossexuais a entrevistada Dina Sfat³⁵ foi questionada: “Você acha que essa moda heterossexual vai pegar em Ipanema?” Ao que respondeu:

Acho que vai. Havia uma espécie de acovardamento, um certo medo de confessar a admiração que se sente por um tipo de relação considerada normal. Mas, quando as pessoas me ouvem dizer que homem transando com mulher é algo que deveria voltar à moda, todas dizem que acham ótimo, maravilhoso. Acho que toquei no romantismo que ainda existe no ser humano, apesar da época tão dura, tão cruel. Nós estamos muito carentes desse romantismo. O sexo está liberado? Ótimo, sorte nossa. Quanto mais

³⁵ Sfat era considerada a inimiga número 1 dos gays, de acordo com matéria publicada na revista *Rose*. Cf. ABAIXO a discriminação e os rótulos. In: De cabo a Rabo. **Rose**, Curitiba, n. 70, 1982, p. 5. Outro desdobramento dessa polêmica foi a publicação humorística que fez alusão a essa entrevista. Cf. SOLNIK, Alex; CARUSO, Paulo. **Ecoss do Ipiranga**: ...o grito que não houve...! Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 61-66. Agradeço a Luiz Morando por compartilhar este material.

liberado estiver melhor. Mas que não se abra mão de outras coisas que são também muito importantes.³⁶

A resposta dada explicita o entendimento e defesa de um tipo de relação que a entrevistada considera “normal”, ou seja, a relação heterossexual. A divulgação dessa valoração possivelmente encontrou adeptos, mas também críticos; ao visar o “retorno” de um comportamento e relacionamento específico excluem-se outras vivências e conjugalidades. Se havia uma maior liberdade sexual parece ser defendida e inserida somente nesse tipo de relação.

Logo abaixo desse questionamento na reportagem há o destaque: “Pretendo combater o fascismo gay”. A expressão utilizada parece ter sido a mais ousada dirigida a esses grupos dada sua utilização histórica para contextos de autoritarismo extremos. Acioná-la, nesse contexto, parece associar os homossexuais a um radicalismo autoritário e relaciona esses sujeitos a representações negativas que o termo trazia presente. Perguntada sobre isso: “O que, por exemplo?”, a atriz respondeu: “Uma certa delicadeza, um certo cuidado no amor. São ideias banais, mas de repente se tornam revolucionárias”. Nota-se que o sentido dado pela argumentação não esteve de acordo com o entendimento que a palavra fascismo suscita; a sua resposta faz referência ao amor heterossexual que possivelmente o via ameaçado pelos homossexuais, pelas vivências, práticas ou quiçá associado a instabilidade de parceiros fixos. Apesar de a atriz explicitar sua defesa e valoração da heterossexualidade, sua resposta parece sugerir outro

³⁶ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Ser heterossexual é bom: a famosa atriz garante que, no verão de 1982, o amor entre o homem e a mulher estará na moda até mesmo nas areias de Ipanema. **Veja**, São Paulo, n. 682, 30 set. 1981, p. 4. Acervo AHR.

entendimento, não correspondente com o uso da palavra fascismo que aparece na publicação.

É interessante observar que a entrevistada era favorável às questões feministas de emancipação das mulheres identificando-se com Lilith em resposta a outros questionamentos, embora demonstrasse relutância frente às conjugualidades homossexuais. Certamente, com o passar do tempo, sua utopia de ver a praia de Ipanema cheia somente de heterossexuais em detrimento dos homossexuais foi inalcançada. Merece destaque ainda o fato de que nas suas arguições reforçou um entendimento de que as homossexualidades estavam atreladas a um modismo, logo a defesa da heterossexualidade e de seus adeptos possibilitaria uma inversão de “moda”. Isso demonstra as diferentes argumentações frente às homossexualidades que construíam representações múltiplas, mesmo quando poderiam ser incluídas numa mesma categoria, valendo-se de elementos significantes distintos para reforçar uma mesma *representação coletiva*.

A HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DA ÁREA DA SAÚDE NA REVISTA *VEJA*

Assim como as outras três categorias citadas, algumas reportagens na revista *Veja* vinculadas à área da saúde trouxeram o tema das homossexualidades à discussão. Estas não representam grande quantidade como pode ser observado na distribuição das seções (espaços) apresentada: “Medicina” e “Ciência” contam igualmente com 4 reportagens cada. Este fato não excluiu a participação de profissionais da saúde, em especial, psicólogos, psiquiatras e médicos de serem mencionados em outras publicações pelos autores e/ou redatores das reportagens, como apontam também as vozes explícitas destacadas.

Esses elementos nos possibilitam pensar a articulação dos posicionamentos desses sujeitos e as representações das homossexualidades.

Neste espaço optou-se por analisar as reportagens cuja temática central tenha partido desse campo. A partir disso foi possível verificar as questões que geraram as principais discussões em torno do tema. Uma delas foi a biologia na análise das homossexualidades. Algumas dessas publicações sinalizavam o entendimento dominante tomado pela área da saúde que nomeava estes sujeitos como “doentes”.

Uma reportagem de 1968 apresentou inicialmente esta reflexão não focalizada sobre os homossexuais, mas permite associações. A descrição trata-se de uma experiência em laboratório na *Downstate Medical School*, em Brooklin, Estados Unidos. O experimento foi realizado com peixes sendo que havia três tipos: uma fêmea, um macho e um macho especial a quem a reportagem chama de “supermacho cujas células contêm em dose dupla o elemento que determina o sexo masculino, o cromossomo Y”. As observações indicam que em algumas pessoas este “Y” a mais se faz presente e é responsável por comportamento agressivo, e ainda, a exemplo dos peixes, os machos especiais tem relações sexuais mais intensas, tanto heterossexuais quanto homossexuais.³⁷

Essa questão foi apresentada em sintonia com a defesa de alguns advogados que utilizaram esse indício como argumento para defesa de criminosos que cometeriam atos insanos por questões biológicas e não intencionais. Uma pesquisa veiculada na revista, realizada na Escócia, em 1967, sinalizou, conforme a reportagem, que “esta anormalidade

³⁷ O Y DO PROBLEMA: Eva: um Y demais para ser mulher. Luz Vermelha e Speck: os cromossomos que, para os advogados, justificariam os crimes. **Veja**, São Paulo, n. 12, 27 nov. 1968, p. 56. Acervo BC/PUCRS.

cromossômica era mais frequente entre os prisioneiros que na população em geral”.³⁸ Esses elementos utilizados na publicação apontam as contradições que essas distinções biológicas podiam acarretar. Ao mesmo tempo, abrem margens interpretativas para comportamentos homossexuais que poderiam ser oriundos dessa alteração cromossômica, tornando-os propensos ao crime.

Em 1974 uma reportagem específica sobre os sexos trouxe dados para tornar visíveis as suas diferenças e acentua-se o papel dos hormônios no comportamento sexual que, em parte, sintoniza-se ao determinismo biológico apontado na matéria já citada. Com uma ilustração de dois bebês, supostamente divididos em “macho” e “fêmea”, há descrições de características manifestadas como vantagens e desvantagens de ambos, o que revela, pelas menções e expressão dos bebês, uma sutil vantagem do corpo nomeado culturalmente como de “mulher” na reportagem. Ao iniciar a narrativa jornalística as características de ambos na publicação demonstram a labilidade dos atributos tendo em vista que nem todos são dados pela biologia. O fragmento abaixo esclarece melhor tal questão:

Rude, agressivo, irascível, introvertido, superficial, egoísta, pervertido, mas, ao mesmo tempo forte, musculoso, resistente, eficiente e dotado de um admirável poder de realização profissional – juntem-se os ingredientes e o resultado será, inevitavelmente, um homem. Serena, cândida, docemente infantil, angelical, sensível, perspicaz, inocentemente loquaz, sincera, mas também insegura, indefesa, frágil, fantasista e incapaz de se ajustar à alucinante pulsação do mundo que a envolve – eis a mulher.³⁹

³⁸ Ibidem, p. 56.

³⁹ SEXOS definidos. **Veja**, São Paulo, n. 301, 12 jun. 1974, p. 50. Acervo BC/PUCRS.

Se na ilustração as características citadas são decorrentes das diferenças das carnes sexuadas⁴⁰, a sequência da matéria contradiz tais postulados uma vez que os principais elementos mencionados não são decorrentes da biologia, mas de idealizações culturais esperadas e introjetadas nesses sujeitos para corresponderem a tais expectativas. A sequência discursiva atenua tais questões pontuando a mescla de elementos em razão da “androginia”, “mudança nos costumes”, “moda unissex”, dentre outras, o que demonstra as fronteiras móveis do simbólico e da sexualidade, e eram visíveis em alguns sujeitos. Para tanto, parece reconhecer que essas transformações “parecia[m] condenar esses dois modelos acentuadamente caricaturais a uma lenta e gradativa aproximação”.

O embasamento científico foi dado pela menção a uma pesquisadora do Departamento de Psicologia da Universidade de Keele, nos Estados Unidos, Corinne Hutt. Autora de um livro publicado dois anos antes (*Males and Females*, 1972) que discutia esses elementos, a reportagem diz tratar-se de um *best seller*. Após apontar elementos que conferem credibilidade a fala da psicóloga como formação, área e país de atuação, além do destaque a obra publicada, o que sinaliza ter conhecimentos ampliados em torno do tema, a reportagem evidenciou uma articulação entre um dizer de Hutt que se chocaria com os entendimentos dos homossexuais e de feministas. Atenta-se a menção:

Ressaltando que “os sistemas sociais não podem definir ou criar modelos de comportamento, podem apenas modificar, acentuar ou atenuar as predisposições biológicas já existentes”, a psicóloga americana tenta

⁴⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (Mais)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. *Outros tempos*, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-181, 2000.

demonstrar, para desespero das ligas de liberação feministas e dos irrequietos rapazes do Gay Power, que as diferenças entre homens e mulheres, impostas pela herança genética ou durante a gestação vão além da simples presença ou ausência de um cromossomo Y na célula sexual e das óbvias aparências fisiológicas.⁴¹

O fragmento parece sinalizar que a psicóloga defende que o comportamento das pessoas também é definido pela biologia, ao que é acrescentada a crítica pelo redator(a) com relação aos grupos feministas e homossexuais. Esta nos parece estar localizada no bojo das considerações feministas a exemplo de Simone de Beauvoir que, há 25 anos, em comparação a publicação da reportagem, já havia atentado para os comportamentos como algo construído, bem como da identidade em referência a tais carnes sexuadas e suas expressões. Esse conteúdo é aqui interpretado como possível contradição a esses grupos pela distinção biológica/cultural que não impõe um comportamento social e sexual dado, ou seja, o gênero dos sujeitos não é dado *a priori*, como alerta Butler. Todavia, tal entendimento partiu da área da saúde que gozava de credibilidade científica ao posicionar-se.

O desenvolvimento segue numa análise biológica enfatizando as diferenças biológicas que os tornam mais aptos em determinados aspectos e menos em comparação a alteridade. Contudo, o posicionamento que nos ajuda a entender o fragmento acima é dado no final da matéria jornalística focalizando as questões hormonais como definidoras do comportamento. Conforme Hutt:

Uma experiência levada a cabo na Universidade de Wisconsin demonstrou que, se forem ministradas doses antiandrógenas nas macacas-mães

⁴¹ Ibidem, p. 50 – grifo do autor.

durante a gestação, seus bebês machos adotarão, desde cedo, não a agitação e a violência próprias de um macaquinho, mas a postura e a vaidade dignas de uma grande dama inglesa.⁴²

A partir do exposto, o comportamento biológico que a reportagem menciona como defendido pela psicóloga parece estar sintonizado aos hormônios que seriam responsáveis pelos atributos expressos pelos sujeitos. Nesse sentido, o gênero é tomado como binário (macho/masculino; fêmea/feminino) e a quantidade de hormônios presente nos corpos determinaria seu resultado. O exemplo é ilustrativo do peso direcionado à gestação e nascimento como se o destino das pessoas (com relação ao gênero) estivesse definido nesse período.

É possível que estes entendimentos de masculinidades e feminilidades estivessem articulados à orientação sexual dos sujeitos. Havia teorias que tentavam explicar as razões da homossexualidade com base nos hormônios. De acordo com Fry e MacRae:

As outras teorias sugerem que a homossexualidade seria causada por problemas na etapa fetal do crescimento ou que tem alguma coisa a ver com o equilíbrio hormonal. De fato, as duas teorias têm um ponto de encontro, já que a primeira supõe que a produção de um feto potencialmente homossexual seria causada por um desequilíbrio hormonal da própria mãe. Este desequilíbrio agiria sobre o hipotálamo da criança de tal forma a causar a homossexualidade.⁴³

Os grupos feministas e homossexuais mencionados na reportagem podem ter suas divergências (inclusive internas), mas é impossível negar a questão biológica e sua influência nas carnes sexuais e no

⁴² SEXOS definidos. **Veja**, São Paulo, n. 301, 12 jun. 1974, p. 52. Acervo BC/PUCRS.

⁴³ FRY, MACRAE, op. cit. p. 70.

desenvolvimento das relações sociais. Contudo, deve-se distinguir o que é próprio de cada dimensão: a biológica da cultural. Se a carne sexuada é resultado da união de gametas que se desenvolvem e formam a estrutura que irá se desenvolver a medida que o indivíduo cresce, é também falacioso que há um comportamento único e geral extensivo dos hormônios. Tendo em vista a disparidade de comportamentos – mesmo entre pessoas com semelhanças sexuais biológicas – esta seria resultado apenas de níveis hormonais distintos? Parece que a caracterização do comportamento foi tomada em exagero, especialmente quando se analisam os atributos dos “homens e mulheres” citados nos parágrafos iniciais.

Todavia, eram questionamentos e entendimentos que circulavam e sugeriam certos elementos que, posteriormente, poderiam fazer parte das representações. Eram dúvidas em relação a origem das homossexualidades que levaram a construção de diferentes teorias para tentar explicá-la, porém esse apreço gerou muitas considerações equivocadas e pouco científicas. Era uma imersão na análise biológica para tentar justificar uma discriminação que foi produzida culturalmente.

É possível pensar, ainda, que esses elementos foram apropriados na reportagem para reforçar a ideia de determinismo biológico dos sujeitos. Nos parágrafos seguintes podem ser observadas características que mencionam e enfatizam o aspecto biológico, no entanto, apontam pressupostos que não fazem parte desse campo:

A certeza de que o comportamento sexual é moldado essencialmente por esse obscuro determinismo biológico acaba trazendo, nas palavras da dra. Hutt, um simpático consolo aos homens: se eles atingem, em alguns momentos, as raías da selvageria e da intolerância, não há como culpá-los.

A culpa, isto sim, é dos hormônios masculinos, que os fazem exercer sua agressividade mais frequentemente que as mulheres. A ausência desses hormônios transforma, por sua vez, as mulheres em gentis e dóceis criaturas, dadas à vida social [...].⁴⁴

O fragmento permite analisar que a “selvageria” e “intolerância” atribuída aos homens é resultado dos hormônios, logo, não haveria o que fazer. Em contraponto, sua ausência faria das mulheres “gentis e dóceis criaturas”. Afirmar isso parece o mesmo que dizer que é natural que ambos sejam assim, devendo ser compreendidos dentro de suas próprias constituições. Trata-se de uma forma de naturalizar comportamentos socialmente construídos com base nos valores e normas culturais criados para definir o que seria característico de cada um dos sujeitos tomados a partir do sexo biológico ao nascer. Tais questões não relativizaram as diferenças culturais, tampouco entre os próprios homens e mulheres que não apresentam essas características.

A reportagem menciona os homossexuais apenas uma vez, mas está diretamente ligada à questão, à medida em que aponta uma profissional da área da saúde, a partir de suas pesquisas, reforçando os elementos da cisheteronormatividade em relação as carnes sexuais e expressão de gênero como definidos ao nascer, de caráter biológico. Ao mesmo tempo em que se poderia pensar que os homossexuais expressariam um gênero resultante dos hormônios, como apontado na publicação, levanta-se a polêmica das representações dominantes que esperam da mulher ser dócil em detrimento do homem, sendo igualmente geradoras de conflitos sobre aqueles que não correspondem a tais atitudes. Há que se considerar, inclusive, os hormônios sintéticos

⁴⁴ SEXOS definidos. **Veja**, São Paulo, n. 301, 12 jun. 1974, p. 52. Acervo BC/PUCRS.

que começam a estar disponíveis na década de 70 permitindo modificações nas carnes sexuadas e na construção dos corpos dos sujeitos e não em suas atitudes como ser dócil ou agressivo.

Deve-se considerar que tais informações e contribuições situavam-se no período de investigações em andamento. Reportá-las e levá-las ao conhecimento do público leitor era uma forma de estabelecer essa interação e comunicação. Organizar este saber numa matéria jornalística também implica na construção e/ou reforço de representações, uma vez que formas de contar e técnicas específicas são usadas nessa elaboração, como já alertou Darnton.⁴⁵ Mas, como apontado, eram elementos que influenciavam os olhares e representações dos que entravam em contato com tais conteúdos.

Em 1979 uma reportagem apresentou esta questão de forma mais explícita, sendo intitulada: “Genes indecisos: um estudo sobre as causas do homossexualismo [sic]”. Michael Ruse, professor de Filosofia da Biologia da Universidade de Guelph, no Canadá, aponta os elementos ligados a essa questão cujo fragmento da reportagem, embora extenso, nos permite analisar:

A descoberta de gêmeos univitelinos de opção sexual [sic] diversa, feita em pesquisa datada de 1960, sugere, para Ruse, duas possibilidades não incompatíveis. 1) Há muitos genes causadores da homossexualidade. Algumas pessoas parecem ter grande número deles, outras não – havendo, neste e último caso, a necessidade de considerável ação ambiental para o homossexualismo [sic] se manifestar. Exemplifica Ruse: “Algumas pessoas são naturalmente gordas, outras ficam gordas porque comem demais e outras não engordam, mesmo que comam muito”. Assim, uma pessoa sem nenhum gene homossexual, mesmo submetida a influências ambientais,

⁴⁵ DARNTON, 2010.

não se tornaria homossexual. 2) Ao menos uma forma de homossexualismo [sic] tem base genética, mas mesmo assim precisa da ação ambiental para se manifestar. Do contrário o indivíduo torna-se heterossexual.⁴⁶

Os elementos trazidos apontam para uma base genética (e não hormonal) das homossexualidades o que, de imediato, sinaliza não ser opção, mas uma condição de sentir-se atraído afetivo-sexualmente por pessoas de mesmo sexo e/ou gênero. Na medida em que se desenvolve a narrativa há menções que definem o ambiente dos sujeitos como catalisador para a real manifestação desta sexualidade. A resposta a isso foi dada pela maior ou menor quantidade de genes. Os que teriam menos precisariam do “apoio” do meio em que viviam, pois do contrário não se manifestaria a homossexualidade. E uma contradição veio a seguir quando diz: “Ao menos uma forma de homossexualismo [sic] tem base genética”, isso dá a entender que existiam outras formas, mas não foram mencionadas. E ainda, mesmo nas que tivessem essa base deveria haver uma “ação ambiental para se manifestar”.

Vistos sob este prisma, a ênfase do meio social foi bastante ampliada e sinaliza que se o ambiente não “facilitar”, ou possibilitar esta convivência, os sujeitos se tornariam heterossexuais. Neste entender os obstáculos impostos a esta e outras sexualidades dissidentes da cisheteronormatividade tornavam-se necessários na medida em que “impediriam” estas ocorrências. Ideia que encontra adeptos inclusive nos tempos recentes em que alguns grupos pensam a falácia de que se não houver condições sociais que permitam sua inserção não haverá homossexuais. Neste caso, o aspecto biológico (genes) toma

⁴⁶ GENES indecisos: Um estudo sobre as causas do homossexualismo. **Veja**, São Paulo, n. 554, 18 abr. 1979, p. 57 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

centralidade na ênfase da publicação, embora evidencie como fator decisivo a questão cultural.

Além destas discussões que destacaram o aspecto biológico, outras defenderam a ideia das homossexualidades serem resultado de aprendizagem. Em 1979 uma reportagem na seção “Ciência” trouxe como título: “A minoria sexual: A dupla Masters e Johnson ataca outra vez; agora desvenda a intimidade da vida homossexual e derruba velhos mitos sobre a questão”. O ginecologista Willian Howell Masters e a psicóloga Virginia Eshelman Johnson eram conhecidos profissionais que atuavam no estudo da sexualidade humana. A reportagem, cuja autoria não foi identificada, informou que iriam lançar um livro nos Estados Unidos chamado *Homossexualismo [sic] em Perspectiva*. A ênfase dada na matéria era decorrente das suas contribuições. Dado o contexto da época naquele país e no Brasil, as repercussões desses posicionamentos polemizaram as questões que envolviam essas vivências homoeróticas.

O fragmento a seguir pode ter alarmado ainda mais as representações dos homossexuais. Atente-se ao exposto:

Masters e Johnson sustentam que o homossexualismo [sic] não é doença, física ou emocional, nem resulta de algum misterioso desarranjo genético. “Uma pessoa aprende a ser homossexual da mesma forma que aprende a ler ou a ser heterossexual”, afirmou Virginia Johnson na segunda-feira passada, ao falar sobre o lançamento da obra. “E da mesma forma que aprende a ser homossexual”, completou a cientista, “a pessoa pode desaprender, contanto que assim o deseje”.⁴⁷

⁴⁷ A MINORIA sexual: A dupla Masters e Johnson ataca outra vez: agora, desvenda a intimidade da vida homossexual e derruba velhos mitos sobre a questão. **Veja**, São Paulo, n. 555, 25 abr. 1979, p. 82 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

O excerto assinala o entendimento das homossexualidades como “aprendizagem”. Ao refutar o aspecto patológico e dizer não ser decorrente da genética, explica tal sexualidade como algo ensinado, aprendido e, por conseguinte, que também pode ser desaprendido. O fato de suscitar esse debate possivelmente contrariava a defesa dessas vivências pelos homossexuais dado o caráter “reversível” em meio a este posicionamento. Em outras palavras, parece dizer tratar-se de uma escolha e não de uma situação.

A matéria também pontuou algumas experiências terapêuticas nomeadas como “conversões” para referir-se aos tratamentos de mudança de sexualidade: homossexual para heterossexual. Conforme a reportagem:

Atenderam a 67 pessoas nessas condições – 54 homens e treze mulheres –, e afirmam ter alcançado sucesso em dois terços dos casos. Para a maioria dos psiquiatras e psicoterapeutas, esta talvez seja a revelação mais surpreendente do estudo – entre esses profissionais é crença comum que tais conversões, se não impossíveis são pelo menos muito raras.⁴⁸

Juntamente à defesa da “escolha” em ser ou não homossexual os tratamentos citados demonstram ter sido bem sucedidos o que pode ampliar os entendimentos daqueles que defendem uma naturalização da heterossexualidade e capacidade de “retorno” a esse comportamento sexual. Uma fala atribuída à psicóloga Johnson pontuou: “Não procuramos convencer ninguém a virar isto ou aquilo”.⁴⁹ No entanto, pelo teor do que foi reportado aos leitores e leitoras as chances de

⁴⁸ A MINORIA sexual: A dupla Masters e Johnson ataca outra vez: agora, desvenda a intimidade da vida homossexual e derruba velhos mitos sobre a questão. **Veja**, São Paulo, n. 555, 25 abr. 1979, p. 82. Acervo BC/PUCRS.

⁴⁹ Ibidem, p. 82.

reforçar exatamente esse lado (heterossexual) expandiu-se, dada a suposta conversão ter tido resultados que podiam ser lidos como positivos.

Por outro lado, é informado na matéria a própria descrença por parte dos profissionais da saúde de que tais procedimentos obtinham sucesso, no que a matéria parece enfatizar a suposta novidade trazida por Masters e Johnson. Destaca-se que estas reflexões se dão pelas representações nessa reportagem e não na obra em si, apresentada ao público consumidor por meio dessa mediação na matéria cujas ênfases podem não corresponder totalmente às contribuições que os autores pretendiam com a obra. Entretanto, ao ser veiculada esta notícia podia informar, mas também confundir ainda mais as pessoas acerca das possibilidades de uma alinhamento cisheteronormativo que foi forjado cultural e socialmente, porém lançado ao espectro “intocável” da criação divina ou da natureza biológica.

No conjunto nota-se que as reportagens da categoria “área da saúde” pontuaram problematizações da época, questões que não foram e ainda não são conclusivas. No entanto, a nomeação das homossexualidades serem decorrentes da biologia ao mesmo tempo em que se distanciava das compreensões de aprendizagem, acenava para pesquisas e possíveis tratamentos para “corrigir” esta “condição”.⁵⁰

Jackson Ronie Sá da Silva, em sua tese de doutoramento, chamou atenção para o papel da *pedagogia dos manuais médicos* que articulavam os entendimentos da medicina, psicologia e educação influenciando o pensamento das pessoas e ensinando a forma de lidar com os sujeitos

⁵⁰ FRY, MACRAE, op. cit. p. 71.

homossexuais.⁵¹ Imerso num cenário amplo de representações nem sempre concordantes e pautado por diferentes olhares e elementos, percebe-se o papel dessa pedagogia em suas múltiplas conexões. Por outro lado, o reforço de determinadas compreensões ao serem difundidas e arraigadas dificultava que novas representações ganhassem cena e ocupassem um lugar nas disputas em torno da representação predominante. Todavia, os entraves e estigmas que ampliavam o entendimento negativo das homossexualidades permaneciam assumindo posição dominante.

ENTRAVES AOS HOMOSSEXUAIS NOS ESTADOS UNIDOS

Uma reportagem tratada na seção “Literatura” refletiu a respeito de um livro de Martin Hoffman, psiquiatra norte-americano já citado; tratava-se de *O Sexo Equívoco, a Homossexualidade Masculina e a Criação Social de um Estigma*. A publicação na revista enfatizou de forma específica os entraves aos homossexuais nos Estados Unidos e pode ser pensada juntamente com outras reportagens que tenderam a salientar a positivação dada naquele país a partir das temáticas centrais de reportagens já analisadas.

Inicialmente apontou elementos referentes aos homossexuais, organizações a seu favor, mas também demissões decorrentes desta sexualidade. A reportagem diz tratar-se da “mais importante minoria sexual dos Estados Unidos” e informa dados que conferem legitimidade aos posicionamentos trazidos por Hoffman em seu livro que é traduzido e publicado no Brasil, o que aponta ter sido a razão da matéria.

⁵¹ SILVA, Jackson Ronie Sá da. “Homossexuais são...”: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

A reportagem que não tem autoria citada pontuou que Hoffman parte da “constatação da gravidade do homossexualismo [sic] como problema social” e assinala:

Essa gravidade torna-se mais explosiva, acredita, quando o homossexual é punível por ser homossexual, em 49 dos 50 Estados a legislação [norte] americana está atrasada de quase um século com relação à abolição de sanções legais contra atos homossexuais entre adultos que os praticam de livre e espontânea vontade, como sucede já na Inglaterra, nas duas Alemanhas, nos países escandinavos e na Holanda, onde alguns sacerdotes católicos chegam a officiar cerimônias de casamentos religiosos entre pessoas do mesmo sexo.⁵²

Há passagens que reforçam a positivação da homossexualidade como num trecho destacado, ao que parece ser citação de Hoffman, em relação a esses códigos que: “baseia[m]-se numa filosofia científica que não é mais aceitável – ou seja, a de que a única relação moralmente aceitável é a que leva a procriação e não ao prazer e amor dos participantes de uma união sexual”. Ainda de acordo com a reportagem:

Hoffman compara o homossexual numa sociedade que o oprime e reprime “à comunidade cristã antiga, quando o cristianismo era perseguido pelos romanos” e acha que ela se assemelha a outras “culturas paralelas” à estabelecida como padrão arbitrário, como os hippies e os ciganos.⁵³

As menções permitem analisar a argumentação tomada pelo psiquiatra que revela as reflexões acerca do tema de pesquisa e as analogias a outras situações, que embora distantes temporalmente, apresentam características semelhantes.

⁵² A MINORIA trágica. **Veja**, São Paulo, n. 125, 27 jan. 1971, p. 65. Acervo BC/PUCRS.

⁵³ A MINORIA trágica. **Veja**, São Paulo, n. 125, 27 jan. 1971, p. 65 – grifo do autor. Acervo BC/PUCRS.

Sobre os Estados Unidos a reportagem destaca:

A sociedade dos Estados Unidos, segundo as conclusões de Hoffman, deverá adotar atitudes radicalmente novas: abolir as penalidades para relações entre adultos que consintam livremente em sua realização; eliminar qualquer interferência policial nos locais de encontro de homossexuais; estimular o governo e a indústria privada a aceitar homossexuais entre seus empregados e funcionários.⁵⁴

A par destas considerações deve-se atentar à discriminação direcionada aos homossexuais como apontou o autor em 1968, ano em que a reportagem diz ter sido realizada a sua pesquisa, e que três anos após ganha tradução brasileira. Naquele momento havia transformações em curso, mas o movimento homossexual norte-americano é criado e se projeta nos anos seguintes. Contudo, não seria de uma hora para outra que essa influência aversiva a homossexualidade chegaria ao fim, embora Hoffman tenha sugerido maneiras para, naquela sociedade, combater o estigma.

Seu campo de atuação era especialmente a Psiquiatria e deve-se lembrar que cinco anos após a publicação de sua obra, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade do grupo de doenças.⁵⁵ Antes disso, neste mesmo ano, uma reportagem discutiu a questão e uma fala atribuída ao vice-presidente da Associação, Judd Marmor, sinalizava a possível mudança: “Está claríssimo que de um ponto de vista biológico, não há nada de doentio ou anormal com a opção [sic] homossexual. Os que dizem que há estão

⁵⁴ Ibidem, p. 65.

⁵⁵ Reportagem da revista *Veja* que menciona o fato: A DEFESA do eu. **Veja**, São Paulo, n. 590, 26 dez. 1979, p. 73. Acervo BC/PUCRS. A revisão desta classificação contribuiu para o abandono e rejeição do sufixo “ismo” que compunha a terminologia em favor de homossexualidade.

vulgarmente refletindo a desaprovação social que adquiriram em relação a tal comportamento em nossa cultura”.⁵⁶

No entanto, uma contradição observada nas duas menções de Martin Hoffman citadas neste trabalho precisam ser pontuadas. Ambas foram publicadas no ano de 1971. Em janeiro foram pontuadas as questões trazidas pela publicação de seu livro, ao passo que em setembro uma frase atribuída ao psiquiatra na revista destacou: “Pouco sabemos da homossexualidade e ainda não podemos considerá-la como um meio normal de vida”.⁵⁷ A comparação desses posicionamentos evidencia uma lacuna, haja vista que as reportagens permitem observar divergência entre ambas. Se na publicação e pesquisas – conforme a reportagem – o autor demonstrou positividade para com a homossexualidade, por que razão utilizar essa frase que contrariava esse entendimento? A hipótese para isso, nesta interpretação, faz parte das margens de manobras dos jornalistas/redatores/editores cuja frase finalizou a matéria sobre o casamento homossexual nos Estados Unidos que ganha dimensão ampliada, e que ao ser expressa sinaliza um aspecto negativo. A considerar o período em questão, possivelmente foi uma forma de publicar sobre tais temas para evitar o corte total das informações ou da totalidade da matéria em si.

Ao mesmo tempo esta reportagem assinala os entraves às homossexualidades nos Estados Unidos, ênfase que não havia sido dada de forma semelhante em outras matérias que compunham as fontes tendendo a apresentar as positivities em relação a esta sexualidade

⁵⁶ QUE é homossexual? **Veja**, São Paulo, n. 246, 23 maio 1973, p. 72. Acervo BC/PUCRS. Por razões já pontuadas, não foi possível identificar se houve ou não autoria nesta reportagem.

⁵⁷ OS ALEGRES revoltosos. **Veja**, São Paulo, n. 158, set. 1971, p. 62. Acervo BC/PUCRS.

numa dimensão maior aos obstáculos enfrentados pelos homossexuais, sendo componentes que também fizeram parte daquele espectro social.

UMA DOENÇA QUE SE APROXIMAVA

No decorrer do tempo estas problemáticas em torno das homossexualidades não cessaram. Uns defendendo um determinado entendimento em detrimento de outros. Na década de 1980 um elemento foi agregado a esta polêmica e contribuiu com a ampliação de sua dimensão negativa. Tratava-se de uma doença que vitimava especialmente os homossexuais. Em 1982 uma reportagem na revista *Veja* introduziu esta questão: “Mal particular: Hormônios causariam doença entre os homossexuais”.

A publicação apresentou o debate dizendo que a “imprensa americana batizou de ‘praga gay’ – a propagação incontrolável de misteriosas doenças entre os homossexuais das grandes cidades dos Estados Unidos, nos últimos anos, com um índice de mortes cada vez mais alarmante [...]”.⁵⁸ Devido a isso, foi citado o médico Elsimar Coutinho, professor na Universidade Federal da Bahia, que contribuiu com este debate propondo uma explicação e atribuindo como causa da doença o consumo de hormônios (estrógenos) pelos homossexuais. Ao propor tal argumento foi criticado por um médico inglês apresentando evidências que demonstravam a labilidade de sua explicação.

Foi destacado que outras pesquisas também tinham resultados limitados estando em processo de investigação. Parte do parágrafo final da matéria pontuou: “Outras pesquisas enveredam pela genética, ou

⁵⁸ MAL particular: Hormônios causariam doença entre homossexuais. *Veja*, São Paulo, n. 723, 14 jul. 1982, p. 76. Acervo BC/PUCRS.

pelo desgaste do organismo dos homossexuais – minado pela enorme quantidade de infecções a que estão expostos, em razão da natureza promíscua de sua relação sexual”.⁵⁹

Essa finalização já sinalizava para um olhar depreciativo, em especial, ao atribuir como causa das doenças “o desgaste do organismo” e as “infecções”. Eram ideias que já circulavam e ampliavam-se a partir da publicação e difusão na imprensa. Embora em estudo, tais pressupostos faziam parte das polêmicas em torno dessa questão.

Lentamente as *representações coletivas* acerca das homossexualidades ganharam novos elementos no decorrer do período, tanto favoráveis, quanto contrários em razão das transformações. As especulações sobre essa doença que ganhava destaque na imprensa, as pesquisas em andamento e posteriores resultados confirmaram tratar-se de uma doença perigosa que levava à morte. Não bastassem os entraves impostos pela sociedade, as vivências homoeróticas foram ainda mais abaladas. Alguns autores e autoras dedicaram-se a analisar o período subsequente em que houve o surgimento da aids valendo-se das reportagens da revista *Veja*, não exclusivamente, mas em sintonia com outras fontes. Sobre as representações nesse período Leide da Conceição Sanches pontua uma distinção da passagem do entendimento da aids como uma doença letal para uma doença crônica, em que houve ressignificações em torno dos conteúdos e elementos que se modificaram.⁶⁰

Em decorrência da doença foram sendo criados grupos de prevenção e em defesa de políticas de saúde pública. Pesquisas sobre

⁵⁹ Ibidem, p. 76.

⁶⁰ SANCHES, Leide da Conceição. **Representações sociais da AIDS:** entre permanências e ressignificações. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. p. 24.

esse período também foram realizadas, inclusive a partir da imprensa. Eram novos tempos que emergiam e novamente as homossexualidades tornaram-se objeto de representações na mídia, desta vez, obtendo mais visibilidade que no período anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que
o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente
o que elas dizem que é.

Roger Chartier¹

Sexualidades, formas de obter prazer, corpos, sujeitos, gênero e determinadas vivências sociais ainda são temas bastante polêmicos, especialmente por tais questões abalarem o campo de uma dada moralidade cujo discurso legitima determinadas práticas, desejos, comportamentos, em detrimento de outros considerados indesejados. Mesmo havendo fragilidades concretas e visíveis da preconizada “moral e os bons costumes” do período da ditadura civil-militar, as relações entre os sujeitos permaneciam plurais. No bojo destas relações que ultrapassavam as fronteiras daquilo que era – e para muitos ainda é – considerado normal (a cisheteronormatividade), estavam os sujeitos integrados no grupo das homossexualidades, enfatizados nesta investigação a partir da análise dos gays.

As representações destas pessoas homossexuais foram construídas em meio a um cenário político e social que interditou a sua positivação, havendo diferentes formas de repressão e censura que, como demonstrou Renan Quinalha, fizeram parte de um aparato censor específico direcionado ao controle das questões morais através da política sexual engendrada. Para analisar as representações dos gays na imprensa foi

¹ CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Tradução de André Dionei Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. p. 23.

utilizada a revista *Veja*, introduzida no mercado brasileiro com uma proposta editorial inovadora, a partir da qual foi possível refletir sobre diversos elementos.

Verificou-se que as menções aos homossexuais foram publicadas em distintos espaços na revista e uma das reflexões da pesquisa partiu da ideia de que nem todos os leitores e leitoras interessava-se por todas as seções e/ou espaços no periódico, bem como das abordagens e temáticas utilizadas. Nesse sentido, ao reportar notícias sobre os homossexuais de forma fragmentada nas diversas seções ampliava-se a possibilidade de seu público entrar em contato com representações destes sujeitos que podiam contar com elementos distintos em razão das características do próprio espaço interno da revista. Essas reportagens podiam ou não estar sintonizadas com as *representações coletivas* na sociedade. Conforme já destacado, tal questão não é entendida como estratégia da editoria, mas essa distribuição das fontes no interior da *Veja* contribui para analisar diferentes olhares (e elementos), mesmo que sutis, necessários para uma compreensão ampliada em torno das homossexualidades.

As fontes revelaram que as maiores concentrações de publicações se localizaram do surgimento da revista, 1968 até 1973. O período posterior teve oscilações embora o ano de 1977 tenha tido um acréscimo, e o maior número foi obtido no ano de 1979. Na década de 1980 o número de reportagens decaiu consideravelmente nas fontes analisadas. Procurou-se atentar e destacar, ao longo da pesquisa, que as menções não significavam que as representações dos homossexuais fossem positivas e/ou alinhadas às transformações da época que compõem a história do Movimento Homossexual Brasileiro, pois as fontes usadas

mencionaram tais questões poucas vezes, reportando-se aos homossexuais ampliadamente em outros contextos/situações.

Por outro lado, as menções ao movimento homossexual norte-americano – *Gay Power* – ganhou destaque nas reportagens e notou-se o uso deliberado da expressão para referir-se aos homossexuais de modo geral. Primeiro, o destaque aos acontecimentos nos Estados Unidos foram os principais que, pela análise, demonstraram representações positivas para com estes sujeitos. Tal questão pode estar vinculada à posição dos Estados Unidos, na época, e à ideia de referência, modelo de desenvolvimento que podia sinalizar. Ao mesmo tempo, transformações que estavam distantes e talvez estivessem sintonizadas a um pensamento que não via a possibilidade de se desenvolver no Brasil, portanto “inofensivas”; ou quiçá, o aparato defensor da moralidade despendido no período e valendo-se de recursos distintos era visto como garantia e obstáculo para tal desenvolvimento neste aspecto.

Em segundo lugar, houve menções ao “*Gay Power* brasileiro” no período em que não havia o movimento politizado semelhante ao ocorrido nos Estados Unidos e outros países. Tratava-se da utilização da expressão para se referir aos homossexuais, os espaços frequentados, guetos, num sentido distinto em relação ao seu entendimento para o caso norte-americano. Possivelmente vinculavam-se às questões que diziam respeito ao grupo, em detrimento da ausência do caráter político apresentado para o caso brasileiro naquela conjuntura. É por essa razão que se optou utilizar no título deste trabalho: “Em tempos de *Gay Power*” em razão dessa conexão observada na fonte, resguardadas as devidas distinções, sem fazer proselitismo ao movimento exterior e, cabe destacar, sem assumir o discurso da fonte, pois mesmo nos Estados Unidos outras terminologias também eram usadas para se referir ao movimento

homossexual. A imprensa brasileira, neste caso em especial a revista *Veja*, reportou várias vezes esse termo.

Foram analisadas também as vozes que tiveram menção direta nas publicações, verificando quais áreas e profissionais obtiveram espaço para falar sobre as homossexualidades, bem como a participação destes sujeitos. Os dados revelaram que o percentual de fala dos homossexuais foi bastante inferior ao direito de voz concedido para falar sobre eles. E aqui, igualmente, deve-se considerar que suas vozes citadas nem sempre foram positivas para com sua sexualidade, questões que foram analisadas nas reportagens e nas próprias representações. Mas esses dados devem ser pensados juntamente com a dificuldade, na época, de assumir-se publicamente como homossexual: de um lado aponta a dificuldade em encontrar pessoas que se identificariam como tal e tornariam explícita sua sexualidade nas reportagens, de outro, relativiza o direito de voz concedido na revista. Tais questões devem ser consideradas em conjunto.

Situação distinta foi observada na seção “Cartas” na qual os leitores e leitoras, em sua maioria identificados, expressaram suas considerações, boa parte favoráveis a determinados sujeitos no grupo das homossexualidades, resguardadas algumas compreensões que se direcionavam a alguns em detrimento de outros. Parte desses argumentos podem ser questionados por questões terminológicas e mesmo temporais que suscitavam acioná-los. No todo pareceu alinharem-se a um posicionamento favorável. Do total de 20 cartas, 4 delas foram explicitamente contrárias. Além disso, algumas criticaram as próprias reportagens da revista sobre o assunto. Este espaço, em especial, precisa ser analisado com cautela, pois não é representativo de um posicionamento geral tomado em relação às representações dos gays publicadas

na revista. A possibilidade de haver uma manobra editorial nesta seção é maior em relação às demais considerando-se as próprias questões que envolvem sua elaboração, sendo que a dimensão de apreço/leitura por este espaço é outro elemento que deve ser pensado conjuntamente.

A abordagem qualitativa permitiu analisar categorias nas quais boa parte das reportagens puderam ser agrupadas. Destaca-se o campo religioso como um dos construtores destas representações na revista *Veja*, em que foi possível observar posicionamentos favoráveis geralmente vinculados a acontecimentos do exterior, em especial, Estados Unidos, mas também negativos reforçando estigmatizações. O humor foi outro elemento visível ao contextualizar situações caricatas explorando atributos andróginos nas personagens citadas e, por vezes, amplamente exagerados como destacado em algumas publicações.

A categoria criminalidade apresentou uma das representações sociais que durante muito tempo associou os homossexuais à marginalidade, e algumas reportagens contribuíram para o retorno na mídia dessa visão que era partilhada também na sociedade. Os homossexuais foram vinculados a situações criminais e os que trabalhavam em atividades como a prostituição foram usados no reforço do estigma, que recaía, igualmente, sobre os espaços frequentados. Não se está dizendo que esses acontecimentos devem ser omitidos para preservar uma imagem ou representação somente positiva, mas o destaque ampliado para os homossexuais vinculados a estas questões não representam a totalidade do grupo cuja diversidade precisa ser mais visível.

A área da saúde que gozava de autoridade ao falar sobre os homossexuais apresentou resultados de pesquisas em andamento que contribuíram para acirrar o campo de disputas morais na medida em

que apontava possíveis razões para esta sexualidade, contribuindo na construção e reforço de representações.

Nota-se que as categorias levantadas se vinculam àquelas do espectro social, já que os autores, acontecimentos e entendimentos partiam do mesmo *lugar* de produção e consumo, espaço onde as ações e relações desenvolveram-se, embora a argumentação que lhe desse sustentação pudesse variar em razão do entendimento de cada sujeito que a emitiu e situação específica. Percebe-se, também, que alguns estereótipos eram reforçados tratando-se dos gays, especificamente, que sinalizavam um gênero que expressava aquilo que podia ser identificado como atributos femininos.

Em suma, a leitura e interpretação das fontes indicam que a maioria das reportagens reforçaram representações estigmatizantes sobre os gays na época, tenham seus autores e autoras tido a intenção ou não de o fazerem, uma vez que ao estarem atreladas a situações e/ou contextos negativos reforçavam a discriminação. As apropriações do público leitor podiam ser distintas, como foi possível verificar nas cartas dos leitores, sendo que a maioria demonstrou ser favorável a homossexualidade, embora não fosse um posicionamento efetivo por parte desse grupo e nem um padrão geral a ser tomado, mas uma questão central para pensar dado o espaço concedido na revista para expressarem tal posicionamento.

Deve-se atentar que houve publicações diretamente sobre as homossexualidades e outras que citaram estas personagens, constituindo-se em casos distintos que demandavam olhares atentos. Por vezes, em matérias específicas sobre o tema, foi possível verificar positivações; no entanto, quando os homossexuais fazem parte de outras temáticas a representação podia ser outra. Atenta-se que as representações não foram

divulgadas somente nas reportagens específicas, que demandavam uma análise, mas em todas as menções, questão que se buscou atentar nesta pesquisa.

O olhar histórico permitiu analisar tais publicações situando-as em sua própria temporalidade e compreendendo as representações no bojo das transformações da época – interpretando-as, refletindo e pensando nas conexões e decodificações que podem ter tido junto ao público leitor. Por isso, o imbricativo entre História e imprensa são possibilidades que nos permitem entender as relações sociais e os temas que certamente chamaram a atenção dos sujeitos e propiciaram novas vinculações.

A pesquisa elaborada não visava construir uma hagiografia a respeito dos homossexuais demonstrando sua vitimização no período. A discriminação e a inferiorização são questões óbvias e inegáveis. O objetivo era realizar uma análise à luz da compreensão da vasta teia de transformações que se desenvolveram no período estudado pensando como as reportagens na imprensa contribuíram ou não para o entendimento das representações sobre os gays, focalizadas nesta investigação a partir da revista *Veja*. É apresentada uma leitura dessas fontes suscitada por meio das escolhas teóricas, metodológicas e conceituais utilizadas que permitiram realizar uma análise sob estas lentes, que leva em conta o amadurecimento profissional do autor, seu lugar de fala e lugar social. Trata-se, então, de uma história, escrita e contada a partir desses referenciais e da interpretação do pesquisador.

Como historiador, é um dever realizar uma análise crítica percebendo as contradições, mudanças e permanências. E como parte fundamental deste intento, situar o sujeito leitor acerca de algumas questões que são tomadas como naturais, normais, ou até mesmo

divinas, e que não passam de construções e invenções das pessoas em seu tempo. Sua reprodução acarretou uma naturalização que precisa ser refletida.

Espera-se, sobretudo, que o conhecimento crítico e histórico a respeito das questões que envolvem sexualidades, formas de obter prazer, gênero, identidades e vivências sejam considerados no entendimento de que foram construídos por grupos sociais, impondo uns aos outros mecanismos e regras através de *relações de poder e de saber*, como pontuou Foucault. É aí que as segregações de normalidade e anormalidade foram criadas. Diferentes maneiras de obter prazer afetivo-sexual compõem a diversidade presente no amálgama social e outorgar um modelo único faz parte de um projeto totalitário e não democrático.

Compreender as outras pessoas pode ser difícil, mas é fundamental que se tenha respeito e ciência de que nem todas devem ou querem viver da mesma forma. Por isso não faz sentido impor ou reforçar padrões hierarquizantes que as classifiquem socialmente. Não se deve invisibilizar as práticas e vivências homoeróticas da história (passado e presente) ou da História; ao contrário, a historicização crítica pode reparar erros do passado mostrando que tudo tem história, inclusive as representações, e que elas podem modificar-se, de modo que um futuro melhor pode ser construído. Portanto, conhecer a história é necessário para entender o nosso presente e a constituição desse processo histórico que é construído através de relações de poder e de saber. É por isso que o conhecimento aponta ser um meio profícuo de conscientização, empoderamento e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABAIXO a discriminação e os rótulos. In: De cabo a Rabo. **Rose**, Curitiba, n. 70, 1982, p. 5.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (Mais)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros tempos**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-181, 2000.
- ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura: 1968-1976**. São Paulo: Jaboticaba, 2009.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James N. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 316-349.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luis Antonio Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.
- BOSWELL, John. **Cristianismo, Tolerancia Social y Homosexualidad: Los Gays en Europa occidental desde el comienzo de la Era Cristiana hasta el siglo XIV**. Barcelona: Muchnik Editores, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** os limites materiais e discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CANABARRO, Ivo Santos. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. **Visualidades**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 98-125, jan.-jun. 2015.

CARTA, Mino. **O castelo de âmbar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Tradução de André Dionei Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

CIA. **Brasil:** nunca mais. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. pp. 207-232.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960:** relatos do jornal *O Snob*. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2010.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades:** repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Veja o feminismo em páginas (re)viradas (1968-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História,

Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEL PICCHIA, Pedro. Morre dom Paulo Evaristo Arns, ícone progressista da igreja no Brasil. **Folha de São Paulo**, 14 dez. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1840882-dom-paulo-evaristo-arns-icone-progressista-da-igreja.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2019.

DOM Paulo Evaristo Arns. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-paulo-evaristo-arns/index.html>. Acesso em: 05 jan. 2019.

DURST, Rogério. **Madame Satã**: com o diabo no corpo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 125-148.

FICO, Carlos. Prezada censura: cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, jul. - dez. 2002.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-113.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2003.

GREEN, James N. “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”: uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da abertura. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 53-82, jan./jul. 2014.

GREEN, James N. **Revolucionário e Gay**: a vida extraordinária de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Tradução de Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Ed. UNESP, 2000a.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública**: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KRAUSE, Maggi. **A liderança**: De Victor Civita a Victor Civita Neto, conheça aqui a história dos líderes da Fundação Victor Civita desde a sua constituição. Disponível em: <https://fvc.org.br/especiais/a-lideranca/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

KULIC, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

- LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Saúde Pública**, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-345, 1984.
- LOBERT, Rosemary. **A palavra mágica: a vida cotidiana do Dzi Croquettes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Jesus me ama no *dark room* e quando faço programa”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana), **Polis e Psique**, v. 1, p. 166-194, 2011.
- MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita – o dono da banca: a vida e as ideias do editor da Veja e da Abril**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)**. São Paulo: Global Editora, 1980.
- MARTINELLI, Leonardo da Silva. Uma idiossincrasia cristã: a igreja que casou homossexuais nos Estados Unidos e suas representações na revista *Veja* (1971). **Semina**, Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 257-279, 2018.
- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2017.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2017.
- MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, set.- dez. 2008.
- MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.

NAPHY, William. **Born to be gay**: História da homossexualidade. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Navares. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OCANHA, Rafael Freitas. **“Amor, feijão, abaixo camburão”** – imprensa, violência e *trottoir* em São Paulo (1979-1983). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 149-175.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PESSOA, Fernando. O amor é que é essencial. In: PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas (1930-1935)**. Lisboa: Ática, 1955. p. 192. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/361>. Acesso em: 16 dez. 2017.

PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Paul B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. Tradução de Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

PROGRAMA Roda Viva. Diretor: Marco Nascimento. Produção: Márcia Maria Ribeiro. **Entrevista com D. Paulo Evaristo Arns**. Mediação de Matinas Suzuki Jr. São Paulo: TV Cultura, 25 dez. 1995. 91,55 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tGnkkwyuT7I>. Acesso em: 12 jan. 2019.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-

Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUINALHA, Renan. Censura moral na ditadura brasileira: entre o direito e a política. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, p. 1-29, 2019.

ROCHA, Douglas Satirio da. **“Tensão continua no Oeste”**: história e representações da disputa de terra em Sede Trentin/Toldo Chimbanguê nas páginas de *O Estado* (1982-1985). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, 2016.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A despatologização da homossexualidade no Brasil. In: CAETANO, Márcio; RODRIGUES, Alexsandro; NASCIMENTO, Claudio; GOULART, Treyce Ellen (Orgs.). **Quando ousamos existir**: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018). Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p. 48-53.

SANCHES, Leide da Conceição. **Representações sociais da AIDS**: entre permanências e ressignificações. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro; Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro; Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Carla Luciana Souza da. **Veja**: o indispensável partido neoliberal (1989-2002). Cascavel: Edunioeste, 2009.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **“Homossexuais são...”**: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil**. Tradução de Waldívia M. Portinho. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a Aids no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SOD, Adriano. **O jogo deu coluna do meio**. Entrevista com Celso Curi. Disponível em: <https://tseles.wordpress.com/2017/09/25/celso-curi-entrevista/>. Acesso em: 3 out. 2021.

SOLNIK, Alex; CARUSO, Paulo. **Ecoss do Ipiranga: ...o grito que não houve!..**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 61-66.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tríbadess Galantes, Fanchonoss Militantes: homossexuais que fizeram história**. São Paulo: Summus, 2000.

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri? **Lampião**, Rio de Janeiro: Lampião, n. 0, abr. 1978, p. 6. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso: 12 dez. 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassoss no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Record, 2000.

TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro: Esquina, n. 8, jan. 1979, p. 2. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro: Esquina, n. 26, jul. 1980, p. 18 – grifo do autor. Disponível em:

<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel**: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VERENA, Alberti. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Retratos da escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

ZANONI, David Anderson. **As representações do Irã através da Revista Veja (1979-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

APÊNDICE A

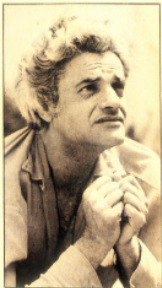
RECORTES DE ALGUMAS DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NA REVISTA VEJA

ENTREVISTA: WALMOR CHAGAS

O homossexualismo às claras

AOs VINTE ANOS DE TEATRO, WALMOR CHAGAS INTERPRETA UM PERSONAGEM MARGINAL — O HOMOSSEXUAL — E FALA SOBRE ELE

Por Leo Gilson Ribeiro



Na praia do Guarujá, uma senhora já lhe pediu autógrafo numa caixa de sorvete Kibon. Quando dirige seu Volkswagen marrom pela avenida Paulista, em São Paulo, as vultas os pedintes de autógrafos ameaçam impedir o trânsito. Em sua casa, no bairro paulista do Cambuci, Walmor Chagas cultiva um jardim "cheio de flores calpitas", dorme sob o olhar irônico de um poster da Mona Lisa, fumando maconha: na mão direita tem uma tatuagem para "passar fumo", colada na perna esquerda um adesivo com o cartaz com o nome Greenwich Village, Nova York. Representando na peça "Os Rapazes da Bandeira", em cartaz em São Paulo, um homossexual que só se aceita sob determinadas condições, como no interior de um ambiente de "entendidos", subvertendo-se à psicoterapia e ao psicanálise, ele não determina se é um homem ou ho-

AS PERSEGUIÇÕES E OS PRECONCEITOS NO BRASIL E NO MUNDO

VEJA — Walmor, por que você aceita o papel principal de uma peça que conta com nove personagens, oito dos quais homossexuais confessados e um homossexual latente?

WALMOR — Porque "Os Rapazes da Bandeira" enfrenta o problema do homossexual às claras. Em primeiro lugar, mostra um aspecto importante do homossexualismo: a grande graduação que existe desde a "bicha louca" até o homossexual digno e mais ou menos viril. É importante que a política tenha conhecimento dessa diversidade para desfazer a imagem falsa de que homossexual sig-

Walmor: em defesa das minorias

Veja, n. 112, 1970, p. 3. Acervo BC/PUCRS

RELIGIÃO

A alegre Fraternidade

"Na casa de meu Pai há muitas moradas. Vou preparar-vos lugar." (Evangélio segundo S. João)

O s críticos sempre acreditaram que nas moradas do céu prometidas por Cristo a seus seguidores, os homossexuais não têm lugar reservado. Segundo a Bíblia, o homossexualismo é abominável. Mas nos últimos anos, na onda de um movimento intenso de reavaliação, homossexuais americanos apresentaram uma exigência de ordem religiosa: o direito de serem também cidadãos do reino de Deus. Líderes católicos e protestantes têm trabalhado para amenizar a lei bíblica, mas, apesar de alguns progressos, na Conferência Nacional sobre Religião e o Homossexual, realizada recentemente em Nova York, ficou evidente que uma simples atitude liberal por parte de seus irmãos de fé não é suficiente e que decisões em homossexuals. Dentro das igrejas tradicionais, eles continuam a se sentir tão à vontade quanto os cristãos primitivos no Cíptari. O que pretendem — e já passaram em prática nos Estados Unidos — é dirigir seus próprios assuntos religiosos. Nos últimos meses, centenas de homossexuais se uniram e formaram perto de quinze congregações protestantes.

A primeira igreja — Há pouco mais de dois anos, um semelante diferente foi

Atualmente, a Fraternidade Universal de Igrejas da Comunidade Metropolitana, nome dado por Troy à sua federação, tem mais de mil associados em cinco cidades, além de manter "congregações missionárias" em outras seis.

Apenas expostos — Os trabalhos religiosos na igreja de Troy Perry são iguais aos de qualquer outra igreja protestante. Mas há um ritual que a distingue dos demais e geralmente chocou os visitantes



Homossexuals na lista de Perry, Michelangelo aponta a tene

Os renascimentos — A iniciativa de Troy Perry desenvolveu entre os homossexuais religiosos dos Estados Unidos uma espécie de consciência missionária. Muitos que não se apegaram lutam por uma situação de igualdade dentro das igrejas tradicionais. "A igreja se beneficia com satisfação de conversões, santos, arcebispos e contribuintes homossexuais", argumentou o rev. Robert Wood, principal orador da Conferência de Nova York. "Agora, que se reconheça sua participação, com gratidão

curioso: o casamento. Troy já abençoou a união de dezenas de pares homossexuais.

Veja, n. 136, 1971, p. 49. Acervo BC/PUCRS

HOLANDA

Um bom lugar para os transviados

Na luta que se trava em todo o mundo para conseguir direitos do turismo, talvez por nenhum tenha demonstrado mais engenho do que os holandeses, que transformaram em atração turística até mesmo conhecidas estâncias de luto. Nos últimos tempos, entretanto, o turismo holandês começou a beneficiar-se de uma atração consideravelmente mais controversa: em número cada vez maior, estão chegando à Holanda, por via aérea — e, em alguns casos, por táxi-aéreo —, grandes levais de homossexuais estrangeiros, em busca de sua nova Meca.

A Holanda, hoje em dia, pode ser considerada o ambiente mais tolerante do mundo para homossexuais. Sua principal cidade, Amsterdam, possui agora todos os ingredientes do vida "restrita": quinquês de homossexuais, um clube de canto, um grupo de ópera (que montou

banda, "A repressão impeli simplesmente os homossexuais para as margens da sociedade", observa um sociólogo governamental. "É aí que surgem os problemas do crime e das doenças venéreas". É, no entanto, uma situação de brandura que certamente chocaria seus colegas de outros países, o inspetor de um pelotão de polícia de Amsterdam acrescenta tranquilamente: "Esses clubes mantêm os homossexuais afastados de dificuldades".

Tradição de tolerância — Esse modo radical de encarar a questão é comparilhado até mesmo pelos católicos liberais da Holanda e pelo clero protestante — mas não puritano — do país. O clero da Holanda, de fato, patrocinou recentemente uma conferência ecumênica com cerca de trezentos pastores, frades e sacerdotes, para discutir o problema do

maior associação de homossexuais da Holanda, com sede em Amsterdam. "A Holanda sempre esteve aberta para grupos minoritários — e é isso que nós somos." Realmente, apesar de a homossexualidade dar tanto na vista do público, funcionários do Governo consideram que os transviados, na Holanda, somam apenas 500 mil pessoas — bem dentro da faixa dos 3 a 5 por cento da população, que os sociólogos consideram "normal" em qualquer nação. O Governo holandês também não quer preocupar-se com o fato de que os clubes noturnos "livres" e a ostentação pública da prostituição masculina atraiam inevitavelmente novos imigrantes com idéias intencionalmente.

Mas tudo isso não quer dizer que a maioria dos holandeses seja simpática ao homossexualismo. Quando uma clínica psiquiátrica para transviados foi aberta recentemente numa sonagela ruzinha de Amsterdam, numa casa do século XVIII agora reformada, mais de cem homossexuais se apresentaram logo nas primeiras semanas. Muitos estavam desesperados e propensos ao suicídio, disseram os psiquiatras, por não serem ca-

Veja, n. 16, 1968, p. 29. Acervo BC/PUCRS.

MÉXICO

perca os prazeres da vida de Acapulco.anca leva você até lá.

o é a capital internacional dos... de região o maior número de... do Costa do Pacífico... questo adicional na passagem... você faz escala... em Bogotá. Para o tempo que... meça o maior Duty-Free Shop... látna, com tudo para recrear...

lowing de Alivara... or semana e chapim o olu... com 55 anos de experiência... agente de viagens... ATA ou peça mais informações... apom

ito de receber mais informações... sobre o México.

COMPORTAMENTO

Saindo às ruas

Durante a época da colonização dos Estados Unidos, a sodomia era punida com nada menos que a execução das pessoas envolvidas nessa prática sexual, considerada então como um hediondo procedimento. Duzentos anos após a independência, os homossexuais americanos conseguiram se livrar de castigo tão árduo, mas continuam enfrentando sérios obstáculos em sua luta de igualdade de tratamento perante a sociedade. Com efeito, apesar de as penas agora serem bem mais brandas, em 32 dos cinquenta Estados americanos as práticas sexuais não-ortodoxas ainda são consideradas como crime. A pouco mais de sete anos do início da campanha de integração promovida pelo movimento gay, porém, alguns progressos já podem ser notados.

O marco inicial da luta contra a discriminação surgiu-se na madrugada do dia 28 de junho de 1969, quando cerca de 200 homossexuais que frequentavam a Stonewall Inn, uma taverna do Greenwich Village — o bairro boêmio de Nova York —, resistiram a pedradas e garrafadas a uma batida policial, contrariando sua habitual atitude de passividade. Dos escombros de Stonewall — literalmente transformado em cinzas, após 45 minutos de luta —, nasceriam então os primeiros movimentos públicos de protesto, que, no entanto, acabariam por revelar-se infrutíferos.

As manifestações, tumultuadas e, por vezes, mostrando cartazes antes de reconhecer sua homossexualidade, algumas vitórias significativas já foram conseguidas.

Em 1974, por exemplo, Elaine Noble, de 32 anos, uma lésbica declarada, participou para a assembleia estadual de Massachusetts. As mais duras batalhas, no entanto, são travadas nos tribunais, onde cada vitória parece ser contrariada por uma derrota. Em 1973, o Corte de Apelação de Michigan permitiu que duas mães lésbicas, que viviam juntas, mantivessem a custódia de seus filhos. O próprio Voder, porém, que

Manifestação gay nos EUA: alguns triunfos

Veja, n. 426, 1976, p. 54. Acervo BU/UFSC

COMPORTAMENTO

Um gay power à brasileira

Pouco a pouco, segundo sua própria linguagem, eles vão afundar "as asas" — e talvez em nenhum lugar essa nova postura seja tão evidente quanto em sua imprensa. Nas areias da praia de Copacabana, em frente à rua Fernando Mendes, e nas efêmeras ruas da Candelária, no Rio de Janeiro, circulam de mão em mão exemplares de seções e periódicos dirigidos aos seus interesses imediatos. É verdade que a crua palavra "homossexual", ainda profere a relativa discrição do inglês *gay*, ou as variações do verbo "entender". Mas o fato é que sua voz, após um secular anonimato, começa a vir a público. E, através dessas leituras, eles se inteiram das últimas fofocas do

bio? Pois descobri que ele foi o primeiro caso do Ney Latorraca." ("Tudo Entendido", de Fernando Moreno).

- "Os homossexuais saíram às ruas no mundo. (...) No Brasil? Nada! Isso é o que eu chamo de classe dominada." ("Gai", de Glorinha Pereira).
- "Feminismo é uma batalha, homossexualidade é apenas uma maneira de sentir prazeres sexuais e não um modo de vida." ("Coluna do Meio")

Anormalidade relativa — Como se vê, de comum entre as colunas e os jornais especializados há apenas a temática. No resto, cada um segue uma linha própria — não raro oposta às dos concorrentes. É o caso da coluna "Tudo Entendido", lançada há três meses na *Gazeta de Notícias* carioca (tiragem diária de 40 000 exemplares) pelo ator Fernando Moreno, 28 anos. Suas pequenas notas são de uma clareza cheivante para um assunto tradicionalmente tão delicado no Brasil — e, quase sempre, se concentram em rasos cochichos pessoais. "Quem aderiu ao gay power foi o Nelson Leal Maia. Atenção, meninos, ele está solto na praça", anuncia uma. "A mídia da adoção pegou mesmo, o Walmar Chagas está procurando um jovem de 18 anos, moreno, olhos verdes e 1,80 metro de altura para adotar. Assim, só eu adoto...". trombetaia outra.

A "Coluna do Meio", considerada a precursora, segue por caminhos mais suaves. "Escrevo para, e não sobre o homossexual", explica o Carlos Maranhão, de VEJA, o seu criador. Curi, de 27 anos. A iniciativa o tornou



Destile de travestis no Rio: rendoso e, agora, aplaudido de pé

plares dos meninos *Grave Gay* e *Gay Press Magazine*, além de recortes das

meio, recebem conselhos úteis, tomam conhecimento das notícias do notívale

Veja, n. 468, 1977, p. 66. Acervo BU/UFSC

Poster de Beatty: batendo recordes nos EUA

A expectativa da Paramount é que o anúncio da nova versão cinematográfica de "Here Comes Mr. Jordan" se converta no poster do ano nos EUA — não pelo filme propriamente dito mas por apresentar o ator WARREN BEATTY provido de duas asas, uniforme de ginástica e as pernas cruzadas, sugerindo uma premente necessidade de disparar para o banheiro. Basta escrever à empresa e aguardar gratuitamente pelo correio uma cópia do anúncio em tamanho grande. Em apenas três semanas, ele recebeu 19 000 pedidos da pose de Beatty — estando preparada para despachar até 100 000 cópias.

Para quem até poucos dias atrás desconhecava o costume do *précado gaúcho*, em vista do recente episódio de contaminação de quase todo o litoral do Rio

ida à Tramandai deu para pescar bons votos".

A julgar pelo clima de excitação que dominava o público presente ao lançamento de seu primeiro número, no último dia 23, no Rio, ao redor de uma banca de revistas, a sobrevivência do jornal *Lampião*, para homossexuais, já está garantida. E por que o título *Lampião*? "Porque significa luz, coisa feita às claras, além de ridículo culterizar um pouco o machismo brasileiro na figura do brasileiro rei do cangaço", explica o artista plástico DARCY PENTEADO, um de seus ideólogos e editores. Mas também estiveram presentes ao lançamento estre-

dominada por seu amigo, o amigo Ney Braga. Na primeira segunda-feira, dia 2, incluindo inclusive a legislação política ao rádio e à televisão, ele se converteu em um dos comentaristas do programa "Show de Jorral", da TV Iguaçu, de Curitiba, e da TV



Lançamento do jornal *Lampião*: feito às claras

Grande do Sul, o agora secretário de Saúde daquele Estado, JAR SOARES, 44 anos, acaba de ter um comportamento surpreendente. No último dia 21, em visita mandal, onde a poluição causou severa baixa nos negócios imobiliários, ele foi visto num restaurante a sa-

las de uma constelação não exatamente contemplada com a luz do *Lampião*, como a atriz ELKE MARAVI e as "frestadas" SANDRA PERA, LEILOCAE LIDO KA. E "seu" Francisco, o dono da banca de revistas, também ficou radiante: vendeu 320 jornais em pouco mais de uma hora.

Pimentel: agora, na TV

Tibagi, de Apucarana, se baseia de sua propriedade. Precavendo-se de eventuais incômodos, Pimentel providenciou uma atuação teatral: "passarei a brasa num prato de Arena, nem para o Mito".

E, preocupado com a imagem que inflará entre os telespectadores, pediu a um quilodora para não aparecer com cosmético o suficiente existente no centro do seu queixo. "Trata-se de um elemento eleitoralmente muito bom", garante ele, "e de sua experiência como governador do Paraná eleito pelo voto direto".

Veja, n. 508, 1978, p. 66. Acervo BU/UFSC

Entrevista: DINA SFAT

Ser heterossexual é bom

A famosa atriz garante que, no verão de 1982, o amor entre o homem e a mulher estará na moda até mesmo nas areias de Ipanema

Por Joaquim Ferreira dos Santos

Na noite de quarta-feira, quem visse Dina Sfat dirigindo a 40 quilômetros por hora nas pistas de alta velocidade do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, não acreditaria que sua vida anda mudando com rapidez supersônica. Ela ouvia Oscar Peterson tocando um jazz suave no toca-litas do carro, enquanto destrinchava com bom humor as ciladas que o tráfico carioca arma para os motoristas novatos como ela, com apenas três meses de direção. No dia seguinte, contudo, ela estaria diante do juiz de Família do Rio para consumir sua separação do ator Paulo José, com quem esteve ca-



volta dos civis ao poder, mas agradece ao general Ernesto Geisel por seu esforço na regulamentação da profissão de ator. Não se esqueceu também de mandar um presente de aniversário ao general Dilermando Monteiro — o livro "Impressões de Kipling sobre o Brasil". Na semana passada, comendo coelhada, em meio a gestos de graciosa exuberância teatral, Dina Sfat falou a VEJA:

Existe carência de romantismo

Veja, n. 682, 1981, p. 3. Acervo digital da Veja.

Ciência

A minoria sexual

A dupla Masters e Johnson ataca outra vez; agora, desvenda a intimidade da vida homossexual e derruba velhos mitos sobre a questão

O ginecologista William Howell Masters e a psicóloga Virginia Johnson começaram a trabalhar juntos em 1957, pesquisando o comportamento sexual humano. Em 1971, casavam-se — ele, pela primeira vez; ela, pela quarta —, já famosos no mundo inteiro como sexólogos. Com o sucesso de seu primeiro livro, "Resposta Sexual Humana", em 1966, haviam aprendido que sexo é um assunto explosivo — chocava muita gente e interessa a todos. A dupla também firmou reputação científica pelo trabalho desenvolvido em seu Instituto Masters e Johnson, sediado em Saint Louis, Missouri. Em seu laboratório, Masters e Johnson assistiram e documentaram mais de 6 000 relações sexuais, durante treinamento de pacientes com deficiências nessa área — impotência e frigidez, por exemplo. Esta semana, o casal lançará outra obra nos Estados Unidos, certamente mais polêmica que

sua de algum misterioso desarranjo genético. "Uma pessoa aprende a ser homossexual da mesma forma que aprende a ler ou a ser heterossexual", afirmou Virginia Johnson na segunda-feira passada, ao falar sobre o lançamento da obra. "E da mesma forma que aprende a ser homossexual", completou a cientista, "a pessoa pode desaprender, contanto que assim o deseje."

FANTASIAS — O casal conseguiu, segundo informa, algumas "conversões" de homossexuais que por algum motivo desejavam se transformar em heterossexuais. Atenderam a 67 pessoas nessas condições — 54 homens e treze mulheres —, e afirmam ter alcançado sucesso em dois terços dos casos. Para a maioria dos psiquiatras e psicoterapeutas, esta talvez seja a revelação mais surpreendente do estudo — entre esses profissionais é crença comum que tais

conversões, se não impossíveis, são pelo menos muito raras. Considerações de ordem moral, em todo caso, não impediram no trabalho dos sexólogos. "Nós procuramos convencer ninguém a vir isto ou aquilo", explicou Virginia Johnson.

As observações de comportamento sexual em laboratório se realizaram entre 1964 e 1968. E as sessões terapêuticas, entre 1968 e 1977. Mas o estudo se li-



Veja, n. 555, 1979, p. 82. Acervo BU/UFSC



MINORIAS

Começa o barulho

Negros, lésbicas, índios, homossexuais e feministas prometem ganhar as praças nos anos 80

Há oito anos, ao tentar fazer uma reportagem no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, a jornalista Glória Maria Matia da Silva, da TV Globo, viu-se obrigada a tomar o elevador dos fundos: o elevador social, explicaram lhe,

rente com base na Lei Afonso Arinos, que pune a discriminação racial. "Quero deixar claro que quem está aqui é a crise da Glória", desabafou a jornalista. Imediatamente promovida a símbolo dos movimentos que defendem os di-

PRIMAS RICAS — Como Glória Maria, os negros brasileiros mais conhecidos mantêm-se à margem das entidades que, favorecidas pelos ventos da abertura política, começaram a multiplicar-se há dois anos. Por enquanto, todas engatinham. No Rio, as seis siglas do movimento negro somam, juntas, cerca de 1.000 associados, quase todos anônimos. Esse quadro de minúscula militância se reproduz nos Estados mais adiantados do país e cai bruscamente nos demais. Somados aos mulatos, os negros representam, segundo as mais recentes projeções do IBGE, 35% da população brasileira. Se nesse amplo contingente é difícil recrutar

Veja, n. 616, 1980, p. 24. Acervo AHR.



A morte de Maria Regina...

Macho perigoso

Mineiras se unem contra crimes passionais

O assassinio de Maria Regina Santos de Souza Rocha por seu marido, Eduardo Rocha, na última segunda-feira em Belo Horizonte — apenas dezesseis dias depois que a mineira Eliana Balestero Stanciosi morreu com seis tiros disparados também por seu marido —, juntou dezenas de mulheres dispostas a formar um exército humano contra as balas do machismo. Na manhã seguinte à do crime, as leitoras da colunista social Ana Marina, do *Diário da Tarde*, em vez de comentar as fofocas da cidade, discutiram o curto editorial em que a colunista perguntava se a violência era contagian-

MULHER DE MACHO DA É NISSO.

...e apelos nos muros da cidade

Tempo de caça

Homossexuais recifenses enfrentam o crime

Assustado com o que considera "a abertura da temporada da caça aos homossexuais" — três deles foram assassinados no Recife nos últimos cinco meses —, o movimento gay pernambucano resolveu cuidar da segurança de seus integrantes. Trata-se da primeira ação organizada de minorias homossexuais fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, e com barulhentos resultados. Pela primeira vez, a questão gay foi discutida na imprensa e nas emissoras de rádio do Estado, motivos concorridos razões em locais fechados e colocou em cena setores do PMDB e do PT. No Centro Luis Freire, em Olinda, mantém-se o acampamento Marcos Freire, do PMDB

...geros cartazes de protesto...

mens mineiros. "Não temos informações para detectar com segurança as razões dessa violência", afirmou a socióloga, "mas ela tem muito a ver com o processo de liberação das mineiras, que vem de encontro a um homem retratado, calcado num machismo imposto por uma sociedade tradicional."

Ao final do encontro, as mulheres decidiram manifestar-se nos dois pontos de

Veja, n. 624, 1980, p. 74. Acervo AHR.

Genes indecisos

Um estudo sobre as causas do homossexualismo

Seriam de ordem genética as causas do homossexualismo? Ou, ao contrário, as circunstâncias ambientais é que determinariam esse comportamento sexual? Sem a pretensão de responder cabalmente a tais perguntas, Michael Ruse, professor de Filosofia da Biologia da Universidade de Guelph, no Canadá, acaba de lançar algumas luzes sobre a velha discussão. Em trabalho apresentado à Associação Americana para o Progresso da Ciência, Ruse compilou uma gama de teorias sociobiológicas sobre o homossexualismo e partiu para uma avaliação do que se conseguiu demonstrar até agora.

Contrapondo os resultados de dois estudos sobre o homossexualismo em gêmeos univitelinos e plurivitelinos, Ruse chegou à conclusão de que "o homossexualismo não é determinado pelos genes em termos absolutos — mas não é o caso de se excluir a hipótese de uma base genética". A influência do ambiente — notadamente o ambiente familiar — seria, então, determinante? "Não só", responde Ruse. "É incon-

Pense em alguém especial.



A.T. Cross Esport Compan

Veja, n. 554, 1979, p. 57. Acervo BU/PUCRS.

tan que o problema possa ser resolvido individualmente — a não ser que o paciente tenha chegado ao ponto crítico de uma tensão neurótica. Segundo o método de Stanford, o tímido deve relacionar-se com outras pessoas e isso é feito em grupos de sete a dez estudantes, em quinze sessões de duas horas, uma vez por semana, com o auxílio de dois terapeutas e o próprio Zimbardo supervisionando os trabalhos.

Na prática, trabalha-se com dois enfoques. Para começar, os terapeutas procuram demonstrar que a mudança é possível. Nesse estágio, ensinam aos jovens tímidos algumas técnicas de relacionamento e de comportamento social — como começar e terminar uma conversa, falar um pouco mais alto, etc. Na segunda parte do treinamento, o terapeuta dá pouca orientação, deixando que o silêncio prevaleça até que os próprios clientes consigam rompê-lo.

Mas não seria tudo isso parte do incontrolável desejo humano de comunicação? Dr. Zimbardo não concorda. "A timidez é uma experiência pessoal, íntima e muito pessoal", diz. "A pessoa tímida acredita ser única, diferente, mas, ao consultar que de duas pessoas uma é tímida, ela começa a melhorar. Esse aspecto, aliás, tem grande valor terapêutico." E conclui: "Tanto o sistema americano, individualista, como o chinês, inclinado para o coletivismo, têm vantagens e desvantagens, mas nossa sociedade seria bem diferente, com menos gente tímida, se nosos crianças acreditassem no slogan: 'Amizade primeiro, competição depois' em vez de 'Tenho que ser o primeiro'. Na verdade, esse nosso trabalho com a timidez não seria necessário, porque ela então já não existiria".

Busca de autores

Meio calvo, gestos e palavras medidos, o inglês Winston Leyland, 37 anos, radicado desde os 12 anos nos Estados Unidos, edita em San Francisco, Califórnia, o *Gay Sunshine* (uma revista que



Leyland: antologia de "alto nível"

organiza uma antologia de postas e produtores homossexuais latino-americanos. Esta editoria, financiada pela National Endowment for the Arts, com verbas do Congresso dos Estados Unidos, já publicou outra antologia do gênero, "Origins of Light", de 100 escritores gay.

VEJA — Não seria um procedimento pouco habitual do Congresso dos Estados Unidos esse de financiar uma antologia gay da América Latina?

LEYLAND — Não vejo por quê. Os selecionados são autores do alto nível criativo e literário. Além disso, o programa de literatura da National Endowment dá assistência financeira a revistas literárias e pequenas editoras de alto padrão, sem nenhuma exigência de controle político. Você deve estar lembrado que muitos escritores americanos famosos foram homossexuais e que sua homossexualidade se encontra frequentemente

que um dia teria de viver em paz consigo mesmo. Continuo acreditando: uma coisa não colide com a outra.

VEJA — Mesmo depois das declarações de Paula VI contra o homossexualismo?

LEYLAND — Sou cristão, note bem, não católico. Não estou sujeito aos dogmas e idiosincrasias do Vaticano.

VEJA — Quando padre, você chegou a praticar o homossexualismo?

LEYLAND — A regra é fazer e não falar. Porém acho mais crítico não se esconder nada. Sim, cheguei a fazer uma experiência enquanto sacerdote. Por isso prefiro deixar a Igreja.

VEJA — Que tipo de repressão sofrem os gays americanos?

LEYLAND — Não pagamos o preço de tentarmos ser todos numa sociedade de traços paranoicos. Não somos cristãos nem pecadores. Nosso homossexualismo é tão natural quanto o fato de haver pessoas destros e canhotos. Os anormais, em minoria, não são anormais. Nós, minoria, também não. Um pedófilo gostaria que publicassem meu endereço para a correspondência dos que queiram participar da antologia: Winston Leyland, Box 40397, San Francisco, Califórnia, 94140, EUA. Os candidatos deverão atender só a dois requisitos: serem maiores de idade e talentosos.

VEJA — Então o tema homossexual não é obrigatório?

LEYLAND — Claro que não. Desde quando se exigem temas de autores? Mas, se o autor for homossexual, normal, sem modo, esta condição estará implícita em sua estética, em sua visão da literatura e do mundo. Tenho observado que a ótica do homossexual influencia os valores estéticos de sua obra, que quase sempre trata, subjacente, a consciência crítica do ser que pertence a uma minoria em luta por se impor no quadro social. E é essa consciência que enriquece

Veja, n. 472, 1977, p. 62. Acervo BC/PUCRS



Veja, n. 724, 1982, p. 103. Acervo AHR



Veja, n. 723, 1982, p. 76. Acervo BC/PUCRS

APÊNDICE B **TABELA DE EDIÇÕES DA REVISTA *VEJA* UTILIZADAS COMO FONTE**

Ano	Edições	Total
1968	2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 16	8
1969	17, 19, 20, 21, 22, 23, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 44, 54, 55, 56, 57, 63, 66, 68	20
1970	76, 77, 81, 82, 84, 87, 88, 91, 93, 94, 98, 100, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 120	23
1971	125, 128, 129, 131, 136, 137, 148, 149, 150, 154, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 168, 169, 172	19
1972	183, 184, 187, 192, 195, 196, 198, 199, 202, 203, 204, 208, 210, 211, 212, 215, 217, 219, 220, 222	20
1973	229, 231, 232, 233, 234, 235, 238, 242, 246, 252, 253, 254, 255, 259, 263, 264, 265, 272, 275, 276	20
1974	278, 282, 286, 288, 291, 295, 298, 301, 305, 307, 309, 310, 326	13
1975	336, 342, 346, 352, 353, 355, 356, 362, 364, 365, 367, 369, 370, 371, 377, 379, 380, 382	18
1976	386, 392, 394, 398, 400, 402, 405, 406, 409, 413, 417, 420, 424, 426, 427, 428, 431	17
1977	437, 440, 444, 446, 448, 449, 450, 453, 455, 456, 457, 458, 460, 463, 465, 468, 469, 470, 472, 474, 476, 477, 480	23
1978	487, 490, 491, 492, 498, 506, 508, 519, 521, 529, 530, 531, 534, 535, 537	15
1979	539, 540, 541, 546, 547, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 560, 561, 562, 564, 567, 569, 571, 574, 575, 577, 581, 582, 583, 584, 585, 587, 588, 590	31
1980	591, 593, 596, 599, 601, 602, 603, 605, 606, 607, 611, 613, 614, 615, 617, 623, 624, 629, 630, 636	20
1981	646, 650, 651, 652, 653, 655, 659, 666, 667, 670, 676, 679, 690, 682, 692	15
1982	705, 709, 723, 724, 725, 726, 735, 747	8
1983	752, 754, 755, 758, 759, 761	6
Total de edições	-	276

Fonte: Seleção por amostragem no acervo digital da revista *Veja*. Elaborado pelo autor.

SOBRE O AUTOR



Leonardo Martinelli é professor de História, doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). Também integra a Rede de Historiadores e Historiadoras LGBTQIA+. Possui graduação e mestrado em História pela Universidade de Passo Fundo/RS. Desenvolve pesquisa sobre as homossexualidades, masculinidades, gênero, representações, ditadura civil-militar e História e imprensa.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org